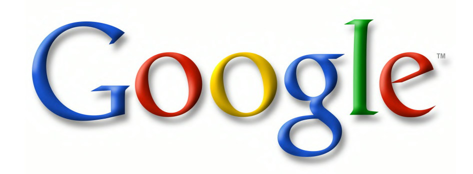
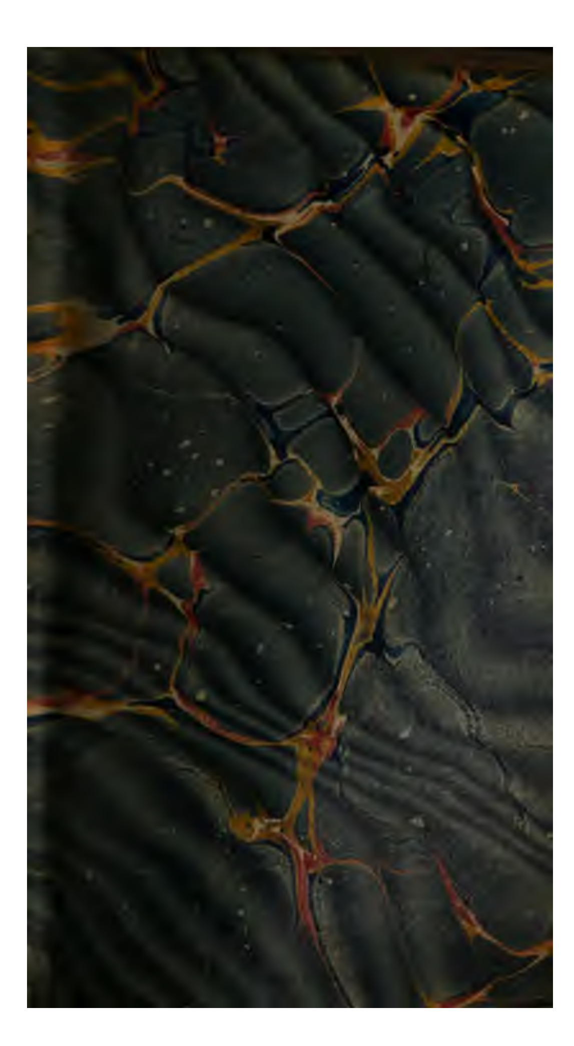

Google





2/6

RIMAS VARIAS,
FLORES DO LIMA.
COMPOSTAS

POR

DIOGO BERNARDES.



LISBOA

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
Impressor do Emin. Senhor Card. Patriarc.

M. DCC. LXX.

Com licensa da Real Meza Censoria.

TABOADA
DOS
SONETOS.

A

TABOADA.

B

C

Dos

TABOADA.

D

E

El

TABOADA.

F

H

I

Im-

L

M

N

Novos

Quan-

R.

S.

Se

SEXTINAS.

Reposta.

TABOADA.

CANÇOENS.

ELEGIAS.

EPIGRAMMAS.

CANTIGAS.

§§ Arder

San-

RIMAS

RIMAS VARIAS

FLORES DO LIMA.

SONETO I.

VOS, que d' amor cruel nunca fentistes
O fogo onde graõ tempo ardi tremendo,
Que mil erros notais, eftou já vendo,
Na liçaõ trifte deftas rimas triftes.
Mas em vós, que vos vedes, ou já viftes
Em fua viva chamma andar ardendo,
Defculpa, e piedade achar entendo
De quantas faltas nellas defcobriftes.
Dos mais por fatisfeito me darei,
Se defte vaõ trabalho (o que duvido)
Colherem fruito algum, ou paffatempo:
E quando affi naõ for, bem fofrerei
Até de vós naõ fer bem recebido,
Em pena de taõ mal gaftado tempo.

SONETO II.

AQui de largos males breve hiftoria
Lede vós defamados amadores:
Que pera dar allivio em voffas dores
Das minhas quis deixar efta memoria.

Escrevi naõ por fama, nem por glòria,
De q'outros versos saõ merecedores;
Mas por mostrar o mal dos meus amores,
A quem nelles de mim teve victoria.
Por tempo foi a dôr crecendo tanto,
Que já de ser mui grande me moveo
A descobrilla em rimas pobres d'arte.
Deu logo olhos ao choro, lingoa ao pranto,
A maõ sem uso á pena, qu' escreveo
De mil partes, da minha esta só parte.

SONETO III.

CAntei hum tempo, agora choro a guerra
Que fui cõ dor soffrendo d'ano em anno,
Sogeito dum cruel fero tyranno,
Que nunca, sem ter vista, os golpes erra.
Musas, por quem Parnasso s'abre, e cerra,
Pois á morte fazeis eterno engano,
Conservai a memoria do meu dano
Em quanto cego Amor reinar na terra.
Porque de quem me ler aviso seja,
Primeiro que vá dar desatentado
Nas cilladas mortaes deste homicida,
Ou, se nellas deu já, dê volta, e veja
Que assi merece, e deve ser amado
Quem deu por nosso amor a propria vida.

SONETO IV.

ERa o dia, em que fui d'amor vencido
Allegre em todo o mũdo, e festejado
Por ser áquelle Sancto dedicado
Que santo foi primeiro que nacido.
Seguro de cilladas de Cupido,
Entrei num fresco valle descuidado,
Onde fui delle preso, onde roubado,
Onde com seta d'ouro fui ferido.
Vi hũa Ninfa andar colhendo flores
Entre outras muitas, mais q̃ todas bella,
Com cuja vista amor ficou vencendo.
Porque, se naõ tomara as armas della,
Inda que suas forças foraõ mores,
Por ventura me fora defendendo.

SONETO V.

DOs olhos, por que perdi a liberdade
Queixarse com razaõ o Sol podia,
Porque nelles se vê mais claro dia,
E naõ lhe cega a noite a claridade:
Deulhe (por honrar mais a nossa idade,
Que sem elles de graças carecia)
A natureza quantas dar podia,
Negoulhe (por meu mal) só piedade.
Se disto por ventura alguem duvida,
Com vêllos ficar póde satisfeito,
Mas eu naõ lhe dou isso de conselho.

Nos meus bē póde ver como em espelho
De sua rara luz o raro effeito,
Sem arriscar a sua propria vida.

SONETO VI.

DA branca neve, e da vermelha rosa
O Ceo de tal maneira derramou
No vosso rosto as cores, que deixou
A rosa da menhã mais vergonhosa.
Os cabellos (d'Amor prisaõ fermosa)
Naõ d'ouro, que ouro fino desprezou;
Mas dos raios do Sol vólos dourou,
Do q Cynthia tambem anda envejosa.
Hum resplandor ardente, mas suave,
Está nos vossos olhos derramando,
Qu'o claro deixa escuro, o escuro aclara.
A doce fala, o riso doce, e grave
Entre rubis, e perlas lampejando
Naõ tem comparaçaõ por cousa rara.

CANÇAÕ I.

AMor, pois m'inflamaste
No teu mais vivo fogo,
Onde o melhor de mim arde, e s'apura,
Pois nova luz mostraste
A meus olhos, meu fogo
Ache piedade em ti, ache brandura
Daquella fermosura
Na terra peregrina

Do Ceo mais natural,
Com eſtillo immortal
Segredos altos a cantar m'enſina:
Tu minha voz levanta,
Em mim, tu della canta.

Cantar de tal belleza,
Amor, a gloria he tua;
Que tu naõ tens mór honra, nẽ mór gloria;
Humana natureza
Na bella fórma ſua
Lhe quis das mais fermoſas dar victoria:
Qual, dina de memoria
Se vio, na idade d'ouro,
Qual, na de ferro, noſſa,
Que comparar ſe poſſa
A eſta, por quem eu taõ ledo mouro;
Que eſtimo mais tal morte
Que hũa felice ſorte?

Levanta com ſom novo,
Amor, eſte meu canto
De ſeu natural proprio baixo, e rudo;
Senti (por quem me movo)
Naõ poſſo dizer tanto,
Que em fim naõ fique em tal ſogeito mudo:
Se naõ cantar de tudo
Como deſejo, ao menos
Taõ docemente cante
De vos, que o mundo eſpante
Olhos ſobre o mortal curſo ſerenos:

Mas

Mas sendo de vós visto,
Quem se ha d'espantar disto?

Se vós eterna fama
Em versos de vós dinos
Quereis deixar entre a futura gente,
A luz, que o Ceo derrama
Em vós, olhos divinos,
A mim volvei mais amorosamente;
Que logo em differente
Estilo, deste, que ouvio
Tegora o Lima, e o Tejo,
A belleza, que vejo
Em vós, nelle verá quem vos naõ vio:
Tanto no lume vosso
Meu canto apurar posso.

Em quanto a sorte esquiva
A tanto bem resiste,
Em quanto naõ sintirdes o que sinto;
Que póde alma cativa
Mais, qu'em silencio triste
Mostrar que sente o que no rosto pinto?
E pois na dôr consinto
Por ver donde nasceo,
Fermosos olhos claros,
Naõ me sejais avaros,
Olhai quaõ liberal vos foi o Ceo
Da luz que me negais,
Que naõ vos peço mais.

Se

Se te virem, Cantiga, aquelles olhos,
A quem pedem favor,
Que mais queres d'Amor?

SONETO VII.

OLhos de me cansar nunca cansados,
Qu'esperarei de vós, senaõ perder-
me,
Se vos vejo taõ seccos para verme
Com ver os meus em lagrimas banha-
dos?
Como naõ olhais já quaõ agravados
Os traz vossa crueza, em defenderme
A sua doce vista, que valerme
Só póde, e dar allivio a meus cuidados?
Se de vós porventura pertendera,
Em galardaõ d'amor, mais q ser visto,
Entaõ culpar podieis meu desejo,
Entaõ crueza em vós bem parecera:
Mas ai! olhos crueis se vedes isto,
Porque mais piadosos vos naõ vejo?

SONETO VIII.

TAntò sabe os meus olhos costumando
A chorar desses vossos a crueza,
Que lhe ficaraõ já por natureza
Lagrimas em lugar do sono brando:
As horas de dormir passaõ velando,
Passaõ as de velar em mais tristeza.

Vendo crecer em vós maior dureza
Quando pol'abrandar cegaõ chorando.
Assi delles se vai, sem terdes magoa,
Em lagrimas gastando a luz visiva,
Assi nellas tambem consumo a vida:
Já se tornaraõ d'olhos olhos d'agoa,
Mas d'agoa que naõ mata, antes aviva
A chama em mim, nos vossos acendida.

SONETO IX.

Quando dos vossos olhos luz serena
Se volve a mim, inda q sempre tarde,
O peito qu'em seu fogo treme, e arde
Algum descanso sente em sua pena:
Mas ai que delles logo o amor m'acena
Que fuja, e cerre os meus, e q me guarde:
Castigame, se fujo por covarde,
S'espero, por ousado me condena.
Assi me deixa aquelle gosto breve
Com a furia d'amor, que sempre dura,
O corpo sem sprito, alma confusa,
Assi se muda o fogo em fria neve,
A neve se converte em pedra dura,
O novo mal d'amor, nova Medusa.

SONETO X.

Que coraçaõ, senhora, ha que resista
Contra forças d'Amor, q por vencer

O mundo todo, muito a seu prazer
Dos vossos olhos faz sua conquista?
Por mais de diamante que se vista,
O meu (que vosso já posso dizer)
Mal se póde guardar, mal defender
Das duras setas de taõ branda vista.
Dos claros raios seus o vivo lume
Como por hum cristal resplandecente
Trespassa n'alma, onde fogo acende:
Mas Amor (cuja força mais s'estende)
Faz que no mesmo fogo me sostente,
Vencendo delle o natural costume.

SONETO XI.

OLhos, donde procede meu tormento,
Quando mudareis vós vosso costume?
Quando da viva dôr, que me consume,
Verei em vós hum brando sentimento?
Já, s'esperara tal, meu pensamento
De novo sobre mais seguro cume
Fundara as esperanças sem queixume,
De quantas atéqui fundei no vento.
Mas vós claras estrellas naõ olhando,
Que naõ ha cousa injusta em meu desejo
A vista de que vivo me negais:
Se naõ tenho outro bem, se em mim naõ ando
Deixando de vos ver, quando vos vejo,
Porq̃ mais brandamente naõ m'olhais?

SONETO XII.

NEsses fermosos olhos, que taõ caro
Me fazem custar sempre a vista delles,
Quando, cruel senhora, verei nelles
Algum final d'amor, escuro, ou claro?
Naõ vem elles nos meus hum vivo raro
De fogo, que no peito entra por elles?
Do mesmo fogo naõ vem sair aquelles
Sospiros tristes, prova d'amor raro?
Se só n'um volver d'olhos tenho a vida,
Que vos custa, senhora; soccorreime
Com os volver a mim, pera que viva?
E se vos custa menos ver perderme,
Logo do triste peito se despide
A vital aura leve, e fugitiva.

CANÇAÕ II.

INda que pouco dito,
Amor, té gora temos
Dos claros olhos, donde aceso acendes
Em fogo o meu sprito,
Rezaõ he que cantemos
Dos laços d'ouro, donde prezo o prendes:
Amor, tu bem entendes
Que dos cabellos digo
Do mundo sol da terra,
Que nesta doce guerra

Nelles prendeo a ti, e a mim comigo;
Por isso naõ me culpes,
Nem menos te desculpes.

No puro ouro encrespado
Te vi como teceas
Huma fermosa rede; onde ficaste
De pés, e maõs atado
Que tal me deixarias
Quando tu a ti mesmo te enlaçaste?
Alli de novo ataste
A liberdade minha;
Podendo ser n'um só,
Em cada hum seu nó
Lhe déste, sobre quantos d'antes tinha;
Prezo fiquei alli,
Alli prezo te vi.

O' prizaõ branda, e forte!
Em vós estando emvolto
De tantos gostos tenho sentimento;
Que se por varia sorte
De vós me visse solto,
Seria pera mim grande tormento;
De vós meu pensamento
Nunca jàmais se parte,
O' laços d'ouro puro!
Em vós està seguro,
Em mim perdido sempre, e em toda parte
Onde quer que se veja,
Que fóra de vós seja.

Se

Se por alta ventura
Derramados vos vejo,
Ou entre varias cores recolhidos,
A rara fermosura
Vossa cantar desejo
Com versos, para vós mais escolhidos;
Mas ficaõ meus sentidos
De mim taõ apartados,
Em vós taõ enlevados,
Que naõ sei mais que vervos,
E com os olhos, sem falar, dizervos
Que soltos me prendeis,
E prezos me venceis.

Naõ se pagaõ, Cantiga, tais cabellos
De louvores taõ breves;
Mais, do que saõ, lhe deves.

SONETO XIII.

SE lagrimas d'amor, e saudade
Poderaõ abrandar o reino duro;
Das minhas, q̃ procedem d'amor puro,
Como vos naõ moveis a piedade?
Pois que por vós perdi a liberdade
E a vida a móres perdas aventuro,
Rompei do desamor o forte muro,
Naõ veja o mũdo em vós mór crueldade.
A desprezos infindos dai já fim, (de
Naõ vos chamem cruel, nome divido,
A quem de tudo ri, tudo desama.
Abraõ-

Abrandai esse peito endurecido
Pello que toca a vós, mais q̃ por mim;
Qu'eu aventuro a vida, e vós a fama.

SONETO XIV.

SE cuido de perdido naõ vos ver,
Por ver s' abranda a dôr do meu cuidado,
Bem podeis crer q̃ fico envergonhado
De cuidar cousa que naõ póde ser.
E vingome de mim sem entender
Que nosso desamor he só culpado;
Mas he rezaõ que seja castigado,
Quem cuidar que sem vós póde viver.
Que parte póde achar, onde respire
Aquelle que naõ vir essa belleza,
Com quem Amor as forças acrecenta?
Em vaõ chore por vós, em vaõ suspire;
Creça quanto quizer vossa crueza;
Que deixar de vos ver mais m'atormẽta.

SONETO XV.

QUe me póde valer, se me naõ val,
Cruel senhora, terdes já sabido
Que neste grande mal offerecido
Estou a soffrer mais, e maior mal?
Tal dôr, tal soffrimento, naõ sei qual
Coraçaõ naõ tivera já movido
Se naõ o vosso, mais endurecido
Que se de pedra fosse, ou de metal.

Vio alguem por ventura tal dureza,
Que naõ receba em si nova figura
Por força, ou arte de buril, e lima?
Abranda o tempo toda cousa dura;
Só vosso peito armado d' aspereza
Naõ soffre que se nelle amor imprima.

SONETO XVI.

NAõ sei remedio tenha, naõ sei que
Conselho tome em tanta pena e dór;
Trago na fronte escrito o meu amor;
Vós naõ o vedes, todo o mundo o vê:
Infinita belleza, e pouca fé,
Nos olhos tristes, na perdida cór,
Naõ vedes vós o fero, e vivo ardor
Que, por vós sinto, longe, ou perto esté?
Està-se vendo no meu peito aberto
A minha tençaõ pura, e taõ custosa,
Que já da vida a morte anda mui perto:
E vós sobre cruel taõ duvidosa
Que me naõ quereis crer! pois sabei certo
Que peno tanto, quanto sois fermosa.

SONETO XVII.

SE, como em tudo o mais fostes perfeita
Foreis de condiçaõ menos altiva,
Vida esperar podera esta cativa,
Vida já quasi em lagrimas desfeita.
Mas

Mas quanto de vós vê, quanto ſoſpeita,
Eſtremos ſão pera que mais não viva,
Senaõ que, por mór mal, a morte eſquiva.
Vendo que m'enjeitais, tambem m'enjeita.
Se niſſo contradiz voſſa vontade,
Mandailhe vós, ſenhora, que dê fim
A' vida que ſó vive de triſteza,
Pois ella naõ ma dá por piedade
Que tenha de meu mal, mas porque em mim
Vivendo moſtreis mais voſſa crueza.

SONETO XVIII.

ENtaõ naõ culparei meus crueis fados
D'agravos que me fazem á porfia,
Trazendo de contino á fantaſia
Imagens do meu mal, novos cuidados:
Entaõ males preſentes, e paſſados,
E os qu'eſtaõ por vir (que bem ſeria
Se já vieſſem todos) algum dia
Deixareis de chorar, olhos canſados:
Entaõ naõ turbareis o ar ſereno
Soſpiros, que ſahis do peito ardente
Dando claro ſinal do meu tormento:
Entaõ, penſando em fim, ſerei contente,
Quando a bella Ninfa, por quem peno,
Do meu amor tiver contentamento.

SO-

SONETO XIX.

SEnhora, vós sois de neve, alva e fria,
E tendes coraçaõ de pedra dura,
De mim feito de fogo, e d'agoa pura
Contraria natureza vos desvia.
A neve dentro em si fogo naõ cria,
Em pedra naõ s'achou nunca brandura:
Vede que fará logo hum sem ventura,
Que por vós arde, e chora noite e dia.
Podera eu esperar qu'essa dureza
Amor por tempo a fora desfazendo,
E qu'esse duro peito vira brando:
Mas sinto em vós crecer mais a dureza,
Quanto eu mais choro, e quanto mais m' acendo,
Entaõ vos ides vós mais esfriando.

SONETO XX.

HUm firme coraçaõ posto em ventura,
Hum desejar honesto, que s' enjeite
De vossa condiçaõ, sem que respeite
A meu taõ puro amor, a fé taõ pura:
Hum ver-vos de piedade, e de brandura
Imagem sempre, fazme que suspeite
Qu'alguma brava fera vos deu leite,
Ou que nacestes d'huma pedra dura.
Ando buscando causa que desculpe
Crueza taõ estranha, porém quanto
Nisso trabalho mais, mais mal me trata,
Donde

Donde vem q̃ naõ ha quem nos naõ culpe;
A vós, porq̃ matais quẽ vos quer tanto;
A mim, q̃ tanto quero a quem me mata.

SONETO XXI.

SE com rigor, senhora, vos parece
Que podeis desviar do seu cuidado
Hum firme coraçaõ, que s'offerece
A ser inda de vós pior tratado;
Além de ser engano, se conhece
Que mal sabeis d'amor desenganado;
Qu'o verdadeiro amor muito mais crece
Alli, onde se vê mais desamado.
Por isso o desamor, que me mostrais,
Mudai em amor já, se naõ quereis
Que com desgôsto vosso mais vos ame:
Vencerme com desprezos naõ cuideis;
Bem me podeis matar, bem me matais;
Mas naõ podeis fazer que vos desame.

CANÇAÕ III.

ABrande já meu pranto,
Senhora, essa crueza,
Da qual cõtra mim sempre andais armada;
Valha com vosco tanto.
Quem morrendo despreza
A vida, se por vós lhe naõ for dada.
Naõ queirais ser notada

De condiçaõ esquiva,
Antes de tal brandura,
Que vossa fermosura
Despois da morte eternamente viva,
Cantada em mil escritos
De mil altos spritos.

Naõ sei que gosto achais
Em lagrimas, nem como
Já vos naõ cansa hum suspirar cansado?
Da semrezaõ, qu'usais
Em mim vingança tomo
Olhai o que farei, se for culpado?
Naõ busca o meu cuidado
Senaõ serdes servida,
Inda que sempre pene;
Por isso Amor ordene
A seu prazer desta cansada vida,
Já vola dei, senhora,
E dou de novo agora.

Alta satisfaçaõ
Conforme a meu tormento
He serdes causa delle, ond'estou vendo
Quanto me queixo em vaõ,
Sobindo o pensamento
A parte, onde té o mal fico devendo:
Pelo que naõ pertendo
Do fogo, em que me vejo,
Verme posto em seguro;
Nelle o sprito apuro,

Voſſo contentamento ſó deſejo,
E vós cada vez mais
Mais pouco me moſtrais.

Toda a felicidade
Do meu amor conſiſte
Em vós do meſmo amor ſerdes contente:
Sabendo eſta verdade,
Naõ poderei ſer triſte,
Por mais que me trateis aſperamente;
A mór pena, que ſente
Eſte coraçaõ voſſo,
He naõ vos alembrar
Nem pera o maltratar;
Que pois tornallo a mim naõ ſei, nẽ poſſo;
Ao menos, ſe tal vira,
No mal goſto ſentira.

Os montes ſolitarios,
E os valles eſcondidos,
Tenho canſados já co' a lembrança
De meus tormentos varios;
Porém todos naſcidos
De voſſo deſamor, que ſó naõ canſa;
Alhea deſperança,
Foi minha ſorte, tal,
Qual nunca vio ninguem,
Que me negais o bem,
E naõ quereis que ſinta voſſo mal:
O' grande deſamor!
O' deſprezado amor!

Can-

Cantiga, isto só dize a quem te mando:
Senhora, qu'esperais?
Dai mal; pois bem naõ dais.

SONETO XXII.

SE quando vio as Deosas no monte Ida
O Troiano pastor, tambem vos vira,
Venus dalli taõ leda naõ partira
C'o preço, por quem foi Troia perdida.
Se já quando foi laura concedida
Do Ceo á terra, vossa luz s'abrira,
A vós se convertera a doce lira
Que deu á sua fama immortal vida.
Agora alta belleza á baixa rima
Em sorte coube, e o vosso avizo rico
Materia veio a ser d'hũ pobre engenho:
E se vos canto, quando Amor me anima,
Entendo bem que sempre longe fico
Do muito que de vós por dizer tenho.

SONETO XXIII.

SE poder tanto á morte defenderse
A vida, que por vós deve estimarse,
Que veja em vossos olhos apagarse
A luz, que faz o Sol escurecerse;
E o ouro dos cabellos converterse
Em branca prata, o rosto descorarse,
De tal maneira em fim tudo mudarse,
Que mais ousadamente deixe verse:
Entaõ

Entaõ firme em mudanças taõ continas,
Vereis como naõ amo, nem receio,
De vós o que naõ pode ter firmeza,
Mas outra fermosura, outras divinas
Graças, de qu'esse spirito vejo chei
As quais naõ dá, nem tira a natureza

SONETO XXIV.

POem-me onde queima o Sol toda verdura,
Ou onde seu ardor a neve esfria:
Poem-me onde pello meio o carro gui
Ou onde cobre, ou mostra a luz ma pura:
Poem-me em baixa, ou prospera ventur
No sereno da Lua, ou na sombria
Escura noite, em longo, ou breve dia
Em sazaõ inda verde, ou já madura:
Em valle, em monte, em agoa, em fog em ar,
Nas estrellas me poem, ou no profund
Sprito livre, ou inda á carne atado,
Cõ nome escuro, ou claro em todo o mũd
Serei qual fui, naõ deixarei d'amar
A quem amei té gora desamado.

SONETO XXV.

QUãtas penas, Amor, quãtos cuidado
Quantas lagrimas tristes sẽ proveit

De que mil vezes olhos, rosto, e peito,
Inda que cego, viste já banhados:
Quantos mortais suspiros derramados
Do triste coração, sempre sujeito,
Quantos males em fim tu me tens feito,
Todos tos dou daqui por perdoados:
A tudo satisfez já (confesso isto)
Huma só vista honesta, e piadosa
Daquella, a quē me deu minha ventura,
Ah sempre para mim hora ditosa,
Que posso temer já, tendo já visto
Hum volver d'olhos cheo de brandura?

SONETO XXVI.

EU me parto de vós, campos do Tejo
Quando menos temi esta partida;
E se minh'alma vai á dôr rendida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.
Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade qu'a rezaõ leva vencida,
Assinha daraõ fim á triste vida,
Se vos naõ torno a ver, como desejo.
Em tanto nunca verá noite, nem dia
Apartarse de vós minha lembrança;
Amor, que vai comigo, o certifica:
Andaraõ sempre em minha companhia,
Em quanto na tornada ouver tardança,
Saudades do bem que em vós me fica.

SONETO XXVII.

Brandas agoas do Tejo, que passando
Por estes verdes campos que regais,
Plantas, ervas, e flores, e animais,
Pastores, Ninfas ides alegrando;
Naõ sei, ah doces agoas, naõ sei quando
Vos tornarei a ver; que magoas tais
Vendo como vos deixo, me causais,
Que já vou de tornar desconfiando.
Ordenou o meu fado desejoso
De converter meus gostos em pezares,
Partido que me vai custando tanto:
Saudoso de vós, della queixoso
Encherei de suspiros outros ares,
Turvarei outras agoas com meu pranto.

SONETO XXVIII.

Desaparecem já, por mais qu'estendo
Os tristes olhos, de chorar cansados,
Os campos de mil flores matizados,
Por onde o brando Tejo vai correndo;
Inda delles agora estive vendo
Huns brancos, e huns verdes retalhados
Dos rodeios das agoas descuidados,
Que me fazem de mim ir esquecendo.
Pois que será passando aquelles montes,
Que valles irei vendo, e descobrindo,
Que tristes, e abafados orizontes?

A pena, que já disto vou sentindo,
No meu ardente peito novas fontes
De lagrimas correntes vaõ abrindo.

SONETO XXIX.

JA do Mondego as agoas aparecem
A meus olhos, naõ meus, antes alheios;
Que d'outras differentes, vindo cheios
Na sua branda vista inda mais crecem.
Parece que tambem forçadas descem
Segundo se detem em seus rodeios;
Triste, por quantos modos, quãtos meios
As minhas saudades m'entristecem.
Vida de tantos males salteada,
Amor a poem em termos, que duvida
De poder ver o fim desta jornada:
Antes se dá de todo por perdida,
Vendo q naõ vai d'alma acompanhada,
Que se deixou ficar onde tem vida.

SONETO XXX.

INda agora outra vez, duros penedos
Ouvireis o som triste dos meus ais,
E vós, agoas do Lima, que passais,
A quem já descobri muitos segredos:
Que móres saudades; móres medos,
De descuidos, ou cousas que doem mais
Me fazem parecer, se vos lembrais
Daquelles tempos tristes, qu'eraõ ledos.

Triste

Triste de noite aqui, triste de dia
Do grave mal d'ausencia me queixava,
Cuidando qu'outro mór ser naõ podia:
Agora vejo quanto m'enganava,
Que aquelle naõ foi mal, mas profecia
Deste, que nesta parte m'esperava.

SONETO XXXI.

Lima; que neste valle murmurando
Em quanto o Sol s'esconde em Occidente,
A tua natural vezinha gente
Fazes adormecer com teu som brando;
Eu saudoso d'outro estou velando
Ouvindo murmurar tua corrente,
E com dôr de me delle ver ausente,
Com lagrimas a vou accrescentando.
E tu, que ledo para o mar caminhas,
Cuidar me fazes (tal he o som q̃ deixas)
Que triste vás chorando minhas magoas:
Mas a verdade he que tu te queixas
De recolher em ti lagrimas minhas,
Porque te turvaõ tuas claras agoas.

SONETO XXXII.

Verdes, e baixos valles, alta serra,
Duras, e solitarias penedías,
Correntes agoas, frescas fontes frias,
Testemunhas do mal q̃ em mim s'encerra:

De suspiros o ar, de pranto a terra
Encho: vós o sabeis selvas sombrias,
Onde chorando vou noites, e dias;
Saudades d'Amor, d'ausencia guerra.
Se o vosso natural só de si move
A triste sentimento os mais contentes,
Que sentiráõ os tristes de vontade?
Ah naõ vos espanteis; que em vós renove
Saudades passadas, e presentes,
Pois tudo, o qu'em vós ha, he saudade.

SONETO XXXIII.

DA mais formosa Ninfa, que se banha
No cristallino Tejo, a formosura,
A lembrança, o amor, e a brandura
Aqui entr'estas serras m'acompanha:
Aonde a cada passo com tamanha
Saudade meu desejo a figura,
Que viva me parece a váa pintura
Hora amorosa em vista, outr'hora estranha.
O doce imaginar tanto s'enleva
Nestas doces visoens, que por mui certo
Tenho, que naõ m'engana o meu desejo:
Mas quando torno em mim, que só me vejo
Taõ longe de quem via de taõ perto,
Sem alma fico, qu'apos si ma leva.

SONETO XXXIV.

ANdo, ſenhora minha, cá temen
Se vós em mim cuidais, que cuid
Que vos naõ amo quanto mereceis
Pois vivo tantos dias naõ vos vend
Ai triſte, que da morte me defendo
Com eſperar que cedo me vereis
Tal, que logo em mim conhecerei
Que, ſe vivo ſem vós, vivo morrei
Faltando eſte remedio, d'outro moc
A triſte vida naõ ſe valeria
Contra o mal que lh'ordena a ſauda
Mas quando verei eu, ſenhora, o d
Que veja em voſſos olhos meu bẽ tc
E vós vejais nos meus eſta verdade

CANÇAÕ IV.

DEſertos, montes, valles ſaudoſ
Montanhas altas, penedias grav
Por onde andar me faz minha ventur
Arvores, que dos voos trabalhoſos
Certo repouſo ſois ás livres aves,
Dos tenros filhos ſeus guarda ſegura;
Se da mór formoſura,
Que neſte mundo vi,
Taõ triſte me parti,
Que farei neſte voſſo apartamento,
Onde ſempre accreſcenta meu tormer

O rio, que ſempre corre, e o penedo
Que naõ faz movimento,
Do paſſarinho o canto ou triſte, ou ledo?

Tudo, quanto em vós vejo, dizer ouſo,
E tudo quanto eſcuito, me carrega,
Té voſſos ares ſinto já pezados:
A ſua clara luz o dia nega,
A noite o ſeu comum doce repouſo
A meus olhos de lagrimas canſados.
Das fontes, e dos prados
O puro ſeu, e o verde
Parece que ſe perde,
Com magoa deſta minha grave dor,
Sem tempo toda fruita, toda flor
Do ſeu materno galho eſtá caindo,
De mim por onde for,
A freſca primavera vai fugindo.

Neſte graõ mal, de que naõ ſei valerme
A todo animal que em vós tem vida,
Dou materia de pranto, e de piedade;
Parte naõ poſſo achar taõ eſcondida,
Que deixem meus ſuſpiros eſconderme,
E ſó chorar a minha ſaudade.
Ah! grande crueldade
D'amor, qu'em mim ordena
Huma taõ nova pena,
Que contradiz a toda a natureza:
Os triſtes com ver ſentir ſua triſteza,
Sentem algum deſcanſo; eu ſó ſem elle;

Já tenho por certeza
Creſcer meu mal no ſentimento delle.

A vida ſe detem no qu' imagino,
Amor com falſas moſtras me ſuſtenta;
Porque, vivendo mais, mais magoas conte;
Na roſa da manhã me repreſenta
Aquella, por quem peno de contino,
A tarde no dourado orizonte:
Qual Ninfa, o boſque, ou fonte
Eſconde, mais formoſa?
Em qual valle, qual roſa
So moſtra mais córada? nunca neve
Mais alva derramou o vento leve,
Como eu a vejo alli, e em toda parte:
Mas eſte goſto he breve,
E vai-ſe logo, o mal tarde ſe parte.

No fim deſt'erro doce, em que me vejo
De vós altas montanhas rodeado,
Taõ longe d'eſperança, e longe donde
Amor meu peito quiz ver inflammado
Em puro fogo, d'hum alto deſejo de,
Que dentro no meio delle accéde, e eſcon-
Digo a quem naõ reſponde,
A vós montanhas digo,
Acabem já comigo
Em mal taõ certo certos deſenganos:
Que ſe póde eſperar de quem enganos
Negan lo vai a lagrimas taõ vivas,
E dos meus firmes damnos
Póem o remedio em ſombras fugitivas?

Can-

Cantiga, pois nasceſtes
Neſtas fragoſas ſerras,
Naõ buſques outras terras,
Na tua natural fica eſcondida,
Que n'outra parte naõ ſerás ouvida,
Por mais gritos que dês, e magoas contes:
Chorando acaba a vida
Nas mais ſecretas lapas deſtes montes.

SONETO XXXV.

MUſas, que tendes feito neſta praia
A meu mudo ſilencio companhia,
Deixando ſó meu nome que ſubia,
Porque donde ſobio ſem aſas caia:
Tornemos a cantar ao pé da faia,
Junto do claro Lima, á ſombra fria
A Ninfa, por quem inda noite, e dia
Arde meu coraçaõ, treme, e deſmaia.
Encordoai de novo a doce lira,
Que foi por maõ de Febo temperada,
E Marte deſtemprou com ſua ira:
Naõ ſeja com meu ſangue mais banhada;
Em lagrimas ſe banhe, qu'Amor tira
Da ferida que já me tinha dada.

SONETO XXXVI.

ESſa graça, Marillia, eſſa brandura
Donde graça, e brandura eſtaõ cho-
vendo,

O

O que vendo-se mata, e naõ se vendo
A vida deixa entaõ menos segura:
Esses lumes do Ceo, onde s'apura
Amor, e nelles ri, estando ardendo,
Ess'espirito em fim, que vai enchendo
Os olhos d'outro, d'outra formosura:
Accenderaõ novo fogo, alta chaga
Abriraõ no meu peito, prizaõ forte
Forjaraõ dentro n'alma a vós rendida:
Arço ferido, e prezo, e espero a morte,
Se vossa maõ, que póde, naõ apaga
O fogo, abre a prizaõ, cura a ferida.

SONETO XXXVII.

MArillia, que do Ceo á terra dada
Foste, por gloria sua, e nosso espanto,
Que verso louvará, que novo canto,
Formosura taõ nova, e desusada?
Qual serena manhã alva, e rosada
Foi nunca taõ formosa, ou qual Sol tanto
O mundo alumiou, Marillia, quanto
Teus olhos, onde Amor tê sua morada?
S'estrellas, Lua, Sol sua belleza
Perdem diante ti, que desenganos
De perlas, de rubis, de neve, e rosas!
Em fim em ti juntou a natureza
Quanto reparte em mil, e em mil annos
Com mil, e mil, e todas mui formosas.

SONETO XXXVIII.

MOntes, e valles, bosques, verdes prados,
Agoas ǭ correis sempre, altos rochedos,
Que de contino estais firmes, e quedos
Hentos de sentir tristes cuidados:
Sabei que sereis sempre celebrados
Da minha branda Musa, em versos ledos,
Pois o meu doce amor tantos segredos
De vós quiz só que fossem confiados.
E vós ervas, e flores bem nascidas,
Naõ tardeis em crescer, ǭ por ventura
Da maõ, que me ferio, sereis colhidas.
Ah Ninfas, naõ vejais tal formosura,
Que nestas frias agoas escondidas
Em fogo ardereis d'enveja pura.

SONETO XXXIX.

SOmbrio, e verde bosque, onde s'acolhe
Marillia, quando o Sol mais se levanta;
Onde d'Amor suspira, e d'Amor canta,
E solta os seus cabellos, e os recolhe:
Valle por onde passa, e flores colhe,
Com graça tal, qu'o mesmo Amor s'espanta,
Estes versos vos deixo nesta pranta,
Darvos outro louvor meu fado tolhe.

A verde, e namorada Primavera
Nunca jámais daqui desapareça,
Nunca vos mostre o Inverno a ira sua,
Segura pellos olmos trepe a hera,
Segura nasça a flor, e a erva creça,
Favor tenhais do Sol, favor da Lua.

SONETO XXXX.

MEu patrio Lima, saudóso, e brando
Como naõ sentirá quẽ Amor sente,
Que partes deste valle descontente,
*D*onde tambem me parto sospirando?
Se tu, que livre vás, vás murmurando
Que farei eu cativo, estando ausente,
Onde descansarei de dôr presente;
Que tu descansarás no mar entrando?
Se te naõ queres consolar comigo,
Ou pede ao Ceo que nossa dôr nos cure,
Ou que trespasse em mim tua tristeza:
Eu só por ambos chore, eu só murmure,
Que d'hum fado cruel o curso sigo,
Naõ tu, que segues tua natureza.

SONETO XXXXI.

AH quamanhia enveja Amor me manda
Que tenha sempre viva no cuidado,
De ti, ditoso valle, rodeado
D'altos montes, do Limá d'outra banda.

Gozas

Gozas daquella vista doce, e branda,
Por quem sempre de flor estás ornado,
Eu triste em tristes lagrimas banhado
Vivo, mas como vive quem tal anda?
Ditosas vos podeis chamar por certo
Serras, onde s'encerra hũ sol taõ claro,
Que faz hum jardim bello d'hũ deserto:
Ah minha neve pura! ah fogo raro! (to;
Longe de vós me queimo, tremo ao per-
Que vosso amor naõ custa menos caro.

SONETO XXXXII.

DO nosso claro Lima, e turvo Douro
As agoas misturadas juntamente,
Naõ podem apagar a chama ardente
Em que por ti, Marillia, vivo, e mouro,
A fonte, o rio, o prado, o freixo, o louro
Bem sabẽ quanto peno estando ausente
Do teu fermoso rosto, onde presente
A neve, e a rosa está, a perla, o ouro.
Mas que farei á força do mao fado, (ra
Se nesta ausencia ordena d'hora em ho-
Descuido em coraçaõ desenganado?
Ah crê, Marillia, crê, q̃ em mim naõ mora
Outra fé, outro amor, outro cuidado,
Que tal qual sempre fui, tal sou agora.

SONETO XXXXIII.

DEllio sobre huns penedos, q̃ banhados
Neptuno deixa, quando se retira,

Onde

Onde do brando Lima o curſo ſpira
Hũ M, por cima hũ A, deixou cortados,
Dizendo: Aqui vos deixo tresladados
Doutros eſcritos n'alma, que ſoſpira;
Das ondas naõ temais a cruel ira,
Pois ſois ás dos meus olhos cuſtumados.
Inda que neſta praia bravas ferem
Hora tornando a tras, hora a diante,
Que menos em mim fazem minhas magoas?
Podeis dizer ás Ninfas, que vos lerem,
De vos achar aqui ninguem s'eſpante,
Amor nos pos no fogo, amor nas agoas.

SONETO XXXXIV.

COm ſeu cabello louro deſtoucado
Dos braços de Titaõ ſe deſpedia
A vergonhoſa Aurora, e vinha o dia
D'alvas, e roxas flores coroado.
Nos lirios, e nas mais ervas do prado,
Na pura roſa, qu'inda entaõ abria
Aljofar derramado, parecia
O celeſte roſcio derramado,
Quando d'hũ alto monte á meſma aurora
(Que já paſſava o Gange preſſuroſa)
Griteu Dellio paſtor de madrugada:
Ah filha de Titaõ! naõ ſaias fora,
Se naõ queres ficar mais vergonhoſa,
Vendo Marillia mais avantajada.

SONETO XXXXV.

AO som das brandas agoas, q̃ deciaõ
Do mais alto do monte, onde pastava,
Cantava o triste Dellio; e ao q̃ cantava
As agoas murmurando respondiaõ.
Marillia, por quem lagrimas corriaõ
Dos tristes olhos seus, ouvindo estava
Como dos seus descuidos se queixava,
Mas já queixumes seus naõ lhe doiaõ.
Naõ ves (dizia) quanto ha já qu'espero
Cruel que me detens em esperanças
Incertas inda, pera maior pena?
A vida he breve, e chea de mudanças,
Desengana-me já, que mais naõ quero,
Porque me negas cousa taõ piquena?

SONETO XXXXVI.

A' Borda d'hum ribeiro, que corria
Por meio d'hũ florido, e verde prado,
O triste pastor Dellio debruçado
Sobr'hum tronco de freixo assi dizia:
Ah Marillia cruel, quem te desvia
Esse cuidado teu do meu cuidado?
Quem fez hum coraçaõ desenganado
Amar cousa que tanto aborrecia?
Que foi daquella fé, que tu me deste?
Que foi daquelle amor q̃ me mostraste?
Como se mudou tudo taõ asinha?

Quan-

Quando tua affeiçaõ n'outro puseste,
Como te naõ lembrou que me juraste
Que naõ serias nunca senaõ minha ?

SONETO XXXXVII.

POis inda bem de ti naõ fui ausente
Quando do meu amor te despediste,
E no teu falso peito outro imprimiste
Que mal me faça Amor s'elle amor sēte:
Quando tornar Marillia a estar presente,
Como poderás ver o rosto triste
De quem leda te vio, de quem tu viste
Contente, de te ver de si contente ?
Despois de salteada em teu descuido,
Que certo estremecer, qu'alvoroçarte,
Que puras rosas vejo, qu'alva neve ?
Hora cuido ver isto, outr'hora cuido
Que naõ serás taõ leve em demudarte,
Pois pera te mudar foste taõ leve.

SONETO XXXXVIII.

ONde achaste, Marillia, taõ bom meio
Pera te naõ lembrares do passado ?
Que descuido mora em ti, ou q̃ cuidado
Doutro que já tiveste taõ alheo ?
Ou o Lima em si torna a ser Letheio,
Ou eu sempre de ti fui enganado :
Mas creo q̃ novo amor, ah duro fado !
Naõ quero dizer mais, do q̃ mais creio.

Mas

Mas já daqui bem podes sospeitar
A causa das crueis minhas sospeitas,
Se sospeitas lhe posso inda chamar:
Mil contas tenho feitas, mil desfeitas,
As quaes todas em fim, vem a parar
Que, como quer que seja, q̃ m'engeitas.

SONETO XXXXIX.

NAs agoas d'hũa fonte hũ dia olhava
O seu rosto Marillia, doutras cheio,
Entregue a mil sospeitas d'hum receio,
Qu'Amor em seus amores lh'ordenava.
Mansas agoas (dizia) mal cuidava
Em taõ ledo começo, e ledo meio,
Que visse hũ fim taõ triste, e taõ alheio
Do bem, que do meu bom ver esperava.
De lagrimas fingidas me deixei
Vencer, triste de mim! naõ sospeitando
Que fossem deste amor injusto preço:
Agora, que me vou desenganando,
Bem vedes vós em mim, que me tornei
Tal, q̃ vendom'em vós, naõ me conheço.

SONETO L.

NAõ sei que murmurais, agoas serenas,
Despois qu'em vos me vi: ah agoas brandas,
Doei-vos vós de quem de todas bandas
Rodeada se vê de duras penas.

E tu

E tu, cruel pastor, que tal ordenas,
Se queres ver quam enganado andas,
Espera que julgue Amor nossas demandas;
Verás como sem culpa me condenas.
Dizendo Marillia, assi alçou da fonte
Os seus fermosos olhos, feitos fontes
De lagrimas, que nella derramou:
Cahia a sombra já dos altos montes,
Deixou o valle então, deixou o monte,
Triste veio alli ter, triste tornou.

SONETO LI.

DEixai, agoas do Lima, de correr
Ou mais claras, sem onda levantada:
Segui a vossa via costumada,
Se de Marillia espelho quereis ser.
A luz do seu fermoso parecer
No vosso crespo humor vendo apagada,
E sem neve, nem grãa disse espantada:
Ai triste! que não sou já para ver.
E logo olhos no Ceo, com viva dôr
Culpando meu descuido, e seu cuidado,
Estas tristes palavras derramou:
Olha cruel se bem me trata Amor,
Que pello teu me vejo em tal estado,
Que só de mim a sombra me ficou.

SONETO LII.

Que quer Amor de mim, q̃ já naõ te-(nha?
Estes arrufos seus naõ teraõ fim?
De mim, por seu amor, me desavim;
E assi cativo o fogo, ou va, ou venha.
Ao fogo, em que me queimo, junto lenha,
E choro n'alma, quando os olhos rim;
Se Amor isto naõ quer, q̃ quer de mim?
Ah! se matar-me quer, naõ se detenha.
Aqui tem huma vida triste, e breve
Sogeita a seu querer, é taõ sogeita,
Que tudo em suas maõs comete, e deixa.
Bem sabe isto Amor já, mas qu'aproveita?
Que, só por me negar o que me deve,
De mim s'agrava, e só rezaõ se queixa.

SONETO LIII.

ONde por entre serras mais estreito
Seu curso natural segue o Mondego;
Hora fazendo váo, hor'alto pégo
Hora correndo torto, hora direito:
Em amorosas lagrimas desfeito,
Sospiros derramando sem socego,
Dizia hum pastor triste: Ai Amor cego
Quãto mal com meus olhos me tẽs feito!
Bem entendias tu que vista humana
Naõ podia causar mortal ferida
N'um coraçaõ de pedra, duro, e frio:

E pois ser isto assi me desengana;
Se choro da remedio, ou fim á vida,
Lagrimas fazei aqui outro mór rio.

SONETO LIV.

NO son mis ojos de llorar cansados,
Aun que de llorar me veo ciego;
Ni pued'el alma mia hallar sossiego,
O por desiertos vaia, o por poblados.
De suerte me persiguen mis cuidados,
Que de mi triste vida al cabo llego:
Mas Atropos por llanto, ni por ruego.
Cortar no quiere el hilo de mis hados.
No veo quien de mi tenga manzilla;
Y que todos la tengan qu'aprovecha,
Si la causa del mal no la tuviere?
Oh duro caso, estraña maravilla.
Que, por muerto la vida, me desecha;
Y la muerte, por bivo, no me quiere.

SONETO LV.

HUiò el sueño de los ojos mios,
Dexando en su lugar amargo llanto,
Que de contino crece, y mana tanto,
Que me lleva a pensar mil desvarios.
Si crian mis entrañas yelos frios
De su corriente vena, no m'espanto,
Qu'el fuego del Amor, q̃ lloro, y canto,
Los puede derretir en blandos rios.

No siendo esto ansi, no sè qual sea
La fuente dò salis lagrimas mias:
En tanta confusion por vos me vea:
Si consumir mi vida Amor dessea,
No dormir, y llorar noches, y dias,
Presto daran contento a su desseo.

SONETO LVI.

LAs piedras por el aire daran buelo,
Las aves no podran de pesadumbre,
Olvidando el cordero su costumbre,
Pacerá con el lobo sin recelo.
El fuego serà frio, y ardiente el yelo,
La tiniebla clara, escuro el lumbre,
El monte serà valle, el valle cumbre,
Y centro de la tierra el alto Cielo.
El mar no tomarà caudales rios,
Serà manso el leon, el ciervo fiero,
Amargoso el plazer, dulce el tormento,
Y todo en fin se mudarà primero
Que sin te ver, los tristes ojos mios
Vean, en cosa alguna algun contento.

SONETO LVII.

AS plantas rindo estaõ, estaõ vestidas
De verde variado de mil cores,
Cantaõ tarde, e manhã os seus amores
As aves, que d'Amor andaõ vencidas.
As neves, já nos montes derretidas,
Regaõ nos baixos valles novas flores,
Ale-

Alegraõ as cantigas dos paſtores
As Ninfas pellos boſques eſcondidas:
O tempo que nas couſas póde tanto,
A graça que por elle a terra perde,
Lhe torna com mais graça, e fermoſura.
Só pera mim nem flor, nem erva verde,
Nem agoa clara tem, nem doce canto,
Que tudo falta a quem falta ventura.

SONETO LVIII.

DOs laços, onde preſo Amor me tinhas
Parece que te naõ ſatisfizéſte,
Pois em laços de ſilva me prendeſte
Donde eſpinhado já fugindo vinhas.
E pera mais teu goſto, e magoas minhas,
De tal maneira os urdiſte, e os teceſte,
Que roſas pera viſta entremeteſte,
E pera o coraçaõ duras eſpinhas.
Mas quais de fina ſeda, ou d'ouro fino,
De perlas guarnecidos, na belleza
Lhe podem preceder, quais na brandura?
Niſto naõ déſte tu, por ſer menino,
Taõ nû pera ſoffrer ſua aſpereza,
Quaõ cego pera ver ſua fermoſura.

SONETO LIX.

DA voſſa viſta a minha vida pende;
Maior bem pera mim naõ póde ſer
Que ver vos, mas naõ ouſo de vos ver;
Que voſſo alto reſpeito mo defende.

O meu amór, qu'o vosso só pretende;
Receio que se venha a conhecer,
Nos olhos, que mal podem esconder
O desejo, d'hum peito que se rende.
Por vós a tal estremo d'Amor venho,
Que com força resisto a meu desejo,
Porque nada de mim, vos descontente.
Mas neste mal, senhora, este bem tenho,
Que sẽpre tal, qual sois, n'alma vos pinto
Sem dar què ver, nem que falar á gente.

SONETO LX.

HUm só fado, senhora, hũa ventura
Nos aparta, nos junta, e nos condena
A prisaõ igual, com igual pena;
A minha polla vossa inda mais dura:
Mas amor nos trabalhos mais s'apura,
Onde a firmeza, e a fé naõ he piquena,
E o mesmo amor, q̃ tudo em fim ordena,
Presos nos prende mais, mais nos segura.
Por isso às queixas cessem, cessem medos,
Em gostos se convertaõ as tristezas,
Qu'agravos sem rezaõ naõ duraõ muito.
Mui cedo espero ver, com olhos ledos,
Os corpos soltos, e as almas presas,
Colher d'Amor o desejado fruito.

SONETO LXI.

AR, que dos meus sospiros vejo cheio,
Terra cansada já com meu tormento,
Agoa,

Agoa, que com lagrimas sostento,
Fogo, que mais accende no meu seio:
Em paz estais em mim, assi o creio;
Sem esse ser o vosso proprio intento,
Pois em dôr, onde falta soffrimento,
A vida se sostem, por vosso meio.
Ai imiga fortuna, ai vingativo
Amor, a que discursos por vós venho
Sem nunca vos mover com minha má-
goa!
Se me quereis matar, para que vivo?
E como vivo, se contrarios tenho
Amor, fortuna, ar, terra, fogo, e agoa?

SONETO LXII.

El tiempo passa como passar suele,
Passan con el los gustos, y contento,
No passa (aun q̃ buela) el pensamiento
Que siempre firme està en lo que duele.
Por tierra vaia, o por el aire buele,
No s' aparta jàmas de mi tormento:
Triste de quien no pierde el sentimi-
ento,
Si cosa es para ver que le consuele.
Mas quien serà que triste ser no quiera,
Ya que no puede ser dexar de selo
Traiendo lo passado en la memoria?
Hai de quien vió el bien para perdelo,
Qu'es un dolor, que mata y desespera,
Pensar contino en la perdida gloria.

SO,

SONETO LXIII.

IMpoſſible ſerà a tu partida,
Que por mi mal ordena mi fortuna,
Entretener con eſperança alguna,
A peſar del dolor, mi triſte vida.
El alma mia a tu beldad rendida
Te figuirà contino, al Sol, y Luna,
Que la peſada vida, y importuna,
En lagrimas la doi por conſumida.
Sin ver te, morirè de los enojos
Que de tan dura auſencia naſcer veo,
Que menos de tal daño no s'eſpera:
Y juſta razon es, y es mi deſſeo
Que dô falta la viſta de tus ojos,
Sóbre en los mios llanto, de que muera.

SONETO LXIV.

DE tu belleza el Sol maravillado
En viendo deſcobrir tu geſto hermo-(ſo,
El ſuio (de corrido, y d'imbidioſo)
Cobrio d'un eſcuriſſimo nublado.
Quan diverſo del ſuio fue mi hado
El dia que tu viſta hizo famoſo:
Pues el por que te vio, quedò lloroſo,
Y yo por no te ver tal he quedado.
Anſi que lluvia no, lágrimas fueron
Las que viſte, ſeñora, y vio la gente
Que las dél a las mias ſe juntaron:

Y aun qu'embidia d'unas fue la fuente,
Y de dolor las otras procedieron,
Todas por causa tuia se lloraron.

SONETO LXV.

A Vossa natural pura belleza
De cada vez em vós mais realçada,
Naõ composta com arte, ou ajudada,
Se naõ da mesma maõ da natureza:
Esses cabellos negros, onde presa
A graça estar se vê, e naõ forçada:
A face, de si propria alva e côrada,
A palma vos daõ já da gentileza.
Ditosa fermosura, que naõ pende
Com aggravo do Ceo, da terra espanto,
D'artificio, que cansa, e pouco dura:
Tal he, senhora, á vossa; e póde tanto,
Que nem o tempo (a quẽ tudo se rende)
Tirar-lhe póde o que lhe deu ventura.

SONETO LXVI.

DEbaixo d'hũa Olaia, qu'esparzia
Sobre hũa clara fonte roxas flores,
Estando Silvia, e Nise em varias cores
Dormindo a sésta, em quãto o Sol ardia:
Sahiraõ d'hũa silva alta, e sombria
Dous Satyros lascivos, caçadores,
Que logo sem tratar de mais amores,
Correraõ á belleza que dormia:

Ellas, que nesse ponto despertaraõ
Ao som dos pés caprinos, quando viraõ
Juntos de si os semicapros feios,
Na sua clara fonte s'arrojaraõ,
E das movidas ondas se cobriraõ
Capellas d'ouro, alabastrinos seios.

SONETO LXVII.

YA la noche su velo tenebroso
Tendia por el aire, ya las flores
Perdian, y las cosas sus colores,
Y ya llamava el sueño a su reposo:
Quando Telicio solo, y congoxoso,
Hurtandose a sus mas caros pastores,
Con las sombras tratava, en los horrores
D'un bosque al medio dia temeroso.
Nocturnas sombras, si pensais (dizian)
Que las lumbres del Cielo, y de la Luna
Los plateados raios me quitais;
Tal no penseis, que vos no lo causais;
Que todo lo deslumbra mi fortuna,
Y qual la noche, tal me trae el dia.

SONETO LXVIII.

LAs peñas retumbaran al gemido
Del misero Zagal, que lamentava
El dolor que su alma lastimava
D'un no pensado desamor nacido:
El mar, que las batia, su bramido
Con los retumbos dellas ayuntava,

Con-

Confuſo ſon el viento derramava
De los Eccos del valle repetido.
Retumban a mi llanto duras peñas,
Hai de mi (dixo) la mar brama, y gime
Los Eccos ſuenan, de triſteza llenos,
Y tu, por quien la muerte en mi s'imprime,
D'oir las anſias mias te deſdeñas,
Y quanto lloro mas, t'ablando menos.

SONETO LXIX.

Llaman por mi las fuentes, y los rios,
Los prados, y los boſques de mi tierra,
Todo valle me llama, toda ſierra
Por dó gaſtè los tiernos años mios.
Memoria de ſus arboles ſombrios
Su verde claro, qu'el peſar deſtierra.
Parece que d'allá me tira, y aſſierra
De mis deſſeos, ſi los ſiente frios.
Mas receloſo yo de las mudanças
(Qu'en las coſas los tiempos entremetem)
Mudo me dexo eſtar ſin dar reſpueſta:
Que muchas vezes vanas eſperanças
Alli onde mas guſtos nos prometen,
Cilada de deſguſtos tienen pueſta.

SONETO LXX.

DE mil ſoſpeitas vás ſe me levantaõ
Trabalhos, e deſgoſtos verdadeiros:

Ah, que gostos d'Amor saõ feiticeiros,
Que nos levaõ tras si, que nos encantaõ:
Entaõ nos mataõ, quando mais nos cantaõ,
Sereas para nós, nos marinheiros,
Começos amorosos, lisongeiros,
Fins crueis, e mortais qu'o mundo espantaõ.
Seus ventos naõ me deixaõ tomar terra,
Vai s'encobrindo a luz, a nevoa crece,
Do porto cada vez mais desconfio:
Fazem agoas do Ceo ás do mar guerra,
Engolfados nas ondas, qu'embravecem,
Hum cego me governa o meu navio.

SONETO LXXI.

A Dó me llevas pensamiento loco
Por asperos caminos no tratados,
Dó vèo estraños monstruos no pensados,
Qu'en aire se deshazen, si los toco?
Pensè que llegaria poco a poco
A poner en sossiego mis cuidados;
Mas de ti contrastado, y de mis hados
A mas alteraciones los provoco.
Escuras sombras, formas temerosas
En fatigados sueños, con espanto
Me representa tu ligero buelo.
Ah cierra ya tus alas presurosas,
No quieras descurrir en vano quanto
Contienen en sus orbes tierra, y Cielo.

SONETO LXXII.

TRabalho quanto posso, mas naõ basto
A vencer a vontade, que sogeita
Nas maõs se poem daquella q̃ m'engei-
E faz como sem vida a vida gasto. (ta,
Tal força tem hum rosto brando, e casto
Hũa belleza á terra, e ao Ceo aceita,
Que se quero fugir, naõ m'aproveita,
Se quero contrastar, em vaõ contrasto;
Que posso mais fazer? quem me dá culpa
Cuido que naõ tem vista a fermosura;
Que póde mais comigo, que meu fado,
Oh do meu firme amor causa, e desculpa!
Deve quẽ vos naõ vê pouco á ventura;
E deste, e doutro naõ serei culpado.

SONETO LXXIII.

ONde porei meus olhos que naõ veja
A causa, donde nasce meu tormento?
A que parte irei c'o pensamento
Que para descansar parte me seja?
Já sei como s' engana quem deseja
Em vaõ amor firme contentamento,
De que nos gostos seus, q̃ saõ de vento,
Sempre falta seu bem, seu mal sobeja.
Mas inda sobre claro desengano
Assi me tras est' alma sogigada,
Que delle está pendendo o meu desejo:

E vou de dia em dia, de anno em anno
A pos hum naõ sei que, a pos hum nada,
Que quanto mais me chego, menos vejo.

SONETO LXXIV.

QUaõ caro venda Amor hũ gosto seu,
Quaõ pouco tarda a pena certa, e justa.
Bem o sabe minh'alma, e bem lhe custa,
Que por hum (que naõ vio), o milhor deu.
Milagre foi por certo escapar eu
De mar taõ furioso, em fraca fusta:
Erro seria agora, e cousa injusta,
Crer mais cousas d'Amor imigo meu.
Porque nos laços seus outra vez caia,
Hora finge, hora roga, hora ameaça,
Usa de força, e manha, tudo tenta:
Mas naõ m'enganará, por mais que faça:
Quem do naufragio sae a nado á praia,
Té na terra se teme da tormenta.

SONETO LXXV.

HOras breves de meu contentamento
Nunca me pareceo, quãdo vos tinha,
Que vos visse tornadas taõ asinha,
Em taõ compridos dias de tormento.
Aquellas torres, que fundei no vento,
O vento as levou já que as sostinha,

Do

Do mal, que me ficou, a culpa he minha;
Que sobre cousas vãs fiz fundamento.
Amor com rosto ledo, e vista branda
Promete quanto delle se deseja,
Tudo possivel faz, tudo segura:
Mas des q̃ dentro n'alma reina, e manda,
Como na minha fez, quer que se veja,
Quaõ fugitivo he, quaõ pouco dura.

SONETO LXXVI.

AI quãtos ais perdi, hai de mim quãtas
Lagrimas em vaõ já tenho choradas,
Quantas torres no ar alevantadas,
Esperanças perdidas outras tantas!
E tu, desejo meu, de mim t'espantas
De recear d' Amor novas cilladas,
Ou já naõ tens lembrança das passadas,
Ou contra mim (por elle) te levantas.
Olhá, por naõ cair em mores erros
Que tal foi a prisaõ de qu'escapaste,
Despois que gastei nella a mocidade,
Naõ tornes a tomar os duros ferros,
Que já com voto feito penduraste
No templo dedicado á liberdade.

SONETO LXXVII.

NOvos casos d'Amor, novos enganos
Envoltos em lisonjas conhecidas,
Do bem falsas promessas, escondidas
Onde do mal se cumprem grãdes danos,
Como

Como naõ tomais já por desenganos
Tantos ais, tantas lagrimas perdidas,
Pois q̃ naõ basta a vida, nem mil vidas,
A tantos dias tristes, tantos annos?
Hum novo coraçaõ mister avia
Com outros olhos menos agravados,
Pera tornar a crer o que vos cria:
Andais comigo enganos enganados;
E se o quereis ver, cuidai hum dia
O que se dia dos bem acutillados.

SONETO LXXVIII.

DEspois de tantos dias mal gastados,
Despois de tantas noites mal dormidas,
Despois de tantas lagrimas perdidas,
Tantos suspiros vaõs, vãmente dados;
Como naõ sois vós já desenganados,
Desejos, que de cousas esquecidas
Quereis remedear minhas feridas,
Qu' Amor fez sem remedio, ou os meus fados?
Se naõ tivereis já esperiencia
Das semrazões d' Amor, a quem servistes,
Fraqueza fora em vós a resistencia:
Mas pois por vosso mal seus males vistes,
Os quais naõ curou tempo, nẽ ausencia,
Que bem delle esperais, desejos tristes?

SO-

SONETO LXXIX.

QUe doudo pensamento he o q̃ sigo,
A pos que vaõ cuidado vou corrẽdo?
Sẽ ventura de mim, q̃ naõ m'entendo,
Nem o que callo sei, nem sei que digo.
Pelejo com quem trata paz comigo,
De quẽ guerra me faz naõ me defendo.
De falsas esperanças que pretendo?
Quẽ do meu proprio mal me fez amigo?
Porque, se nasci livre, me cativo?
E se o quero ser, por que naõ quero?
Como m'engano mais com desenganos?
Se já desesperei, que mais espero?
E s'inda espero mais, porque naõ vivo
Esperando algũ bem em tantos danos?

SONETO LXXX.

EL Amor al que mas le quiere, hiere,
Con llaga que jámas, d'insana, sana,
Donde lloro, nò sangre humana, mana,
Sin qu'algun bien q̃ le prospere, espere.
Si quien del herido anduviere, viere,
Que por cosa baxa y profana, affana,
Buelta darà que en perder gana, gana,
Y lo que la razon requiere, quiere.
O quanto tiene desdichado, hado
Quien vano Amor, q̃ le persigue, sigue,
Y en poco aquel, que le sostiene, tiene:
Pues

Pues, porque del se desobligue, obligue
Con ruego al Cielo, a buen cuidado,
dado,
Que del el bien, q̃ nos conviene, viene.

SONETO LXXXI.

CRuel señora mi cuidado, dado,
Cupido duro, por quien llorãdo, ando,
Si te verè, ruegos doblando, blando,
Si salirè de tu malvado vado?
En hondo del aprisionado, nado,
En duras peñas, mal nadando, dando,
Ayudas vanas invocando, quando
Ya no lo sufre mi disdichado hado.
Recibe Amor de mi desgusto, gusto,
Gran pesar yo, que lo consiento, siento,
Mas como no sufrirè muriendo, yendo?
Si el temor haze del injusto, justo,
Y se contrastar a su intento, tento,
Yo mismo a mi q̃ me defiendo, offendo.

SONETO LXXXII.

QUem por ouro, q̃ naõ descansa, cansa,
Passando o mar, e rompendo a terra,
erra,
Porque de terra desenterra terra,
Sem ver cobiça, que foi mansa, mansa.
E tanto sem fazer mudança, dança,
Que de nada, que naõ s' afferra, ferra,
E

E assi nada, que desencerra; cerra,
Porqu' em fim nada em balança lança.
Quem anda neste presuposto posto,
Atente bem em que demanda anda,
Primeiro que delle seja avida ida;
E se pretende sem desgosto gosto,
Cumpra com quem, nunca desmanda, manda,
Porque a tal vida he devida vida.

SONETO LXXXIII.

COn la punta del hierro, que pendia
Del tierno lado, lleno d' alto brio,
En siesta calorosa del estio,
Quando d' Apollo el raio mas ardia:
Mientras que su ganado detenia
A la sombra del bosque ameno, y frio,
En liso pie d'un alamo sombrio
Alcido versos tales escrevia.
Ninguna Ninfa desta silva umbrosa,
Ninguna destas aguas moradora,
Se enoje, quando liere esto qu'escrivo:
Silvia de las hermosas mas hermosa
Con sus ojos me mata, y me enamora,
Por ella muero yo, por ella vivo.

SONETO LXXXIV.

MOstrai Ninfas do Tejo sentimento
Naõ polla Ninfa ao alto Ceo subida;
Que

Que feria crueza conhecida,
  Pois lá defcanfa em mais feguro affento.
Mas fó porqu' o feu largo apartamento,
  Cortádo a parca em flor fua tenra vida,
  Magoada deixou, deixou fentida
  Aquella que naõ fente o meu tormento.
Iffo vos feja a vós caufa de magoa,
  E naõ a que caufou fua grave pena,
  Que foi a quem morreo de gloria meio,
Ver taõ fermofos olhos cheos d'agoa,
  Ver delles eclipfada a luz ferena,
  A quem naõ deixará de magoa cheio?

SONETO LXXXV.

Filis, fe naõ t' abranda a viva vea
  De pranto, q̃ por ti vai derramando
  O teu Androgeo, a verde erva regando,
  Humedecendo a feça, e branca area:
As lagrimas d' Alcipo, que recea
  Perder o caro amigo, tornem brando
  Effe teu peito duro: naõ vás dando
  Caufa, que de tal Ninfa tal fe crea.
Qual fermofura, ó Filis, foi cantada
  Em mais fuave eftillo? ou qual dureza
  Chorada foi de mais brandos paftores?
Androgeo immortal faz tua belleza,
  Alcipo chora ver te defcuidada
  De pagares taõ mal taõ bons amores.

SONETO LXXXVI.

EN selva umbrosa, entre montañas p
Andando a caça Acteon un dia, (es
Diana vió en una fuente fria
Bañarse, con sus Ninfas, por la fiesta
Ella desnuda estava, y descompuesta,
Colgado el arco d' un laurel tenia,
Y viendo aquel, que tanto della via
El agua l' arrojo com mano presta.
Aora di (le dixo) qual me viste:
Mas que dirà, si en ciervo fue mudac
Huitivo por valles, y por cerros,
Ah vingança cruel, ah moço triste!
Que por seres a caça afficionado
Tu mismo fuiste caça de tus perros.

SONETO LXXXVII.

LEandro em noite escura indo romp
As altas ondas, dellas rodeado (
No meio d' Hellesponto, já cansadc
E o fogo já na torre morto vendo,
E vendo cada vez ir mais crecendo,
O bravo vento, e o mar mais levanta
Das suas forças já desconfiado
Os rogos quis provar, naõ lhe valem
Hai ondas! suspirando começou:
Mas dellas sem lhe mais alento dar
A fala contrastada a traz tornou.

Hai ondas (outra vez diz) vento, mar,
Naõ m'afogueis vos rogo, em quãto vou;
Afogaime despois quando tornar.

SONETO LXXXVIII.

POr hum florido valle entrando hũ dia
Diana casta, e Pallas bellicosa,
Encontraraõ com Venus amorosa,
Que pera Adonis seu flores colhia:
Qual destas flores (Venus lhe dizia)
A vosso parecer he mais fermosa?
Respondeo Diana, a vermelha rosa:
O roxo lirio, Venus respondia.
Ouvindo tal a bella mãi d'Amor,
Porque naõ porfiassem nisso mais,
Lhes diz, chea de graça, e de brãdura:
Sabei, senhoras, que vos enganais;
Que Violante excede a toda flor
Em cheiro, e cór, virtude, e fermosura.

SONETO LXXXIX.

VEndo do forte Hector a desditosa
Esposa, como Troya em fogo ardia,
De que por toda parte reluzia
A Greciana espada victoriosa,
Hum filho só, que tinha, receosa
Que tenra idade naõ lhe valeria,
No sepulcro do pai o escondia,
Dizendo estas palavras lastimosa:

O

O' filho da minh' alma entristecida,
Primeiro que nas maõs imigas caias,
Te quero aventurar nas da ventura:
Ella ordenará (se larga vida
Prometido te tem) que daqui saias;
E se naõ, já tens certa a sepultura.

SONETO XC.

HE este o Neiva do nosso Sá Miranda,
Inda que taõ piqueno taõ cantado?
He este o monte, q̃ foi ás Musas dado
Em quanto nelle andou quem nos Ceos anda?
O claro rio, onde chorar me manda
Saudosa lembransa do passado,
O monte, o vale, o bosq̃, o verde prado,
Onde sospira Apollo, Amor s'abranda?
Aqui na tenra flór, na pedra dura
Escrevei, Ninfas, e no cristal puro
Estes versos, que Febo m' inspirou:
Aqui cantava Sá, daqui seguro
Livre do mortal peso ao Ceo voou:
Pastores, vinde honrar a sepultura.

SONETO XCI.

ENgenho raro, sprito peregrino
Que do Parnaso a fonte nos mostraste,
Naõ sei se chore, porque nos deixaste,
Se cante entre mortais ver-te divino.

O teu ſuave canto, o meu indino
Faz, de louvar cantando o que cantaſte,
E pera naõ chorar, ſei que t' alçaſte
Deixãdo a terra ao Ceo, de qu'eras dino.
Della neſta baixeza, em taõ diverſos
Eſtremos me verás, pois deſſa parte
Se vem puras tenções, juſtas eſcuſas:
Em fim que naõ m' atrevo a celebrarte,
Cantem em teu louvor teus brandos verſos;
E ſe t' alguem chorar, chorem-te as Muſas.

SONETO XCII.

ALma, que neſta vida deſpediſte
Quanto do Ceo podia deſviarte,
Com Maria eſcolhendo a milhor parte,
Eſquecida de ti, Chriſto ſeguiſte.
Deſpois que deſta vida te partiſte,
Triſteza do meu peito naõ ſe parte:
Sem ti me vejo tal em toda parte,
Que o menos mal q̃ ſinto é ver-me triſte.
Inda que me conſola ter por certo
Que la neſs' alto coro recebida
Gozas do ſummo bem, q̃ tanto amaſte:
Agora vendo claro, e deſcuberto
O doce eſpoſo teu, por quem a vida,
E todos os bens della deſprezaſte.

SONETO XCIII.

Almas, em quem aquelle fogo mora,
Que pensamentos altos vai criando,
Taõ de verdade os baixos desprezando,
Que o Ceo do vosso amor já se namora:
Creça de dia em dia, d' hora em hora
O vosso doce fogo, casto, e brando,
Qu' enveja aos dous fareis o tempo andando,
Por quem a Tusca lira canta, e chora.
Ditosa tu, que dás á doce pena
De castidade, e de belleza rara
Materia nunca vista em nossos dias:
Ditoso quem contente por ti pena,
Pois arde em chama taõ suave, e clara
Que de Lethes naõ teme as agoás frias.

AO DOUTOR ANTONIO FERREIRA.

SONETO XCIV.

SE Dona Ines de Castro presumira
Que tinha o largo Ceo determinado
Ser o seu triste fim taõ celebrado
C'o raro ingenho da tua doce lira:
Inda que de mais duros golpes vira
C'o seu taõ brando peito traspassado

Do

Do corpo, o trifte fprito defatado
Ledo defta baixeza fe partira.
Allegre-fe no Ceo, pois que na terra
O feu nome por ti ferá famofo,
O qual já naõ lembrava em Portugal,
Ó teu eftillo fez á morte guerra,
O! Dona Ines ditofa; ó tu ditofo
Que dando vida, ficas immortal!

REPOSTA.

BErnaldez, cujo fpirito Apollo fpirá,
Volve teu docev erfo,a mim mal dado
Ao grande obgeito teu, que levantado
Por ti ferá á gloria, a que já afpira.
Inda onde quer qu'eftá, chora, e fofpira
O trifte infante, em ver taõ mal chorado
Seu doce amor, de que taõ magoado
Naõ fartou d'agua os olhos, peito d'ira.
Ifto fó pede ós Ceos, qu' inda da terra,
Qu' efconde fuas cinzas, hum lumiofo
Raio faia de luz nova, luz tal
Qu' aclare a nuve, que nos cobre, e cerra
Aquella vida, qu', inda que mortal,
Do doce amor defpoja faudofo.

DO

DO MESMO ANTONIO FERREIRA.

SONETO.

BErnardez, tu ó som do claro Lima
Inda por ti mais claro, á sombra fria,
A branca Ninfa, que te deu por guia,
Amor, fazes soar na doce rima.
E em quanto a cantas, flores mil de cima
Derrama Citherea, hum louro cria
Pera as tuas fontes Febo, e em cõpanhia
Doutros teu nome leva a outro clima.
Eu mudo, e triste em lagrimas banhado,
A vida gasto, em esperar huma hora,
Que meu fado cruel m' está detendo,
Entaõ solto, entaõ livre, e a mim tornado
Teu doce som iria ao meu regendo,
Em tanto teu bem canta, e meu mal chora.

REPOSTA.

SONETO XCV.

ALcipo, hũa dura, e cruel Lima,
Que no meu peito roe, noite, e dia,
Destrue o som, que Febo dar sohia
Ao canto meu, qu'ao doce teu s'arrima.

Tu, a quem elle mais ama, a quem amima,
Tanto que com Urania, e com Talia,
Ao ſeu Parnaſó t' alça, e de ti fia
Segredos, que mais ama, e mais eſtima,
Como naõ cantas? tira eſſe cuidado,
Que tanto t' atormenta, d' alma fóra,
Que já onde deſejas t'eſtou vendo.
O choro ſeja meu, pois que forçado (do
Me tẽ cá minha eſtrella, o Lima enchẽ-
De queixas, e de lagrimas agora.

DE PEDRO D'ANDRADE CAMINHA.

SONETO.

BErnardez noſſo, ãtes mais propriamẽte
Das Muſas direi ſó, pois te tomaraõ
Pera ſi todo; e tanto t' apartaraõ
Do comum fio da profana gente.
Trate as o ſprito ſó, que as ama, e ſente,
Trate-as o teu q̃ de dões todo ornaraõ,
Moſtre as graças q̃ nelle derramaraõ,
Com qu' é de mil ſpritos differente.
Tem eſſa clara, eſſa fermoſa vea,
Que pera ti taõ pura ſempre corre,
Em mais q̃ quãto o mundo mais eſtima.
Vem a ſecar por tempo a fonte chea,
Vem a cair os qu'a fortuna amima,
Mas nunca (antes da vida) eſte dom
morre.

REPOSTA.

SONETO XCVI.

ANdrade, em cujo fogo novamente
As Lusitanas Musas apuraraõ
Tanto seu fogo já, que nos mostraraõ
Em ti hum novo sol resplandecente:
Por ti cantando vaõ taõ altamente,
Que as Gregas, e Latinas s'espantaraõ,
Vendo que sua graça lhe roubaraõ,
Mercê da tua pena diligente.
O meu nome em teus versos naõ se lea,
Poẽ outro em seu lugar, o meu se borre,
Pois vês quantos mais sobẽ mais acima:
E o mundo, a quẽ me louvas, de mi crea
Que dou por seca a vea rouca a rima,
S'algum favor do Ceo naõ me socorre.

AO DOUTOR ANTONIO FERREIRA.

SONETO XCVII.

FErreira, eu vì as claras, e fermosas
Agoas do teu Mondego irem chorando
As lembranças do tempo, que cantando
Andavas nas suas praias saudosas:

Naõ

Naõ vi os brancos lirios, nem as rosas
Vermelhas, q̃ mostrava o campo, quãdo
A serra docemente hias chamando
Com vozes namoradas, mas queixosas.
Vi secos os censeiros, que já tantas
Vezes queixar t'ouviram; vi o dia
Escuro, a relva triste em toda parte.
Se nas agoas, no Sol, flores, e plantas,
Vi tanta saudade, que faria,
Deixando lá de mim a melhor parte?

AO DOUTOR ANTONIO DE CASTILHO.

SONETO XCVIII.

CAstilho, alto Castilho, levantado
No cume de Parnaso por tal arte,
Que nem do tempo temes, nẽ de Marte
As forças, que tem tantos derrubado.
Febo, por teu tisouro ter guardado,
Tal quis ao som da lira fabricarte;
E dentro o pôs de ti, de ti os reparte,
Comigo naõ, com que tem milhor fado,
Os myrtos onde crecem mais seguros,
Os verdes louros onde mais s'estendem,
Senaõ dentro dos teus fermosos muros?
Em ti as brandas Musas se defendem
Da guerra, que lhes fazem peitos duros,
Que dellas, e d'amor mui pouco entendẽ.

SO-

SONETO XCIX.

CRecei novos loureiros, pois as bellas
Ninfas deſte meu Lima vos plãtaraõ;
As voſſas verdes rimas, qu'alcançaraõ,
Hum dom tamanho, ſubaõ ás eſtrellas.
Naõ temaõ ventos, neves, nem aquellas
Setas, que pera Jove ſe formaraõ,
Qu' os Ceos (que tudo podem) ordenaraõ
Que foſſem perá ſempre livres dellas.
Tanto crecei aqui neſta ribeira,
Que mui cedo com voſco Febo poſſa
Coroar quatro ſpritos, que amo tanto:
Dous Andrades, Caſtilho, e hum Ferreira,
Gloria das nove irmãs, honra da noſſa
Lingoa, que s'enriquece com ſeu canto.

AO CONDE DA IDANHA.

SONETO C.

SE foi ſempre dos grandes mui uſado
Dar hõra, e dar favor a todo ingenho,
Rezaõ tenho, ſenhor, s'eu algum tenho,
De ſer de vós favorecido, e honrado.
E ſó neſta eſperança confiado,
A deſcanſar á voſſa ſombra venho,
Com ſpirito quieto, que detenho
Já noutra occupaçaõ, noutro cuidado.

De

De vós cantar queria o que s' estima
No Ceo, e a terra espanta; mas o verso
A taõ alta empresa mal s' atreve:
Mas Febo pera vós me dará rima
Tal, que s' entenda por todo o universo,
Que o bõ da nossa idade a vós se deve.

AO MESMO.

SONETO CI.

PIllar seguro, cujos fundamentos
Sobre taõ firme pedra se fundaraõ,
Que nunca tempestades te quebraraõ,
Antes em ti quebraraõ os seus ventos.
Em tempos taõ revoltos, taõ isentos,
Que forças taõ graõ peso sostentaraõ,
Onde mais fielmente se guardaraõ
Dos segredos reais os pensamentos:
Qual ingenho será, que não s' espante
De taõ rara prudencia, de tal arte
Saber, que sabe a tudo acomodarse?
Apollo só te louve, e só te cante:
Que se lingoa mortal cuida louvarte,
Naõ tem cousa mais certa qu' enganarse.

AO MESMO.

SONETO CII.

SE mal té quis, senhor, tenho cantado,
Tal saber, tal valor, tanta brandura,
Naõ

Naõ hè faltà d'amor, he da ventura,
Qu'o meu fpirito ás Mufas tras roubado.
Mas fe me vir por vós a mim tornado,
Logrando o bofque, o valle, a fonte pura,
Qual planta fe verá, qual pedra dura,
Sem ter o voffo nome em fi cortado?
Alli a branca palma, o verde louro,
Meu canto vos dará doutro Carneiro,
Que do mar falvou Frixo, e dà madrafta:
Por quem Jafaõ, antigo aventureiro
Ganhou, em conquiftar fua lã d'ouro,
Tal fama que jámais o tempo a gafta.

A DON FERNANDO ALVAREZ DE CASTRO.

SONETO CIII.

Honra de Lufitania, fprito lleno
De lo mejor qu'el Cielo acà reparte,
Que por fi la virtud, y no por arte,
Adquires de lo bueno lo mas bueno:
Pues que dezir no puedo, y dello peno,
Aunque me defvele en alabarte,
De mil, que veo en ti, la menor parte,
Quedenfe todas mil dentro en mi feno.
Un dulce entretener con cortefia,
Un no faltar un punto a lo devido,
Juntando a larga mano gefto ledo,

Si ben no lo comprehende mi sentido;
Mal lo pued' escrivir la pluma mia:
Y ansi pasmado yo, y mudo quedo.

SONETO CIV.

QUe louve quanto devo, manda Amor,
O muito q̃ de vós n'alma m'escreve:
Bem me póde mandar como senhor;
Mas, senhora, o ingenho naõ s'atreve.
Tais graças do Ceo tendes, tal favor,
Que pera vos louvar a vida he breve:
Vossos estremos, dinos de louvor,
Vos tiraõ o louvor que se vos deve.
A casta fermosura, as peregrinas
Virtudes, o alto avizo, a tençaõ alta,
Me tolhem que tamanha empresa tome:
A vontade deseja, o poder falta,
Mil partes vẽdo em vós d'espanto dinas,
Das que tendes o nome, e sobrenome.

AO CONDE DE MATOSINHOS.

SONETO CV.

SE com louvor geral, geral spanto,
Dous Frãciscos ẽ gloria, e fama iguais,
Ambos das Musas filhos, ambos pais,
Fizeraõ Sorga, e Neiva valer tanto:
A vós (a qu' inda assi pouco levanto)
Em nome o mesmo sendo, mais, no mais,
Que

Que taõ fermoso o Leça nos mostrais,
Que louvor se darà, que novo canto?
Elle pera vós crie as tenras flores,
Por entre os freixos verdes, e sombrios,
De que Febo capellas vos ordene:
Ah qu'enveja lhe tem famosos rios,
Sabeto, Mincio, e Pó, com outros mores
As agoas de Castalia, e d'Hipocrene.

AO MESMO.

SONETO CVI.

MOstroume Febo hũ dia o seu tisouro,
Nos brandos versos d'hum felice sprito,
Em cuja fronte vi qu'estava escrito,
De mim naõ se despreza o verde louro:
E alto disse, tocando a lira d'ouro,
Deste soando irá a fama, e grito
Do branco Apenino té o negro Egypto,
E do rico Gange ao seu patrio Douro.
Deste, quem busca fama em suas rimas,
Estilo imite, frases, e figuras,
Que deste confiei meu alto canto.
Ah senhor, (respondi) se naõ apuras
O tosco ingenho meu, se o tu naõ limas,
Pesado he, naõ póde sobir tanto.

A ALVARO PIREZ DE TAVORA.

SONETO CVII.

ONde os mais altos dões, qu' o Ceo reparte;
Juntou com larga maõ, rara ventura,
Estranha cortesia, alta brandura,
Dos filhos da fortuna a milhor parte?
Onde a largueza, luz do ingenho, e arte,
D'estreita condiçaõ está segura?
Onde com mais louvor de novo apura
Febo o avizo seu, seu esforço Marte?
Isto cantava Urania, isto tambem
Euterpe, e Clio com voz doce, e branda,
Quando lhes disse Apollo respondendo:
Num sprito gentil, filho de quem
Eufrate, agora treme, e os reinos mãda
A quẽ meus raios dou logo em nascẽdo.

A DON DIEGO DE CORDOVA.

SONETO CVIII.

AQui, señor, a dô mostrar desseo
Mi verso mas sonoro, y mas sabio,
Me tiene hum grã temor tan encogido,
Que todo d'outra suerte salir veo.
Mas basta que de vòs entiendo, y creo
Serdes gloria de Marte, y de Cupido;

Y tanto de las Musas escogido,
Que sobis a su cumbre sin rodeo.
Esto con la blandura, y cortesia,
Alto valor, alto ingenio, aviso, y a
Para loaros piden mas sossiego:
Mas el tiempo, que aora lo desvia,
Ocasion me dará, que en otra part
Celébre al gran don Diego otro Die

A ALVARO PINHEIR ALCAIDE MOR DE BARCELLOS

SONETO CIX.

JA' Febo naõ celébre o seu loureiro
Tanto d' altos spritos cobiçado;
Mas lá no seu Parnaso celebrado
Delle, e das nove irmãs seja o pinhe
O Capitaõ illustre, o Cavalleiro,
Por grandes vencimentos affamado,
Delle pertenda só ser coroado,
Naõ da planta, que foi Ninfa prime
E vós, raros Poetas, se aspirais
A glorioso nome, a immortal fama,
Cantai á sua sombra os seus louvore
As Musas, que por elle valem mais,
Novo premio vos dem da sua rama,
Já d'outras folhas naõ, nem d'out
flores.

A LUIZ PEREIRA.

SONETO CX.

LUiz, que tanta luz, no dia escuro,
Do valeroso sprito derramaste,
Que como raio ardente te mostraste
Nas mais seguras forças mais seguro.
Com teu alto valor, com braço duro,
He tal o raro nome que ganhaste,
Qu', inda qu' o largo tempo tudo gaste,
Sempre será famoso, claro, e puro.
Espantouse de ti a fera Morte,
Vendo que tinhas della pouco espanto,
E qu' o seu proprio officio lhe tomaste:
Oh venturoso fado, honrosa sorte,
Que alli, onde se veio a perder tanto,
Nome, fama, louvor foste ganhando.

A DON ALONSO COLOMA.

SONETO CXI.

DEsejo, ó bom Coloma, em teu louvor
Comprir c'o a devida obrigação;
Receio parecer adulação,
Em tempo que pertendo teu favor:
Mas quem nunca adulou Rey, nem senhor,
A ti o fará menos com razaõ,

Porque quando as virtudes claras saõ,
Naõ fica quem as louva adulador.
Tu piloto do Ceo, tu das divinas
Letras expositor suave, e certo,
Tu que prégas o bom, e do bom usas,
Tu exemplo de quanto ao mundo insinas;
Por mim lembra ao senhor, e nosso Alberto,
Que seja hum novo Augusto ás brandas Musas.

A DOM ALVARO PIRES DE CASTRO.

SONETO CXII.

SE brando Amor vos trata asperamẽte,
D. Alvro meu senhor, se vos cõdena
A padecer sem culpa tanta pena,
Que bẽ mostrais no rosto o q'alma sente:
Soffrei, servi, amai, sede contente
Do que quem vós amais, de vós ordena;
Que a pos á tempestade há luz serena,
A pos a noite Sol resplandecente.
Quando destes trabalhos, que passais,
Colherdes (como espero) doce fruito,
Alegre vos será sua lembrança;
E posto que vos falte esta esperança,
Deveis (só pola causa) estimar muito
Lagrimas, que sem causa derramais.

AO

AO DUQUE D'AVEIRO.

SONETO CXIII.

JA' vem voando o desejado dia,
No qual espero unir duas bellas plãtas,
Onde per dom do Ceo florecem quãtas
Virtudes nelle tem a mór valia,
Sangue Real, aviso, cortesia,
Brandura com largueza, as obras santas,
E outras mil grandezas, tais, e tantas,
Quantas, fóra de si, juntar podia.
Tais versos Himineo, quando a fermosa
Manhã dourando vinha o Oriente,
Cantou na rica praia Lusitana;
Apollo os dedicou alegremente
A ti, Alvró ditoso, e a ti ditosa
Bella consorte sua Juliana.

A FRANCISCO D'ANDRADE.

SONETO CXIV.

SE pago tarde, e mal, se causo spanto,
Avendo tanto tempo que m'honraste,
Quando tu por ventura t'enganaste,
Mal empregando em mim o teu bom canto;
Dé Musa pobre, inculta, dada a pranto,
Que mais se póde sprar? e isto baste;
Com

Com ver, ó doce Ciſne, que t' alçaſte
Taõ alto, que mui poucos podem tanto,
O duro arco d' Amor, as ſetas duras,
O cruel fogo ſeu, ao ſom da lira,
Abrandas com teu verſo puro, e claro,
Hora de Marte cantes força, e ira,
Hora da branda Venus mil branduras,
Sempre te moſtras doce, ſempre raro.

REPOSTA DE FRANCISCO D' ANDRADE.

SONETO.

TAl foi a tua paga, que m' eſpanto,
Vendo quaõ ſem razaõ meu canto
Honraſte,
Como tanto comigo t' enganaſte,
Qu' em mim taõ mal empregas taõ bem
canto?
Devido á minha Muſa era ſó pranto,
Pois pera a levantar naõ ha que baſte,
E s'ella eſtá agora alta, e tu a alçaſte
Com teu taõ alto eſtilo, e doce canto;
O Lethæo licor, as pedras duras,
Trará a pos ſi o ſom da tua lira,
Doce, ſuave, brando, puro, e claro;
Abrandará de Marte a cruel ira,
Em Venus cauſará novas branduras:
Cante pois de ti ſempre o que he mais
raro.

AO CONDE DA ATOUGUIA.

SONETO CXV.

POis torna por seu Rey, e juntamente
Por Christo, a governar aquella parte,
Onde se tem mostrado hum Numa, hum
Marte
O famoso Luis, justo, e prudente;
O Tejo espere ver do Oriente
(Onde taõ raros dões o Ceo reparte,
Rendido a tanto esforço, avizo, e arte)
Mil palmas, mil tributos novamente.
Os que bebem no Gange, os que no Indo,
A que val leo mui pouco lança, e escudo,
Renderse-lhe averaõ por bom partido,
Eufrates tremerá seu nome ouvindo,
Que pera só c'o elle vencer tudo
Tem com seu braço já tudo vencido.

A' FABRICA DO ESCURIAL.

SONETO CXVI.

OCtava maravilla, antes primera
De las que ansi llamarse merecieron,
Lo menos que de ti mis ojos vieron,
Harà que de las siete el nombre muera.
Un mundo nuevo, una nueva sphera
Humanas fuerças fabricar pudieron;

Los

Los Cielos al gran Rey lo conſintieron:
Otro mortal jamas tal obra hiziera.
Mirando tu valor, grandeza, y arte,
Y fuerça, que no teme tiempo, ò caſo,
Tu pertencion mirê con otros ojos:
Pobre me pareciſte, y flaca parte,
Y pueſto que tan ancho, eſtrecho vaſo,
Para depoſitar tales deſpojos.

A O RIO LIMA.

SONETO CXVII.

NAõ corre o Lima como de primeiro,
Alegre, e claro; antes triſte chora,
Em vez da brãda frauta, ouvindo agora
Do concavo latão o ſom guerreiro.
Temendo a ſolta mão do eſtrangeiro,
Naõ ouſaõ as Napeas ſair fora:
Deſmaia o que mais perto delle mora,
Suſpira o lavrador, geme o vaqueiro:
Dos fruitos, que com ſeu trabalho duro
Colheraõ pera ſi da terra dura,
Lhes fazem ſoſtentar quem os abraſa:
E naõ contentes diſto (ah deſventura!)
O ſoldado cruel, livre, e ſeguro,
Da honra quer uſar como da caſa.

Vês tu nelle senaõ magoas esquivas?
Trabalhos, falsos bens, certos desgostos,
Vês mór enganador, mór homecida?

OUTRO DO MESMO.

SONETO.

SObre as ondas do mar alevantada
A cabeça Neptuno tendo hum dia,
Notou o poder grande, á monarchia
De quem podia juntar taõ forte arma-
da.
Chamou Triton com voz rouca, apres-
sada:
O qual veio cortando a onda fria.
Vaite ao Sidonio duque (lhe dizia)
Offerece-lhe este reino, em tal jornada.
Dize, que eu, e os umidos senhores
Lhe seremos propicios, nada insanos,
Em que pês aos desmanchos de Eolo.
Que o Ceo lhe tem guardado altos favores,
A terra lhe promete largos annos,
A fama de o levar d'hum ao outro polo.

REPOSTA DO AUTOR.

SONETO CXIX.

SObre as Musas á tua mais amada
Do brando, e louro Febo ser devia,

Pois

Pois enche sua fonte d' armonia
Mais alta, mais suave, e desusada.
Qual do Ceruleo Rey tal embaixada,
Naõ sendo elle, recitar podia,
Ao graõ Duque, q̃ o grande Rey envia,
Com forças, q̃ naõ podem temer nada?
O quam bem que parecem teus louvores,
Em quem destruirá ritos profanos,
Pondo de Christo o jugo ao Ingrés collo!
Mil coroas de gloria deixo, flores
Lhe tecem já nos coros soberanos,
Anjos, em vez das Musas, e d'Apollo.

OUTRO DO MESMO.

SONETO.

A Minha Musa pouco aventajada,
Que té gora silencio posto avia,
Tornar ás turvas agoas que bebia,
He porque foi da tua visitada.
Isto a fez ser tamanha, e taõ ousada,
Que sendo d'antes baixa, e sem valia,
Fez agora perfeita melodia
Na lira, que lhe déste temperada.
Mas tu, que só naõ vendes falsas cores,
Podes cantar Herois, mais do q̃ humanos,
E pôr o pé mais alto que Timollo,
Que o de Sidonia, e Parma protectores,
Faraõ taõ bravo estrago em Lutheranos,
Que herdẽ sós o sepulchro de Mausolo.

RE-

REPOSTA DO AUTOR.

SONETO CXX.

COmo manhã de muitos desejada,
Que o Ceo, e a terra enche d'alegria,
Quando despois de noite alta, e sombria,
Sobre o Gange aparece alva, e rosada:
Tal de serena luz alegre, e ornada,
A tua branda, e nova poesia
Se mostra á minha Musa, que naõ via
As sombras, de qu' andava rodeada.
E já com teu louvor, entre os milhores
Poetas, que tu honras, Lusitanos,
Como com vento o mar, m' altero, e empolo.
Já cuido que me saõ inferiores
Muitos, que dos seus versos vaõ ufanos
Que com tal guia tudo venço, e assolo.

DO MESMO DIOGO FERNANDEZ.

SONETO.

SE me estivera bem tomar a espada,
Que já algũ tempo ao lado me cengia,
Em campo entrára cheo d' ousadia
Contra quem te naõ dá gloria dobrada.

Mas

Mas a vida, por Deos que me foi dada,
Do bellicoso Marte me desvia:
Só co a pena louvarte poderia,
Se naõ temera ser de ti engeitada.
De teus correntes versos os primores,
Os seus conceitos mais que Mantuanos,
Minerva os cria em seu maternal colo.
Naõ os vi nunca tais, nunca maiores;
Mais ouro tem do q̃ ha nos Mexicanos,
E do que teve o aurifero Patolo.

REPOSTA DO AUTOR.

SONETO CXXI.

Esta contenda nossa treplicada
Se tivesse aqui fim, graõ bem seria;
Sem dar novo trabalho á fantasia,
Em cousa que val pouco, inda q̃ achada.
A palma a tua Sousa a tem ganhada,
A minha lha concede sem porfia,
Porque sem ter razaõ contradiria
Sentença já de Febo publicada.
Sempre te siguirei por onde fores,
Tomando os teus bem dados desenganos,
Com que meu verso emendo, a mim consolo:
Hora das armas cante, hora d'amores,
Hora chore desordem dos mundanos,
Altra guida no bramo, altra no volo.

A

A PEDRALVAREZ PEREIRA.

SONETO CXXII.

ESte me pareceo o milhor modo
De vos fazer, ſenhor, nova lembrança,
Porque, já que me deſtes eſperança,
Naõ a deixe perder de todo em todo.
Primeiro que ſe torne o lodo ó lodo,
(Qu'em larga idade ha menos ſeguráça)
Cortai das dilações tanta tardança,
Pois no que peço ao juſto m'acõmodo.
Aſſi naõ ſintaes nunca eſquivo o fogo
Da branda Citherea; aſſi vos tratem
Sempre ás Iberias Ninfas com brádura.
Mais os remedios meus naõ ſe dilatem,
Vença do Souſa amigo o amigo rogo,
O que detendo eſtá minha ventura.

AO CONDE DE CASTEL RODRIGO.

SONETO CXXIII.

BEm compriſte com tudo o que devias,
O bom Chriſtovaõ, á terra onde naſceſtè;
Pois com teu bom cõſelho a ſocorreſte,
Inda que de taõ longe, em poucos dias:

Sempre

Sempre moſtraſte o bem que lhe quer
Sempre de todo mal a defendeſte,
Mais com mor louvor teu, agora
Que tanto a quebrantou, por tãtas
Já que nella ſe vai aquietando
O roido de Marte temeroſo,
Tambem como mãi pague o q̃ te d
Mas que paga (ó ſprito generoſo)
Tal póde ſer, a naõ ſer amor bran
Que pera ti naõ ſeja paga leve?

A MATHIAS D'ALBUQUERQ

SONETO CXXIV.

QUem he o que te trata com rigo
Que tu, fortuna, maltratar que
Quem póde ſer ſenaõ o graõ Ma
D'albuquerque, de Marte honra,
ror?
Se tinhas conhecido o ſeu valor,
Como tamanha empreza cometias
Pollo naõ ver o mundo em poucos
De mim que tudo venço, vencedo
Pois que t' aproveitou? verme affront
Qu'eſperavas ficar? victorioſa;
Agora como ficas? abatida.
Niſſo te moſtras tu mais enganada:
Porque? porque de maõ taõ valero
Deves de ter por honra ſer vencida

SONETO CXXV.

AGora, que seu rosto temeroso
Mais manso o bravo Marte vai mostrando,
Despindo o forte arnez, desembraçando
O escudo fatal d'aço lustroso,
Apollo de vós canto, ó valeroso
Peito, na guerra duro, na paz brando,
O como em guerra, e em paz ides mostrando
O genio do graõ pai, e avô famoso.
Delle naõ pretendais mores louvores,
Basta mostrar no mundo (o qual vos ama
Por vossa alta virtude, alto valor)
Que dignos sois de tais progenitores:
Isto fará mais grande a vossa fama,
E tudo o mais será menos louvor.

SONETO CXXVI.

QUando Lucrecia vio o casto leito,
Do soberbo Tarquino injuriado,
Estas palavras disse trespassado
Tendo com duro ferro o tenro peito.
Por testemunhas, neste passo estreito,
Dou meu sprito a quem mo tinha dado,
A meu esposo o sangue derramado,
Como naõ consenti no torpe feito.

Ambos

Ambos minha pureza iraõ mostrando,
Hũ neste mundo escuro, outro no claro,
Donde meu triste fado já me chama.
Querendo mais dizer, foi lhe faltando
A voz, partio o esprito puro, e raro,
A vida desprezando polla fama.

SONETO CXXVII.

VEndo Narciso em huma fonte clara
A sombra só da propria fermosura,
De si vencido (Amor quis por ventura
Vingar as Ninfas qu' elle desprezara.)
Todo enlevado na belleza rara,
Que seu peito abrasou em chama pura,
Chorando disse, á sua vã figura,
Por quem perdeo em fim a vida chara:
O' Ninfa destas agoas moradora,
Surda em ouvirme, muda em responderme,
Naõ vês a quem naõ ouves, nem respondes?
Naõ vês que sou Narciso? ai que por verme,
Mil Ninfas d' outras fontes saem fora!
E tu por me naõ ver, nesta t' escondes?

SONETO CXXVIII.

BEm mostrou o pintor estillo agudo
No retrato, senhora, que vos mando,
Pois

Pois naõ só o parecer foi retratando,
Mas os effeitos com mais alto estudo:
Se vai mudo ante vós, eu fico mudo;
Se surdo, e cego, bem cego, e surdo ando;
Se morto; a vida vai-se-me acabando;
Em fim, que vai conforme á mim em tudo.
Mas na ventura fica avantajado;
Que vai (com gosto vosso) á vossa maõ,
Onde será milhor visto, e tratado:
Mercês, que se deviaõ por rezaõ
Ao proprio original; porque o treslado
Naõ vê, nem sente de que preço saõ.

A TODOS OS SANCTOS NO SEU DIA.

SONETO CXXIX.

COmpanheiros de Christo, q̃ plantastes
No mundo a sua Fé, nada temendo,
E a verdade, que fostes estendendo,
Com obras milagrosas confirmastes.
Martyres, que por elle derramastes
O vosso sangue, alegres padecendo:
Doutores, que prégando, e escrevendo,
O caminho do Ceo nos insinastes:
Virgens, qu'em vossa verde, e tenra idade
Por seu amor soffrestes ferro, e fogo:
A todos peço, neste vosso dia,

Que

Que todos m'ajudeis com vosso rogo
Diante da Divina Magestade,
Tomando por terceira a Virgem pia.

AO PADRE Fr. AGOSTINHO DA CRUZ SEU IRMAÕ.

SONETO CXXX.

AGostinho irmaõ meu, se nessa dura
Serra das bravas ondas sollapada,
Onde guiando vás pobre manada
Por via assás estreita, mas segura,
Te lembras algum dia, por ventura,
Que vou casi no cabo da jornada,
Lá como a Cananea, por mim brada,
A Jesus d'Amor puro, fonte pura.
Por mim perdaõ lhe pede, chora, e grita,
Pois eu, por culpas minhas naõ mereço
Delle, (qu'ouvio seus brados) ser ouvido,
Quais foraõ rogos seus, á filha afflita,
Tais me sejaõ os teus, que do que peço,
O Senhor, a quem serves, he servido.

SONETO CXXXI.

REtrato da belleza nova, e pura,
Que com divina maõ, divino ingenho,
Amor retratou n'alma, onde vos tenho
Das injurias do tempo mais segura.

Naõ

Naõ mostreis aspereza em tal brandura,
Por vos vingar de mim, vendo q̃ venho
A tanta confiança, que detenho
Os olhos em tamanha fermosura.
O resplandor do Ceo, sem dar mais pena
A quem olha seus raios em direito,
A vista só por breve espaço assombra,
Mas vossa luz mais clara, mais serena,
Juntamente me cega, e abrasa o peito:
Vede o Sol que fará, de que sois sombra?

SONETO CXXXII.

NAs liras, q̃ do freixo, e do salgueiro,
Ninfas do rio Lima, Vez, e Vade
Pendurastes, com magoa, e piedade,
Do vosso Alcido ouvindo o cativeiro,
Cantai com grave som, verso estrangeiro,
A sua desejada liberdade,
Pois elle d'Amor preso, a saudade
De Silvia vos cantou aqui primeiro.
E tu seu patrio Lima, que de vello
Estavas (com razaõ) desconfiado,
Vestido em limo verde, e branca saja,
De quantas flores regas coroado,
Sae da tua fonte a recebello,
Inda que triste torna á tua praia.

SONETO CXXXIII.

AGoas do celebre Lima, que corria
Pera mim noutro tẽpo, claro, e puro,

Que

Que correr vejo agora turvo, eſcuro,
Quem afogou em vós minh' alegria?
Cuidei, que com vos vér deſcanſaria
Do mal do cativeiro, triſte, e duro;
Mas mais ſem goſto aqui, menos ſeguro
Me vejo, do que me vi em Berberia.
Mudança vejo aqui em arvoredos,
Creſceraõ muitos, muitos acabaraõ,
Fez ſeu officio em tudo a natureza:
Duas couſas porém naõ ſe mudaraõ,
Lugar, e duro ſer deſtes penedos,
De voſſos naturais teima, e dureza.

AO CONDE D'ODEMIRA DOM SANCHO.

SONETO CXXXIV.

FErmoſa, e tenra planta, illuſtre, e leda,
Qu' á ſombra doutra illuſtre, e triſte creſces,
O Ceo, que em tal fazaõ quis q̃ naſceſſes,
Favor em todo o tempo te conceda.
As Ninfas, que o Mondego á viſta veda
Que tu já com a tua favoreces,
Altos feitos eſperaõ que comeces
Pera ornar com elles ouro, e ſeda.
Naõ lhes atalhará eſte deſejo
A tenra idade tua, que mui cedo
(Segundo dos Planetas noto, e vejo)

O teu materno tronco faràs ledo,
Novos trophèos dando ao patrio Tejo,
Com braço vencedor, peito sem medo.

SEXTINA A HUM AMIGO.

SE pertendeis, senhor, do louro verde
O premio alcançar da maõ de Febo,
No fresco Pindo celebrado monte
Naõ deixeis de seguir pello caminho
Que começastes, com louvor das Musas,
Que tudo vence hum valeroso peito.

Em ocio vil hum grande, e forte peito
Passar naõ deixa a sua idade verde:
Querem trabalho, e tempo as altas Musas;
Naõ se descobre sempre a luz de Febo,
Pouco a pouco se mostra o bom caminho
Por antre as brenhas do cerrado monte.

Hora no fundo rio, hora no monte,
Mil vezes acontece dar de peito
O que cuida que vai por bom caminho,
Direito, e chaõ pisando a relva verde:
Mas logo (a quem na volta) mostra Febo
Seguro passo, com favor das Musas.

Naõ entendaõ de vós as brandas Musas
Que tudo vos parece aspero monte,
Por onde vos obriga a subir Febo;

Naõ entre tal receo em vosso peito,
Qu'em seccos troncos acha-se erva verde,
Sombras, e fontes no pior caminho.

Ponde os olhos no fim deste caminho,
Vereis no cabo delle estar as Musas,
Junto da clara fonte em prado verde,
Na mais alegre parte do seu monte,
Soltando doces versos do seu peito
Ao som da lira do suave Febo.

Segui, senhor, segui o brando Febo,
Pois sempre vos guiou por bom caminho,
Inspirando de novo em vosso peito
Segredos altos, que convém ás Musas,
Pera vos dar capella, no seu monte,
Da sua (que foi Ninfa) planta verde.

Hora secco, hora verde o seu caminho
Nos mostra Febo, sempre firme peito
Pera das Musas cultivar o monte.

Reposta pelas mesmas palavras.

COmo posso eu deixar do louro verde
O premio conseguir, ó novo Febo,
Se vós me dais a maõ pera ir ao monte,
Do qual nunca acertar soube o caminho?
Como com guia tal as brandas Musas
Me naõ descubriráõ todo o seu peito?

Já creſcer, ſenhor, vejo no meu peito
Com tal conſelho huma eſperança verde,
De poder alcançar das brandas Muſas,
E da maõ fecundiſſima de Febo
Favor, com que acertar poſſa o caminho
Do ſeu taõ celebrado, e rico monte.

Confeſſo qu'atégora tive hum monte
D'inconvenientes mil dentro no peito,
Que me difficultavaõ o caminho,
Que tem no cabo aquella planta verde,
Que ſe regou com lagrimas de Febo,
E qu'ornamento he rico das Muſas.

Algum tempo tentei haver das Muſas
Licença pera ir ver o freſco monte,
Onde ſegredos ſeus trataõ com Febo.
Mas inda eſte deſejo no meu peito,
Senhor, eſtava quaſi em herva verde,
Quando o cortou o medo do caminho.

Puz os olhos em qual era o caminho,
E na conta, que s'hoje faz das Muſas;
E c'o iſto enfreei da idade verde
O appetite, qu'he maior que hum monte,
Quando acerta a creſcer dẽtrõ d'hũ peito,
Onde nunca chegou a luz de Febo.

Mas pois me tira o medo o louro Febo,
Neſte voſſo conſelho, do caminho
Qu'o ſangue me esfriou dentro no peito,

Já por trabalho algum, nunca das Musas
Deixarẽi de seguir em valle, ou monte;
O exercicio, em praia, ou relva verde.

E ou verde, ou esteril o caminho
Me mostre Febo, com seguro peito,
Das Musas hei de ver (se posso) o monte.

AO MESMO AMIGO.

SONETO.

ARmia do meu mal está-se rindo:
Tu, Diogo, tambem, segundo vejo,
E eu estou chorando mais que o Tejo,
Mais que Ganges, qu' Eufrates, Nilo, e Indo
Estou contigo em parte desavindo
Pello que m'escreveste taõ sem pejo,
Em que mostras cuidar que o meu desejo
Fóra d' Armia, mais me está pedindo.
Se tens do meu amor este conceito,
Erraste cõtra o amór mais firme, e puro,
Que no mundo se teve a criatura.
Rompe com seixo, amigo, esse teu peito,
Pede perdaõ da culpa, qu' eu te juro,
Que póde Armia estar de mim segura.

REPOSTA DO AUTOR.

SONETO CXXXV.

COmo queres, amigo, viver rindo,
S' a tua Armia vir o qu' eu naõ vejo?
Qual paſtor ſe creou junto do Tejo,
D'Amphriſo, Alpheo, e Tibre, eſcuſo ou Indo,
Que naõ choraſſe, andando deſavindo
Do ſeu amor? que naõ tiveſſe pejo
De nelle ſe crear outro deſejo,
Que pena, e naõ amor foſſe pedindo?
Eu nunca de ti tive mao conceito,
Nem tu tens porque deixes de ſer puro,
Amando o Creador na creatura;
Armia reine ſó neſſe teu peito,
Pois tu reinas no ſeu; porque te juro
Que fóra diſto naõ ha couſa ſegura.

AO MESMO AMIGO.

SONETO CXXXVI.

ENtr'ondas de Neptuno, que bramia,
Al ayre d'alta niebla oſcuro, y ciego,
Cantaſte, dulce amigo, ardiẽdo en fuego
Las ſoledades de tu cara Armia.
Como ſi reclinado en ſombra fria
De riberas del Tajo, ò del Mondego,

En ocio estuvieras con sociego,
Con hermanas de Febo en compa
Qual blanco Cisne en aguas socegad
O qual en tempestad dulce Sirena
Canto soltó jamas tan amoroso?
Dichosa Armia, de tu fuente vena
Y gloria de las Ninfas celebradas
En tierra sea, o sea en mar furios

REPOSTA.

SONETO.

NI ver tal a Neptuno que bramia
Ni el ayre ver d'oscura niebla c
Ni tan espessos raios ver de fuego,
Que arderse el mismo Cielo pareci
De mi pecho quitar pudo la fria
Congoxa triste, y gran desasociego
Qu'el ausencia d'Armia (amigo Di
Con dura mano en el puesta tenia.
Desto otras tempestades levantadas
Sintiendo en mi, de mas peligro y
Canto nuevo empecé triste y lloros
De Cisne no, tan poco de Sirena,
Mas d'entreñas ausentes, y aparta
De su bien, de su amor, de su repo

DO MESMO AMIGO.

SONETO.

Diogo amigo meu, meu bom Diogo,
Pois d' Amor tẽs cantado variamẽte,
Hora em estado triste, hor'em contente,
Qu'hũ conselho me queiras dar, te rogo.
Abrazo-me d' amor em vivo fogo;
E aquillo, que mais alma triste sente,
He ver taõ fria a causa do accidente,
Qu' está deste meu mal fazendo jogo.
Dei já de meu amor mil claras provas,
Com lagrimas cem mil tenho lavado
A culpa, que me deu a minha Armia.
Estas da vida minha saõ as novas:
Aconselhame tu, se neste estado
De meu remedio tenho melhoria.

REPOSTA DO AUTOR.

SONETO CXXXVII.

ENtaõ deixarei eu de ser Diogo,
E Quando tu me naõ vires variamente
Do teu mal triste, e do teu bẽ contente;
Por isso, amigo meu, escusa o rogo.
Tu deves (quanto a mim) soffrer o fogo,
Que mais penetra n'alma que mais sente,

Já

Já que de ti nasceo esse accidente
Qu' agora com rezaõ te faz mao jogo.
Essas lagrimas tuas, essas provas,
Esse coraçaõ teu puro, e lavado
Deves com tudo o mais á tua Armia.
Naõ cõmettas de novo culpas novas,
Que, pera se mudar teu triste estado,
Naõ te posso mostrar mais certa via.

AO MESMO AMIGO.

SONETO CXXXVIII.

COutinho, em tudo puro, em tudo brando,
E nos amores teus mais brando, e puro,
Que com felice engenho o pé seguro
Moves pello Parnaso caminhando:
Nos teus versos, que li, e fui notando,
Nenhum disforme achei, nenhũ escuro,
Nenhum sobejo, ou falto, frio, ou duro;
Mercê d'Apollo, que te vai guiando.
Por isso naõ desistas do caminho,
Em que te poz amor, vontade, ou sorte,
Até passar o seu mais alto cume,
Onde teu claro nome, ao Ceo vezinho,
Naõ se tema do tempo, nem da morte,
Que tudo (sem tal dom) gasta, e consume.

AO

AO MESMO AMIGO.

SONETO CXXXIX.

TAntos dias taõ maos, tãtos chuveiros
Des q̃ daqui, senhor, vos ausentastes,
Desejo de saber se os passastes,
Na vossa dos Vaqueiros cõ Vaqueiros:
Mas se por entre murtas, e loureiros,
Só c'o as brandas Musas conversastes,
Dizei me quantos versos lá deixastes
Escritos nas cortiças dos salgueiros.
Que bem se deve crer que Amor daria
Materia saudosa a vosso engenho,
Naõ vendo a vossa cara, e bella Armia.
Olhai que pois tambem do campo venho,
Que na mesma moeda ind' algum dia
Irei pagando o que pedido tenho.

A' MORTE DO DOUTOR ANTONIO DE CASTILHO.

SONETO CXL.

O' Bom Castilho, onde guardava o Ceo
Quanto na terra tem em maior conta:
A morte o derrubou, naõ tendo conta
Com quanto dentro nelle se perdeo.

Mas

Mas, inda que caío, a fama ergueo
Tanto seu claro nome, que desconta
A dôr, q̃ nos deixou, e a grande afronta
Que Febo, e o mundo todo recebeo.
Com tudo (e disto naõ me maravilho)
As brandas Musas vendo o duro caso,
De Lusitania logo se partiraõ:
Tornaraõ a morar no seu Parnaso,
Sentidas de perder taõ bom Castilho,
E lá por elle choraõ, lá suspiraõ.

A DIOGO DE CASTILHO SEU FILHO EM REPOSTA D'OUTRO.

SONETO CXLI.

A Graça nos teus versos imprimida (la,
Por dõ do Ceo, ou por paterna estrel-
Naõ empregues em mim honra cõ ella;
Outra mais doce Musa, mais subida.
Mas inda que de mim mal merecida
Seja taõ grã mercê, por merecella,
Sempre trabalharei, pois causa della
Sómente foi amor, que a mais convida.
E tu vencido delle t' enganaste,
Ouro te pareceo a vil escoria,
Que por tal sei qu' alguns a julgaráõ:
E se Torcato vir que me louvaste,
Roubarlhe (com trocalo) a sua gloria,
Cuido que será d'outra opiniaõ.

SO-

SONETO CXLII.

SE quando vos perdi, minha esperança,
A memoria perdera juntamente
Do meu passado bem, do mal presente,
Pouco sentira a dôr de tal mudança.
Mas meu fado cruel, que naõ descansa
De sempre me cansar continuamente,
Me faz lembrar que já me vi contente,
Por me fazer mais triste na lembrança.
De cousas, de que naõ deixou final
O leve tempo, dellas avarento
Agora quer que seja perseguido:
E pera dar mór força a meu tormento,
Naõ me busca de novo novo mal,
Antes me poem diante o bem perdido.

SONETO CXLIII.

SEnhor, qual sempre fui, tal sou agora:
Gostos minguaõ ẽ mim, tristezas crescẽ,
Os gostos igualmente já m' empecem,
Por mais q̃ o curso seu mudẽ cad' hora.
Já pera mim naõ torna a bella Flora,
Nem flores a meus olhos aparecem,
Nem os campos de novo reverdecem,
Nem cantaõ aves, antes tudo chora.
Por isso de vós nasça, e de vós cresça
A g'oria do meu Tasso, e do seu Pindo;
Por vós novo favor Febo lh' aspire:

Va

Va sempre por nossa honra produzindo
Flores com fructo; e tanto reverdeça,
Qu' esse seu mesmo autor s' alegre, e admire.

AOS CABELLOS DA BARBA, QUE D. JOAÕ DE CASTRO Viso-Rey da India empenhou á cidade de Goa.

SONETO CXLIV.

DEspojos do mais forte, e valeroso
Capitaõ, que se vio em nossa idade,
Ornado d'alto avizo, e de bondade,
No conselho, e nas armas venturoso:
Hum templo vos consagro sumptuoso,
Se por obra naõ posso, na vontade,
O penhor da virtude, e da verdade
D' hum peito só de fama cobiçoso,
Assi como trofeo d' honra, e da gloria,
Os devem venerar os que procedem
Do tronco, donde vós fostes cortados:
Por seus illustres feitos, que precedem
A quantos dignos saõ de clara historia,
Dos presentes heroes, e dos passados.

AO SERENISSIMO PRINCIPE CARDIAL ALBERTO, na vinda dos Inglezes a Lisboa.

SONETO CXLV.

DO grande Carlos Quinto o peito aberto
Cheio d'alto valor, e avizo raro
No mór terror do mundo mostrou claro
Com claro louvor seu o invicto Alberto.
Foi nossa defensaõ, foi damno certo
Do imigo de Christo, infame, e avaro
A quem seu cego intento custou caro
Quãdo cuidou q̃ o punha em mór aperto.
Foste dado do Ceo, Principe justo,
Qual Sciplaõ a Roma, á Lusa terra,
Que só com tua vista defendeste.
Oh nova gloria d'Austria, ó novo Augusto,
No socego da paz, no horror da guerra
A qual Numa, a qual Cesar naõ vẽceste?

AO MESMO.

SONETO CXLVI.

QUal Atalante ao Ceo, tal te mostraste,
Invicto Alberto, ao Reino Lusitano,
Que quasi arruinado do tyranno
Sobre teus fortes hombros sostentaste.

Naõ sómente da queda o seguraste,
Mas d'estragos de Marte, e de Vulcano;
E por ser teu louvor mais soberano,
A Anglica soberba debellaste.
De ti cantando a fama estes louvores,
E outros mil, Apollo com voz leda
Os dedicou á immortal Memoria:
Dos quaes Minerva com sutis lavores
Sobr' ouro fino, e delicada seda
Começou a tecer famosa historia.

ODA

AO CONDE DAS IDANHAS ESTANDO FORA DA CORTE.

SEnhor, naõ m' atrevia
Inda que me lembrava,
Que mal cumpria nisso o promettido,
Lendo o que mando, via
Que muito lhe faltava
Para ser de quem muito entende lido;
E mais por esquecido
Me tinha já, vivendo
Taõ longe dessa terra
Entr' hũa, e outra serra,
Per onde o brando Lima vai correndo
D' esquecimento cheio,
O Lima para mi sempre Letheo.

Furta-

Furtado á pensamentos
Dos bons tempos passados
Que fazem os presentes ser mais tristes,
Com novos sentimentos,
A' vida accommodados,
Lede, senhor, os versos que pedistes.
Se já com gosto ouvistes
Alguns dos meus pastores
Ao som da leda frauta,
A suas festas auta
Cantar á fresca sombra os seus amores,
Entre cuidados posto,
Hora que menos ha, haja mais gosto.

Abranda o arco curvo
Armado de contino,
He justo dar o seu á natureza:
O rio hora vai turvo,
Outr' ora cristalino,
Naõ ha cousa na vida com firmeza.
Ditoso o que despreza
Os mandos, os thesouros
Dos mores Reys da terra,
E logra o valle, e a serra,
Ond'a musgosa fonte, olmos, e louros
Convidaõ Filomena
A renovar, cantando, sua pena.

Naõ ouve o som iroso
Alli do fero Marte,
Que faz mudar a côr, o sangue esfria,

Nem vê o cobiçoso
Com quanta astucia, e arte
Ajunta (á custa d'alma) cada dia;
Alli naõ desconfia,
Nem se queixa daquelles
Mimosos da fortuna,
Em nada os importuna,
Nem se vê com desprèzo tratar delles,
Dorme seu sono cheio,
Naõ lho quebra seu mal, nem bem alheo.

Deixa, em vindo o dia,
O seu inculto leito,
E torna a seu trabalho descansado:
Manda guiar, ou guia
O gado, satisfeito
Do nocturno repouso, ao verde prado:
Ou com bicudo arado
A relva vai cortando
Com vagarosa força
Dos bois, os quaes esforça
Cõ aguilhada,ou voz de quãdo em quãdo,
E dá á terra arada
Ou louro trigo, ou pallida cevada.

Por hum vaõ interesse
De mares inconstantes
A vida naõ confia em risco d'alma,
Ri-se de quem padece
Por climas mui distantes
Hora o rigor do frio, hora o da calma:

Juntando palma a palma
Fórma bastante vaso,
Se lhe o desejo pede
Que mate a ardente sede
Na fonte, que na serra achou a caso;
E faz da neve jogo
Defeso hora do Sol, hora do fogo.

Oh huma vez, oh duas,
Oh ditosa mil vezes
Vida agreste, ditoso quem t' escolhe!
Ajuda-se das luas
Accommodando aos mezes
Seu trabalho, do qual bom fructo colhe:
Alli ninguem lhe tolhe
Que falle livremente
Quanto a razaõ lhe manda,
Alli sem temor anda
Da peçonha da lingoa mal dizente:
Alli naõ lisongea,
Nem de falsas lisonjas se recrea.

Em quanto a festa passa,
E o pasto o gado engeita,
Pollo repouso do lugar sombrio,
Com leve cana, ou nassa
De molles juncos feita,
Os peixes vai pescar no fresco rio;
Despois no inverno frio
O bosque lhe dá lenha,
Dalhe, noute, e manhãa,

O gado leite, e lã,
De que se vista sempre, e se mantenha:
O mais tem por sobejo,
Se mais inda lhe pede seu desejo.

Oh bemaventurado
Aquelle, a quem em sorte
Coube (se a bem entende) huma tal vida!
O nojo, ou o cuidado
Naõ lh' anticipa a morte,
Que de si mesma vem taõ de corrida:
Nem teme, nem duvida
Perder o que possue;
E se o perder, que perde?
Torna o campo a ser verde,
O tempo a dar fructos que destrue;
De novo lança a fonte; (te?
Que custa hũa choupana em valle, ou mon-

Cantiga, deixa o Lima, busca o Tejo,
Pois la t' espera quem
De mi, que te criei, lembrança tem.

ELEGIA I.

POr cumbres, y por valles sin camino,
Sin tiempo, y sin reposo voi buscando
La que me va huiendo de contino.
Al viento quexas mias derramando,
El suelo, por do sigo a mi desseo,
Con rios de mis ojos voi regando.

Y

Y si pastor alguno alegre veo
Estar cantando, junto a su ganado,
D'Amor me quexo, y contra mi peleo.
Y digo entre mi, tan olvidado
Aquel pastor está de mi porfia,
Quan lexos estoi yo de su cuidado.
Y pienso, si es possible, ver un dia
Mas blanda para mi, o menos fuerte,
La causa de mi llanto, y pena mia.
Mas no me dexa hallar mi dura suerte
Cosa, qu'aliviar pueda mis dolores,
Sino triste esperança de la muerte.
Ah Silvia, dulce amor de mis amores,
Como no llega ya a tus oidos
El lamentable son de mis clamores?
No ves aquestos valles florecidos,
Y los ñudosos robles desta sierra,
Con mi llorar contino endurecidos?
Mira, y veràs ya la dura tierra
Cobrirse del alegre, y verde manto,
Qu' el caloroso Estio le destierra.
Si no te mueve a compassion mi llanto,
Muevante versos mios sin concierto,
Qu' enloquecido en tus amores canto.
Muevate saber qu'eres el puerto
De la gran tempestad en que me veo
En la gran mar de lagrimas, que vierto.
Ah no huias de mi con tal desseo,
No huias ya de mi, que por hallarte
Me voi perdiendo a mi, y no lo creo.

Buelve

Buelvete, hermosa Silvia, a ver la parte
A dô solia verte, ah! buelve presto,
Porque presto no muera en desearte.
No desvies de mi tu lindo gesto,
Tus verdes ojos, y cabellos d' oro,
Dô tiene Amor su arco, y fuego puesto.
Qu' en pago de ver yo tan gran tesoro;
D' alli puedes oir las quexas mias,
Y ver las tiernas lagrimas que lloro.
No dexes el lugar, a do solias
Olvidada de mis cuidados graves,
Alegrarte con todo lo que vias.
Qu' aora veràs lleno de suaves
Y olorosas flores todo el suelo,
Y veràs cantar ya las libres aves.
Veràs el dia sin nublado velo,
Y antes de venir la noche escura
El Sol mas claro, mas sereno el Cielo.
Y veràs ya cubiertos de verdura,
Hazerense los bosques mas sombrios,
Subiendo cada vez a mas altura.
Veràs las fuentes, y veràs los rios,
Veràs los olmos, y veràs los pinos
Moverse al viento de sospiros mios.
Aquestos, y otros tales desatinos
De mi enagenado voy diziendo
Por montes apartados, y vezinos,
Que quedan quexas mias repetiendo.

ELEGIA II.

AGora quando Marte está movendo
Os brandos corações á dura guerra,
Iroso fogo nelles acendendo:
Agora que de Jano senaõ cerra
O templo á santa paz offerecido,
Estimado no Ceo, pouco na terra:
Agora que Neptuno embravecido,
Por mais soberbas ondas que levante,
Navegado se vê, e naõ temido:
Agora manda Amor, Silvia, que cante
A tua peregrina fermosura,
Que della tema só, que só m' espante.
Nesta verde, e solitaria espessura,
Onde naõ soa estrondo bellicoso
Do tiro, que naõ pára em armadura:
Onde com dôr naõ veja o cobiçoso
Vender a cara vida taõ barata,
Por ser d'ouro, e de fama cobiçoso:
Onde nunca se cuida, nem se trata,
Senaõ de forças, roubos, crueis mortes,
Onde a Divina Ley se desacata:
Onde tremendo estaõ té peitos fortes,
Ouvindo o som qu'ao fero assalto chama,
Receosos então de suas mortes:
Ond' o ferro, ond' o fogo se derrama
Por campos, e por villas, e cidades,
Das quais a penas fica o nome, e a fama:

Onde

Onde naõ veja em fim mil crueldades,
Usadas dos que vaõ seguindo Marte
Em todo sexo, em todas as idades.
Mas veja em lugar disto a fresca parte,
Que vai regando o Lima claro, e puro
Saudoso da fonte, donde parte.
Onde logre do bosque verde escuro
A sombra fresca, a fria herva miuda,
Onde dorme o pastor livre, e seguro.
E delle ouvindo estè a frauta aguda,
Na morada porém; cujo som brando
Hora a cantar, hora a chorar m'ajuda.
Mas que direi de ti, Silvia, cantando,
Fermosissima Silvia, que direi
Que va meu canto a teu valor chegado?
Onde palavras novas acharei,
Ond' estilio que possa sobir tanto?
Cante por mim Amor, pois eu naõ sei.
Co' elle, Silvia, só, só com espanto
Irá pagando o sprito o que te deve,
E ficará devendo novo canto.
A competir contigo naõ s'atreve
A manhã em rosada, o Sol em loura,
E menos em alvura a branca neve.
Inda qu' os Orizontes Febo doura,
Naõ veja teus cabellos desatados,
Porque d' enveja logo alli naõ moura.
Os teus olhos d' Amor tiros dourados,
Cuja doce ferida me consume,
Como poderaõ ser de mim cantados?

A eſtrella, que mais no Ceo preſume,
  Diante ſua luz naõ apareça,
  Senaõ quizer ficar cega, e ſem lume.
Toda a couſa fermoſa te conheça
  Por muito mais fermoſa, Silvia, em tudo
  Porque diſſo tambem louvor mereça.
Nas graças da tu' alma fico mudo,
  Naõ ſei mais que dizer, cuidando nellas
  Fica o ſprito boto, o engenho rudo.
Como no limpo Ceo claras eſtrellas,
  Aſſi nella contino reſplandecem,
  Saõ ornamento ſeu, e ella dellas.
As flores pera ti mais cedo creſcem,
  As agoas em te vendo correm brandas,
  Os dias mais fermoſos amanhecem.
Se tu nos prados, ſe nos boſques andas,
  Alli nunca fallece Primavera,
  Alli toda aſpereza logo abrandas.
As arvores alli cingidas d' hera
  Convidaõ a cantar mais docemente;
  Quem fiar do cunhado naõ devera.
D' alli, ou onde quer que eſtês preſente,
  Tod' a dôr, todo nojo ſe deſvia;
  Todo o goſto da vida alli ſe ſente.
A terra herva nociva alli naõ cria,
  Nem faz ás que ſaõ boas nenhum damno
  A geada de noite, o Sol de dia.
Alegre, e liberal nos torna o anno,
  Abaſtado de fruitos, de maneira
  Que naõ recebe o lavrador engano.

Oh

Oh mil vezes ditosa esta ribeira,
Onde nasceste Silvia, e te criaste,
Onde das suas Ninfas es primeira!
Em hũa cousa só atrás ficaste
Dessas, de quẽ nos chega a fama, e grito,
Inda que mais nas mais t' avantajaste:
A qual foi naõ ter eu taõ alto sprito,
Que dera a tal belleza eterno nome,
A raras graças dera raro escrito.
Mas já que mais naõ posso, de mim tome
Isto que digo agora, e for dizendo,
Inda que tudo junto pouco some.
Mas s' eu vir algum dia o que pretendo,
Ah! se visse algum dia que me vias,
Menos te ficaria entaõ devendo.
Que tu mais celebrada ficarias,
Amor obedecido, eu satisfeito,
Cantando só de ti noites, e dias,
Com verso mais conforme a tal sogeito.

EPIGRAMMA.

Sou Ninfa desta fonte: em guarda estando
Das claras agoas della, adormeci:
Ao som do seu roido doce, e brando,
De brando, e doce sono me venci.
Oh tu, quem quer que sejas, que passando,
Desejo de beber te trouxe aqui,
Quieto bebe, lava mãos, e rosto,
Sem me quebrar o fio deste gosto.

OUTRO.

SOu Ganimedes: neste bosque ledo
Estou em dura pedra transformado,
Das curvas unhas já perdi o medo,
Dê que me vi em Phrygia arrebatado.
Se pera descansar neste arvoredo
Da calma, e do caminho vens cansado,
Aqui tens sombra fria, e agoa fresca,
Aqui descansa, e durme, e te refresca.

ELEGIA III.

INcertas esperanças, certo medo,
Inda que provocado de meus damnos,
Fizeraõ que naõ fizesse mais cedo:
Busquei remedios mil, busquei enganos
Por encobrir meu mal, tendo respeito
A naõ vos dar materia a desenganos.
Mas tudo foi trabalho sem proveito,
Qu' em fim Amor, que resistido cresce,
Já naõ soffre em silencio estar no peito,
Comsigo a vós, senhora, s' offerece,
Se nisto vos offende, eu vos offendo,
Porém culpa d' Amor perdaõ merece.
Se naõ, pena me dai; satisfazendo
C'o ella o erro deste atrevimento,
Que com culpar Amor naõ me defendo.
Ditoso quem por vós sente tormento,
Ditoso eu qu' entendo esta verdade
Pera no meu sentir contentamento.

Se

Se desprezais, senhora, esta vontade
Em tudo á vossa propria offerecida;
Se a tal amor negardes piedade:
Naõ quero viver mais, naõ quero vida,
Morte será melhor que dar desgosto
A quem com gosto deve ser servida.
Banhem as minhas lagrimas meu rosto;
Suspire o coraçaõ, que por vós arde;
Tudo, o que vosso for, seja meu gosto.
Naõ cuideis porventura que me guarde
De sentir por vós dôr até perderme;
Que sinto muito mais sintilla tarde.
Quisera, des que soube conhecerme,
Em vos occupar tanto a fantesia, (me.
Que de mim mesmo viera a esquecer-
E em vós cuidar contino noite, e dia,
Sintir por vós prazer, por vós tristeza
Por ver se com constancia vos movia.
Mas naõ canse esta mostra de firmeza
Num peito, q̃ por brando he taõ louvado
Com novo damno meu, nova crueza.
De seta d'ouro puro trespassado
Remedio pera vida buscar venho
Qu'em vós póde somente ser achado.
Porque força naõ val, nem val engenho,
Nem hervas, nem palavras tem virtude
Pera curar a dôr que n'alma tenho.
Huns olhos sós me podem dar saude
E naõ os vossos se me naõ soccorrem,
Venho a morrer por quem viver naõ
pude.

Ditosos saõ os tristes, quando morrem,
Começando a ser tristes, pois naõ sentẽ
Quaõ de vagar grandes tristezas correm.
Mas s'esperanças minhas me naõ mentem,
Espero achar em vós remedio certo,
E tál, que meus serviços vos contentem.
Em fim no mal que tenho descuberto
Começai a dar prendas de brandura,
Naõ me deixeis dar vozes em deserto,
Que mal quadra rigor com fermosura.

ELEGIA IV.

CUidando d'encobrir no triste peito
Razões, que sempre tive d'agravarme
Do que vós sem rezaõ me tendes feito,
Tanto foraõ crecendo, que callarme
Naõ posso já, senhora; tal me vejo,
Que, posto qu'em vaõ seja, hei de queixarme.
Tratar tudo o que sinto só desejo,
Des que me fez saber vossa crueza,
Que naõ ha soffrimento em mal sobejo.
Assi se paga Amor, assi pureza
De quem só de ser vosso se contenta,
De quem por vosso amor tudo despreza?
De quem por vós morrendo, se sostenta
De lagrimas, e fogo, em que s'apura;
E males a seus males accrescenta?

Ai triste galardaõ, pouca ventura!
Que naõ póde ser menos, pois ordena
Em brando parecer condiçaõ dura.
Dessa vista, senhora, que serena
O ar, e tudo o mais enche de graça,
Que póde fazer doce minha pena?
Porque taõ sem porque me sois escassa,
Vendo que, se me falta hũ só momento,
Nem o que diga sei, nem sei que faça?
E inda por mais dôr a meu tormento,
Ajuntais nova dôr de desenganos
Como se naõ bastasse esquecimento.
Em fim pois tendes gosto de meus dãnos,
Cresçaõ elles, por elle, falte a vida
Mudem-se em breves dias largos annos,
Se vós aveis de ser sempre esquecida.

ELEGIA V.

NAõ porq d'algum bẽ tenha esperança
Vos escrevo, senhora, em tal estado
Que pera bem naõ póde aver mudança.
Mas porque já de vós desenganado
Tomo por meu allivio escrever dôres,
Que tanto de chorar me tem cansado.
Que bem sei eu, que o que nestes amores
Lagrimas, e suspiros naõ fizeraõ,
Mal o podem fazer cousas menores.
Pois onde meus serviços se perderaõ,
Vai pouco em se perder esta Elegia,
A quem tristes successos causa deraõ.

Oh quem dissesse nella o que compria!
E porém dizer muito, qu'aproveita
Se tudo sempre tem pouqa valia?
Sempre deste meu mal tive sospeita,
Mas naõ tal, que de todo me faltasse
Hũa vã confiança, em ar desfeita.
Amor me conselhava qu'esperasse,
A rezaõ me dizia que temesse,
Que por hũ cego, e vaõ naõ me guiasse,
Qu'olhasse que por elle naõ perdesse
O certo bem da liberdade minha,
De q̃ despois em vaõ me arrependesse.
Porém venceo Amor, qu'armado vinha
D'enganos seus, que agora claros vejo,
Que pera os ver entaõ olhos naõ tinha.
Em tudo obedecia a seu desejo,
Cousas por elle fiz de qualidade,
Que bẽ mostrei qu'em mĩ era sobejo.
As razões da razaõ por falsidade
Tive quando vos vi, no mesmo ponto
Vos entreguei a chave da vontade.
O que despois passou naõ vo-lo conto,
Porque de muitas cousas esquecidas
Basta pera lembrança estas, qu'aponto.
As confianças minhas, já perdidas
Agora pera mais ter que chorar
Acabei de saber serem fingidas:
Já naõ ha que temer, nem qu'esperar,
S'Amor novos enganos naõ inventa,
Pera seus desenganos enganar.

Mas

Mas quem com vida escapa da tormenta,
Em que se vio no mar quasi perdido,
De ser pastor em terra se contenta.
Quisestes que de mim fosse sentido,
Junto taõ grave mal, naõ passo a passo,
Po'lo sentir assi mais desabrido.
E inda que me foi sempre amor escasso,
Com ter tanta razaõ para queixarme,
Naõ soffre estes queixumes q̃ vos faço:
Naõ deixa em quãto escrevo de lẽbrarme,
Que vos offenderei, se à dizer venho
Donde vos procedeo dezenganarme.
E assi, hora escrevendo a maõ detenho,
Hora leo, hora risco, emendo, e mudo,
Hora o que já risquei por milhor tenho.
Hora em pontos estou de romper tudo,
Outr' hora contra os golpes do receo,
Faço do meu silencio meu escudo.
Mas va-se o temor já, pois que já veo
A ser vossa tençaõ de mim sabida,
Quando do mal andava mais alheo.
Naõ tem que recear taõ triste vida,
Antes por se ver fóra d' estreiteza,
Milhor lhe será já verse perdida.
Este bem me dará minha tristeza,
Pois eu lhe tenho já meu peito dado,
Se mo naõ dilatar vossa crueza.
Mas cuido, oh infelice o meu cuidado!
Qu' o fim, q̃ vós por pena m' ordenastes,
Me será por mór pena dilatado.

Certo,

Çerto, que de rigor eſtranho uſaſtes
  Com quem eſtranhamente vos amava
  D'amor q̃ ſempre firme em mim achaſ-
Que dia largo, ou breve ſe paſſava, (tes.
  Que podéſſe paſſar quietamente,
  Se a luz dos voſſos olhos me faltava?
Era neve ante vós, e fogo auſente,
  Sem pretender mais goſto pera mim,
  Que aquelle de que vós foſſeis contente.
Mas ai quaõ differente foi o fim
  Do bem imaginado no começo,
  Por onde em tal eſtremo a parar vim!
Vida pera tal vida naõ vos peço
  Morte pera tal morte qual me mata,
  Se ma quiſerdes dar eu a mereço.
Porque com dôr a lingoa ſe deſata,
  E' com rezaõ vos chama, ou ſem rezaõ,
  Fementida, cruel, ſoberba, ingrata.
Por iſſo acabai já voſſa tençaõ,
  Fazei o que vos pede o voſſo goſto,
  Compri com voſſa altiva opiniaõ.
Acabe com a vida o meu deſgoſto,
  Naõ aja mais em mim vivas lembrãças
  D'hũs olhos côr do Ceo, d'hũ alvo roſto.
Acabem já receos de mudanças,
  De cujo medo andei ſempre aſſombrado
  Em quanto tive maõ nas eſperanças,
  Que té qui me trouxeraõ enganado.

RIMAS VARIAS,

FLORES DO LIMA.

SEGUNDA PARTE.

VILANCETE.

Lagrimas diraõ por mim,
Senhora, nesta partida
Em que termos vai a vida.

VOLTAS.

A Tanto chega esta dôr,
Que desconfio da lingoa,
Quem póde supprir tal mingoa,
Senaõ lagrimas d'amor?
Ellas vos diraõ melhor,
Senhora, nesta partida
Que vai a vida sem vida.

Na força da saudade
Quando a lingoa desvaria,
A quem em lagrimas fia
Ellas lhe dizem verdade.
As que me pede a vontade
Que chore nesta partida,
Iraõ dando fim á vida.

Naõ

Naõ tem dever la tençaõ
Com palavras amorosas,
As lagrimas saudosas
Lingoa, dos amores saõ:
Ellas por mim falaraõ
Quando a pena da partida
Me tirar á fala, e a vida.

Palavras podem mentir,
Mostrar dôr grande, ou pequena;
Mas lagrimas, que dem pena,
Ninguem as sabe fingir.
Pello que quando partir,
Qual for a dôr da partida,
Tal será nellas sentida.

CANTIGA.

Prazeres, que me quereis,
Se vêdes que vos naõ quero?
Já nenhum de vós espero,
Nenhum de mim esperais.

VOLTAS.

Vindes pera vos tornar,
Sois leves de natureza,
Melhor he minha tristeza,
Que me naõ sabe deixar:
Disto naõ vos espanteis;
Que pois me quer, eu a quero,

Naõ m' engana no qu' espero;
Como vós sempre fazeis.

Lembrevos quanto fingistes
Quando enganar me quisestes,
O muito que promettestes,
O pouco que me compristes:
O que agora prometteis
Tambem he engano mero;
O que podeis naõ o quero,
O que quero naõ podeis.

Tenho já experiencia
De vossos contentamentos,
Que de bens tem aparencia,
E na verdade saõ ventos:
Tempo he que me deixeis,
Já que nada de vós quero;
Naõ tenhais isto por fero,
Buscai outrem qu' enganeis.

CANTIGA II.

Em tudo vejo mudanças,
Senaõ onde as ver quisera,
Passa a vida em esperanças,
Nunca chega o que s' espera.

VOLTAS.

E Posto que chegue o bem,
(O que duvido de ser)

Que gosto se póde ter
No que firmeza naõ tem?
Vida chea de mudanças
Tudo em ti cansa, e altera,
Porque dás mil esperanças,
Se naõ dás o que s' espera?

O mal he que te conheço
Já por falsa, e sem firmeza,
E com ter esta certeza
Inda te naõ aborreço.
De tuas vãs esperanças
Verme já livre quisera,
Pera me rir das mudanças
Do qu' espera, e desespera.

CANTIGA III.

No meu peito o meu desejo
Da razaõ se fez tiranno,
Vejo nelle certo damno,
Incerto remedio vejo.

VOLTAS.

PEra de todo perderme
Este mal por passar tinha,
Ir eu contra a rezaõ minha
Que morre por defenderme.
Da parte do meu desejo
Me passo, pera meu damno,

Vejo

Vejo que nisso m' engano.
Mas nenhum remedio vejo.

Se lhe quero resistir,
Tratame com mais crueza,
Ou com força, ou natureza
Sua lei me faz seguir.
Imigo mortal o vejo
De rezaõ, e desengano,
Delle me vem todo o damno,
E eu por elle me rejo.

CANTIGA. IV.

Zagala assi libre seas.
Del grave mal de que muero,
Que me quieras, pues te quiero,
Y quando no, que me creas.

VOLTAS.

Creme que nunca pastor
Fue d' Amor tan maltratado.
Mas yo no muero d' Amor,
Que muero de desamado.
Assi tu libre te veas
De las ansias de que muero,
Que me quieras pues te quiero,
Y quando no, que me creas.

No desprecies por hermosa,
Zagala, quien por ti arde,

Mira

Mira qual queda la rosa
De la mañana a la tarde.
Assi nunca tal te veas
Que me quieras, pues te quiero;
Y si no, pues por ti muero,
Que lo sientas, y lo creas.

CANTIGA V.

No se lo tengan a mal
Qu'olvide Blas su ganado,
Pues Benita le ha olvidado
Por amor d'otro Zagal.

VOLTAS.

Tiene lo por sin razon,
Anda para enloquecer,
Y no mira qu' es muger,
Que todas mudables son:
Disculpa tiene su mal,
Remedio no su cuidado,
El olvida su ganado,
Ella no su natural.

Mientras d'olvido se quexa
En Benita embevecido,
No mira que por olvido
Su ganado perder dexa:
Conformes son en su mal
El pastor, e el ganado;

El ganado desdichado,
No tiene dicha el Zagal.

Ya ningun consuelo quiere,
Suspirando llora, y grita,
Muerese porque Benita
D'agenos amores muere.
No solo llora su mal
El pastor mal fortunado,
Mas tambien mal del ganado,
Con el bien d'otro Zagal.

CANTIGA VI.

Amor, pues que lo mejor
Ya de mi llevado tienes,
Allá te guarda tus bienes,
Dexame con mi dolor.

VOLTAS.

No pienses de m' engañar
Despues de tantos enojos,
Quantos lloraron mis ojos,
Quantos tienen por llorar,
Pues me llevaste la flor,
Por lo demas no te penes;
Que mas que todos tus bienes
Estimo ya mi dolor.

Locura nueva seria
Dar oydo a tus engaños,

No

No bien ſano de los daños
Que cauſaſte al alma mia.
Ni de ti tengo temor,
Ni tengo amor a tus bienes,
Que ya ſè qu', en ti no tienes
Sino congoxa, y dolor.

VILANCETE II.

No enxugueis, madre mia,
Mis ojos, con mis cabellos.
Arde el alma, lloran ellos.

VOLTAS.

Para llorar ſin foſſiego
Mi dolor, con ſu dolor,
Abren puertas al amor
Qu' en mi alma enciende el fuego:
No los enxugueis (os ruego)
Que tal ardor ſale dellos,
Que abraſará mis cabellos.

Dexadelos ir conſumiendo,
Y no los vays enxugando,
Paguen la culpa llorando,
Del bien que perdieron viendo.
Lloren triſtes encubriendo
Las quexas que tengo dellos,
Que ſon mas que mis cabellos.

Hasta llorando cegar
Salgan mis lagrimas fuera,
Que si yo no los tuviera,
No tuviera, que llorar;
Lloren solos sin secar
El mal que me nascio dellos,
Y vós no lloreis por ellos.

CANTIGA VII.

Alcido, toma esta rosa
Que por minha maõ colhi:
Antes eu tomara a ti,
Silvià, muito mais fermosa.

VOLTAS.

NAõ foi pequeno favor
Este que te fiz agora,
Grande foi, e porém fora,
Estoutro muito maior.
Poem os olhos nesta rosa:
Cousa mais bella naõ vi,
Naõ os sei tirar de ti,
Silvia, muito mais fermosa.

Naõ creas a teu desejo;
Já sei de mim que sou fea,
Como queres que naõ crea,
O que com meus olhos vejo?
Pois entre mil essa rosa
Por mais fermosa escolhi,

Por-

Porque te naõ viste a ti,
Silvia muito mais fermosa.

Queres falarme a meu gosto,
Lá te fica outra vontade,
Olha, Silvia, as do teu rosto
Verás se falo verdade:
Naõ sei flor que chegue a rosa,
Nem que tanto dê de si,
Nem rosa que chegue a ti,
Silvia muito mais fermosa.

CANTIGA VIII.

No te congoxes, ni penes,
Zagal; escuchà, y responde:
Si no tienes que te abonde,
Surron, y cayado tienes.

VOLTAS.

OTros llanos, otras sierras
De pasto, y ganado llenas
Hallaràs, si te destierras
No digas que son agenos.
Se fortuna con sus bienes
A Augusto no responde,
El camino no s'esconde,
Aun pies y manos tienes.

No sê tras que t' anduviste
Loqueando aqui, y alli,

Pues tan buen tiempo perdiste,
No pierdas tambien a ti,
Si por algo te detienes
A la clara me responde,
Y si no vete por donde
Saben repartir los bienes.

CANTIGA IX.

Teneis mis ojos razon
De llorar vuestros enojos,
Pues no veis aquellos ojos
Que de vos los ojos son.

VOLTAS.

EN dolor, que puede tanto,
Que no ay quien le resista,
El bien que perdió la vista,
Pague-se con triste llanto:
Funde-se vuestra razon
Sobre mis firmes enojos,
Sacando por vos mis ojos,
Lagrimas del coraçon.

Quien vuestras lagrimas tiene
Por estremo de flaqueza,
Ya mas sintió la tristeza
Que del mal d'ausencia viene,
Es tan fuerte esta passion,
De que nacen mis enojos,

Que

Que rebienta por los ojos
En tocando el coraçon.

Si llorastes algun' hora
Otras passiones d' Amor,
Ablandava-se el dolor
Con ver quien no veis aora:
Ya que falta esta ocasion,
Y sobran vuestros enojos,
Llorad, llorad tristes ojos
Las ansias del coraçon.

CANTIGA X.

Di Zagaleja cruel
Hermosa, por mi dolor,
Si tu no sientes Amor
Quien te dió las armas del.

VOLTAS.

Quien te dió sus duras flechas
Clavadas con puntas de oro,
Que, por donde sale el lloro,
Buelan al alma derechas?
Quien te dió bivir sin el
Porque yo biva en dolor?
Quien todo el poder d' Amor
Si no solo el amor del?

Quien a tus ojos aquellos
Raios dió, con que m' enciende?

Quien

Quien los lazos, con que prende,
Fabricô de tus cabellos?
Quien su dulçura, y su hiel,
Su plazer, y su dolor?
Quien en fin lo mas d' Amor,
Si no los amores del?

Bien muestra ser niño, y ciego
Amor, a quien para mientes,
Pues a ti, que no lo sientes
Flechas dió, laços, y fuego:
Si lo hizo de cruel
Por me doblar el dolor,
El sea mi vengador,
Que tu me vengaras del.

VILANCETE III.

Cansei pera descansar,
E no meu descanso achei
Cousas com que mais cansei.

VOLTAS.

No trabalho, em que me via
Quando mais fui descontente,
A vida menos sentia
O que no descanso sente:
Cheguei a verme contente,
No contentamento achei
Com que me descontentei.

Em trifteza defcanfando,
Canfei por verme em defcanfo,
Vendo-me nelle mais canfo,
Que a mais me foi obrigando:
Com a vida irei pagando
O defcanfo, que bufquei,
E niffo defcanfarei.

No trabalho tenho vida,
E no defcanfo trifteza;
Parece coufa fingida,
Mas eu fei difto a certeza:
Muito póde a natureza,
Mas eu a mais m' obriguei
No defcanfo que tomei.

CANTIGA. XI.

Detiene el paffo Zagal
No corras al fin del daño,
Pues defpues que viene el mal,
Vale poco el defengaño.

ES tiempo que te refrenes
Deffe tu correr liviano,
Que dás de mano a tus bienes,
Y a tus males dás la mano:
Torna fobre ti Zagal,
Guarte del eftremo daño,
Que d' un mal nace otro mal,
Y d' un engaño otro engaño.

Sino

Sino alivias la pena,
Recelo que se destruia
Essa tu vida no tuia,
Pues la tratas como agena:
Tu mismo (quien pensô tal)
Armas das a tu engaño,
A tu cuerpo haziendo mal,
Y a tu alma maior daño.

No sè que razon me dàs
A tan cierto desconcierto,
Oy muerto, mañana muerto,
Arrepentido jamas.
Pesame de ti Zagal
Por esso te desengaño,
Mas pesarme de tu mal,
No dá remedio a tu daño.

El trabajo no te cansa
El consejo sè que si,
Vase perdiendo en ti
Una mui alta esperança:
Llora Gil, llora Pascoal
Tus amigos, tu engaño;
Otros, que te quieren mal,
Burlanse bien de tu daño.

Buelve los ojos atras;
Mira, tus antepassados
Se ganaron sus ganados
Por la via por dô vas;

Si los imitares mal,
A ti mifmo hazes el daño;
Pues es tuio fu caudal,
Su valor no fea eftraño.

A tu defleo refifte,
Trabaja por te vencer;
Si no te quieres tal ver,
Mira bien qual te ya vifte.
Pienfa en al, y habla en al,
Apacenta tu rabaño,
Daras alivio a tu mal,
Y faldras de tal engaño.

CANTIGA.

Mi dulce paftor,
Que te duele di?
Dueleme un dolor,
Qu'en tus ojos vi.

VOLTAS.

Ningun dolor fiento.
Que fientan mis ojos,
Sino los enojos
De tu fentimiento.
Por effo paftor
Lo cierto me di:
Muero d'un dolor
Qu' en tus ojos vi.

Viendolos dolientes
Tenias razon;
Mas si sanos son,
Porque dolor sientes?
O mi dulce amor,
Discubrete a mi:
No quiere el dolor
Qu'en tus ojos vi.

No me diras quando
Esse dolor viste?
Quando los bolviste
A otro mirando?
Si yo con amor
Mirê mas que a ti,
Muera del dolor
Que mueres por mi.

CANTIGA.

No sois alivio del daño,
Prodigios vanos inciertos,
A quien por terminos ciertos
Vino el cierto desengaño.

VOLTAS.

SI vòs entendeis que muero,
Porque quien puede assi quiere,
Como esperareis qu' espere
Que me dê vida el aguero?

No

No me causeis nuevo daño
Entre sucessos inciertos,
Que dò los gustos son muertos,
No se bive con engaño.

El hado mio, y mi suerte,
Mi ventura alegre, ò triste,
Solo en un querer consiste,
Darme puede vida, o muerte.
Todo lo mas es engaño,
Todo son casos inciertos,
Cerrados son ya los puertos
Al remedio de mi daño.

CANTIGA.

Por huns olhos que siguiraõ,
O lume dos meus perdi,
Porpue nem elles me viraõ,
Nem eu nunca mais os vi.

VOLTAS.

NAõ lhes pude defender,
Que tais olhos naõ siguissem,
Riraõ-se muito de ver,
Outros olhos que tal vissem.
Eu naõ sei o que sentiraõ,
Mas sei que tal dôr senti
Quando vi que me naõ viraõ,
Que nunca mais prazer vi.

Com

Com ſua luz me cegaraõ
Como o Sol tem por coſtume,
Fiquei com olhos ſem lume,
Pera chorar me ficaraõ:
E aſſi des que naõ viraõ
Aquelles, que a caſo vi,
Sempre diſſo me ſerviraõ,
Nunca mais c'o elles vi.

VILANCETE.

Eſcapei de cem mil Mouros,
E neſta terra Somata
Hũa ſó Moura me mata.

VOLTAS.

VEde quem dará certeza
A ſucceſſos da ventura,
Pois faz em mim a brandura
O que naõ fez a crueza:
He tal ſua gentileza,
Que neſta ſerra Somata
Ella he a que ſó mata.

Quem averá que naõ moura
Por eſta Moura que mouro,
Se nos ſeus cabellos douro
O Sol ſe prende, e ſe doura?
He roſada, alva, e loura
Naõ ſei ſe lhe chame ingrata,
Pois hum ſeu cativo mata.

Certo que se livre fora
Do cativeiro em que vivo,
A me querer por cativo,
Naõ quizera outra senhora.
Com me matar que namora,
E quando melhor me trata,
Entaõ de todo me mata.

CANTIGA.

Começo já de sentir
A dôr da vossa partida,
Que será quando me vir
Sem vos ver, e sem ver vida?

VOLTAS.

NAõ sinto com que resista.
A's forças deste cuidado,
Des que me tirar meu fado
A vista da vossa vista:
Posso já mal encubrir
Saudades da partida;
Que será quando me vir
Sem vós, sem gosto, sem vida?

Vaime pondo em tal estremo
Este receo mortal,
Que póde ser menos mal
O grande mal, que já temo.
Temo verse dividir
Por vós minh'alma da vida

Hũa pera vos seguir,
E outra da dôr seguida.

Lançára maõ d'esperanças,
Se me podera enganar;
Mas sempre em largas mudanças
Ha muito que recear.
Isto me faz presumir
Tais cousas desta partida;
Que nem ha mais que sentir,
Nem mais que temer na vida.

ENDECHAS.

EN mis esperanças,
Uvo siempre engaños,
Engaños con daños,
Daños sin mudanças.

Los mis pensamientos
Sin tener sossiego,
Son vientos, mas vientos
Qu' encienden mi fuego.

Por mala custumbre,
Mi querer me guia
Sin ojos de dia,
De noche sin lumbre.

Tras cosas livianas
Corro, y no lo veo,

Vano es mi desseo,
Mis penas no vanas.

Esperanças muertas,
Y desseos varios,
A mis adversarios,
Abrieron las puertas.

Las llaves le dieron
De todo mi pecho,
En carcel estrecho
La razon pusieron.

A su alvedrio
Mis cosas ordeno,
Ya con ser ageno
Lo hazen ser mio.

Ah se viesse un dia
Si viesse, ah se viesse
La tristeza mia
Que mia no fuesse!

Mas ninguno crea,
Por mas qu'el Sol rueda,
Que haga que sea
Lo que ser no puede.

Los mundanos bienes
Vanse a rienda suelta,

Para dar la buelta
No dexan rehenes.

A tal punto vengo
Sea fuerça, o maña,
Que por megor tengo
Lo que mas me daña.

Por ojos agenos
Veo ojos mios
De gustos vazios,
De lagrimas llenos.

Lo que mas desseo
Menos ver espero,
Lo que ver no quiero
Esso es lo que veo.

Entre sombra oscura
Veo gustos muertos,
Con ojos abiertos
No veo ventura.

De contino lucho
Con mi querer loco,
Muero por lo poco,
Olvido lo mucho.

De mi lo mais cierto
Son ciertos engaños,

Soy bivo a los daños;
A los bienes muerto.

Si de cosa alguna
Tengo confiança,
De mi esperança,
Burle mi fortuna.

CANTIGAS.

O De las fieras, y altivas
La mas altiva, y mas fiera,
Pues mi fé, y amor esquivas,
Irè triste a donde muera
Porque tu alegre bivas.

Que pues sè mi partida
Serà tu gusto, y mi muerte,
Razon es que me despida;
Que poco por complazerte
Sintirè perder la vida.

Mas esto solo te pido
Partiendo de tu presencia
A mi soledad rendido,
Que muriendo en tu ausencia,
No m'entierren en olvido.

Que basta para valerme
Enagenado de ti,
O ser cierto, o parecerme

Que te recuerdas de mi,
Aun que alegre de no verme.

Y ya que todos mis dias
Tengo que llore, y que sienta
Desterrado d' alegrias,
Nó te pida el amor cuenta
De tantas lagrimas mias.

CANTIGA.

Amor, serviço, verdade,
Em mudanças fé segura,
Me pagais (ai paga dura!)
Com despresos de vontade.

VOLTAS.

A Spera satisfaçaõ
De puríssimos intentos,
Dardesme certos tormentos
Por incerta opiniaõ:
Sabei, senhora, a verdade
De minha fé firme, e pura,
Naõ mudeis vossa brandura
Pelo gosto da vontade.

Sabei que peno sem culpa,
Perseguido, e desprezado;
E que naõ ha condemnado
A que naõ ouçaõ desculpa.

Ouvi-

Ouvime minha verdade
E vereis; que me segura
E se em mim falta ventura,
Naõ falte em vós piedade.

S' offendervos presumia
(O que nunca coube em mim)
Bem podera ter já fim
Minha pena, e vossa ira,
Em fim serviço, verdade,
Amor puro, tençaõ pura,
Naõ merecem paga dura
Com desprezos de vontade.

CANTIGA.

En dudoso estado estoy
Entre engaño, y desengaño;
Y menos siento mi daño,
Quanto mas perdido soy.

VOLTAS.

ABre mis ojos razon,
Y cierran los mis sentidos,
Veo mis años perdidos,
No lloro mi perdicion:
Contrariandome voy
Como de mi siendo estraño,
Es por mi mi desengaño,
Yo por mi engaño soy.

En

En fuerte punto naci,
Si punto tal fuerça tiene;
Que en lo que mas me conviene
Yo mismo resisto a mi:
Puesto en gran peligro estoy
En engaño, y desengaño;
El Cielo acuda a mi daño,
Que yo bastante no soi.

CANTIGA.

Verè de lagrimas llenos
Mis ojos noches y dias,
Llorando gustos agenos,
Y tristes sospechas mias.

VOLTAS.

SObrava mi triste suerte
Para lagrimas, y duelos,
Sin me causarem los Cielos
Un dolor mas que de muerte,
Con bivir siempre en recelos.
Mas pues no puede ser menos,
Llorarè todos mis dias
Dulces contentos agenos,
Amargas tristezas mias.

Tuvieran proprios desgustos
Remedio alguno quiçà,
Qu'el tiempo todo lo dá;

Pero

Pero los agenos gustos
No pueden mios ser ya.
Y pues ellos son agenos,
Sean las lagrimas mias,
No lloren mis ojos menos,
Mientras duraren mis dias.

VILANCETE.

Sola me dexaste
En aquel yermo,
Villano malo Gallego.

VOLTAS.

LLena de quebranto
Triste adormeci;
Tu sin mirar quanto
Yo dexè por ti,
Me dexaste assi
A riesgos del yermo,
Villano malo Gallego.

Del sueño despierta,
Quando sin hallarte
En tan yerma parte
Me vi, quedè muerta:
Del camino incierta
Corri todo el yermo,
Villano malo Gallego.

Tarde por mi mal,
Supe que tal eras,
Si tu tal no fueras,
Nunca hizieras tal.
Diſte paga igual
A mi querer ciego,
Villano malo Gallego.

En la ſerrania
Altas quexas dava,
Mas qu' aprovechava?
Quien me reſpondia?
Ay de mi (dizia)
A qu' eſtado llego
Moça, ſola, en yermo!

Los brutos, que oyeron
Las querellas mias,
A mi ſe vinieron,
Tu de mi huyas:
Poco amor tenias;
Deshizoſe luego
Como cera al fuego.

De mi te partiſte,
Falſo traydor,
Fingias amor,
Nunca amor tuviſte.
Como no me diſte
La muerte en tal yermo?
Villano malo Gallego.

Si alli me la dieras,
Ya mas se supiera
Que mi cuerpo fuera
Tragado de fieras,
Seguro anduvieras
En poblado y yermo,
Villano malo Gallego.

Los suspiros mios
Davan de mi nuevas
Por selvas, y cuevas,
Y valles sombrios:
De lagrimas rios
Regavan el yermo,
Villano malo Gallego.

Contra mis cabellos
Cruda fue mi mano,
De manojos dellos
Sembrê monte y llano:
Gritos di en vano
En aquel yermo,
Villano malo Gallego.

La nieve rasguè
Rompi hilos d' oro,
De sangre, y de lloro
Mi gesto bañe.
Lo que mas passè
Bien lo sabe el yermo,
Villano malo Gallego.

CANTIGA ALHEA.

Si el morir nace del ver,
Y el no ver es mas que muerte,
En una tan dura suerte
Que serà bien escoger?

REPOSTA.

QUien mirando, y no mirando
Sin duda pierde la vida,
Dirà ser mejor perdida
Plazer a los ojos dando.
Mas quanto a mi parecer,
Poco va de suerte a suerte,
Donde no s' escusa muerte
Em ver, e dexar de ver.

Quando yo lexos me veo
De la cosa que mas quiero,
Muero de puro desseo;
Si la veo, d' amor muero.
Y no me sè resolver,
Por mas qu' el sezo despierte,
Destas dôs muertes qual muerte
Serà mejor escoger.

CANTIGA ALHEA.

Esta es la justicia,
Que mandan hazer.

Del

Del que por amores
Se quiso perder.

VOLTAS.

MAndan que no vea
Hora de contento,
Y que su tormento
Para siempre sea.
Mandan qu' en dolores
Venga a fenecer,
Pues que por amores
Se quiso perder.

Mandan, visto el yerro
De su culpa cierta,
Echarle en destierro
En tierra desierta.
Onde los temores
No dexen crecer
El fruto d' amores,
Que pienso coger.

Mandan, siendo muerto,
Sea sepultado
En un triste prado
D' espinas cubierto:
Donde jàmas flores
Se vean nacer,
Si no de colores
Que quiten plazer.

Man-

Mandan en señal
Para mas afrenta,
Que ninguno sienta
Dolor de su mal.
Por esso, amadores,
Deveis de temer
Amor, qu' en amores
Muestra su poder.

ALHEO.

A dôr, que minha alma sente,
Naõ a saiba toda a gente.

VOLTAS.

ANde no peito escondida
Hũa dôr taõ desusada,
De mim só seja chorada,
Naõ seja d' outrem sentida;
Ou me mate, ou me dê vida,
Ou viva triste, ou contente,
Naõ se confie da gente.

Tenho feito juramento
(Porqu' assi o quis Amor)
De sempre como avarento
Guardar em mim minha dôr.
Por me naõ tratar peior
Se disto o contrairo sente,
Naõ a saiba toda a gente.

ALHEO.

Que vistes meus olhos
Neste bem, que vistes,
Que vos vejo tristes?

VOLTAS.

AS vossas lembranças
Naõ vos daõ tormentos,
Nem levaõ os ventos
Vossas esperanças:
Naõ sei que mudanças
Vós de novo vistes,
Que vos vejo tristes.

Que dôr, ou que medos
Causaõ vossa dôr?
Lagrimas d'amor
Descobrem segredos:
Eu vos via ledos;
Vós naõ sei quê vistes,
Que vos vejo tristes.

ALHEO.

Mas yo muerome, de frio.

GLOSSA.

NImfa d'ojos verdes bellos,
Por quien yo bivo muriendo,

Tem-

Temblo tales ojos viendo
Encendido en fuego dellos.
Sin los ver me veo ciego,
Y de mas ver desconfio:
Es mi pecho bivo fuego,
Mas yo muero-me de frio.

Son tus cabellos d' Amor
Prision fuerte, y deleitosa,
Tu gesto vence la rosa,
Y la nieve en su color:
Amor dulce, senhor mio,
Y tu condicion esquiva
Ordenan qu' en llamas biva,
Mas yo muero-me de frio.

ALHEO.

Arder coraçaõ arder
Que vos naõ posso valer.

VOLTAS.

VEndovos ir consumindo
Os olhos d' alma, com magoa;
Acodem logo com agoa,
Está-se disso o Amor rindo:
A tal estremo sou vindo
Que vos vejo perecer,
E naõ vos posso valer.

Den-

Dentro no meu triste peito,
Onde o fogo arde escondido,
Sereis em cinza desfeito,
Primeiro que soccorrido.
Já vos choro por perdido;
Que menos naõ póde ser,
Pois vos naõ posso valer.

ALHEA.

Zagala no m' agradais,
Vais, y venis al aldea,
Andais triste, no sois fea
Doyme a Dios, si vos no amais.

VOLTAS.

Causa de lo que sospecho
Es vuestro desasossiego,
Porque mal s' encubre el fuego,
Con que Amor abrasa el pecho:
En el monte no parais,
Vais, y venis al aldea
Que quereis que d' esto crea,
Sino que d' amor penais?

El que os haze assi andar
No merece ser amado,
Pues os mira descansado
Cansada por le mirar:
Vuestro amor mal empleais
Sea el qualquer que sea,

Pues

Pues que no dexa el aldea,
Por el monte á dô morais.

La demudada color,
El coraçon que sospira,
Señas dan de vuestro amor
A quien con amor os mira:
Mirad que os aventurais
A que se diga en aldea,
(Y quiera Dios que no sea)
Que d' amor herida andais.

ALHEA.

No nascieron, Pascoala,
Los plazeres para mi,
Cuitas, y dolores si.

VOLTAS.

NUnca por mi mala suerte
Plazer he visto en mi vida,
Desseo verla perdida,
Por ver si tal es la muerte.
Mas es cierto que no acierte
A ver, en llegando alli,
Aquello que jàmas vi.

Quien plazer verme dessea
No me dessee plazer,
Basta para no le ver,

Desfearen que lo vea :
Nacieron (esto se crea)
Las tristezas para mi,
Para tristezas naci.

ALHEO.

Taño os yo mi pandero,
Taño os, y pienso en al.

VOLTAS.

LO que pienso, y lo que taño
Poco sirve a lo que siento,
Ni con vuestro son m' engaño,
Ni con el mi pensamiento :
Todo se lo lleva el viento ;
Yo me quedo con mi mal,
Sin poder pensar en al.

Bien muestra en tal desconcierto
Ser amor niño liviano ;
Que piensa con un son vano
Engañar un dolor cierto :
A quien bive al plazer muerto,
Y bive para su mal,
Tañer, y pensar que val ?

ALHEA.

Señora, si basta ausencia
Para apartarme de ti,

Ruego a Dios qu' en tu presencia
S' aparte el alma de mi.

VOLTAS.

ADô quiera que me vèo,
Por lexos que de ti sea,
Ordena Amor que te vea
Con los ojos del desseo:
No tiene poder ausencia
Para apartarme de ti,
Y tienelo tu presencia,
Para apartarme de mi.

No te muestres recelosa,
Que m' aparte en me partir,
Que tal partir, y morir,
Serà una misma cosa:
Si jàmas en tu ausencia
Ausente fuere de ti,
Dê la muerte la sentencia
En tu favor contrà mi.

ALHEO.

Alla miran ojos,
A dô quieren bien.

GLOSSAS.

POr veren alla
El bien que dessean,

Por viſtos que ſean,
Poco ſe les dá:
Dond' el bien eſtà
Seguro d' enojos,
Alla miran ojos,

Miran ſin temor
De ſeren mirados,
Movidos d' Amor
En el confiados:
Miran trasportados
En coſas que ven
A dô quieren bien.

OUTRA GLOSSA.

Quien ama, retiene
Mal occulto: el fuego,
Que la viſta luego
A moſtrarlo viene;
Dond' el pecho tiene
Sus caros deſpojos,
Allà miran ojos.

Sin tener memoria
D' encubrir ſu pena,
A la viſta agena
La mueſtran notoria:
Tienen-la por gloria,
Por guſto el deſden
A dô quieren bien.

ALHEO.

Un dolor tengo en alma:
No saldrá sin qu' ella salga.

VOLTAS.

MAs el la trata de fuerte,
Que presto tendrá salida,
Si se acaba con la muerte
Dolor, que quita la vida:
De su tormento vencida,
Saldrà del cuerpo el alma,
Sin que della el dolor salga.

ALHEO.

Sem vós, e com meu cuidado,
Olhai com quem, e sem quem.

GLOSA.

VEndo Amor que com vos ver
Qu' os males que me fazia,
Alegremente os soffria,
Naõ me póde isto soffrer:
Conjurouse com meu fado,
Que novo mal m' ordenou,
Ambos me levaõ forçado,
Naõ sei onde, pois que vou
Sem vós, e com meu cuidado.

Destes

Destes dous males que digo,
Naõ sei qual he mais estranho,
Se naõ vos ver, se comigo
Ver hum imigo tamanho:
O que fica, e o que vem,
Hum me mata, outro desejo,
Com tal mal, e sem tal bem,
Em tal estremo me vejo,
Olhai com quem, e sem quem.

ALHEA.

Tanto la vida m' enoja
Con los daños, que recibo,
Que por Dios que se m' antoja
Qu' ha cien mil años que biuo.

GLOSSA.

LLeguê por mi mala suerte
A tal punto, a dolor tal,
Que la fortuna me advierte,
Qu' el remedio de mi mal
Amor lo puso en la muerte:
Ya otro ninguno espero,
Ni sê adonde m' acoja;
Qu' es mi tormento tan fiero,
Que muero porque no muero:
Tanto la vida m' enoja!

Vida de triſtezas llena
Como biva no lo entiendo:
Soſpecho qu' amor lo ordena,
Porque ſienta en mi, biviendo,
Los eſtremos de ſu pena.
O gran poder encubierto!
O fuerça d' Amor altivo!
Si no fueras, ſoi mui cierto
Que mil vezes fuera muerto
Con los daños que recivo.

Tales ſon, tal es mi hado,
Qu' al fin de la vida viene
Mi coraçon laſtimado;
Mas quien los dà lo ſoſtiene
Por ſoſtener mi cuidado,
Y por mas atormentarme,
D' un mal en otro m' arroja,
Viendo yo aſſi penarme,
Es gran dicha no matarme,
Que por Dios que ſe m' antoja.

La eſperança, que ſuelo
Ser alivio del tormento,
Ni aun vana en mi la ſiento,
A fim que no ſe conſuele
Con ella mi penſamiento.
Del bien, que no ſ' offerece,
Se recela el mal eſquivo,
Y de tal manera creçe,
Que de triſte me parece,
Qu' ha cien mil años que bivo.

ALHEA.

Já naõ posso ser contente,
Tenho a esperança perdida,
Ando perdido entr' a gente,
Nem mouro, nem tenho vida.

GLOSSA.

DEspois que meu cruel fado
Derrubou hũa esperança,
Em que me vi levantado,
No mal fiquei sem mudança,
E do bem desconfiado:
O coraçaõ, qu' isto sente,
A' sua dôr naõ resiste,
Porque vê mui claramente
Que, pois nasci pera triste,
Já naõ posso ser contente.

Por isso, contentamentos,
Fugi de quem vos despreza,
Já fiz outros fundamentos,
Já fiz, senhora, a tristeza
De todos meus pensamentos.
O menos, que lh' entreguei,
Foi esta cansada vida:
Cuido que nisso acertei,
Porque de quanto esperei,
Tenho a esperança perdida.

Goſtos de mudanças cheos
Naõ me buſqueis, naõ vos quero;
Tenho-vos por taõ alheos,
Que do bem, que naõ eſpero,
Inda me canſaõ receos:
De vós deſejo esconderme,
E de mim principalmente,
Onde ninguem poſſa verme;
Que pois me ganho em perderme;
Ando perdido entr' a gente.

Acabarme de perder
Fôra já muito milhor,
Por acabar hũa dôr
Que naõ podendo mór ſer,
Cada vez a ſinto mór.
Em tormento taõ eſquivo,
Em pena taõ ſem medida
Que moura, ninguem duvida,
Mas eu ſe mouro, ou ſe vivo,
Nem mouro, nem tenho vida.

VOLTAS

A' meſma cantiga.

PRazeres que tenho viſto
Onde ſe foraõ, qu' he delles,
Fora-ſe a vida c'o elles
Naõ me vira agora niſto,
Vejo-me andar entr' a gente
Como couſa eſquecida,

Eu triste, outrem contente,
Eu sem vida, outrem com vida.

Vieraõ os desenganos,
Acabaraõ os receos;
Agora choro meus damnos,
E mais choro bens alheos:
Passou o tempo contente,
E passou taõ de corrida,
Que me deixou entr' a gente
Sem esperança de vida.

ALHEA.

Coraçon paga teneis,
Si pena, y dolor passais,
Porque nunca os atrevais
A amar dõ no mereceis.

VOLTA.

Viendo la causa del daño,
Soffrivel queda el dolor,
Pues o quiere dar Amor
Con la pena el desengaño,
Para que no lo culpeis:
No sê como no mirais
Lo mucho que desseais,
Lo poco que mereceis.

ALHEO.

1

S' espero sei que m' engano:
Mas naõ sei desesperar.

GLOSSA.

O Meu pensamento altivo
Me tem posto em tal estremo,
Que, quando esperando vivo,
O bem esperado temo
Muito mais, que o mal esquivo;
Que pera crescer meu damno
No gosto da confiança,
Ordena o Amor tyranno
Que na mais firme esperança,
S' espero, sei que m' engano.

Deste novo sentimento
Chega a tanto a nova dôr,
Que s' enlea o pensamento
Ver que no mór bem d' Amor
Se descobre o mór tormento:
Folgara de m' enganar,
Mas naõ he cousa possivel,
Pois pera sempre penar
Sei qu' espero o impossivel,
Mas naõ sei desesperar.

ALHEA.

La mas nueva cosa,
Que ay en vuestra villa,
Es ver a Menguilla
Metida en celosa.

VOLTAS.

DEs que tal passion
Penetro su pecho,
Tiene sin razon
Mil estremos hecho,
Por cosa donosa,
Se tiene en la villa,
Que venga Menguilla
A dar en celosa.

Quexa-se a deshora.
D' una, y d' otra guisa,
Es cosa de risa,
Verlo porque llora,
Siendo tan hermosa,
Bive con Manzilla,
Celosa en la villa,
En campo celosa.

ALHEO.

En esta tierra Zagal,
Dias ha que te vá mal.

GLO-

GLOSSA.

MI fé, Anton, que pensava
Qu' en te viendo acà bolver
Sigun lo que se sonava;
Que te sobrase el plazer,
Que por allà te faltava.
Mas aqui adond' estàs,
Và todo tan sin compas,
Qu' al que no pone caudal,
Mas fruto coger veràs,
Menos al que sembra mas
En esta tierra Zagal.

Tierra de zizania llena,
D'espinos, cardos, abrojos,
Que buelve el trigo en avena,
Y no recrea los ojos
Con flor, ni con yerva buena.
Codicia passa la raia,
Tanto que tembla, y desmaia:
Mi alma pensando tal,
Donde ire que bien me vaia,
Si a ti en esta avara plaia
Dias ha que te và mal?

ROMANCE ALHEO.

CAvallero, si a Francia ides,
Por Gaiferos perguntad;

Y dezidle que ſu eſpoſa
Se le embia encomendar,
Dezidle, que no m' olvide
Por los amores d' allà,
Que ſus juſtas, y torneos,
Bien los ſupimos acà.
Dezidle, que ya es tiempo
De me venir a ſacar
Deſta priſon tan eſquiva,
Dô muero con ſoledad.
Dezidle que venga preſto,
Si biva me quiere hallar;
Que ſi preſto no viniere,
Mora me haran tornar.
Eſſas nuevas; mi ſenhora,
Vòs miſma las podeis dar,
Que allà en Francia la bella
Gaiferos ſuelen llamar.

GLOSSA.

Porque ſepa qu' en dolor
Con anſias paſſo, y con lloros,
De mi vida lo mejor,
Captiva en tierra de Moros,
Mas captiva de ſu amor.
Para que mi libertad
Procure por fuerça, o ardides,
Y no muera en ſoledad,
Cavallero, ſi a Francia ides,
Por Gaiferos perguntad.

Y dezidle que me vistes
En parte tan sin plazer,
Adonde de mi supistes
Que mas siento no le ver,
Que verme en prisiones tristes;
Y quando no s' acordar
De muger tan desdichosa,
Y quien soi vos perguntar,
Dezidle, que su esposa
Se le embia encomendar.

Pues en mi, que d' amor muero,
D' amor hizo experiencia,
El amor suio, y primero,
No lo mude por ausencia,
Del mio tan verdadero;
Sê que no lo mudarà,
Si por la razon lo mide:
Y pues no le olvido acà,
Dezidle, que no m' olvide
Por los amores d' allà.

Que no merece mi fé,
En tal dolor, tal olvido;
Que nunca le olvidarê,
Que sea qual siempre ha sido;
Que, qual fui, siempre serê.
Dezidle, que muestras dà
D' otro amor en sus arreos,
Si lexos piensa qu' està;
Que sus justas, y torneos,
Bien los supimos acà.

Piense

Piense qual fue mi passion
Con nueva tan desabrida,
Y mire bien si es razon
Que passe en fiestas la vida,
Yo la mia en tal prision,
Donde servir, y llorar
Es todo mi passatiempo;
Que si Amor le dà lugar,
Dezidle, que ya es tiempo
De me venir a sacar.

Que si por mi no se afrenta
De sus amores presentes,
Alomenos tenga cuenta
Con lo que dizen las gentes,
Qu' es lo que mas m' atormenta.
Dizen que su voluntad
Es tenerme acà captiva,
Que no salga à libertad
Desta prision tan esquiva,
Dò muero con soledad.

Que puesto que del no creo,
Un desamor tan estraño,
En tal estado me veo,
Que con la sombra del daño,
Cresce el daño que desseo.
Si puedo mas esperar
Por mi lo dize mi gesto,
En esto no ay que hablar:
Dezidle que venga presto,
Si biva me quiere hallar.

Y mas le podeis dizir,
Que no m' espanta la muerte
Porqu' al fin todo es morir:
Mas temo dolor mas fuerte,
Si tarda mucho en venir:
Y por mas vos declarar,
El mal, que mi alma hiere,
Bien le podeis affirmar
Que, si presto no viniere,
Mora me haran tornar.

Cavallero, esto, que os digo,
Hazed, por me hazer plazer,
No lo pongais en olvido.
Señora, bien podeis crer
Que ya lo tengo cumplido:
De vos ver assi llorar,
Sabed que mi alma llora:
No teneis que recelar:
Essas nuevas, mi señora,
Vòs misma las podeis dar.

Hazed cuenta que las dais
A Gaiferos vuestro esposo,
A quien sin razon culpais,
Pues el dexa su reposo,
Porque vòs ya lo tengais.
El viene a vos libertar,
Vòs del a el dais querella:
Quiero os desengañar,
Qu' allà em Francia la bella
Gaiferos suelen llamar.

EPIGRAMMA A FAETON.

DO Ceo foi o vencimento,
Do corpo alcançou victoria,
Naõ da fama, nem da gloria,
Do meu alto pensamento.
Posto que a chamma homicida
Abrasou a mortal vida,
Que por honra aventurei,
Cuido que nisso acertei,
Pois sobi polla caida,
Onde sobir desejei.

ALHEA.

Si no mejora mi suerte,
Presto morir me conviene,
Quiça que tendra la muerte
Lo que la vida no tiene.

GLOSSA.

AL punto, dô foi llegado,
No sê como llegar pude;
Sê qu' estoi desconfiado
Que, por mas qu' el tiempo mude,
No mude mi triste estado.
Cuidados, por mas penarme,
A los ministros de muerte
Trabajan por entregarme,

Y mal puedo mejorarme,
Si no mejora mi ſuerte.

Mas de le ver mejoria
Tengo ya poca eſperança,
Que pues ella es ſuerte mia,
Para mal harà mudança,
Para bien en ningun dia.
Ya mi mal, que del bien viene,
En el mal, donde eſtoi pueſto,
Deſengañado me tiene;
Que para que biva preſto,
Preſto morir me conviene.

A la cauſa deſte mal,
Donde naſce mi triſteza,
Mi dolor, y anſia mortal
No ſiento igual belleza,
Ni aſpereza igual.
Es lo mejor de mi ſuerte,
Para mi ſu crueldad,
Que ſi pera mal tan fuerte
No tuviere piedad,
Quiça que tendra la muerte.

Y quando no la tuviere,
No queda mas qu' eſperar;
Que la vida no me quiere,
Sino para me quitar
Los guſtos, ſi me los diere.
Y por eſſo m' entretiene

Con

Con las sombras del plazer,
Que pienso que a verme viene?
Mas como me puede ver
Lo que la vida no tiene?

ALHEO.

S' espero, sei que m' engano:
Mas, naõ sei desesperar.

OUTRA GLOSSA.

EM amorosa contenda
Se m' ordena triste fim:
Quem será que me defenda
De mim, que vou contra mim,
Sem que de mim me defenda?
O remedio deste damno,
He querer o que naõ quero:
Mas d' hum bem taõ soberano
Se desespero, qu' espero?
S' espero, sei que m' engano.

Sem estimar liberdade,
Sigo o meu desejo vaõ,
Guiado polla vontade,
Desviado da razaõ,
Que só me fala verdade.
Este bem, que naõ tem par,
Só de longe o posso ver,
Porque pera lhe chegar,

Bem sei que naõ póde ser,
Mas naõ sei desesperar.

ALHEO.

Mereço só polla fé
O que me nega esperança.

GLOSSA.

SErviços naõ podem ser
A vosso contentamento,
Pera mercês receber,
Que vosso merecimento
Lhes abate o merecer.
E quem vos serve, e naõ crê
Naõ ter preço o vosso preço,
Fica indigno de mercê;
Que eu, s' algũa mereço,
Mereço-a só polla fé.

Estaõ firmes no meu peito
Pura fé, e puro amor,
Estou d' ambos satisfeito,
Contente de minha dôr,
Por ser por vosso respeito.
Mas de poder ver mudança
Neste mal, em que me vejo,
Vou perdendo a confiança,
Porque me pede o desejo
O que me nega esperança.

ALHEO.

Viene, dulce muerte, viene,
Mi desdicha te detiene.

GLOSSA.

SI por ti estoi llamando,
Como ya no vienes, di?
Porqu' estoi acompañando
Uno que bive penando,
Y que se muere por ti.
Luego mas tormento tiene,
Ya que tu por el me dexas?
Mas pues tu quieres que pene,
Ah no me dobles mis quexas,
Viene, dulce muerte, viene.

Bivirè con tu venida,
El sin ti podrà bivir;
A los dôs daras la vida:
Antes la verà perdida
El, si te viere morir.
Escusarte no conviene,
Cumple ya con mi desseo:
No puedo, que m' entretiene
Su ventura; no lo creo:
Mi desdichà te detiene.

ALHEO.

Sufrase quien penas tiene;
Que tras tiempo tiempo viene.

GLOSSA.

COmo los Cielos ordenen
Que aya mudança en todo,
Y los bienes van, y vienen,
Los males del mismo modo,
El mismo sucesso tienen.
Puesto que su mal le pene,
Y las bonanças agenas,
Sufrir, y callar conviene,
Y se quiere vencer penas,
Sufra-se quien penas tiene.

Acojase al sofrimento
Quando mas dolor sintiere;
Y quando el plazer viniere,
No se ufane por contento,
Ni por triste desespere.
El tiempo nos entretiene,
Con jamas estarse quedo,
Un derrueca, otro sostiene:
Mire pues el triste, y el ledo,
Que tras tiempo tiempo viene.

ALHEO.

ALHEO.

Naõ posso desejar mais,
Nem me contento de menos.

GLOSSA.

A Tal estremo cheguei,
Despois que vi o que vi,
Que satisfeito fiquei,
(Ainda que me perdi)
Do que na perda ganhei.
Ganhei lagrimas, e ais,
Em olhos brandos serenos,
Porque delles serem tais,
Naõ posso desejar mais,
Nem me contento de menos.

ALHEA.

De mi dolor desumano
Solo el alma està contenta;
Que no es bien qu' el cuerpo sienta
Heridas de vuestra mano.

GLOSSA.

LA pena de mi tormento
Juntamente es maravilla,
Porque a mi dame contento,
Y a otros mueve a manzilla,

Que

Que no sienten lo que siento.
Miran la triste color
De mi gesto poco ufano,
No el gusto interior,
Por lo que tienen dolor
De mi dolor deshumano.

De los ojos corporales
Salen juizios inciertos,
Si juzgan por las señales,
Los bienes qu' andan cubiertos
Con apparencias de males.
Y assi los mas sentidos,
Por no caer en la cuenta
De quien los trae vencidos,
Estan tristes desabridos,
Solo el alma està contenta.

Ella sola gusta, y siente
El gusto de mis enojos,
Y los passa alegremente,
Porque vê con otros ojos
Qual es de su mal la fuente.
Y con esta vista tal
Leda en penas se sostenta;
Que de la causa del mal
Nace un bien tan sin igual,
Que no es bien qu' el cuerpo sienta.

Es un bien tan separado
Del bien qu' el cuerpo dessea,

Tan

Tan altivo , y no pensado ,
Que bien es que del no sea
Sentido , ni desseado.
Para el alma (en conclusion)
Que tiene juizio sano ,
Y se rige por razon ,
Vida , no heridas son ,
Heridas de vuestra mano.

ALHEO.

Los mis pensamientos ,
Madre ,
Pedirselos quiero al aire.

VOLTAS.

Es razon que se los pida ,
Pues los llevan sin razon ;
Que puesto que vanos son ,
Son d' un' alma enternecida.
Para respirar mi vida ,
A mal no lo tengais , madre ,
Que pida el ayre al ayre.

Vanseme por el debuelo ,
Sin que pueda detenellos ;
Tal me dexan que recelo
Que buele el alma tras ellos.
Antes que tal sea , madre ,
Pedirselos quiero al ayre.

ALHEO.

ALHEO.

Culpa fue querer miraros ;
Pero tuviera desculpa,
Si no passara la culpa
De veros a dessearos.

GLOSSA.

AGora por mi mal veo
Quanto mal hazen los ojos,
Quando los lleva el desseo
A donde causan enojos,
Como de los mios creo.
Mirê sin tener sospecha
De con la vista enojaros ;
Mas esto que m' aprovecha ?
Que pues no sois satisfecha,
Culpa fue querer miraros.

Si d' ofenderos pensara,
Era impossible offenderos,
Por qu' entonces no os mirara ;
Que sin vuestro gusto veros,
Quedava mi culpa clara.
Nacio del mirar sin tiento
Vuestro enojo, y mi culpa ;
No mirando tambien siento
Que no tuviera contento,
Pero tuviera desculpa.

Faltarme en el mal presente,
Es por mi poca ventura,
Que la vista injustamente,
Siente el gran, dolor que siente
Por mirar tal hermosura.
En lo que la suerte ordena,
La buena intencion desculpa;
A la mia no ser buena,
Injusta fuera la pena,
Si no passara la culpa.

No era causa bastante,
I [illegible] yo quedar culpado,
El ver si en el mismo instante,
El desseo enamorado,
No fuera mas adelante.
Vencerme sin resistencia,
Y vuestros enojos claros
Contra mi dieron sentencia,
Porque và gran differencia
De veros a desearos.

ALHEO.

Mi ganado busca dueño,
Que yo ya no soy pastor
D' ovejas, sino d' amor.

VOLTA.

SI sientes mis desvarios,
Ganado, porque te pierdes?

Busca

Bufca otros prados verdes,
Otros montes, otros rios,
Porque ya los hados mios
No me dexan fer paftor
D' ovejas, fino d' amor.

ALHEO.

Muero por dezir mi mal;
Moriré, fi lo dixere.

GLOSSA.

Mi deffeo, y mi temor,
Sobre callar, y dezir,
Mi encubierto dolor,
Hazen juez al Amor,
Defpues de mucho reñir.
Amor me pergunta qual
De los dos mas razon tiene:
Yo refpondo en general,
Veo que callar conviene,
Muero por dezir mi mal.

A tan dudofa refpuefta
El Amor affi replica,
Dezir tu mal que te cuefta?
Mejor remedio s' aplica
A la llaga manifefta.
A efto digo, fi fuere
Mi mal fabido, no fé
Que remedio en el efpere.

Si lo callo morirê,
Morirê, si lo dixiere.

ALHEO.

Quanto mas lexos de ti,
Màs contigo, y màs sin mi.

GLOSSA.

AMor por tal modo, y arte,
Me vencio con tu amor,
Que jàmas me hallo en parte,
Donde no sobre el dolor,
Quando me falta mirarte.
Y aun si presente estàs,
Donde me vistes, y te vi,
Alguna pena me dàs,
Pero tanto peno màs,
Quanto mas lexos de ti.

Que puesto que mi sentido
De te ver jàmas s' alexa,
Ausente estoi mas perdido,
Porque entonces màs me aquexa
Temor de mortal olvido:
Mas tanto puede el desseo
En el alma, que rendi,
(Porque lo passo, lo creo)
Que no te viendo me veo
Màs contigo, y mas sin mi.

ALHEA.

Gran trabajo es encubrir
El mal, de qu' estoi herido:
Menos peligro es morir,
Pues quexarme es defendido.

GLOSSA.

TYranno de mis despojos
Reina Amor dentro en mi pecho,
Y de grande; a mi despecho,
Sale fuera por los ojos;
Hallando el lugar estrecho,
Si le quiero persuadir
Que secreto en mi se quede,
Mas descubre, con dezir:
Lo qu' encubrir no se puede,
Gran trabajo es encubrir.

No desdigo su razon,
Temeroso de su ira,
Y assi muestra, a quien lo mira,
En mi gesto el coraçon,
Que sufre, calla, y suspira.
El que me vê comedido,
Por conplazer me trabaja,
Recordando a mi sentido,
Qu' a todo bien se avantaja
El mal, de qu' estoi herido.

Mas yo metido entre dudas,
De morir no tengo duda,
Porque a morirme m' ayuda,
Aver lengua en cosas mudas
Donde la mia està muda;
Entre penar, y sufrir,
Entre osado, y temeroso,
Entre bivir sin bivir,
Siempre triste, y sospechoso,
Menos peligro es morir.

Haze el morir mejor suerte
En la mala, en que me veo,
Que, por lo que siento, creo
Ser menos dolor la muerte,
Qu' encubrir mortal desseo,
Por mejorar el partido,
Acabense ya mis dias,
Queden en pecho afligido
Secretas las quexas mias,
Pues quexarme es defendido.

ALHEO.

De que sirve ò crudo Amor,
Hazer de dos almas una,
Si las aparta fortuna?

GLOSSA.

SI pienso en las ocasiones,
Dò nacen tus desvarios,

En

En tal confuſion me pones,
Que mido tus ſin razones
Por los grandes males mios:
Tu deſguſto, tu contento,
Tu blandura, tu rigor,
Tu regalo, tu tormento,
Si todo lo lleva el viento,
De que ſirve ò crudo Amor?

Ser tu poder mui crecido,
Eſto no te lo pergunto;
Que bien veo que en un punto
Juntas lo mas dividido,
Y divides lo mas junto.
Que ſin victoria te quedes,
No tentas coſa ninguna,
Todo lo cogen tus redes;
Tal es tu poder, que puedes
Hazer de dos almas una.

Pero eſto, de que tanto
Te celebran, con razon
Es de quexas ocaſion,
De ſuſpiros, pena, y llanto
En los que mas tuyos ſon.
Que anſi como eſtan gozando,
Unidas las dòs en una,
Sus deſſeos conformando,
Anſi ſe mueren penando,
Si las aparta fortuna.

ALHEO.

As me tornado a su ser,
Mis gustos tan acabados.

GLOSSA.

RIgor de tu gran olvido,
Fuerça de ventura, y hado,
A tal punto m' an traydo,
Que del ser de mi sentido
Me vi casi enagenado.
Mas tu, ò por no caber
Crueza en tal hermosura,
O por mostrar tu poder,
Venciendo olvido, y ventura,
As me tornado a su ser.

Devo mi ser a tus ojos,
Qu' ablandaron los tormentos,
Bolviendo en nuevos contentos
Los recelos, los enojos
De mis tristes pensamientos.
Ya con todos mis cuidados
Seguro estoi de ser triste;
Mis males ya son passados,
Pues tu restaurar quisiste
Mis gustos tan acabados.

ALHEA.

Soñava, madre, que via
Alegre mi coraçon:
Mas los sueños, madre mia,
Mas los sueños sueños son.

GLOSSA.

FAtigado el pensamiento
Con dolor de sus enojos,
En la fuerça del tormento
Adormecieron mis ojos,
Llorando mi perdimiento:
Dormiendo me parecia,
Que se mudava en plazer
La mucha tristeza mia;
Mas lo que no puede ser,
Soñava, madre, que via.

De la gloria falsa incierta
D'aquel saboroso engaño
Me quedò la pena cierta;
Y mucho mas grave el daño,
Despues que me vi despierta.
Si mis ojos fuentes son,
De los vuestros s'apartando,
Que sea no es razon,
Ni dormiendo, ni velando,
Alegre mi coraçon.

Que biva trifte biviendo,
Affi lo quiere mi fuerte;
Mas tal vida no la entiendo,
Que la vida hallo en la muerte,
Y fi bivo, eftoi moriendo.
En la noche el mal del dia
Pienfa engañar mis querellas,
Mas es vana fua porfia,
No folo me canfan ellas,
Mas los fueños, madre mia.

Dezis que mis fueños crea,
Que del bien no defefpere;
Quereis vòs que plazer vea?
Quando yo, madre, lo viere,
Cierto que por fueños fea.
Y en la mi grave paffion,
Bien feria fi anfi fueffe,
Vieffe alegre el coraçon,
Y en fueños, madre, lo vieffe;
Mas los fueños fueños fon.

ALHEO.

Quem defmereceu fervindo,
Qu' efperarà defejando?

GLOSSA.

Cuidei, pelo que fervia,
Merecer o qu' efperava;

Naõ via que m' enganava
No pouco que merecia,
No muito que desejava.
A razaõ nisso attentando,
Por vossa parte acudindo,
Disse (meu erro estranhando)
Quem desmerece servindo,
Qu' esperará desejando?

ALHEO.

Naõ temo nenhum perigo,
Mas vontade perigosa.

GLOSSA.

QUem ama vive em temor,
Eu sigo amando outro estremo,
Mouro de puro amador,
E por Amor nada temo,
Temendo tudo d' Amor.
Sinto alma receosa
Do que o tempo tras comsigo;
Que de vida duvidosa
Naõ temo nenhum perigo,
Mas vontade perigosa.

ALHEA.

Tal estoi despues que os vi,
Que de mi proprio cuidado

Estoi tan enamorado
Como Narciso de si.

VOLTAS.

UNa sola differencia
Hallo en este amor altivo,
Que el murio con su presencia,
Mas yo con la vuestra vivo.
En el punto, que yo os vi,
Se realçò mi cuidado
Tanto, que enamorado,
Por vòs, me quedè de mi.

Nacieron de un amor dòs;
Cupido fue el tercero,
Que haze que bien me quiero
Por lo que vos quiero a vòs.
Los estremos, qu' en vòs vi,
Me an traido a tal estado,
Que me veo enamorado
D' Amor, de vòs, y de mi.

ALHEO.

Hora cuidar me assegura,
Hora me matao cuidados.

GLOSSA.

FOi ser a vontade minha
De todas tao desviada,

Que

Que me naõ affirmo em nada ;
Por bem tenho o mal que tinha ;
O bem que tenho m' enfada.
Isto he força da ventura ;
Se naõ m' engana o que cuido ;
Que tais estremos mistura ,
Qu' hora meu proprio descuido ,
Hora cuidar m' assegura.

Diversas cousas me pede
O meu desejo inquieto ;
Hũas nego , outras prometto ;
Mas com tudo me succede
Perderme no que cômetto.
Como será dos meus fados
A tençaõ favorecida ,
Se pera males dobrados ,
Cuidados me daõ a vida ,
Hora me mataõ cuidados.

ALHEA.

Es tan dulce mi tormento
Por la causa , que lo ordena ,
Que vengo a ser avariento
De los gustos de mi pena.

VOLTAS.

SI d' otra causa nacieron
Las mortales ansias mias ,

Tan

Tan fuertes son, que ya dieron
Fin triste a mis tristes dias,
Mas en medio del tormento,
Quando pienso en quien lo ordena,
Muda-se en contentamento
El gran rigor de mi pena.

Amor, que penarme quiso,
Queda-se con su engaño,
Que por la causa del daño,
El daño me satisfizo.
Es tal el merecimiento
De quien mi passion ordena,
Qu' el dolor me dà contiento,
Y summa gloria la pena.

ALHEOS.

Sangrientas las hebres d' oro
Se sale de la batalla,
La hermosa Bradamante,
Aun que herida, vengada.

GLOSSA.

HAziendo con moros guerra
La hija d' Amor osada,
De Rodamonte encontrada,
Cayole su yelmo en tierra.
Herida del bravo moro,
Que no mirò gentileza,

Que-

Quedaron con mas belleza
Sangrientas las hebres d'oro.

Mesclados al mismo punto
Los Franceses, y Paganos,
Hazañas hazen sus manos,
Con furor al valor junto.
Mientras rompe el fiero Marte
Todo arnès, todo elmo, y malla,
La dama por otra parte
Se sale de la batalla.

No sale por verse herida,
Ni porque tema la muerte;
Mas porque llaga mas fuerte
Siente en su pecho empremida:
Herida mas penetrante,
(En su alma cosa nueva!)
Mas sangrienta, y cruda lleva
La hermosa Bradamante.

Diole el golpe el buen Rugiero
Con la flecha de Cupido:
No queda menos herido
De su vista el cavallero;
De dos llagas lastimada
Iva triste, y con dolor:
Mas de la llaga d'Amor,
Aun que herida, vengada.

A HUM AMIGO QUE PEDIO ao Autor hũas poucas de lagrimas pera hum rosario.

Bem podera mandar mais,
Porém, senhor, dessa fruita
He milhor pouca, que muita.

QUiz que fossem enfiadas
Nesses fios d' esperança,
Porque das por Deos choradas,
O que s' espera s' alcança.
Trazei-as pera lembrança
Que da terra essa má fruita
Tem no Ceo valia muita.

Os estremos, que milhor
Lhe podeis entremeter,
Suspiros devem de ser
Saidos d' alma com dôr.
Em fim nunca humano amor
Vos leve mais dessa fruita,
O divino leve muita.

VILANCETE.

Desejo de ter cem olhos,
Como teve Argos pastor,
Pera chorar hũa dôr.

VOL-

VOLTA.

Que dous, que nisso se gastem,
Naõ podem tanto chorar
Que suas lagrimas bastem
Pera me desabafar:
E daqui vem desejar
Ser de mais olhos senhor,
Do que foi Argos pastor.

Mas se quizesse cantalla,
Quantas lingoas hei mister,
Quando só pera choralla
Cem olhos desejo ter?
Em fim pois naõ ha dizer,
Nem chorar tamanha dôr;
Soffrella será milhor.

CANTIGA.

Quando cuido no que cuido,
Porque sinta mal dobrado,
Tanto em mim cresce o cuidado,
Quanto em vós cresce o descuido.

VOLTA.

Des que cuidar me fizestes,
Tanto cuido (ou cuido mais)
Quanto vós vos descuidais
Dos cuidados, que me déstes.

Daqui

Daqui vem que quanto cuido,
Me tem já desenganado,
Que pagais grande cuidado
Com outro tanto descuido.

CANTIGA.

Mudanças, qu' a vida tem
No que mais, e menos val,
Me fazem rir já do mal,
E naõ ter gosto do bem.

VOLTAS.

DEs que vi ser tudo vento
Quanto a vida póde dar,
Nem do mal tenho pesar,
Nem do bem contentamento,
Vente daquem, ou d'além,
Corra Norte, ou Vendavál;
Que tanto me dá do mal,
Quaõ pouco tenho do bem.

Naõ temo males que vejo,
Porque sei que vem, e vaõ;
E polla mesma razaõ
Bens mudaveis naõ desejo.
Tudo o mais, qu' a vida tem,
Val mui pouco, ou nada val:
Mal, que passa, naõ he mal;
Bem, que dura, he summo bem.

VI-

VILANCETE.

Quem vos ouve, e quem vos vê,
Por demais he que resista
A tal fala, e a tal vista.

VOLTAS.

EStremos saõ conhecidos,
A quem ò Ceo deu por sorte
Serem vida, e serem morte
Dos dous mais altos sentidos.
Os meus de todo rendidos,
Naõ tem força, que resista
A tal fala, e a tal vista.

Quem doce morte recea,
Quem triste vida deseja,
Naõ vos ouça, nem vos veja;
Por fé vos ame, e vos crea:
Sois Medusa, sois Serea
D'amor, que tudo conquista
Com tal fala, e com tal vista.

CANTIGA.

Señora, no quiera Dios
Que vòs seais homecida,
En que se pierda la vida
Del que se pierde por vòs.

VOL-

VOLTAS.

QUe no se puede sufrir
Crueza en tal hermosura,
Muera por su desventura,
Nò que vòs le hagais morir.
Nunca tal permitta Dios
Que del seais homecida,
No por cousa de su vida,
Mas por la culpa de vòs.

Vuestro pecho endurecido,
Sienta ya (para dolerse)
Que no deve ser perdido
Quien tambien supo perderse.
Que cuenta dareis a Dios,
Siendo cruel homecida,
Dexando morir la vida
Del que se muere por vòs?

CHANSONETAS.

Bendita sea la madre,
Que donzella queda, y pare.

VOLTA.

DEl Padre el Verbo Divino,
Con divino amor por nòs,
Quiso nacer hombre, y Dios,
De una Virgen qual convino.

Ben-

Bendito sea el que vinò,
Bendita sea su madre,
Que donzella queda y pare.

OUTRA.

No lloreis, mi Dios:
Llore yo por vòs.

VOLTA.

SEan por vòs rios,
Mis ojos de llanto;
Pues por yerros mios,
Por mi llorais tanto,
Oy con dulce canto
Se da gloria a vòs,
Vòs llorais por nòs.

OUTRA.

He tempo que deis o peito,
Sacratissima Senhora,
A vosso filho que chora.

VOLTA.

CHora tremendo de frio,
N'hum presepio reclinado,
De todo desabrigado,
Até de feno vazio:

Achegai-lhe o peito pio,
Sacratissima Senhora,
Porque já por elle chora.

OUTRA.

Estrella do alto Ceo,
Mostrai sinais d' alegria
Nesta noite, em que nasceo
O bom Jesus de Maria.

TRECETO ALHEO.

Aqueste premio mi servir alcança,
Que sola en la miseria de mi vida,
Negò fortuna su comun mudança.

GLOSSA.

A Quien me quexarè de mi tristeza,
Si de mis quexas nace mal doblado?
A dô se viò jàmas tal estrecheza,
Que aun de me quexar no soi osado?
Si busco piedad, hallo aspereza,
Si sirvo con amor, soi desamado,
Quien sirve desamado no descansa,
Aqueste premio mi sirvir alcança.

A tanto que me trae el pensamiento
Por discursos inciertos engañados,
Que viene a ser remedio en lo q̃ siento,
El dolor, qu' es dolor en desdichados.

Ya me ſuelen los males dar contento,
Ya los bienes en mi ſon acabados,
No ſe ſoſtiene en mas. l' alma vencida,
Que ſolo en la miſeria de mi vida.

En un ſer coſa alguna permanece,
Sino mi mal (no pienſen que m' engaño)
Que ni el mengua en mi, ni en mi crece,
Deſpues que vino al ultimo del daño:
Ni ſe renueva en mi, ni en mi fenece,
Como todo lo mas (ò caſo eſtraño!)
Que para no mudar mi mal andança,
Mudò fortuna ſu comun mudança.

ALHEO.

El bien dudoſo, el mal ſeguro y cierto.

GLOSSAS.

POr el profundo mar de mi deſſeo
Con las ondas luchando, y cō la muer-
Que con dolida ante mis ojos veo, (te
De mi alta miſeria, y baxa ſuerte,
Amor (por quien mi vida no poſſeo)
Soſteniendo-me và con braço fuerte:
Porque libre del mar halle en el puerto
El bien dudoſo, el mal ſeguro, y cierto.

Aun qu' el fatigado penſamiento
Por regiones vaya temeroſas,

O

O baxe en el escuro triste asiento
O suba a las estrellas relumbrosas,
No puedo enagenar del sintimiento
En pago de mis ansias dolorosas,
(Al poblado lo digo, y al desierto)
El bien dudoso, el mal seguro, y cierto.

No sè como la vida se sostiene
Donde lo mejor della està dudoso,
Mas sè que sofrir tanto me conviene,
Por no hazer mi mal mas peligroso.
El dia para mi ya luz no tiene,
Y la noche me nega su reposo,
Dormiendo veo (que harè despierto?)
El bien dudoso, el mal seguro, y cierto.

Del remedio comun, qu' el tiempo embia
A coraçones tristes lastimados,
Tanto mi fiera estrella me desvia,
Que con el tiempo crecen mis cuidados:
Muriose mi plazer, si lo tenia,
Entre manos de mis crueles hados,
Nasciò (por mas dolor) del plazer muerto
El bien dudoso, el mal seguro, y cierto.

Amor tan sin porque mi enemigo,
Ingrato, desleal, sobervio, y crudo,
Que me persigue quanto mas le sigo,
Como sino m' hiziera el mal que pudo,
A dô quiera que voi manda comigo
(Si yo comigo voi; que dello dudo)
El

El daño siempre claro, y descubierto,
El bien dudoso, el mal seguro, y cierto.

El coraçon en lagrimas desecho,
Que por mis ojos sale en larga vena,
Y los sospiros tristes de mi pecho,
Testigos son de mi amorosa pena,
Llegòme la fortuna a tal estrecho,
Que ya no espero ver un' hora buena;
Traen el alma mia en desconcierto
El bien dudoso, el mal seguro, y cierto.

OUTAVAS.

Esperanças, que presto vos bolvistes,
Quando yo por mas firmes vos tenia,
En sombras vanas, en nublados tristes,
Que no me dexan ver la luz del dia,
Si vòs con larga mano me subistes
A la mas alta cumbre d' alegria,
Porque sin ocasion me derrocastes,
Y sin vòs, y sin ella me dexastes?

Sin ella, y mas sin vòs m' aveis dexado,
Despues que me dexò de ver aquella,
Por quien hasta de mi bivo olvidado,
Tan cruda en maltratarme, quanto bella.
A quien con tal amor el mio he dado,
Que no siento perderme, mas perdella,
Y para me ganar solo esto quiero,
Morir a su contento, ya que muero.

Bien

Bien puede a su plazer darme tormento,
Bien puede no dolerse de mi duelo,
Que no se mudarà mi pensamiento
Por mas que se l' empida el alto buelo,
Será mi coraçon su aposento
Mientras rigire el alma el mortal velo;
Y despues que del fuere desatada,
Llevarà su figura retratada.

Aun que graves sean mis dolores,
Y malos de sufrir, bien los sufriera,
Si de tantos, y tales disfavores
Un solo por mi culpa mereciera.
Amor mas mal me paga mis amores:
Quien al principio tal pensar pudiera!
Mas si conosco Amor, de que m' espanto?
Sus gustos dolor son, son quexa, y llanto.

En fin mis esperanças (ya no mias)
Pues quien m' enagenò, os hizo agenas,
Sin vòs acabarè mis tristes dias
Lamentando la pena de mis penas;
Que no seran jàmas tibias ni frias
Mis llamas, ni mas floxas mis cadenas,
O buelva de quien amo a ser amado,
O sea de cada vez mas olvidado.

OUTAVAS.

Ia no me quexarè de cosa alguna
De quantas vanamente m' è quexado,

Pues entre mi esperança y mi fortuna
La mar en medio, y tierras he dexado,
Un duelo di en el Cielo de la Luna;
El seso que perdi tengo cobrado,
Y para dello dar mas clara prueva,
Io non vò più cantar come soleva.

Aquella dulce flor de mis sentidos,
Que tan amargo fruto ha produzido,
Al cabo de servicios tan perdidos,
No pierda mas quien tanto aya perdido.
Quedense mis desseos somergidos
En hondo seno del eterno olvido,
Pues solo mi dolor quieren que biva
Amor, fortuna, y la mia mente squiva.

Enterneciò el tiempo el mal esquivo,
Por ser mas largamente atormentado,
Y ansi muriendo yo, pienso que bivo,
Quando me paro a contemplar mi estado,
Hago cuenta de libre, y soi captivo,
De quanto se l' antoja a mi cuidado,
Y por el mar d' engaño, en que me fio,
Passa la nave mia colma d' oblio.

Si, lo que ver no espero, a caso viesse
Convirtirse en plazer mi desventura,
Pienso que maior daño el bien se hiziesse:
Ha tanto ya que mi fortuna dura!
Como ave noturna qu' entristece
Con la vista del Sol serena, y pura,

Assi

Assi seria yo viendo contento,
S' amor non è dunque quel, ch'io sento?

Y s'es Amor que no lo determino,
De tal suerte governa este mi pecho,
Que vino a dar en parte sin camino,
Pensando qu' el camino iva derecho.
Y no puede acabar mal tan contino
La vida, que ha llegado a tal estrecho,
Ni yo con el dolor, qu' en mi s' encierra,
Pace non trovo, e non ho da far guerra.

Para que sienta mas el bien perdido,
Qu' el pie sente dolor del mal que siento,
De quantos fundamientos he tenido,
Echado està por tierra el fundamiento,
Al tiempo qu' esperè mejor partido,
Burlado me dexò mi pensamiento,
Sobrandome razon para que llore:
O chi piangete acompagnate il core.

La tierra me persigua, niegue el Cielo
Remedio al grave daño de que muero,
Que yà para mi gusto, y mi consuelo
El aspereza de mis males quiero.
Trateme la tristeza sin recelo
Del contrario plazer, que no lo espero,
Convertido se tiene en mal secreto
Mia beguina fortuna, y bivir lieto.

ALHEOS.

ALHEOS.

Quan presto t' arrepientes, cruel hado,
Quando dàs tanto bien, de averlo dado!

GLOSSA.

ALçò el hado el esperança mia,
A dulces y alegres confianças
Segurando mi gusto, y mì alegria
Del rigurioso mal de sus mudanças.
Mas ah què luego traxo el triste dia
Que de buelo llevò mis esperanças;
Dexòme de dichoso, desdichado:
Quan presto t' arrepientes cruel hado!

Quanto fuera mejor nunca aver sido
Regalado de ti con larga mano,
Pues fue para dexarme mas perdido,
Y de quanto pensè menos ufano:
No te basta cruel avèr vencido,
Y darme (por gran don) un gusto vano,
Sino que, por mas mal, te veo ayrado,
Quando dàs tanto bien de averlo dado?

ALHEOS.

Que a pesar de los hados enojosos,
Tanbien para los tristes uvo muerte.

GLOSSA.

Discursos largos de mi fantesia,
Pues ya m' aveis mostrado mis engaños,
Haziendo vana el esperança mia,
Cierta mi perdicion, ciertos mis daños,
Por contrario me doy del alegria
Para todos mis dias, y mis años;
Que sea a plazer de los dichosos;
Que a pesar de los hados enojosos.

Harè de nuevo tristes fundamentos,
Que los tristes no pueden dar caida;
Por varios climas, varios elementos
La tristeza de mi serà seguida.
Bivan a plazer suyo los contentos;
Que si para los tales en la vida
Uvo alegria, vida, y dulce suerte,
Tanbien para los tristes uvo muerte.

ALHEOS.

Ausente bivo; y pienso qu' olvidado
Daquella a quien ama el alma mia:
Mas si ausente della fuere amado,
Quan bien aventurado que seria!

GLOSSA.

Ausente bivo, y pienso qu' olvidado:
Y si es verdad, mejor dirè q̃ muero;
Que

Que nò vive el que vive en tal estado;
Y si bive, yo tal vida no la quiero.
En tales dudas, lleno de cuidado,
Temendo el mal, del bien nò desespero?
Mas que serà, si el Cielo me desvia
Daquella, a quien ama el alma mia?

Pero si ausente della fuere amado,
Cierto serà mi bien, mi mal dudoso:
Las lagrimas, que lloro, y hê llorado,
A dô dieron dolor daran reposo:
Seguro entrarê en el mar ayrado,
Seguro en todo trance peligroso:
O si tal ver pudiesse en algun dia,
Quan bien aventurado que seria?

ELEGIA DO PADRE
Fr. Agostinho da Cruz, á morte de Diogo Bernardez seu irmaõ.

CLaras agoas do nosso doce Lima,
Seccou no Tejo já vossa corrente,
Onde me secca a dôr que me lastima.
Lembranças de vos ver suavemente
Correr ao som da voz qu' em vós soava,
Naõ me deixaráõ já viver contente.
Lembra-me a tenra idade que passava
Logrando-me daquella companhia,
A quem tanta brandura acompanhava.

Lembra-me quantas vezes succedia
  Das plantas, e das fontes convidados,
  Aceitar sombra fresca, e agoa fria.
Outros mil pensamentos renovados
  A magoa m' offerece, imaginando
  Que nunca tornaõ mais tẽpos passados.
Fique-se o mundo já desenganando,
  Que naõ s'abrãda a morte cõ brandura,
  Pois a naõ abrandou teu peito brando.
Que successo, que dita, e que ventura,
  Antes quanto favor de Deos alcança
  Quem dá na vida á vida sepultura!
Ah claro, e charo irmaõ, que confiança
  Me fica neste passo, em saber certo
  Que tenhais lá no Ceo a confiança!
Sabias que da morte andavas perto,
  Perto tambem de Deos a desejavas;
  Como d'antes me tinhas descuberto.
Que nem sempre do Lima praticavas,
  Nem sempre cá do Tejo só comigo,
  Nem tudo Poesia o que tratavas.
Eras (além d' irmaõ) mais meu amigo,
  Por me veres do mundo despedido,
  Cujos males chorar vinhas comigo.
Tinhas chorado assaz, tinhas gemido
  O tempo vaõ da verde mocidade,
  Na velhice madura conhecido.
Naõ se deixa sentir a vaidade
  No principio da vida grangeada,
  Quando contra a razaõ reina a vontade:

D'hum

D'hum gosto n'outro falso encaminhada ;
Naõ soffre mais ouvir do que deseja ,
Nem sabe desejar cousa acertada.
He necessario pois que se proveja
D' alheo parecer na causa sua ,
Porque na sua o seu sempre manqueija.
Mas porque mais naõ note , nem argua.
Os defeitos comuns da Natureza ,
Dos meus quero tratar , da morte tua.
Eu cuidava bastar a fortaleza ,
Da solitaria serra em que habito ,
Pera fortalecer minha fraqueza.
Mas nella s' abalou mais meu espirito ,
Accrescentando mais o sentimento.
D'hum brando coraçaõ n'hũ peito afflicto,
Que mal resistir póde o pensamento
Donde s' estendem mais as saudades ,
A quem nunqua neguei consentimento.
Ha nos bosques cem mil diversidades
No fructo, folha , e flor, e nos rochedos
Rotos das Oceanas tempestades :
Por cima d' hũs nos outros arvoredos
Vpar vejo cantando hũs passarinhos ,
Outros ouço cantar estando quedos :
Vejo nos montes raros mais vizinhos
As fugitivas féras ir torcendo
Os passos , por pascer entr' os espinhos.
Triste , com que remedios vou detendo
Na vista dos meus olhos magoas minhas,
Que nas aves , e féras vaõ crescendo.

Nestas

Neſtas me lembra o ſom da voz q̃ tinhas,
Naquellas quantos paſſos retorcidos
Por colher brandas flores entr' eſpinhas.
Quaõ triſtes penetravaõ meus gemidos
As entranhas das duras penedias,
Taõ triſtes tornaõ dellas repartidos.
Qu' inda que das ardentes dem nas frias;
Inda que deſtas brandas dem nas duras,
Pera me reſponder eſtaõ vazias.
Abrandaõ-ſe as durezas com branduras,
Podem magoas mudar as naturezas
Quando mudar naõ podem as venturas.
Os claros deſenganos, as certezas
Da vida, que já vai de foz em fóra,
Naõ ſoffrem mais eſtremos de triſtezas.
Tratar de como irá, convém agora,
E da que já ſe foi, mais naõ tratar,
Como ſe derradeira deſta fora.
Vida que tarde, ou cedo ha d' acabar;
Morte que por fugir mais naõ dilato,
Ambas devo temer, ambas chorar.
Que com temor, e choros de que trato;
Aſſi me poſſo aver neſta primeira,
Qu' a ſegunda me cuſte mais barato.
Mas quem ſó naquell' hora derradeira
Eſpera deſcanſar por ter canſado,
(Se canſa quem faz conta verdadeira)
Nem o temor o traz inquietado,
Nem o choro lhe dá pena tamanha,
Que chorando naõ fique conſolado
Nas lagrimas da morte em q̃ ſe banha.

FIM.

LICENSA

DA REAL MEZA CENSORIA.

REimprima-ſe , e torne a conferir. Meza , 20 de Outubro de 1769.

Regedor.

Gama.

Coelho. *Manſilha.*

VARIAS RIMAS
AO BOM
JESUS,
E A' VIRGEM GLORIOSA
SUA MÃI,
E A SANTOS PARTICULARES:

Com outras mais de honesta, e proveitosa liçam.

DIRIGIDAS AO MESMO JESUS, Senhor, e Salvador nosso.

POR

DIOGO BERNARDES,

Natural de Ponte de Lima.

LISBOA

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Impressor do Emin. Senhor Card. Patriarc.

M. DCC. LXX.

Com licença da Real Meza Censoria.

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

SONETO
DEDICATORIO.

BRando Senhor JESUS, as pias rimas
No difcurfo dos annos derramadas,
A ti, e á Virgem Madre dedicadas
Em varias occafiões, em varios climas:
Aqui (para que tal favor lh' imprimas,
Que fejaõ dos teus fervos eftimadas)
Juntas te faõ de novo apprefentadas
Com fé, e puro amor, que mais eftimas.
E fe nellas achar o peccador
Coufa de que fe tanto fatisfaça,
Que chore arrependido a culpa fua:
Diffo graças te dê, dête o louvor
A ti, de quem os bens, de quem a graça
Procedem por bem noffo, e gloria tua.

§ ii TA-

TABOADA
DOS
SONETOS.

A

B

C

Dos

TABOADA.

D

E

F

I

Lou-

TABOADA.

L

N

O

Pois

P

Q

R

Sacra

TABOADA.

S.

V

ELEGIAS.

Que

VOL.

TABOADA.

VOLTAS.

GLOSSAS.

EPIGRAMMAS.

San-

ENDECHAS.

CANÇOENS.

HYMNO.

SEXTINA.

ELE-

ELEGIA I.

A JESU.

AQui, oh Rey dos Reys, onde vos vejo
Que numa Cruz morreis por meu amor,
Aqui por vosso amor morrer desejo.
Que morra aqui por vós, meu Redemptor,
Muito fica devendo esta alma minha,
Que muito vai de servo a seu Senhor.
Hai de mim, que na culpa me detinha
Apartado de vós, meu bom Jesus,
Andava cego, e luz buscar naõ vinha;
Naõ vos vinha buscar, Divina luz,
Que tanto tempo ha que m' esperais
Com os braços abertos nessa Cruz.
Mageas, de tal descuido que naõ dais
A meus olhos de lagrimas um rio?
Porque frios sospiros derramais?
Senhor, sem quem de mim nada confio,
Vós o pranto me dai, vós accendei
Em vosso ardente amor meu amor frio.
De mi, por quem vós sois, me defendei,
E do mais que de vós minh'alma aparta,
Dentro no vosso lado a recolhei.
Onde dos olhos della naõ se parta
JESU Crucificado: esta lembrança
Comigo nova dôr sempre reparta.

Oh Redemptor da vida, oh esperança
Dum peccador de vós taõ esquecido,
De piedade usai, naõ de vingança.
Como cervo nos montes perseguido
Venho buscar a fonte d'agua viva,
De tanto vos fugir arrependido.
A vossa condiçaõ a quem esquiva?
A quem negou amor; a quem brandura?
A quem de graves culpas naõ alliva?
Oh resplandor divino, oh fermosura
Dos Anjos, luz do Sol, eu vos cubri
Nessa Cruz, onde estais, de sõbra escura.
Eu vos crucifiquei, eu vos vendi,
Eu vos neguei mil vezes, que naõ tres;
Eu fui o que esse lado vos abri.
Que castigo merece quem tal fez?
Vós o sabeis, Senhor; mas eu bem sei
Que mais perdoais vós de cada vez.
De cada vez que com dizer, pequei,
Se converter a vós, quem vos errou,
De bondade tamanha que direi?
Que direi do estremo, a que chegou
A força do vosso amor brando, e suave,
Que nessa dura Cruz vos encravou?
Amor, que tanto póde, elle me encrave
A vossos santos pés esta alma triste,
E della em vossas maõs entregue a cha-(ve.
Alli se vencerá quem lhe resiste,
Alli me vencerei com favor vosso,
Que o vencimento meu em vós consiste.

Confeſſo, bom Jeſus, remedio noſſo,
Mil culpas, em q̃ eſtou inda enlaçado:
Se vós me naõ valeis, eu ſó que poſſo?
Por vós me veja dellas deſatado,
E de cuidados vaõs, enganos certos,
Que me trazem a mim de vós roubado.
Nas cidades, nas villas, nos deſertos
Sempre vos cantarei novos louvores,
Quer em publica voz, quer encubertos.
E lagrimas darei ás cinco flores,
Que em maõs, e pés, e lado vejo eſtar,
E a todas as mais chagas, e mais dôres.
Naõ deixaráõ meus olhos de chorar
A pena que vos deu eſſa coroa,
Que vos deram por rir, e por zombar.
Qual eſpinho verei que me naõ doa
Vendo como de todos ſois ferido
Com ponta que té os oſſos naõ perdoa?
Qual golpe em voſſo corpo recebido
Me naõ magoará, ainda que eu ſeja
Mais que pedra, ou q̃ ferro endurecido?
Permitti vós, Senhor, que cedo veja
O que de vós eſpero, o que deſejo,
Pois niſſo voſſo goſto ſe deſeja.
Fallem por mim as penas qu'em vós vejo,
Sirva meu coraçaõ de ſacrificio,
Per onde a vós me chegue mais ſem pejo.
Em tanto os olhos façaõ ſeu officio,
Em pranto perenal as nodoas lavem,
Que na minh' alma poz o ſujo vicio.

Inda que tantas saõ, que já naõ cabem,
Em lagrimas delidas saiaõ fóra,
Porque menos meus erros vos agravem.
Negue taõ de verdade, desd' agora,
Do mundo os gostos vaõs, que nunca os olhe,
Nem cuide nelles mais pôto, nem hora.
Outros, que meu amor de novo escolhe,
Veja de vós, amando, merecidos,
Pois delles melhor fructo se recolhe.
He tempo de chorar tempos perdidos,
He tempo de sentir que vos perdia
Dando a mil vaidades meus sentidos.
Agora vejo bem qual andaria
Quem andava d' imigos rodeado,
E seus falsos enganos naõ sentia.
Se vos buscar queria, desviado
Me faziaõ cuidar que vos achasse,
E tinha-vos aqui crucificado.
E quem vos naõ achou que vos buscasse,
Resplandecendo vós em toda parte,
Fermoso Sol que para todos nace?
Qual ingenho sotil, aviso, e arte,
Poderá declarar tal piedade,
Que diga de cem mil a menos parte?
Em fim, meu bom JESU, summa bondade,
A vossos pés me rendo offerecido
A tudo quanto for vossa vontade.
Se me desemparaîs, eisme perdido,
Eisme tornado logo ao cego Egypto,
Donde tam pouco ha tenho sahido.

Por

Por tanto renovai o meu eſprito,
A vós juntai minh' alma arrependida
Do mal que tem cuidado, feito, e dito;
Comece, por ter vida, nova vida.

SONETO
Ao meſmo
JESU.

OH Bom JESU, donde piedade chove,
Della comigo uſai, iſto vos peço,
E poſto que tal graça naõ mereço,
A voſſa na minh' alma ſe renove.
Se com ſeu rogo o peccador vos move
(De cuja liberdade foſtes preço)
O meu em culpas minhas (q̃ conheço)
O voſſo brando amor, naõ ira prove.
Com ver qual neſſa Cruz eſtais por nós,
Inda me poem meus erros em receos,
Delles que menos pena ſperar poſſo?
Senhor, pois os tomaſtes ſobre vós,
Naõ os vejais em mi, q̃ em mi ſaõ feos;
Lavados os olhai no ſangue voſſo.

ELEGIA II.

A JESU.

QUe coraçaõ taõ duro, que vontade
Tam ſecca, e deshumana póde ſer,
Que negue a voſſas dôres piedade?
Quais olhos, bom JESU, vos podem ver
Cravado neſſa Cruz, onde expirais,
Sem piedoſas lagrimas verter?
Se naõ os meus enxutos muito mais
Em chorar voſſa morte, e meu peccado,
Que de Libia os ardentes areais.
Ah brando Senhor meu, quam mal tratado
Vos vejo, ſe em vós ponho o penſamẽto,
Quam afflicto por mim, quã deſprezado!
Tantas penas, Senhor, tal ſoffrimento,
Tal brandura com gente endurecida,
Outra dôr pedem, outro ſentimento.
Mór magoa a tam graõ magoa era devi-
Mais encendido amor a tal amor (da,
Comprar devieis pela voſſa vida.
Trabalho naõ ficou, naõ ficou dôr
De quantas inventou a crueldade,
Que ſe naõ viſſe em vós, meu Redem-
Pois quem ſerá q̃ ſinta de verdade (ptor.
Quanto por nós ſentiſtes, e ſoffreſtes,
Que negue a voſſas dores piedade?

Por

Por nos subir ao Ceo, do Céo decestes;
 Por nos livrar da pena á Cruz subistes:
 Peccamos contra vós, vós padecestes.
Ah Cordeiro sem magoa, em nós q vistes,
 Que para ser por nós offerecido
 Da nossa humanidade vos vististes!
Naõ fostes vós, Senhor, o offendido?
 Naõ fomos nós os que vos offendemos?
 Oh estremo d' amor mal conhecido!
Naõ hum estremo só, mas mil estremos
 Todos cheos d'amor, mercês tamanhas,
 Quando, ou porq modo as servíremos?
Amor vos faz soffrer penas estranhas,
 Amor vos poz na Cruz, elle vos tem
 Trespassadas as maõs, e as entranhas.
Ah poderosas maõs, as maõs, a quem
 Vós déstes força e ser, contra vós cruas
 Foraõ pera seu mal, e nosso bem!
Mostraraõ vossas carnes ó Sol nuas,
 Que de dó s' escurece, o sangue vosso
 Derramaraõ por casas, e por ruas.
Morreis meu Deos por nós, ah q naõ posso,
 Inda que por vós morra, pagar nada,
 Porque nada sou eu, vós sois Deos nosso.
Desta tal troca, desta desusada,
 E nunca vista liberalidade,
 Nunca minh' alma seja descuidada.
Naõ permitta, Senhor, vossa bondade
 Que nella persevere tal dureza,
 Que negue a vossas dôres piedade.

Abran-

Abrande voſſo amor ſua aſpereza,
E ſinta, de vos ter errado tanto,
Grand' arrependimento, gran triſteza,
De vós amor de ſi, dos olhos pranto.

SONETO
Ao meſmo
JESU.

AInda, ó bom JESU, qu' em offendervos
Tanto tempo gaſtei tam mal gaſtado,
Tam cego em culpas já, tam deſcuidado,
Que naõ via perderme com perdervos.
Olhai como por mim offerecervos
Quiſeſtes neſſa Cruz crucificado,
E daime arrependerme do paſſado,
E no por vir em tudo obedecervos.
Vivo (como culpado) com temor
Ouvindo contra mi minha maldade
Gritar diante vós, Senhor, vingança.
Mas eu perdaõ eſpero, e piedade,
Pois tenho o ſangue voſſo em meu favor,
Açoutes, cravos, cruz, coroa, e lança.

ELE-

ELEGIA III.

A JESU.

A Ti, meu bom JESU, qu' offendi tãtõ,
A ti, repouso dos atribulados,
A ti, gloria do Ceo, do inferno spanto;
A ti peço perdaõ dos meus peccados
Mui dignos de temer, e de chorar,
De mi pouco temidos, e chorados.
Por elles, meu Senhor, te vejo estar
Crucificado nesse duro lenho,
Por elles tardei tanto em te buscar.
Naõ m'enjeites, meu Deos, se tarde venho,
A culpa de temor m' está cercando,
Segura-me a esperança qu' em ti tenho.
Se te vejo, Senhor, qu' estás rogando
A teu Eterno Padre por perdaõ
Daquelles, que t' estaõ crucificando:
Se dizes com voz doce ao bom ladraõ,
Comigo hoje serás no Paraiso;
Os meus temores como se naõ vaõ?
Mercês tamanhas feitas de improviso
Me fazem ter mui certa confiança
De naõ ser condemnado em teu juizo.
Se te meus erros movem a vingança,
Lembre-te que por mim poseste a vida;
Abranda teu furor nesta lembrança.

Oh

Oh alma minha, oh alma endurecida,
Como te naõ abranda o grande amor,
Com que, por quem te fez, foste remida.
As dôres de JESU dem te mór dôr,
Olha que por dar vida á criatura
Tam pouco estima a sua o Creador.
E tu meu coraçaõ, de pedra dura
Se vês quebrar as pedras com tristeza,
Como naõ quebras de tristeza pura?
Porque encerras em ti maior dureza?
Por ventu'ra naõ he teu natural
Mais brando do que he sua natureza?
Entranhas de ferro, ah quamanho mal,
Em tantas magoas sentimento duro
De mui pequeno amor daõ gram sinal.
Ah que sem ti, Senhor, he tudo escuro,
Tudo saõ sombras vãs, e tudo sonho,
E cego o entendimento mais seguro.
Quando meus olhos nessas chagas ponho,
E naõ me vejo em lagrimas banhado,
Corrido fico, todo me envergonho.
Ah chagas amorosas, sacro lado,
Este meu peito frio em vosso amor,
Quem o sentisse já todo abrazado?
Hum novo coraçaõ me dá, Senhor,
O qual a ti só tema, a ti só ame,
A ti meu Deos, meu Pay, meu Redéptor.
Por ti sospire sempre, por ti chame,
Por ti me negue a mi, e tudo negue,
Por ti saudosas lagrimas derrame.

A ti

Á ti busque, a ti ache, a ti me entregue
Com tam intenso amor, com tal võtade,
Que nunca mais de ti me desapegue.
Oh bom JESU, por tua piedade
Naõ te escondas de mim, isto te peço;
Que sem ti tudo em fim he vaidade.
Muito pedi, Senhor, pouco mereço;
Tam pouco, que te naõ mereço nada,
Se o teu muito ao meu nada naõ dá pre-
Est' alma, tantas vezes desviada (ço.
Do caminho do Ceo, tu encaminhã;
Que se por ti naõ vai, vai mui errada,
Doce JESU, doce esperança minha.

EPIGRAMMA.

COm qual amor, ó summo amador nosso;
Com qual sangue, que tenha derramado
Vosso amor, vosso sangue pagar posso,
Hum accezo por mim, outro esgotado,
Senaõ com vosso amor, c'o sangue vosso,
Pois pera vo lo dar mo tendes dado?
Por tal razaõ vos dou, meu Redemptor,
Por meu, o vosso sangue, o vosso amor.

SINCO

SINCO SONETOS, QUE O AUTHOR FEZ estando cativo, ás sinco Chagas de JESU.

I.

OH frescas Rósas sinco, oh sinco estrellas
Sempre cheas de luz; sempre fermosas;
Mais proprio sinco pedras preciosas,
Em q̃ se poz do mundo o preço nellas.
Portas, por'onde espero entrar naquellas
Altissimas moradas gloriosas;
Naõ pedras, naõ estrellas, menos rosas,
Mas chagas de JESU muito mais bellas.
Quem ao rouco som do grave ferro
Vos cantará louvores de alegria,
Oh chagas, redempçaõ do antigo erro?
Tornado á liberdade, em que me via,
Enxuto o pranto já deste desterro,
Ledo vos cantarei a noite, e o dia.

II.

OH Chagas de JESU, doce memoria
De sua sacratissima paixaõ;
Oh nossa copiosa Redempçaõ,
Certo penhor do Ceo, chaves da gloria.

Oh

Oh Insignias da mais alta victoria,
Que se no mundo vio depois que Adaõ
Pena, que pagou culpa tam notoria.

Aquella dôr immensa, que sentiraõ
Comvosco os membros seus, chagas serenas
Fazei q̃ chore, e cante, escreva, e sinta.
Papel seja a minha alma, sejaõ penas
Os tres cravos crueis, que vos abriraõ;
Tinteiro o lado seja, o sangue tinta.

III.

QUe flores vos darei tam peregrinas,
De tam suave cheiro, de taes cores,
Que fiquẽ junto dellas baxas flores,
Os lirios, as violas, as boninas?
Que rimas cantarei, que sejaõ dignas
De receber en si vossos louvores,
Oh hum só amor meu, oh sinco amores,
Oh Chagas de JESU, Chagas divinas!
Em lugar destas flores, que naõ tenho,
Em lugar destas rimas, que naõ canto,
Hum puro amor vos dou, q̃ darvos posso.
Nelle mui confiado a vós me venho;
Que sei que póde amor comvosco tãto,
Que déstes por amor o sangue vosso.

IV.

SAcratissimas Chagas, neste escuro
Tempestuoso mar da humana vida
Qual alma dos seus ventos combatida
Naõ se recolhe em vós porto seguro?
Em vós tem dia claro, o ar tem puro,
Sem nevoa, que do Sol a vista impida,
Firme quietaçaõ, com gosto unida;
Livre de tal naufragio bravo, e duro.
S' eu isto sei, que tardo hum só momento
En recolherme (ah vaõs impedimẽtos!)
Em vós, q̃ por salvarme estais abertas!
Ah santas Chagas, chegue a salvamento
Rompendo inchadas ondas bravos vẽtos
Quem tem em vós as esperanças certas.

V.

SInco fontes de graças infinitas,
Oh chagas, cheas d' alta fermosura,
Aceitai a tençaõ humilde, e pura
Das palavras, que digo, e tenho ditas.
E quantas, na minh' alma, tem escritas
Mil culpas feas, com maõ fea, e dura,
Curai com vossa graça, e com brandura,
Oh Chagas d' meu Senhor, Chagas benditas!
No sacro sangue, que de vós correo,
Se cure; e lave, e gaste, e purifique
As nodoas, q̃ com dôr, nella estou vẽdo.

Por

Por vós (que bellas sois) fermosa fique:
Por vós resplandecente entre no Ceo,
Onde vos veja estar resplandecendo.

SONETO.

ERguei, Senhor, o meu entendimento,
Despertai a memoria adormecida,
Abrandai a vontade endurecida
No seu descuido vaõ, e cego intento.
Dai grande dôr, grande arrependimento
De minha mal gastada larga vida,
A' alma, que vossa Ley tem offendida
Por obra, por palavra, e pensamento.
Renovai nella a bella imagem vossa,
Na qual fez minha culpa tal estrago,
Que té de fóra mostra fealdade.
Tornailhe dar a graça, com que possa
O caminho deixar do stygio lago,
E seguir pelo vosso da verdade.

SONETO.

SE toda nossa vida he desafio,
Se sobre nada tem seu fundamento,
Que descuido este meu? q̃ errado intento?
Que pretendo? qu' espero? em q̃ me fio?
Oh vida humana, folha em secco estio
Levada pelo ar de qualquer vento,
Oh flor de primavera num momento
Chamuscada do Sol, murcha do frio!

Quan-

Quando cuido no tempo atraz passado,
O que passei m'espanto, o por vir temo,
No presente naõ sei que m' embaraça.
Mas ainda que de ti tam alongado,
Ordena tu que torne, oh Pay supremo,
Este prodigo filho a tua graça.

ELEGIA IV.

No tempo do mal.

QUem, oh Senhor do Ceo, de tanta culpa
Se vê que está cercado, que naõ tem
Em cem mil erros hũa só desculpa.
Onde se acolherá, Senhor, ou a quem,
Se a vós, de quem se teme, naõ tornar?
No mundo poder-lhá valer alguem?
Em que alta serra, em que profundo mar
Póde dos vossos olhos esconderse?
Onde de vossas maõs póde escapar?
Se quer fogir de vós para valerse,
Naõ lhe sinto lugar melhor guardado,
Que dentro em vossas chagas recolherse.
Esconda-se de vós no vosso lado,
Naõ cure de buscar outro deserto,
Nem outro mais seguro povoado.
Da vossa ira, Senhor, tudo está perto;
Só della longe está hũa alma pura,
Que naõ soffre na vida desconcerto.

Nos

Nos móres medos anda mais segura,
Pondo os olhos em vós despreza a vida;
Vós sua vida sois, outra naõ cura.
Mas a minha na culpa endurecida,
Que tanto de contino vos offende,
Ingrata a vosso amor, desconhecida;
Vendo por quantas partes já se estende
Deste fogo mortal a mortal chamma,
De vós tam apartada que pretende?
Como tam secca está, que naõ derrama
Lagrimas noite, e dia, em que se lave?
Como de vós amada vos naõ ama?
Ah lance já de si o jugo grave
Dos graves erros seus; o vosso tome,
O vosso, oh bom JESU, leve, e suave.
Quebrante no poder do vosso nome
Do seu mortal imigo a fortaleza,
Com vossa graça sua malicia dome.
Que sem ella, Senhor, tudo he fraqueza;
E basta a nos vencer sem vossa ajuda
A nossa, inda que fraca, natureza.
A qual nunca grangea, nunca estuda,
Senaõ em comprazer ao vaõ desejo,
Que de hum em outro mal mil vezes muda.
S' eu isto de mim sei, se entre nós vejo
Da morte hum, e outro arrebatado,
Porq̃, deixando a vós, por mim me rejo?
Quem seguro me dá, que em tal estado
Primeiro naõ acabe a fraca vida,
Que deixe de seguir seu curso errado?
Ah,

Ah Senhor, pois a vossa offerecida
Por mim foi num madeiro entre vil gente,
Naõ me deixeis de mim ser homicida.
Naõ permittais que córte de repente
A dura Parca o fio de meus dias
Gastados atégora inutilmente.
Primeiro estas entranhas, que tam frias
Em vosso amor estaõ, nelle se inflamem,
Primeiro de outro fuja ás tyrannias.
Primeiro tantas lagrimas derramem
Meus olhos por vos ter errado tanto,
Que fontes, e naõ já olhos, se chamem.
Em fim primeiro deixe tudo quanto
De vós, meu Deos, me aparta, e me desvia
De dar a vós meu choro, a vós meu canto.
Torne da noite escura ao claro dia
Primeiro que de todo me anoiteça,
E se torne esta terra á terra fria.
Nest' alma, q̃ anda em trevas, amanheça
Vossa divina luz onde sem fim
Diante vossos olhos resplandeça,
Por vós cobrando o que perdi por mim.

SO-

SONETO

A JESU.

A Vida, oh bom JESU, que defendeste,
Que naõ se defendeo humanamente,
Co' alma t' offereço juntamente,
Co' alma, por quem tu tua vida déste.
Foi tam grande a mercê que me fizeste,
Que vi (naõ vendo luz) mui claramēte
Como da fera Parca alli presente
O golpe, que decia, detiveste.
Mas nisto que te dou, ah bom Deos, que
De novo, que meu seja, t' offereço,
Estando dantes já tudo devendo?
Oh bondade sem fim, amor sem preço,
Aceita, por quem es, o que teu he,
E fiquarei pagando, e merecendo.

SONETO

Ao Santissimo

SACRAMENTO.

BUsca (segũ s' escrive) el Ciervo herido
La yerva que es del solo conocida,
Que le puede sacar de su herida
El hierro en las entrañas escondido.

E yo

E yo por la razon mas entendido,
Y mas llagado de mi torpe vida,
No sê buscar tu gracia, que despida
El veneno en las venas esparzido.
Mas tu, ò pan de vida, y buen Dios mio,
A ti me guya y lleva, y con amor
Obre salud en mi tu larga mano:
Para que sano yo con tu favor
Restaurar pueda en mi invierno frio
Lo mucho qu' estraguê en mi verano.

SONETO

Ao

SPIRITO SANCTO.

Consolador Esprito, qu' inflamado
Em linguas do teu fogo descendeste
Sobre Varões sagrados qu' escolheste
Para deixar o mundo allumiado:
Do teu amor em chammas derramado,
Que dentro nos seus peitos accendestes,
Accende agora hũa faisca neste,
Neste meu duro sempre, e congelado.
E nella, como Fenix, me renova,
E novo ser me dá, e me consola
Nas minhas mais intensas afflicçoens.
Os meus vicios consume, arranca, e assola
Quanto tua bondade em mi reprova,
E planta em mi os teus divinos dões.

ESTAN-

ESTANCIAS

A DEOS NOSSO SENHOR.

QUe Salmos, ou que versos cantaremos
Em teu louvor, oh luz immẽsa, e pura,
Luz de quem o Sol claro, e quãto ve-
Recebe luz, e graça, e fermosura? (mos
Que louvores tam novos te daremos,
Oh Creador de toda creatura,
Que nunca ouvidos fossem, nunca ditos
Em palavras, em cantos, em escritos?

Falta o sentido, fica a lingua muda,
Se tratar teus louvores imagina;
Entaõ diz menos quando mais estuda,
E mais se abate quando mais se empina.
A sciencia humana mais aguda
He ignorancia cega ante a divina;
Só o amor te louva, só te obriga,
Oh belleza tam nova, e tam antiga.

Belleza, donde nasce, e se diriva
Quanta belleza tem as cousas bellas:
Oh belleza increada, eterna, altiva,
Invisivel em ti, visivel nellas,
A ti só louve toda cousa viva,
A terra, o Ceo, o Sol, Lua, e estrellas:
E quem te quiser dar maior louvor,
Maior parte te dê do seu amor.

Amor

Amor queres de nós, amor pertendes
Em pago desse amor, com que nos amas.
Oh corações ditosos, onde accendes
Do teu divino amor divinas chammas:
Descende amor en nós; se naõ descendes,
Derrama o fogo teu; se o naõ derramas
Em nossos peitos, nossas almas frias
Ardaõ em teu amor noites, e dias.

ESTANCIAS

A' ASCENSAM DO SENHOR.

DEpois que triunfou no alto madeiro
Da morte, e do inferno, que venceo
O nosso bom JESUS, manso Cordeiro,
Que por nós nelle a vida offereceo,
Levou cativo o nosso cativeiro
Sobindo pera o Ceo, donde desceo:
Em pago de nos dar a liberdade,
Demos-lhe nós a nossa saudade.

Imitemos aquelles seus mimosos
Na sua saudosa despedida,
Que delle, que sobia, saudosos
Naõ lhes lembrava já cousa da vida.
Demos-lhe com sospiros amorosos
Em doce pranto a alma derretida,
Pois elle no la poz em liberdade;
Demos-lhe nós a nossa saudade.

Já naõ tem para mim prazer os dias,
Nem brando ſono tem as negras noites,
Que me foraõ alegres noutro tempo,
Quando ſe recreavaõ os meús olhos
Na belleza de Cintia, e das eſtrellas,
Ornamento do Ceo, lumes da terra.

Quem naõ ſe eſpantará na baxa terra
Da gram preſteza do correr dos dias,
Do variar da Lua, e das eſtrellas,
Das manhãas, e das tardes, e das noites,
E de ver tudo o mais, que alegra os olhos
Mudarſe a um ſer noutro em breve tẽpo?

Ai de mim que deixei paſſar o tempo
Buſcando ſempre vaõs goſtos na terra,
Sem nunca alevantar ao Ceo os olhos,
Como ſe naõ teveraõ fim os dias!
Que conta darei delles, e das noites
A ti, Senhor, que reges as eſtrellas?

Naõ moſtra o alto Ceo tantas eſtrellas
Em noite que mais claro eſteja o tempo,
Nem com orvalho de ſerenas noites
Tantas flores nos abre a fertil terra,
Quantas culpas no curſo de meus dias
Commetti incitado dos meus olhos.

Agora paguem em lagrimas meus olhos
Quanto mal me fezeraõ; as eſtrellas
Chorar me vejaõ, e chorar os dias

Arre-

Arrependido do passado tempo;
Aspire a bens do Ceo, deixe os da terra,
Que tiraõ o gosto á vida, o sono ás noites.

Com dôr (em vez do sono passe as noites)
Pondo maldades minhas ant' os olhos,
Dellas perdaõ pedindo a quem á terra
Desceo por nós de cima das estrellas,
Antes que traga o appressado tempo
O fim para que correm os meus dias.

Senhor dos dias, volve ás minhas noites
Benignos, das estrellas, os teus olhos,
Que vai tornando o tempo a terra á terra.

TROVA ALHEA.

Sanctas llagas, si la culpa,
Fue contra Dios commettida,
Essa sangre que vertida
Teneis, dà a Dios la desculpa.

GROSSA MINHA.

PUso Dios nel Paraiso
Al ombre hecho de lodo;
De todo senhor lo hizo:
Mandòle comer de todo;
De solo un arbol no quiso.

Comiò

Comio el, y al Creador
Con la muger se desculpa,
Y no sè si fue peor
Tal desculpa en tal error,
Sanctas llagas, si la culpa.

No se dolio del peccado,
Y tentò culpar a Dios:
Mas èl quedò tan culpado,
Que, si no fuera por vòs,
Fuera mal remedeado.

Su culpa fue sin medida,
El remedio immenso fue;
Que para ser redemida
Convenia assi, porque
Fue contra Dios commettida.

Mas llagas, quando sentistes
El rigor del duro hierro,
De cinco fuentes que abristes
Para lavar solo un yerro;
Como tanta sangre distes?

Toda la derraman fuera
Manos d' amor liberales,
Y una gota pudiera
Lavar de mil yerros tales
Mil mundos, si mil uviera.

Mas, siendo abiertas por nós,
Cerrais la puerta a la culpa,
Porque la sangre de Dios,
Que derramada de vós
Teneis, dá a Dios la desculpa.

ALHEA.

Di, pues vienes de Belen,
Assi, Mingo, Dios te vala,
Viste el Niño, y la Zagala?

VOLTAS MINHAS.

MI fé, vi, pues de los dos
Que nos dizes por tu vida?
Della ser Virgen parida:
Y del? ser hombre, y ser Dios:
Porque tal se hizo por nos?
Por sanar la llaga mala,
Que nos hizo otra Zagala.

MOTE ALHEO.

Como estais temblando
Al frio,
Oh Dios mio!

VOLTAS MINHAS.

VO's, que calor dais
Al Sol, y al fuego,

En naciendo luego
De frio temblais?
Como no templais
El rigor del frio
Oh dulce Dios mio?

Veo-os desnudo
Temblando en el heno,
Al aire, y sereno
Del invierno crudo.
Oh quanto amor pudo
Amor ya, mas frio
En vòs, amor mio.

Pues temblais, mi Dios,
Por mi peccador,
Arda yo por vòs
En llamas de amor:
Sienta nuevo ardor
El mi pecho frio,
Vuestro, que no mio.

ALHEA.

Nacio el Sol de la Luna,
Sola ella, el dòs en uno:
Nunca tal naciò ninguno,
Nnnca tal pariò ninguna.

EL del Cielo al mundo vino,
En su seno ella lo cierra,

Saliò del, gozò la tierra
De ſu reſplandor divino.
Chriſto Sol, Maria Luna,
Ella ſola, el dòs en uno
Nunca tal naciò ninguno,
Nunca tal pariò ninguna.

Eſtava el mundo ecclypſado
Por el peccado primero,
De la luz ſale el luzero,
Todo lo dexa acclarado.
Claro Sol, hermoſa Luna,
Ella ſola, el dòs en uno,
Nunca tal naciò ninguno,
Nunca tal pariò ninguna.

MOTE ALHEO.

Hai Dios que barè,
Que por ti muero,
Por ti morirè.

VOLTAS MINHAS.

Es ſin ti la vida
Contino dolor,
Gana ſe perdida
Por tu dulce amor.
Mi Dios, mi Señor,
Bien ſabes, bien ſè
Que por ti muero,
Por ti morirè.

Mi bivir consiste
En ti, no en mi,
Muera yo por ti,
Pues por mi moriste.
Tu amor me diste,
Yo te doi mi fé
Que por ti muero,
Por ti morirè.

ALHEO.

Un suspiro diò Maria,
Por ver su Niño llorando:
Quien tras el fuera bolando,
Para ver donde l' embia.

VOLTAS MINHAS.

Mas que digo que uno diò,
Si tantos Maria dava,
Como lagrimas llorava
El Niño que la criò?
Mil suspiros despedia
Viendo el hijo estar llorando,
Quien tras d' un fuera bolando
Para ver donde l' embia.

Fuera tan estraño el buelo,
Si tras tal sospiro fuera,
Qu', aunque al Cielo subiera,
Se quedara acà nel suelo.

Qual

Qual fospiro de Maria
Alli parava bolando
Sobre el Niño, que llorando
En el pesebre jazia.

De su pecho enternecido
La Madre sospira y llora,
Llora el Hijo, a quien adora,
Con tierno llanto y gemido.
Que no lloras, alma mia,
Tal prueva d' amor, mirando
El Niño por nòs llorando
Por el sospira Maria.

ALHEO.

Ay, ay,
Meu amor, como vos vai?

VOLTAS MINHAS.

Vejo-vos estar chorando,
Algũa dòr deve ser,
Cedo vos is custumando
A penar, e a soffrer:
Pois cá quisestes decer
Do seio do Eterno Pay,
Meu amor, como vos vai?

Este mundo, onde deceis
Para de culpa o remir,
Nesta noute, em que naceis,
Vos

Vos começa a perſeguir,
Com que vos poſſa cobrir,
Meu bem, ai,
Do vento, e frio que vai.

Abrandai vós o rigor
Do frio, que padeceis,
No fogo do voſſo amor,
Onde, meu amor, ardeis.
Ai que chorais, e gemeis,
Ai amor, ai!
Meu amor, como vos vai?

ALHEO.

Di Paſcoal, viſtes a Maria?
Vi, mas no le hablé em ti.
Porque?
Porque quando tal la vi,
Penſé yo que no me via.

VOLTAS MINHAS.

PUes dime, de que manera
Viſte alla la ſin manzilla?
Si yo dezir lo ſupiera,
Paſmaras de maravilla.
En llegando a ver Maria
El tino luego perdi.
Porque? porque tal la vi,
Que a mi miſmo no me via.

Relumbrava de tal modo,
Que, a pesar da noche escura,
Con lumbre, y con hermosura
Acclarava el aire todo.
En fin que viste Maria?
Si vi, mas emmudeci.
Porque? porque tal la vi,
Qu' en sus braços Dios tenia.

ALHEO.

Niño tan bonito,
Hijo de tal Madre,
Plazer es mirarle.

VOLTAS MINHAS.

MUi dulce contento
Siente que le mira,
Alegre se admira
Todo entendimiento.
En pobre aposento
Lo pario su Madre:
Plazer es mirarle.

Hinche d' alegria
El Cielo y la tierra,
La noche destierra.
Traenos el dia
Dichosa Maria,
Que tal Hijo pare:
Plazer es mirarle.

De ſu lumbre pura
Toma el Sol la lumbre,
Toma el valle, y cumbre
Flores, y verdura;
Viene con blandura
Del ſeno del Padre:
Plázer es mirarle.

Cuitas, e enojos,
Anſias, y tormento
Vanſe por el viento
Delante ſus ojos.
De pobres deſpojos
Le cubre ſu Madre:
Plazer es mirarle.

MOTE PROPRIO.

Por engrandecernos,
Nace Dios chiquito:
El ſea bendito.

VOLTAS.

ALabado ſea
De todos, por todo,
Pues nos remedea
Por tan alto modo:
Viſte-ſe de lodo,
Mueſtra-ſe chiquito:
El ſea bendito.

Dende

Dende el Paraiso
Descendiò al suelo
Por sobir al Cielo
Quien de tierra hizo,
Bien mostrar nos quiso
Amor infinito:
El sea bendito.

Por satisfazer
Por nòs a su Padre,
De la Virgem Madre
Oy quiso nacer.
Viene a padecer
Por nuestro delicto;
El sea bendito.

ALHEO.

No sê vida quien te alaba,
Qu' en ti no hay cosa segura!
Nó quiero bien que nó dura,
Ni temo mal que s' acaba.

VOLTAS PROPRIAS.

Vengan males, vengan bienes;
Ni los temo, ni los quiero:
Lo que temo, quiero, y espero,
Tu, vida, en ti no lo tienes.
Temo el mal, que no s' acaba,
Quiero el bien que siempre dura:

Fuera desto es gran locura
Lo qu' en ti se teme, o alaba.

Tiene mal conocimiento
De ti quien de ti s' agrada:
No advierte qu', eres viento,
O menos, pues eres nada.
Vitupero el que t' alaba,
Y busca en ti su ventura
Olvidando el bien que dura
Por el mal que no s' acaba.

SEGUEM-SE AS RIMAS
em louvor de nossa Senhora.

A NOSSA SENHORA DA PIEDADE.

ELEGIA.

EU de vós que direi, Virgem sagrada?
De vós, q̃ ao pé da Cruz d'espada agu-
Vejo cos olhos d'alma trespassada? (da
Nada posso dizer sem vossa ajuda:
Pois vós nunca a negais a peccadores,
Soltai a minha lingoa atada, e muda.
Por ver que sempre fui o mór dos mores,
Já mais pude de mi presumir tanto,
Que tentasse cantar vossos louvores.

Agora

Agora vos dou choro em vez do canto,
Que grande razaõ he, Virgẽ sem magoa,
Que com pranto acompanhe o vosso prã-
Os vossos olhos vejo fontes de agoa (to.
Vendo sua luz morta em vossos braços,
Que fazem estes meus em tam graõ ma-
Ah quanto saõ de lagrimas esquaços,(goa?
Quanto mostra de amor piqueno effeito
Hũa alma, a que a dôr naõ faz pedaços!
Mas, Virgem, sopri vós este defeito,
Que para soprimento vos criou
Esse que se criou ao vosso peito.
Esse que por amor tal se tornou;
O qual por emparar gente perdida
Em certo modo vos desemparou.
Se tinheis na sua posta a vossa vida,
Tinhamos nós a nossa em sua morte,
Que por ella nos foi restituida.
Por isso tende Virgem peito forte (vós,
Naõ vos conturbe a dôr, tam clara em
Que naõ tem parte saã por donde corte.
Reparti dessas ansias entre nós,
Cause, que em pena tal, tal estreiteza
O bom JESU por nos salvar se poz.
Oh Virgem liberal, usai largueza,
Participai comigo vossas dôres,
Naõ seja vossa só toda a tristeza.
Ah cegos descuidados peccadores
Pobres de piedade, e de sentido,
Naõ vemos de que somos causadores?

Naõ

Naõ vemos o Senhor da Cruz decido
Que tal eftá no collo da Senhora,
Que naõ fei como della he conhecido?
Abrivos, olhos meus, e vede agora
Em qual fórma fe moftra, em qual eftado
Aquelle, a quem a terra, e Ceo adora:
Vede como no feu corpo fagrado
Des a planta do pé té á cabeça
Naõ tem onde naõ feja mal tratado.
Cruelifsimas maõs, gente perverfa,
Quem para executar tal crueldade
Vos deu tamanha força, quem tal preffa?
Como vos naõ movia a piedade
D' hũ cordeiro fem magoa a manfidaõ?
Da fua fála a gram fuavidade?
Como vos confentia o coraçaõ
Pagar com tal crueza tal brandura?
Ah gente cêga, gente fem razaõ!
Porque trataftes mal tal fermofura?
Bem tinheis corações de ferro duro
Quando disfiguraftes tal figura.
Aquelle Sol fereno, claro, e puro
Do feu divino rofto, ah quam afinha
Cobrio a luz, e fe moftrou efcuro!
Que fará a trifte Mãi, que por vós tinha
Gofto da pobre vida, e vida amando,
Oh bom JESU, gloria defta alma minha?
Vejo que fobre vós eftá chorando,
E com o liquor trifte, que darrama
As fantas Chagas vos eftá lavando.

Ouço

Ouço quanto por vós sospira, e chama,
E naõ lhe respondeis, sabendo certo
Que inda assi mais que a si mesma vos (ama!
Assi nú como estais, assi cuberto
Do sangue, que por nós foi derramado,
Assi ferido, assi com o lado aberto.
Assi de espinhos duros coroado,
Cruel, nova invençaõ, honra penosa,
Tormento só em vós executado.
Que fará senaõ pranto, lastimosa?
De ver que falta em nós conhecimento
De morte tam cruel, tam affrontosa.
Ah gram frieza minha, ah pouco tento!
Quanto, sem custar muito, valeria
Ter de quanto sentistes sentimento?
Ah quem da noute escura, quem do dia
Me désse naõ gastar hora, nem ponto,
Que na dôr vos naõ tenha companhia.
Quem lagrimas me désse tam sem conto,
Que chorando tal morte juntamente
De minha vida má fossem desconto!
Quem no por vir me désse, e no presente
A vós, meu Deos, me dar tã de verdade,
Que de mi vos naõ visse nunca absente!
Quem me dará em fim hũa vontade,
Que sempre a vossa siga sem errar,
Havendo tudo o mais por vaidade?
Quem, senaõ vós, meu Deos, me póde dar
Das cousas, que desejo, comprimento?
Déstes a vida, que podeis negar?

Mas, Virgem, dai vós já consentimento
Que dem a vosso filho sepultura;
Tende, pois assi cumpre, soffrimento.
Abrandai vosso pranto, Virgem pura,
Porq̃ o vereis primeiro, e mais fermoso
Antes de ver tres vezes noute escura.
Immortal, impassivel, glorioso,
Ornado dos despojos da victoria,
Do Reino dos tormentos temeroso,
Tornando com triunfo á sua glória.

SONETO

A NOSSA SENHORA.

FErmosa Virgem, que do Sol vestida,
De estrellas coroada, ao Sol puro
Tanto aprouvestes neste valle escuro,
Que sua luz em vós trouxe escondida:
Virgem das Virgens, flor, fonte de vida,
Deste mundano mar porto seguro,
Rodeado jardim de forte muro,
Antes do mundo ser já escolhida.
Virgem chea de graça, e d'humildade,
Por cuja intercessaõ, por cujo meio
Perdaõ o peccador contrito alcança:
Posto que me vejais de culpas cheo,
Pondo olhos em mi com piedade;
Vereis que sempre em vós tive espe-
rança.

CAN-

CANÇAM

A NOSSA SENHORA,

Que o Autor fez estando cativo.

OH Virgem sobre todas soberana,
De resplendor vestida, e luz divina,
De lucidas estrellas coroada,
Se logo a dar remedio vos inclina
Qualquer estremo de miseria humana,
Em que se vê a vida attribulada,
A minha tantas vezes desmaiada
Nesta desaventura,
Virgem serena, e pura,
Espera ser por vós remediada.
Esta gram fé que tenho, esta me valha,
Pois esta me valeo,
Oh Rainha do Ceo, na gram batalha.

Oh Virgem, sempre Virgem, do Pai vosso
Sacratissima Mãi, Filha, e Esposa,
Alegria do Ceo, da terra emparo:
A Lua, porque fosse mais fermosa,
Por chapis vossa deu o Filho vosso,
O qual vos escolheo como Sol claro,
Aquelle eterno amor, a vós tam claro,
Do vosso amor dino,
Aquelle amor divino,
Que já nos libertou do Reino avaro,

Tenha

Tenha conta comigo á voſſa conta,
Antes que mais deſcaia,
Para que livre ſaia deſta affronta.

Oh Virgem, das mais Sanctas a mais San-
Do inconſtante mar fiel eſtrella, (cta,
Porta do Paraiſo, eſtrada, e guia,
Volvei os olhos bellos, Virgem bella,
Vede tanta eſtreiteza, magoa tanta,
Quanta com magoa choro a noute, e o dia.
Naõ me deixeis ſumir, doce Maria,
Neſte profundo pego;
Porque povo tam cego,
Como ſe ri de mi, de vós naõ ria,
E ſaiba que deixaſtes caſtigarme
Por gram peccador ſer,
E naõ por naõ poder do ſeu livrarme.

Oh Virgem d'humildade, e graça chea,
Que converteis em riſo o triſte pranto,
Da triſte miſeravel vida noſſa;
Como vos cantarei alegre canto
Cativo; ſem repouſo, em terra alheia;
Entre barbara gente imiga voſſa?
Deſatai vós eſta cadea groſſa,
Que meus erros ſem fim
Forjaraõ para mim,
Porque ſolto por vós, cantar vos poſſa
Na ribeira do Lima ſem receo,
(Oh Madre de JESUS)
Naõ do turvo Lucuz, de ſangue cheo.

Oh

Oh Virgem milagrosa, Virgem branda,
Amor do summo amor, prazer dos Sãctos,
Ouvi, Senhora, lá sospiros tantos,
Quantos meu triste peito de cá manda,
Pois vedes que em vós só tenho sperança,
Pesai as minhas culpas na balança
De vossa piedade,
Que d' outra qualidade
Mal póde em tal fortuna haver bonança:
Vede que tal me vejo, vede qual
Tam pouco ha me vi,
E com tempo acudi a tanto mal.

Virgem, por cuja maõ saõ repartidas
Mil graças, que Deos faz na terra, e Ceo,
Que o mesmo Ceo, e terra encheis de gra-
Essa maõ, que das maõs me defendeo (ças
Que deraõ cruel fim a tantas vidas,
D' ajuda me naõ seja agora escaça;
Porque a dilaçaõ em mi naõ faça
Que naõ fez o ferro,
E a dôr deste desterro,
Que vai roendo a vida como traça,
Antes de ser de todo consumida
Levaime, pois podeis,
Onde de mi sereis milhor servida.

Oh Virgem singular, pura, sem magoa,
Sem sombra d' erro algum, por cujo rogo
Se conserva no mundo o ser humano,
Oh Çarça de Moisés verde no fogo,

Oh platano fermoſo junto d' agoa,
Eſperança do povo Luſitano,
Por voſſo amor acùda a tanto damno
O poder infinito,
Que já no duro Egypto
Outro povo livrou d' outro tyranno:
Naõ olhe o clementiſſimo JESUS
A noſſos erros ſós,
Mas olhe que por nós ſe poz na Cruz.

Oh Virgem Imperatriz do Ceo empyreo,
Preſervada de culpa, e eſcolhida,
Quem vos póde louvar, quem entender?
Ditoſos os que ſoffrem neſta vida
Tribulaçaõ por Deos, cruel martyrio,
Pois a elle, e a vós merecem ver.
Se com penar aqui, ſe com ſoffrer
As penas em que vivo,
Se com morrer cativo
Tam alto bem ſe póde merecer,
Tal vida tenha aqui, tal morte tenha,
Daqui naõ ſaia mais,
Porque por meios tais à tal fim venha.

Neſte mal, que me rouba o ſentimento
A que valer naõ poſſo,
Virgem, o Filho voſſo
Algum remedio dê, ou ſoffrimento:
Aquillo, que mais for ſua vontade,
Póde fazer de mi;
Que tudo o mais em fim he vaidade.

A NOSSA SENHORA
ESTANDO CATIVO.

SONETO.

QUal naufragio no mar, ou qual perigo
Na terra tẽ ſem vós por mim paſſado
Quando me vi, Senhora, attribulado,
Que vos naõ viſſe logo alli comigo?
A certa experiencia do que digo
Me tem neſta miſeria confiado
Que cedo me verei deſapreſſado
Dos ferros deſte voſſo, e meu imigo.
Logo mil brandos verſos pendurados
Deixarei em lugar do grilhaõ duro
Diante da ſagrada Imagem voſſa:
Porque vejaõ os mais deſemparados
Que ſois emparo certo, bem ſeguro
Em quantos males tem a vida noſſa.

A' MESMA SENHORA
ESTANDO CATIVO.

SONETO.

QUãto o remedio humano mais incerto
Eſtou vendo, ó Sanctiſſima Maria,
Quanto mais delle a vida deſconfia,
Tanto o divino em vós eſtá mais certo.
Bem

Bem vedes qual eſtou neſte deſerto,
Onde cativo choro a noute, e o dia,
Onde me daõ por cama a terra fria,
Onde me tolhem ver o ar aberto.
Eſte meu deſemparo, eſtas cans triſtes,
Que mais alvas ſe fazem com meu prãto,
Vos inclinem, Senhora, a ſoccorrerme.
Pois ſempre em minhas preſſas acudiſtes,
Virgẽ, naõ tardeis mais, naõ tardeis tãto;
Que, ſe tardais, quem poderá valerme?

A' MESMA SENHORA ESTANDO CATIVO.

SONETO.

OH do meu doce amor doce cuidado,
Oh defenſora minha em paz, e em guerra,
Em cuja maõ todo o poder s' encerra,
Em cujo ventre andou Deos encerrado.
Abri hum dia já alvo, e dourado,
Em que deixando a traz eſt' alta ſerra,
Paſſando o bravo mar, abrace a terra;
Onde nelle ſe crê crucificado.
Mereça-vos, Senhora, iſto, que peço,
Hũ coraçaõ contrito, humilde, e prõpto
A vos ſervir, podendo, com mil vidas.
Ou ſeja, ſe por mi o naõ mereço,
A' conta das mercês que naõ tem conto,
Que tendes para todos merecidas.

A

A NOSSA SENHORA
EM HUMA GRANDE
tormenta.

SONETO.

DOs vossos olhos sempre piedosos,
Sempre cheos de graça, e de brãdura,
De luz divina sempre clara, e pura,
Humildes, bellos, graves, amorosos
Volvei, Senhora, a mi os lumiosos
Divinos raios nesta noute escura:
Guiai-me nestes mares furiosos
A vós, que sois do mar praia segura.
Logo vos fixarei no sancto Templo
A roupa inda molhada, onde se veja
Com novo louvor vosso a maravilha.
Oh do Eterno Pai Esposa, e Filha,
Valeime em tal naufragio, porque seja
Nas grãdes tempestades grãde exemplo

A NOSSA SENHORA

SONETO.

OH Virgẽ bella, e branda, quẽ já vira
Este coraçaõ meu tam inflammado
Em vosso doce amor, q̃ outro cuidado,
Outro querer em si naõ consentira?

Oh

Oh quem azas me dera que ſobira,
Das affeiçoẽs humanas deſatado,
A tam ſeguro, e venturoſo eſtado,
Onde em vaõ naõ ſe chora, nem ſuſpira.
Em tanto como póde deſejarvos
Sem culpa, quem reparte o ſeu deſejo,
Todo devido a vós ſem faltar nada?
Tal vós vejo, Senhora, e tal me vejo,
Que ſei de mi: q̃ naõ mereço amarvos;
Merecendo vós ſó de ſer amada.

A' NATIVIDADE DE NOSSA SENHORA.

SONETO.

NAõ ſeja hoje o Sol de luz avaro, (ra;
Moſtre mór reſplãdor, mór fermoſu-
Pois naſceo hoje aquella Virgem pura,
Da qual outro naſceo mais puro, e claro.
Com goſto ſpiritual, com prazer raro
Celebre toda humana creatura
O parto, que deu luz á noute eſcura,
Rainha deu ao Ceo, á terra emparo.
Felice parto, que o inferno eſpanta,
Enche ó Ceo de belleza, e maravilha,
Reſtauranos a graça que perdemos.
Com tal filha t' alegra, oh Anna Sancta,
Com ſeu Filho s' alegre a Sancta Filha,
E nós com todos tres nos alegremos.

A HUMA IMAGEM DA VIRGEM.

SONETO.

IMagem em tudo rara, e peregrina;
Retracto da belleza Virginal,
Se tam bella te fez a maõ mortal,
Que tal faria a propria a maõ Divina?
Bellezas nunca vistas imagina
Quem bem te vê, no proprio original,
Mas seraõ sombras, onde a sõbra he tal
Qu' a vista no conceito desatina.
Ficaõ os mais retractos sombra escura
Diante ti, tu menos ante quem
Tam branda representas, tam fermosa.
Se tanta luz huns cegos olhos tem,
Se tal espirito morta fermosura,
Qual sereis vós, oh Virgem piedosa?

OUTRO SONETO

A' MESMA SENHORA.

OH Virgem, já que fostes verdadeiro
Meio por onde o Rey do empireo Ceo
Neste vale de lagrimas deceo
A nos livrar do grande erro primeiro;

O qual, como mansissimo Cordeiro,
A' morte sua vida offereceo,
E seus sagrados membros estendeo
Num duro, para nós brando, madeiro.
Sede Virgem agora o mesmo meo
Entre mim, e o mesmo Filho vosso,
Mostrailhe o brando peito d'amor cheo;
Que logo o piedoso Senhor nosso
Verá como por mim á terra veio,
E que sem elle ao Ceo sobir naõ posso.

A' MESMA

ENCOMMENDANDOLHE huma nao da India, a que se pôz nome *Nossa Senhora da Boa Viagem.*

SONETO. I

FErmosa Virgem, mais q̃ o Sol fermosa;
Onde o Sol de justiça recolheo
Sua divina luz; porta do Ceo,
Do mar estrella firme, e luminosa:
Em viagem tam larga, e perigosa
(Pois vedes como a vós s' offereceo
Esta nao quando tal nome escolheo)
Livre seja por vós, por vós ditosa.
Nem a furia do mar, nem a do vento,
Nem outros mil perigos sejaõ parte
Para naõ ver o fim, que ver deseja.

Vós a levai, Senhora, a salvamento,
Salva a tornai, Senhora, a donde parte,
Tudo nella conforme ao nome seja.

A NOSSA SENHORA DOS REMEDIOS.

SONETO.

Virgem, de quem com lagrimas, e ais
A vós levanta a voz, e o pensamẽto,
Naõ tenhais desusado esquecimento,
Porque louvores meus sempre tenhais.
Se vós dos affligidos vos lembrais,
Lembraivos do meu aspero tormento;
Daime remedio nelle, ou soffrimento,
Pois Virgẽ dos Remedios vos chamais.
Logo no vosso Templo por memoria
Da mercê, de que tenho confiança,
Vos fixarei de cera hũa cabeça.
Oh branda Virgem, brando amor, e gloria
Dos justos, e dos injustos esperança,
Valeime, inda que mal vo-lo mereça.

A

A' MESMA SENHORA.

SONETO.

QUanto menos, oh Virgẽ, vos mereço
O remedio, que peço em minha dôr,
Tanto elle para mim será maior,
Tāto a mercê mais alta, e de mais preço.
Concedeime, Senhora, o que vos peço:
Apagai do meu fogo o vivo ardor,
Porque da vida o fim gaste milhor,
Do que no meio fez, e no começo.
Se agora minhas culpas vos detem
Essa maõ para mim nunca encolhida
Nos riscos que por mi passado tem,
Eu protesto, Senhora, tendo vida,
(E o que protesto a vós, a mi convém)
Que será tal que vós sereis servida.

TROVA ALHEA.

No cupo la culpa en vòs,
Virgen Sancta, bella, y clara;
Que si culpa en vòs entràra,
En vòs no cupiera Dios.

GLOSSA PROPRIA.

VIrgen de Dios escogida,
Del mismo Dios Hija, y Madre,
Reparo de la caida

Que dio el primero padre
En la culpa comettida.

La providencia de Dios
De tal modo hazer os supó,
Que, para salir de vòs,
Toda la gracia en vòs cupo,
La culpa no cupo en vòs.

Fuistes, Virgen, preservada
Del peccado original;
Antes del mundo formada
En la mente Divinal
Para de Dios ser morada.

El Sol no se os compara
En pureza y hermosura:
Sola sois (que poco es rara)
Sobre toda creatura,
Virgen Sancta, bella, y clàra.

Sois clemente, dulce, y pìa;
E porque presto concluia,
Sois en fin qual convenia;
Hizo os Dios Madre suia:
Virgen, que os no haria?

Que fuera, sinò os creara
Tal pàra nuestro remedio?
Que, si no nos otorgara
La gracia por vuestro medio?
Que, si culpa en vòs entrara?

El que todo lo ha creado,
Y todo no cabe en todo,
No hallando en vòs peccado,
Cupo por divino modo
En vueſtro ventre humanado.

Apiedôſe de nòs
Su bondad ſuma, y ſincera;
Que, Virgen, bien ſabeis vòs
Que, ſi culpa en vos cupiera,
En vòs no cupiera Dios.

CANTIGA

A NOSSA SENHORA.

Oh Madre de Deos,
Neſte nome acabo,
Que naõ ha mais gabo
Na terra, e nos Ceos.

VOLTAS.

OS voſſos louvores
Naõ tem fim, nem conto,
Mas o mór dos móres
Eſtá neſte ponto,
Ser Madre de Deos
He louvor ſem cabo,
Naõ ha maior gabo
Na terra, e nos Ceos.

Oh

Oh ſummo louvor,
Oh gloria ſegura,
Ser a creatura
Mãi do Creador.
Sois Madre de Deos,
Só com iſto acabo,
Pois naõ ha mór gabo
Na terra, e nos Ceos.

ENDECHAS.

VIrgem ſoberana,
D'outros cantos digna,
Falta a voz humana,
Cante a voz divina.
Eſtrellas, e flores,
Areas do mar
Podem-ſe contar,
Naõ voſſos louvores.
De tal maravilha,
Pois ſois Mãi, e Filha,
Naõ me maravilho,
De Deos voſſo Filho.
Sois templo Divino
Do Eſpirito Sancto;
Quem he ſó, e Trino
A vós ſó quiz tanto.
Sois Cedro em Libano,
Em Cades ſois palma,
Remedio do damno,
Vida da noſſ' alma.

Sois

Sois jardim cheiroso,
  Platano em ribeira,
  Em campo fermoso
  Fermosa oliveira.
Sois esquadraõ forte,
  Torre em alto erguida,
  Escudo da morte,
  Doçura da vida;
Entre espinhos rosa,
  Lirio junto d'agoa;
  Toda sois fermosa,
  Em vós naõ ha magoa.
Fostes escolhida,
  Por nossa desculpa,
  Sem culpa nascida,
  Remedio da culpa.
Quanto Eva perdeo
  Por vós se cobrou,
  Quem de vós nasceo
  Tal vos fabricou.
O verbo nascido
  Deuvos por mãi sua,
  O Sol por vestido,
  Por chapins a Lua.
Deuvos a Trindade
  Coroa d'estrellas,
  Mas a claridade
  Vós lha dais a ellas.
Sois fonte suave,
  Alivio de tristes,
  Sois do Ceo a chave,
  Vós o Ceo abristes.

Quan-

Quanto o Sol rodea,
Quanto o mar abraça,
Tudo encheis de graça,
Sois de graça chea.

LAGRIMAS

DE SAÕ PEDRO.

DEpois que Pedro vio como negara
Tres vezes a ſeu Meſtre, e a ſeu Senhor,
Que do barco, e das redes o chamara,
E de homens o fizera peſcador,
A quem tam pouco havia que affirmara
(Cheo d'esforço entaõ, cheo de amor)
Que, ſendo neceſſario, morreria
Com elle, e que nunca o negaria:

Vendo que de medroſo tam vilmente
De tudo o que affirmando promettera
Afinha ſe moſtrou tam differente,
Como ſe nunca o vira, ou conhecera
Cantar ouvindo o gallo finalmente,
(Sinal que lhe na Cea o Senhor dera
Da culpa, em que elle já tinha incorrido)
Vendo-ſe em fim perjuro, e fementido:

Tamanha dôr ſentio, tamanha afronta
O miſeravel velho em ſi tornado,

Que

Que naõ fez mais da sua vida conta,
Senaõ pera chorar o seu peccado.
Ferio seu peito com aguda ponta
A' vista do Senhor, vio-se culpado;
A vergonha de si, e delle a magoa
Abriram nos seus olhos fontes de agoa.

Como neve que deixa congelada
Chuvoso inverno, e em lugar sombrio,
Que, sendo no veraõ do Sol tratada,
Se derrete em licor de cleno rio:
Assi a covardia, que coalhada
Tinha Pedro em seu peito fraco, e frio;
Em pranto logo alli se converteo
Quando elle ao Senhor olhos volveo.

Naõ foi o pranto seu lago, ou corrente
Ribeira, que por calma se secasse;
Que, posto qu' o Senhor amigavelmente
Da culpa á graça d' antes o chamasse,
Sempre chorou depois amargamente,
Nunca noute passou, que naõ chorasse:
Chorava, ouvindo o gallo, só comsigo,
Lagrimas novas dando ao erro antigo.

Encontrado que foi dos olhos Santos,
Qual o triste de Pedro antaõ ficou,
Naõ o podem contar prosas, nem cantos,
Nunca lingoa mortal tal dôr contou:
Nelles lhe pareceo que d' entre tantos
Imigos seus, e sem os seus qu' amou,

Lhe dezia ó Senhor. Disse verdade;
Discipulo cruel, sem lealdade.

Mais cruel para mi que as maõs destes
Durissimos algozes, foi a tua
Lingoa medrosa em me negar mais prestes
Qu' os mesmos em me dar a morte crua:
Vós discipulos meus, vós me prendestes;
Vós me levais á Cruz, que naõ a sua
Malicia infernal, inveja cega:
Matame quem me vende, e quem me nega.

Fugiras tu tambem, Pedro, fugiras;
De que te servio Pedro acompanharme?
Se me desemparáras, naõ mentiras,
E fora menos culpa que negarme.
Atado a esta columna naõ me viras,
Nem de agudos espinhos coroarme,
O corpo denegrido em sangue tinto,
De ti ferido n' alma, o que mais sinto.

Nenhum me foi fiel, nenhum amigo
Em penas tam crueis, em magoas duras;
Que tu se vens aqui, naõ vens comigo,
Assi o dizes tu, assi o juras:
Por evitar da vida hum vaõ perigo,
De mi, e da tu' alma pouco curas.
Ah Pedro torna em ti, torna a quem eras:
Queresme ver na Cruz, ou porqu' esperas?

Desta maneira a Pedro parecia,
Que o Redemptor do mundo lhe fallava,
Hora que duramente o reprendia,
Hora que brandamente o consolava:
Mil cousas na memoria revolvia,
Em todas a si mesmo se culpava,
E sobre todas mais culpava a vida,
Que da su'alma o fez ser homicida.

Tanto que se receou de maior damno
As maõs lhe naõ attára, por ventura
Nella, que lhe ordenou tamanho engano,
Tomara em pura dôr vingança dura,
Ouvera por partido soberano
Soffrer mil, e mil vezes morte escura,
Naõ ser ouvido nunca, nunca visto,
Por hũa só naõ ter negado a Christo.

Nunca fermosa Virgem em claro espelho
Tam claro vio seu rosto figurado
Como naquelle ponto o triste velho
Nos olhos de seu Deos vio seu peccado;
Sem mais discurso entam, sem mais con-
Em puras vivas lagrimas banhado (selho
Da casa aborrecida sahio fóra,
Da casa, onde infiel a seu Deos fora.

Chorando se sahio amargamente
Da casa onde o Senhor preso ficava,
Sem esperar se fera, se clemente
Sentença o mao juiz pronunciara

Naõ

Naõ lhe soffreo vergonha estar presente
De quem tanto offendera, e tanto amava,
Pelo silencio vai da noite escura
Onde o leva sua dôr, onde a ventura.

Por asperos caminhos desusados
Corrido, e só se vai sem saber onde;
Os já sabidos delle, os já tratados
A noite escura, e triste lhos esconde:
Escondem-lhos seus olhos occupados
Em pranto perenal, que a dôr responde:
Que nunca menos pranto lhe pedio
A dôr, que de negar seu Deos sentio.

Geme, sospira, e chora; o Ceo atroa
Com dolorosos gritos, que vai dando;
Bate no triste peito, o valle soa;
Tudo, por onde vai, vai magoando:
A seus cansados pés nada perdoa,
As suas crespas cãs vai arrancando;
Contra a vida que mais aborrecia
Com magoada voz assi dizia:

Deixame vida já, deixame vida,
Fuge de quem te foge, e te despreza:
Qu' esperas de quem és abborrecida.
Nest' alma, exemplo raro de tristeza?
Nest' alma, a quem tu tens tanto offendida
Com tua covardia, e vil fraqueza,
Que gosto podes ter? nenhum esperes,
Se consumirte em lagrimas naõ queres.

 Vaite

Vaite vida de mi, vaite onde sejas
Como vida tratada, que comigo
Já mais nunca o serás, para que vejas
Quam bẽ comigo estou, quam bẽ contigo:
Se verme inda outra vez errar desejas,
Se cuidas que com laço, ou ferro imigo
De ti me vingarei, naõ hajas medo;
A dôr me vingará, ou tarde, ou cedo.

E se conforme for esta dôr minha
A causa, desque vês que se m'ordena,
Espero que de ti me vingue asinha,
Inda que a morte seja leve pena.
Mas dôr, que já naõ fez o que convinha,
Bem mostra naõ ser grande, mas piquena,
Que se com meu peccado s'igualara,
Junto, naõ pouco a pouco, me matara.

Por ti, medrosa vida, hum peito forte,
Hum peito a morrer já offerecido
(Ah que grande vergonha, ah baxa sorte!)
D'hũa fraca molher ficou vencido:
Se tamanho temor tinhas da morte,
Depois de tanto tempo ter vivido,
Houveras d'attentar que defenderte
Era perderme a mi, e a ti perderte.

Perdite, oh vida minha (o q̃ alma chóra)
Quando neguei meu Deos, q̃ naõ devera:
De naõ morrer por elle, morro agora;
E se morrera antaõ, sempre vivera.

Elle,

Elle, qu' he vida minha, vida fora;
Elle depois de morto bem podéra
(Como a muitos fez já) resuscitarme,
E vida humana, e vida eterna darme.

A quantos ditosos já em mocidade
Foste, com largo ser, largo tormento;
Que se antes de chegar a muita idade,
Tiveraõ de ti feito apartamento,
Naõ viraõ hũa, e outra adversidade
Roubarlhes todo seu contentamento,
Como agora a mi fez o viver muito,
Do qual negar a Deos colhi por fruito.

Foi-me teu longo curso hum fero imigo;
A memoria, o saber, a fortaleza
Me foi roubando, e só deixou comigo
Descuido, pouco siso, gram fraqueza:
E assi naõ lembrei no mór perigo
De quantas obras sobre natureza
Vi já fazer aquellas maõs sagradas,
Que vi tam cruelmente agora atadas.

Qual ley, oh triste velho, qual estudo
Ensina a quebrar fé? ou que sentidos
Negaõ a hum Senhor, Senhor de tudo,
Vendo tantos milagres conhecidos?
Quẽ dava olhos ao cego, lingua ao mudo,
Quem dava ao coxo pés, ao surdo ouvidos,
Quem ás almas dos corpos já sahidas
Fazia tornar de novo a novas vidas?

Se

Se tu, misero velho, isto sentiras,
Se te naõ descuidaras do que viste,
Tam nescia, e fracamente naõ cahiras
Na gravissima culpa em que cahiste:
Se teu descuido choras, se sospiras,
Sobejate razaõ para ser triste:
Correi lagrimas minhas, correi tanto,
Qu' onde a lingoa faltou sobeje o pranto.

Naõ se veja de vós meu rostro enxuto,
Correi em fio, nunca esteis em calma,
Pagai á dôr seu natural tributo,
Para que a dôrno pague á magoa d'alma:
Colhei da planta amarga doce fruto
Vossa seja victoria, vossa a palma,
Vós restaurai a culpa em que cahi,
Vós me tornai á graça que perdi.

Louvor vos podem dar louvor contino
Meninos, que morrestes entre prantos;
Quando do cruel Rey o desatino
Mandou, por matar hum, matar a tantos:
Pois antes (por decreto alto, e divino)
Que podesseis peccar, vos vistes Santos,
E tais do Limbo ao Ceo, que vos espera,
Como flores ireis na primavera.

Quanto vós na infancia aproveitastes,
Tanto a mi a velhice foi nociva:
Naõ sabendo fallar, Deos naõ negastes,
Como triste fiz eu com falla esquiva:

Antes d'hum certo modo o confessastes,
Se com palavra naõ formada, e viva,
Com sangue, que por elle derramaraõ
As gargantas, que fallas naõ formaraõ.

Desconsoladas mãis, inda que vistes
Em vossos braços lobos carniceiros
Degolar esses filhos que paristes,
Como pacientissimos cordeiros:
Deixai de prantear, naõ sejais tristes,
Olhai que foraõ elles dos primeiros,
Que nos vagos assentos se subiraõ,
Donde os espritos maos por maos cahiraõ.

Por essa, que chorais, sua dura morte
Mereceraõ divinos escabellos,
E nas cabeças, na Celeste Corte
Primeiro ter coroas, que cabellos:
Ah soberana sorte (se a isto sorte
He licito chamar) meninos bellos,
Sem saber pelejar vencer a guerra,
Pisar o Ceo, sem pisar nunca a terra.

Se soubesseis, que fructo regar deve
A chuva desse seu sangue innocente,
Desse sangue, que em si a terra bebe,
E no Ceo se conserva eternamente,
Naõ vos seria só sua morte leve,
Mas de vós festejada alegremente,
Tendo-vos sobre todas por ditosas
Por ser mãis de flores taõ fermosas.

Eu

Eu só por mais que chore toda a vida,
Justo será meu pranto, e naõ sobejo,
Em magoarme a sentirei comprida,
Curta para chorar quanto desejo,
Irei lavando assi hũa ferida
Que tam dura, e tam fea n'alma vejo,
Que será cada vez mais fea, e dura,
Se com meu pranto se naõ lava, e cura.

Mas tu, alma covarde, e d'amor nua,
Que me naõ deixas já? pouca dôr sentes,
Pide (naõ queiras ser contra ti crua)
A quantas almas vivem descontentes,
Que juntem suas dôres á dôr tua,
As passadas, por vir, e as presentes,
Porque com dôr tamanha enteire a dôr
A firmeza quebrada a teu Senhor.

Mas que dôr me daraõ, que nova magoa,
Que seja de meu erro igual desconto,
Inda qu'estes meus olhos fontes d'agoa
Derramem, sem cansar na vida hũ ponto?
Inda que n'uma eterna, ardente fragoa
Ardendo sempre este tempo sem conto?
Que tudo naõ seja pouco a respeito
De ser contra meu Deos meu erro feito?

Negáravos, Senhor, hũa só vez,
Pois hũa só vos tinha confessado
Por Filho verdadeiro de quem fez
Com só querer, sem mais, todo o criado

Hũa

Hũa vos confessei, neguei vos tres:
Ah discipulo mao, desatinado,
Onde acharás perdaõ, onde piedade,
Se tres mentiras dás a hũa verdade?

Desta maneira a si mesmo accusando
Se hia o triste Pedro: mas ond' hia,
Se naõ via por onde? aos pés deixando,
E naõ aos olhos seus, que fossem guia:
Despois que longo espaço andou errando,
Ou fosse acaso, ou Deos qu' assi queria,
Tornou a dar no horto, donde fugira
Quando a seu Mestre nelle prender vira.

E como Pay, que deixa sepultado
O caro filho morto em desafio,
A quem da tenra vida foi cortado
Com duro, e imigo ferro o fraco fio,
Se passa pelo campo, ond' espalhado
O sangue delle vê já negro, e frio,
Mais altos gritos dá, sente mais dôr,
Mais s' embravece contra o matador:

Do mesmo modo Pedro, que só mais
Amava (como bem depois mostrou)
Que quãtos no mundo houve amigos pays,
A dôr naquella parte renovou,
Vendo nas verdes hervas os sinais
Do sangue, que o Senhor alli suou,
Mais suspiros, mais lagrimas derrama,
Mais tredor, mais cruel, mais mao se chama.

Geme,

Geme, ſalluça, chora, e deſatina.
Alli paſma, alli cahe, alli eſmorece,
De naõ morrer alli, alli ſe fina,
Alli por mais culpado ſe conhece:
Adora, e beija a terra por divina,
Onde o ſagrado ſangue reſplandece,
Que illuminando o horto alli fazia,
Como mais claro alli ſeu erro via.

Oh Senhor meu, que tens da vida a chave,
Se tua bondade (diſſe) ſe naõ cerra,
Co' a malicia de minha culpa grave,
Se val arrependerſe a quem te erra,
Sobr' eſte ſangue teu ſacro, e ſuave,
Sobr' eſta dos teus pés piſada terra
Me faz mercê da morte, acabarei
Aqui, onde a temella comecei.

Mas ſe minha maldade impede, e nega
Que com effeito a meu querer reſpondas;
A ti, oh terra, a quem meu pranto rega,
Peço, q̃ ou vivo, ou morto em ti m'eſcõdas:
Antes qu' a luz do Sol, que já ſe chega,
Paſſe do rico Gange as claras ondas,
O dia para mim nunca amanheça,
A noite, em que pequei, ſó me conheça.

Porém ſe o Sol de verme ſe naõ peja,
E de mi vai fogindo a noute eſcura,
Eſta cova, que vejo, eſta me veja
Chorar em ſi a minha culpa dura;
Mora-

Morada em toda a vida esta me seja,
Seja depois da morte sepultura,
Vivo chorarei nella meu peccado,
Morto ficarei nella sepultado.

LAGRIMAS
DE
S. JOAM EVANGELISTA.

AQuelle, a quẽ amava o mesmo amor,
De quẽ foi puramẽte o amor amado,
Secretario do Ceo, alto Scriptor
Do Verbo na Virgem pura encarnado:
Aquelle, que na Cea do Senhor
Dormio sobre seu peito reclinado,
Sanctissimo Joaõ Evangelista,
Anjo puro na vida, Aguia na vista:

Aquelle, oh Musa minha, celebremos,
Se for de tal sogeito o verso digno,
As suas magoas, seu amor cantemos,
Suas magoas mortais, seu amor divino.
Antes com mais rezaõ, Musa, choremos
Com elle ao pé da Cruz, a quem m' inclino
E peço tal favor, qu' este meu pranto
Sirva a quem mo pedio, sirva a tal Santo.

De que magoa, Joaõ, de qu' agonia
Levarias tu' alma rodeada
Seguindo teu Senhor ao triste dia,
Depois da triste noite já passada?

Se-

Seguindo teu Senhor quando sahia
Da cidade cruel delle chorada, (grav
Co'hũa madeira em seus hombros duro
Mas brando para nós, leve, e suave.

Com que dôr de tu'alma irias vendo
A magoada Mãi, o Filho brando?
A Mãi a cada passo esmorecendo,
O Filho a cada passo ajoelhando?
Com o peso da Cruz, que foi sostendo,
Pera o monte Calvario caminhando,
Onde foi nella posto, onde encravado,
Onde com dous ladrões crucificado.

Aquelles duros cravos, que encravaraõ
As maõs, e os pés de Christo no madeii
Alli teu coraçaõ atravessaraõ,
Na morte alli lhe foste companheiro:
As fontes do sacro sangue, que manara
Das veas do mansissimo Cordeiro,
Abriraõ no teu peito outras de pranto
Devido a quem por nós soffria tanto.

A quem darias tu, a quem darias
Os teus humidos olhos em tal hora?
Ao Filho, que na Cruz chagado vias,
Ou á Mãi, que a seus pés sospira, e chor
Com ambos tua vista partirias
Vendo tal o Senhor, tal a Senhora,
Que naõ determinava quem os via
Qual delles mais asinha espiraria.

A morte, que ſeus roſtos deſcorava,
Já de hũa côr funebre lhos cobria;
O lume dos ſeus olhos ſe apagava,
A voz cada vez mais enfraquecia:
Mas ind' o bom JESUS a ſua alçava,
E por vós a ſeu Pai perdaõ pedia,
Por vós, os que lhe dais morte ſem culpa,
E com voſſa ignorancia vos deſculpa.

Oh brandura, de nós mal merecida!
Oh rara piedade, oh novo amor!
Que chegue quem eſtá perdendo a vida
A rogar por ſeu proprio matador!
Oh natureza humana indurecida,
Que aviſo aqui te dá teu Redemptor
Para naõ aggravar quem t' aggravou,
Para te naõ vingar de quem te errou!

Mais triſte, ſe podias ſer mais triſte,
Ficarias Joaõ (ſe mal naõ entendo)
Quando ao Senhor dizer ouviſte,
Olhos á triſte Mãi da Cruz volvendo:
Vês hi teu filho; de chorar deſiſte;
Vês hi tua Mãi, a ti tambem dizendo,
Ella te quiz por filho; e deſſa hora
A tiveſte por Mãi, e por Senhora.

Naõ podia em tal tempo o Senhor darte
Outro final d' amor mais certo, e claro,
Que na morte hum penhor encomẽdarte,
Qual na vida naõ deixa outro mais caro.

A ſua doce mãi quiz entregarte,
Tanto porque lhe foſſes doce emparo,
Quanto por te moſtrar, que o ſeu amor
Contigo era de irmaõ, naõ de Senhor.

Aſſi no mais ſenſivel do teu peito
A força deſte amor penetraria,
Qu' em amoroſas lagrimas desfeito
O tenro coraçaõ rebentaria:
Tolhendo a dôr á lingoa o ſeu effeito
Em tam penoſo paſſo, ſupriria
O magoado ſprito a ſua mingoa,
Porque para com Deos o ſprito he lingoa.

Com elle cuido eu que lhe dirias:
Vejo-vos, meu Senhor, eſtar morrendo,
E naõ acabo aqui meus triſtes dias,
Que morte me ſeraõ ſem vós vivendo?
As penas, que ſentis, as agonias
Podem eſtes meus olhos eſtar vendo,
E naõ os cerra a dôr eternamente?
Quẽ naõ morre, e tal vê, pouca dôr ſente.

Mas já que minha dôr naõ póde tanto,
(Oh amor da minha alma, Oh meu Senhor)
Que rompa deſta vida o carnal manto,
Como naõ morro eu de puro amor?
Diſto corrido eſtou; diſto m' eſpanto,
Inda que de crer he meu Redemptor
Que com amor penando me detendes,
Porque mereça, amando, o que me tendes.

E ſe

E se morrendo vós quereis que viva
A' vida morto, vivo á saudade,
Esta alma neste meu corpo cativa
Naõ tenha, inda que pene, outra vontade:
Seja quanto quiser a vida esquiva,
Trateme com brandura, ou crueldade;
Que naõ devo querer, nem querer posso
Senaõ o que mais for do gosto vosso.

Comtudo nesta triste despedida,
A vida, que de vós, Senhor, se parte,
Leva comsigo o bem da minha vida,
E da minh' alma leva a milhor parte,
A qual anda convosco tam unida,
Que vos seguirá sempre em toda parte;
Que naõ póde apartar tempo nem morte
O que juntou amor muito mais forte.

Alembrame, Senhor, quam differente
Noutro monte vos vi ha poucos dias
Em meio de mais branda, e amiga gente,
Em meio de Moysés, e o bom Elias:
Alli mui mais que o Sol resplandecente,
Aqui para comprir as profecias,
Sem aquelle divino resplandor,
De que mostras nos déstes no Tabor.

Todo cuberto estais de sombra escura;
Todo tinto de sangue, e denegrido:
Que foi daquella vossa fermosura,
A quem espanto, e amor era devido?

Para

Para nossas feridas terem cura
Quizeste ser o Mestre, e o ferido;
E por tam novo modo nos curais,
Que, para nos sarar, vós enfermais.

Este povo, Senhor, vosso mimoso,
Que vós de cativeiro tam pesado
Livrastes com processo milagroso,
Abrindo-lhe caminho desusado,
Por naõ vos ser ingrato, e odioso,
Na cabeça, nos pés, nas maõs, no lado,
Em todo corpo em fim novos caminhos
Com ferro vos abrio, e com espinhos.

Esta gente, Senhor, a vós mais chora
Que toda a que téqui ao mundo veio;
Para quem agoa branda, doce, e clara
Rompeo da pedra dura o duro seo,
Por naõ vos ser ingrata vos prepara
De fel, e de vinagre hum vaso cheo.
Olhai com que vos quer matar a sede,
Que de salvar o mundo vos procede.

Os pais destes crueis, des que sairaõ
Da dura sugeiçaõ de Egyptianos,
Falta (por mercê vossa) naõ sentiraõ;
Duraraõ-lhe os vestidos corent' annos;
E dos vossos os filhos vos despiraõ;
Se filhos estes saõ de homens humanos;
Nessa Cruz vos pregaraõ nu, e pobre;
Hũa toalha nella só vos cobre.

Corrido d'um opprobrio tam esquivo
Esconde o claro Sol seus raios d' ouro,
A terra, sem ter mais outro motivo,
Treme, o Leaõ urra, e brama o touro:
E eu que vivo em vós, e em mi naõ vivo
Morrendo vós assi, como naõ morro?
Que maravilha he esta tam estranha?
Que vida sem a minha m' acompanha?

Se vós de piedade spritos nús
Quereis que tanto mal vos agradeça,
Encravaime nas costas desta Cruz,
Onde com meu Senhor morra, e padeça
De maneira, que possa, oh bom JESUS,
Em meu peito encostar sua cabeça,
Pois a minha do seu fez almofada
Na cea tanto delle desejada.

Mas se direitamente a conta lanço
Em todo trabalhoso, e triste trance,
Nelle tenho mui certo o meu descanso,
Elle naõ tem em mi em que descanse:
Entre lobos crueis Cordeiro manso,
Que lobo vos verá, que naõ s' amanse,
Daquelles, que nos bosques sostentais,
Naõ destes carniceiros muito mais?

Com tudo inda que duros, e malvados,
Inda qu' em vós a morte executaraõ
D' invejoso furor arrebatados,
Naõ foraõ elles sós que vos mataraõ,

Ma-

Mataraõ-vos, Senhor, nossos peccados,
Que nessa dura Cruz vos encravaraõ,
Matouvos meu amor, o amor vosso,
Isto com mais certeza affirmar posso.

Vejo que de tristeza as pedras duras
Topando hũas com outras se quebrantaõ;
Revolvem-se pesadas sepulturas,
Os que dormiaõ nellas se levantaõ,
Todas as insensiveis creaturas
Com novo sentimento nos espantaõ;
E eu, sendo obrigado a maior magoa,
Escaçamente dou aos olhos agoa.

Porém de chorar pouco naõ m' spanto,
Nem s' espante ninguem disto que digo,
Pois o meu coraçaõ, fonte de pranto
Com vosco está, meu Deos, e naõ comigo;
Que póde o vosso amor co' elle tanto,
Que nessa Cruz o tem posto comsigo:
Lá chora vossa dôr, e a sua chora
Sem correrem as lagrimas de fóra.

A ser d' outra maneira de crer era
Que já vida tam triste s' acabara;
Porque mil corações, se mil tivera,
A dôr em tristes lagrimas gastara:
Se de mi tal verdade naõ soubera,
A vós erguer os olhos naõ ousara
De puro vergonhoso, e de corrido
De naõ ser já em choro convertido.

Porei no peito meu magoas eſquivas
A falta deſtes meus olhos ſuprindo,
De ſoſpiros mortais lagrimas vivas
Outras fontes de novo iraõ abrindo:
As horas no meu goſto fugitivas,
Vagaroſas ao mal qu'eſtou ſentindo,
Naõ deixaraõ ſeccar o licor triſte
Em quanto voſſo amor ao meu reſiſte.

O fim, ſegundo vós eſtais penando,
Verei de voſſas penas mui aſinha,
Voume por voſſa parte conſolando,
Deſconſolo-me muito pela minha,
Porque qual ficarei ſem vós ficando;
Sem vós, onde de mi o milhor tinha,
Que lugar acharei onde reſpire?
Que goſto, que do peito a dôr me tire?

Já tudo me ſerá ſem vós peſado,
A noute ſem repouſo, o dia eſcuro:
Da voſſa doce viſta deſterrado,
Onde andarei quieto, onde ſeguro?
Sempre ſereis de mi tam deſejado,
Oh amor, que morreis por amor puro,
Que para a vós paſſar deſte deſterro
Frio acharei o fogo, e brando o ferro.

Naõ era eu, meu Senhor, o amado voſſo
Sobre todos os mais do voſſo ſeio?
Pois quem divide agora o amor noſſo
Apartarme de vós, donde vos veio?

Ser

Ser asperesa vossa crer naõ posso,
Ser grande culpa minha isto mais creio:
E se culpa naõ foi, justo seria
Naõ dividir agora companhia.

Mas vós naõ tam sómente me deixais
Neste novo caminho que fazeis,
Mas inda, porque sinta esta dôr mais,
Com vosco hum roubador levar quereis:
Se vós por companheiro o aceitais
Sem embargo de ser qual vós sabeis,
A quem me aqueixarei delle, Senhor,
De me roubar em vós o meu amor?

Dahi, donde com pena está pagando
A culpa de mil roubos que tem feito,
Outros mores esteve acrescentando
Naõ sendo dos passados satisfeito.
Co' desejo das maõs já naõ usando,
Os thesouros abrio do vosso peito,
Junto meu coraçaõ ao vosso achou,
Cuidando roubar hum, ambos roubou.

Oh ditoso ladraõ, em quem s' encerra
Sotileza tam alta, tal aviso,
Que, depois de roubar homens na terra
Roubar soubeste a Deos o Paraiso:
Com elle em paz te vás, fóra de guerra
Em que me deixa cá, de mi diviso,
Pois a teu novo amor tanto se entrega,
Que te concede a ti o qu' a mi nega.

Eu

partirei daqui desconsolado
a a triste Senhora com que vim;
, pois delle lhe fui por filho dado,
vida como Mãi será de mi.
com lingoa muda, e desmaiado
rendo as tristes lagrimas sem fim,
ompanhou seu Mestre á sepultura;
pois a sua casa a Virgem pura.

HYMNO
A
JOAÕ BAPTISTA.

Uem poderá formar tam alto canto,
Que seja a tal materia accómodado,
Oh Sancto antes de ser nacido Sãcto!
u do Creador foste louvado,
omar tam alta impresa a creatura
arece atrevimento mal tomado.
oraçaõ humano que se apura (dece,
Mais em teu puro amor, mais t' engran-
menos a perderte s' aventura.
nar do teu louvor, que s' offerece,
ejo que naõ tem fundo, nem tem praia
Onde possa acabar, onde comece.
lguem em sanctidade poz a raia
m mais alto lugar, nem foi mais dino:
Quem naõ conceder isto, ao campo saia.

Oh

Oh spirito no mundo peregrino,
Em tudo milagroso, em tudo puro,
Mais proprio que mortal, Anjo divino.
Tu foste annunciador do bem seguro,
Testimunha do lume verdadeiro,
Que veio esclarecer o mundo escuro.
Tu nos mostrastes aquelle alvo Cordeiro
Que lavou com seu sangue a nodoa fea
Que em nossas almas poz o pai primeiro.
Que gente vê o Sol, que nos rodea,
Que naõ festeje o teu fermoso dia,
E te naõ chame Sancto á boca chea?
A terra entaõ se veste d'alegria,
Entaõ descobrem mais a graça sua
Quantas flores o valle, e o monte cria.
Entaõ o louro Sol, e a branca Lua
Parece celebrar teu nascimento:
Que nascimento o teu, que vida a tua!
Dentro no teu materno ençarramento,
Vendo o Verbo Encarnado t' alegraste,
Qu' alli te deu de si conhecimento:
O Diamaõ divino em humano engaste,
(Oh nova maravilha, oh louvor raro)
Logo d' hum ventre noutro o adoraste.
Por te communicar seu raio claro
Penetrou as purissimas entranhas
Da Virgem Madre sua, e nosso emparo.
E vós que nos direis, altas montanhas,
Da sua aspera vida? que direis
Das mais virtudes suas tam estranhas?

Contai eſtremos ſeus, naõ vos calleis,
Pois ſua tenra idade poſſuiſtes,
E quanto obrou em vós, vós o ſabeis.
Dizei-nos os veſtidos que lhe viſtes,
Dizei-nos os manjares que goſtava,
Contai-nos os colloquios q̃ lhe ouviſtes.
Com Deos ſe deve crer que converſava
Quem, fazendo a ſi meſmo cruel guerra,
Os caminhos do Ceo lh' aparelhava.
Mas dece, oh voz divina, já da ſerra
A baptizar nas agoas do Jordaõ,
E pregar penitencia em toda a terra.
Pois aquelle, que tudo tem na maõ,
Da tua quiz alli ſer baptizado,
De tamanha excellencia que diraõ?
E eu que mais direi, Sancto ſagrado,
Se quanto corro mais por teus louvores
Muito menos caminho vejo andado?
Os grandes de Judéa, e os menores
Te quiſeraõ por Rey, ſe tu quiſeras,
Se naõ vejaõ os ſeus Embaixadores.
A quem tu reſpondeſtes, que tu eras
Hũa voz que bradava no deſerto
Entre duros rochedos, entre féras.
Quem te naõ louvará ao longe, ao perto,
Deſprezo de tam alta dignidade,
Confiſſaõ do Meſſias encuberto?
Por eſta firme eſcada d' humildade
Sobiſte ao lugar, donde deſceo
O ſoberbo dragaõ, pai da maldade.

Qual

Qual vida maior premio mereceo
Do Senhor da verdade, què hũa vida,
Que por fallar verdade ſe perdeo?
Mas deixa o canto já, Muſa atrevida;
Que mal podem por ti ſer referidas
Graças que fim naõ tem, nem tem medi-
E vós, almas a Chriſto offerecidas, (da.
Da gloria do Batiſta cobiçoſas,
Com obras o louvai, com ſanctas vidas,
Que, por mais que de lirios, e de roſas
De contino lhe deis freſcas capellas,
Naõ podem nos ſeus olhos ſer fermoſas,
Naõ indo o voſſo amor tecido nellas.

AO MESMO BAPTISTA

SONETO.

POis vem amanhecendo o ſancto dia
Daquelle, que por Deos foi inviado,
Que no ventre da mãi inda encerrado
Adorou ſeu Senhor no de Maria:
Vinde colher capellas d'alegria,
Ninfas, com alva maõ no verde prado,
Que Florà tem de flores matizado
E de celeſte aljofre a manham fria.
Cantai louvores ſeus ao longe, ao perto,
Nos boſques, e nos valles, e nos montes,
Nas ſombras, e nas agoas que lograis.
Alegrem-ſe comvoſco rios, fontes,
Feras, aves, e gente; e o deſerto,
A quem mais deu de ſi, s'alegre mais.

A

A S. LOURENÇO

SONETO.

LOurenço, que de louro coroado,
Vestido d'alva estola apareceste
Todo resplandecente na celeste
Corte d'hum coro d'Anjos rodeado:
Teu premio no teu nome está notado,
Sinal he da batalha que venceste
Quando posto no fogo offereceste,
Depois d'assado d'hum, e outro lado.
Nesse fogo d'amor, que tam doce arde,
Que fez, ardendo em ti, hũa fria neve.
As vivas chammas d'outro, em riso, e jogo.
Por teu amor accenda (e naõ lhe tarde)
Christo meu coraçaõ, pois brãdo, e leve
Se fez com tal ardor o ferro, e o fogo.

A S. SEBASTIAÕ NO SEU DIA.

SONETO.

O Sancto Cavalleiro, em cujo dia
Naceo aquelle Rey gram cavalleiro,
Que por amor do culto verdadeiro
Seu sangue derramou em Berberia.

A re-

A regra antiga da cavalleria,
Que se guardou do bõ tempo primeiro,
Guarda comigo agora, oh bõ guerreiro,
Que por ti brado posto em agonia.
Aquellas duras settas, qu' imprimiraõ
Nos teus attados membros tais feridas;
Que te deraõ em vez de morte, palma;
Sinta em defenderme convertidas,
Quebrem as invisiveis com qu' attiraõ
Cõtino á minha os tres imigos d'alma.

A SAÕ JOAÕ

DE PORTA LATINA.

JUan, que ardor sinte
De llama divina,
No sinte en la tina
El olio herviente.

Entra sin temor
En roxo metal,
El divino amor
Vence al natural.

Sale salvo, y sano
Daquel fiero baño,
Com dolor estraño
Del Cruel tyrano.

Ah

Ah Joan amado
Del Hijo de Dios,
De martyrios dòs
Deves ser loado.

Uno aqui soffriste,
Otro com JESUS,
Moriendo en la Cruz
De morir le viste.

Lagrimas, y enojos
Te fueron cuchilo,
Corriendo en hilo
De tus tristes ojos.

El agoa, y el fuego,
Elementos varios,
Puestos em sossiego
Fueron tus contrarios.

En el Cielo empyrio
Alcançò tu alma
De virgen el lyrio,
De martyr la palma.

A' NOITE DO NATAL

SONETO.

OH noite sancta, e clara, inda q̃ escura
Te vê quẽ mais naõ ergue a fantesia;
Noite, que merecešte, mais que o dia,
Ver nascido JESUS da Virgem pura:
Como se naõ tornou logo em brandura
Tua grande aspereza, noite fria,
Vendo teu Criador que padecia
Teu frio como humana creatura?
Como vos desatais, oh ventos, tanto?
Porque vos derreteis, nuves em agua?
Tempo, que te naõ tornas mais sereno?
Se naõ sentis do Filho o tenro pranto,
Senti a dôr da Mãi, senti a magoa
De o guardar de vós com palha, e feno.

A' ESTRELLA DOS REYS MAGOS.

SONETO.

DItosa strella, que os tres Reys guiaste
Da praia Oriental tam fielmente,
Que o grãde Rey dos Reys omnipotente
Minino em hũ presepio lhes mostraste.

Hum

Hum raio só de quantos derramaste
Guie minh' alma já direitamente
Ao mesmo bom Jesus, que juntamente
Alli tambem com elles adoraste.
Onde posto nos braços de Maria
Alli fé, esperança, e caridade
Lh' offereceraõ ouro, mirra, encenso.
Despois guiado do teu lume immenso,
D' Herodes conhecendo a falsidade,
Me torne a recolher por outra via.

A SANTO ANTONIO
NO SEU DIA.

Aqui nasceste, Antonio, e naõ sómente
Enriqueceste, oh milagroso Sancto,
A tua cara patria, a tua gente,
Mas Italia tambem, que t' ama tanto:
Despistes lá, vivendo sanctamente,
O que de cá levaste, o fragil manto,
Lisboa, a quem tu dás mais fermosura
Teu berço foi, em Padua sepultura.

Oh Sancto, a quem tal graça o Ceo influe,
Que cobra o que se perde, o que perdeo
Tu mesmo a nós te torna, e restitue,
Pois natureza a nós te concedeo.
Ou já qu' Ausonia o corpo te possue,
Tu' alma, que possue agora o Ceo,

Já

Já mais se nos aparte desta parte,
Porque de ti nos dês a milhor parte.

Antonio aqui nascido, aqui criado,
Cuja rara virtude, e raro exemplo
Mereceo que te fosse dedicado
Este paterno hospicio em sacro templo;
Menos te sei louvar, Varaõ sagrado,
Quando mais em ti cuido, e te contemplo;
Mas nunca faltaraõ a teus louvores
Novas rimas aqui, versos milhores.

De milagres encheste o mundo em quanto
Nelle vivo moveste os mortais passos,
E para gloria tua, e nosso espanto
Teveste o bom Jesus posto em teus braços:
Depois de morto diga Padua quanto
Em louvores te dar somos escassos,
As maravilhas diga, que Deos obra
Por ti, Sancto por fé, Sancto por obra.

De ti se queixa, Antonio, e sente dôr
O teu, e nosso Tejo Lusitano,
Dizendo, que trocaste o seu amor
Por amor que tevestes ao Eridano;
Mas sem razaõ se queixa; que o Senhor
Nisso te quis fazer mais soberano,
Permittindo, qu' em vida taõ perfeita
Naõ tevessem a patria por sospeita.

Por

Por mil, e mil grandezas em mil partes
Soando vai a nobre, e graõ Lisboa
Em armas tanto, quanto em boas artes,
Em pureza de fé muito mais soa:
Mas o que mais realça as suas partes
E lhe concede a palma, e dá coroa
Sobre quantas no mundo a Fama canta,
He ser jardim, onde nasceo tal planta.

A S.TO AGOSTINHO

EPIGRAMMA.

SAnctissimo Agostinho, que inflamado
D' amor, que com amor a amar obriga,
D' amor, que te fez tam namorado
Daquella fermosura nova, e antiga,
Para que tu de mim sejas louvado,
De ti naõ sei que conte, nem que diga,
Se parte naõ disser do que disseste
Daquelle amor, a quem teu amor deste.

OUTRO.

NO mar profundo as aves faraõ ninho,
Os pexes pelo ar iraõ voando
Quando lingoa mortal, divo Agostinho,
Seu canto a teu louvor for igualando:
Tu abriste do Ceo novo caminho,
Tu lá do Senhor delle estás gozando,

Anjos alegra lá tua voz divina,
Homens ensina cá tua dontrina.

A S. BERNARDO

CANTIGA ALHEA.

Tanto agradastes a Dios,
Divino, y sacro Bernardo,
Que la leche, qu' ha gustado,
Vos la dà su Madre a vòs.

VOLTAS PROPRIAS.

DOnde a vuestros labios tal
Dulcedumbre, y gracia vino,
Que vuestro hablar fue divino,
Siendo la lengoa mortal?
La Virgen, que al Hijo Dios
Como Madre leche ha dado,
Como a grande enamorado
Suio; vos lo diò a vòs.

Maravilloso favor
La Madre, y el Hijo os an echo,
Pagando el materno pecho
Del vuestro pecho el amor.
Yo no sè quien de los dos
Fue jamas tan regalado
Como vòs, qu' aveis gustado
La leche que gustò Dios.

A' MAGDALENA.

SONETO.

DE noute à Magdalena vai segura,
Passa per homẽs d'armas sem temor:
Tam enlevada vai no seu amor,
Que lhe naõ lembra a quãto s' aventura.
Indo buscar a vida á sepultura,
Quando naõ achou nella o Redemptor,
Com sospiros, com lagrimas, com dôr
Movia a piedade a pedra dura.
Suave Sposo meu, ah meu só bem
(Co's olhos no sepulchro começou)
Levaraõ-vos daqui? aqui vos tinha.
Quem vos levou, Senhor, onde vos tem?
Torne-me, meu Senhor, quẽ mo levou,
Ou leve com seu corpo est' alma minha.

A' MESMA

SONETO.

BAnhada em vivas lagrimas Maria
Já fóra do sepulchro se tornava,
Que vista d' Anjos naõ a consolava,
Por quanto do Rey delles pertendia.
Eis nisto o bom JESUS lh' apparecia
Em trajos, qu' hortelaõ representava.
Por-

Porq̃ choras, molher? (lhe perguntava)
Tomáraõ, meu Senhor, lhe respondia.
E logo que na voz o conheceo,
A seus pés s' arrojou: mas o Senhor
Com dizer Naõ me toques, a deteve,
E juntamente desapareceo.
Ah que tam largo pranto, e tanto amor
Naõ vos pede, Senhor, vista tam breve!

A' MESMA

SONETO.

FErmosa penitente, que lavaste
Co' licor dos teus olhos cristalino
Tu'alma, e pés de Christo, e os enxugaste
Com tranças derramadas d' ouro fino.
Quantos amores por hum só divino
Num ponto para sempre desprezaste,
Quantos sospiros déste de contino
Quam bem por tal amor os empregaste!
Em sanctas esperanças as danosas
Trocar soubeste, e mil desejos varios
Num só desejo, em lagrimas o riso,
As cidades em ermos solitarios,
Rochedos toscos, lapas escabrosas,
Num brando, e deleitoso paraiso.

EM LOUVOR DO GLORIOSO SAÕ JACINTO DA ORDEM DOS PREGADORES agora novamente canonizado.

SONETO.

POlonia deu ao mundo, e deu ao Ceo
Domingos, Patriarca glorioſo,
Eſte Jacinto bello, e precioſo
Qu' entre ſeus novos filhos floreceo:
Foi milagroſo em quanto cá viveo,
Des que vive no Ceo mais milagroſo;
Vida, por elle, o Senhor piadoſo
A trinta e nove mortos concedeo.
A mancos pés, viſta a quem naõ via,
Ouvir a ſurdos, falla a mudos deu,
A capa ponte fez d'um bravo rio.
Fez paſſar, e paſſou, como Eliſeu,
Por ir pegar as chammas em que ardia
Na fera gente daquelle orbe frio.

EPIGRAMMA.

JAcinto, digo o que ſinto;
O mais diga quem mais ſente:
Digo que nunca Oriente
Criou mais rico Jacinto.

AO

AO MESMO SANTO.

SONETO.

O Jacinto entre pedras preciosas
Sempre (por seu valor) foi estimado:
Outro Jacinto em flor foi transformado
Entre as flores do campo mais fermosas.
Mas este nosso de celestes rosas,
De rubis, e de perlas coroado:
Só deve ser no mundo celebrado;
Dos mais os versos callem, callẽ prosas.
E d'ambos o louvor a gente mude,
Neste mais rico, e bello, e peregrino,
Nelle (por q̃ tal foi) mais acrescente.
Foi flor que deu a Deos fruito divino;
E foi pedra a quẽ Deos deu tal virtude,
Que curou almas, corpos naõ sómente.

EPIGRAMMA.

JAcinto, o que já sinto
He razaõ que o naõ calle,
Sinto, já que nunca o valle
Criou mais lindo Jacinto.

HISTORIA
DE
SANCTA URSULA
DIRIGIDA A' INFANTA
Dona Maria.

S. DEDICATORIO.

EU fiz (como já disse o Mantuano)
Os versos dessa Virgem esposada,
Que foi com onze mil martyrizada,
A honra me roubou hum vil engano.
Estando a vosso nome soberano,
Soberana Maria, dedicada,
Caio (para se ver pior tratada)
Nas maõs, livre já d' hũ, d' outro tyranno.
Se foi, indo roubada, tam aceita
Em partes inda fea, e duvidosa,
Naõ desmereça agora, alta Princeza,
Que mais segura vai, vai mais fermosa,
Naõ soffrendo razaõ cousa imperfeita
Diante a perfeiçaõ de Vossa Alteza.

COMEÇA A HISTORIA.

DE huma fermosa Virgem, e esposada
Que d' outras onze mil tãbẽ fermosas
Entrou no Ceo Empyreo acompanhada,
Coroada de lirios, e de rosas;

De

De Christo Sposo seu tam namorada,
Que dellas quis fazer todas esposas,
Amor, vida, e martyrio cantar quero
Movido do favor que della espero.

Alcansa, Ursula Sancta, que diante
De tam bello esquadraõ foste por guia,
Do teu suave amor, que de ti cante
O seu amor, que no teu peito ardia.
Meu verso para vós mais se levante;
Oh bella, e a JESUS chara companhia,
Tanto se mostre aqui mais soberano,
Quanto o Divino amor excede o humano.

E vós, oh bella Mãi, e Virgem pura,
Pois sois das que tal ordem escolheraõ,
Fostes sempre, e sereis guarda segura
Da pureza qu' a Deos offereceraõ;
Dai neste canto meu milhor ventura
Do que tégora as vans musas me deraõ;
Vossas servas seraõ de mi servidas,
Suas mortes cantadas, suas vidas.

Serenissima Infante produzida
Do gram tronco Real, sublime planta,
No titulo, nas obras, e na vida
Retracto natural d'Ursula Sancta,
Desta Virgem tambem de Reys nascida
Ouvi com ledo rosto o que se canta;
Dai o sentido hum pouco á tal sogeito,
Naõ tire o preço delle o meu defeito.

No

No tempo que Ciriaco se sentava
Na cadeira de Pedro pescador,
Quando com sam doutrina apascentava
As ovelhas de Christo, bom Pastor:
Teve Bretanha hum Rey que professava
A Lei que deu no mundo o Redemptor,
Justo, temente à Deos, pio, e devoto,
Chamado Mauro d'huns, e d'outros Noto.

De virtudes hum novo exemplo, e raro,
Em idade, e belleza florecia
Ursula, por quem Noto era mais claro,
Que pelo Reyno seu, que possuia,
A quem em nada o Ceo quis ser avaro,
Com quem todas as graças repartia,
Prudente, honesta, e bella á maravilha,
De tam ditoso Rey ditosa filha.

Aquella, que no ar com ligeireza
As penas de mil asas abre, e cerra,
E com nunca já mais vista presteza
Co outros tantos pés corre por terra:
Aquella, que de sua natureza
Naõ cuida no que diz se acerta, ou erra,
E d'huma em outra bocca se derrama;
Aquella em fim, a que chamamos fama;

Hia por todo o mundo divulgando
Estremos desta Virgem soberana,
Aquella fermosura celebrando,
Com que o cego amor olhos engana:

A d' alma muito mais alevantando
Por ser cousa divina mais que humana,
Hũa, e outra em fim sobia tanto
Que n'uns criava amor, n'outros espanto.

Ouvindo seus louvores muitas vezes
Desejou desta Virgem fazer nora
Hum Rey, qu' o sceptro tinha dos Ingrezes,
Idolatras antaõ, cegos agora.
Oh povo cego, é leve, as cujas fezes
Aparta do ouro puro, e fino fora,
Torna ao teu pastor, perdido gado,
Olha que vás sem elle mal guiado.

Hum filho deste Rey, de quem dezia
Que ser de Ursula sogro desejava,
Movido já do que contar ouvia;
Já dentro no seu peito a namorava,
Alli o seu amor lhe offerecia,
Alli pelo seu della sospirava;
Suspira elle por ella, ella sospira
Por outro amor tambem que nunca vira.

Mandou o Rey Ingrez Embaixadores
Com Real aparato, e mui custoso,
Do grande Reino seu, grandes senhores
A Noto, Rey naõ tanto poderoso,
Pedir a bella filha, que em amores
Ardia toda do Celeste Esposo,
Pera a casar co' filho, que sabia
Que por amores della todo ardia.

Ficou ElRey Bretaõ mui defcontente
Ouvindo efta embaixada de Inglaterra;
Recea que, fe nella naõ confente,
O gentio lhe mova cruel guerra:
O qual fendo mais rico, e mais potente
Affi no largo mar, como na terra,
Quando o defprezo viffe de feu rogo
Podia pôr Bretanha a ferro, e a fogo.

E logo depois defte penfamento,
E medo de perder feu fenhorio,
Novo difcurfo tinha, novo intento,
Com que ficava mais medrofo, e frio:
Como podia dar em cafamento
Sua filha Chriftaã a hum Gentio,
Que nem a Ley de Chrifto o permittia,
Nem ella nunca tal confentiria.

Eftando em tal anguftia o bom Rey pofto,
Urfula divinamente infpirada
Lhe diffe com fereno, e alegre rofto,
Que confentir podia na embaixada,
Com tanto, que, s' o Ingrez levava gofto
Della com feu herdeiro fer cafada,
Primeiro lhe mandaffe dez donzellas
Do Reino, as mais illuftres, e mais bellas.

E déffe mil a cada virgem deftas,
E a ella outras mil tambem daria,
Todas de claro fangue, em vida honeftas,
Com as quaes d' onze mil o conto enchia;

E por tres annos dilaçaõ nas festas,
Além de tudo isto lhe pedia
E naos, e mantimentos para todas
Irem co' ella a Roma antes das vodas.

Onde sua pureza, e virgindade
Queria com solemne, e sacro voto
Consagrar a seu Deos, Deos de verdade,
Que o Ceo, e terra fez de proprio moto,
E que deixasse a vaã gentilidade
Seu filho, para ser genro de Noto,
E neste meio tempo doutrinado
Fosse na Fé de Christo, e baptizado.

Com estas condiçoens Ursula disse
Que seu amado pai fosse contente,
E os Embaixadores despedisse
Usando em tal reposta de prudente,
Porque ou elle mais a naõ pedisse,
Podendo-se comprir difficilmente,
Ou, quando o que pedia concedesse,
Por si a seu Senhor onze mil désse.

Oh divino saber, quam soberano
Conselho he sempre o teu, quam acertado!
Quam longe vai de ti saber humano,
Por mais que de razões vá mais ornado.
Já dos idolos deixa o cego engano
O Principe da virgem namorado,
Rogando pede ao pai quanto ella pede;
O pai, quanto lhe roga, lhe concede.

Já para ti, oh virgem bella, e branda,
Com toda diligencia, e brevidade
Juntarse vem desta, e daquella banda
Da feminil nobreza a tenra idade:
As naos aparelhar ElRey te manda,
Já nellas se recolhe a virgindade,
Já daõ para Bretanha ao vento vellas,
O coraçaõ do noivo vái co' ellas.

Já vem a tomar porto, onde as espera
Ursula alvoraçada em gram maneira,
Que para as receber alli viera
Como senhora naõ, mas companheira;
Quam falsa (lhes prégou) sua lei era,
A de Christo JESUS quam verdadeira:
Já vos baptizaõ virgens estrangeiras,
Já do Reino do Ceo ficais herdeiras.

A fama, que naõ sábe repousar,
Voou de Reino em Reino, d'Ilha em Ilha:
A gente, que se ajunta, naõ tem par,
Por ver a nunca vista maravilha:
Vem outros por servir, e acompanhar
A virgem de Rey nora, e de Rey filha;
Movem-se muitos Bispos de Bretanha,
Pantollo em vida e em morte as acõpanha.

Deixa tua mãi por ti casa, e familia,
E com quatro irmãs tuas se embarcou,
Juliana, Victoria, Auria, e Babilia;
Hum filho tinha mais, que mais levou;
Gera-

Gerafina Rainha de Cicilia,
A ti nesta jornada acompanhou;
He justo que contigo vaõ Rainhas
Pois para o Rey dos Reys, virgẽ, caminhas.

Já se partem as bellas peregrinas
Com as maõs para o Ceo alevantadas;
Já rompem pelas ondas cristalinas
As naos de fermosura carregadas:
Quando, direi, oh agoas Neptuninas,
Fostes de tal belleza navegadas?
Nunca, depois que a terra descobristes,
A tal frota por vós caminho abristes.

Com vento sempre igual, com mar bonança,
Sem perigo nenhum, sem nenhum pejo
Ciela foraõ tomar, ponto de França,
Onde pouca demora fazer vejo:
O coraçaõ da Virgem naõ descansa
Saudosa do fim de seu desejo,
Manda que levem ferro, soltem linho,
Que leve pelo mar o negro pinho.

O vento nova posse vai tomando
Das Virgens que lhe saõ encomendadas;
Com tanta ligeireza as vai levando,
Que já deixaõ a traz agoas salgadas:
Já nas doces do Reino vaõ entrando,
Onde tem suas vidas limitadas:
Hũa cidade vem á borda d'agoa
Que de as ver morrer naõ teve magoa.

Ah

Ah Colonia cruel, que naõ t' encobres
A tam fermosos olhos, que seguros
Olhaõ as altas torres que descobres,
Lustrosos edificios, fortes muros ?
Permitte o largo Ceo que fama cobres
De seres dura mãi de peitos duros,
Peitos, que tantos mil peitos sem erro
Viraõ abrir, sem dó, ao duro ferro.

Estando neste porto a bella armada
Tomando o necessario mantimento
Para poder seguir sua jornada,
E dar terceira vez vellas ao vento,
Sendo parte da noute já passada,
A Virgem dentro em seu retraimento,
Dormindo toda a mais gente da frota,
A Christo orou assi branda, e devota ;

Amor, Divino Amor, Amor suave,
Amor, a pós quem vou toda embebida,
Por quem nenhum trabalho sinto grave,
Sem quem naõ posso ter gosto da vida :
Amor, que do meu peito tens a chave ;
Amor, de cujo amor ando ferida ;
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo ?

Amor, que dás amor cheo, e de brandura
D' Amor enches est' alma saudosa ;
Amor, sem cujo amor, e fermosura
Naõ póde nunca haver cousa fermosa :
Amor,

Amor, nò qual amor anda segura
Hũa vida tam fraca, e duvidosa,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

Amor, que por amor te disposeste
A restaurar o mundo errado, e triste:
Amor, que por amor do Ceo deceste:
Amor, que por amor á Cruz sobiste:
Amor, que por amor tua vida déste:
Amor, que por amor a gloria abriste,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

Amor, que cada vez mais t' accrecentas
No coraçaõ, que lá contigo trazes:
Amor, que d' amor puro te sostentas
No fogo,em que tu mesmo arder me fazes:
Amor, que sem amor naõ te contentas;
De tudo com amor te satisfazes,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

Amor, que com amor me captivaste,
(Se livre póde ser quem naõ captivas)
E com me ter captiva seguraste
As esperanças d' antes fugitivas:
Amor, que suspirando m' ensinaste
A derramar por ti lagrimas vivas,
Quando verei, Amor, o que desejo,
Para que veja, Amor, o que naõ vejo?

Quan-

Quando verei o dia, em qu' offereça
Por ti este meu peito ao ferro forte,
E cercada de Virgens appareça
Na tua soberana, e eterna Corte?
Onde lá cada hũa te mereça,
Passando cá comigo a mesma morte;
Todas vertendo sangue, juntas todas
Celebremos comtigo eternas vodas.

Cumpreme já, Senhor, esta vontade,
Que tenho, de te ver, que sempre tive
Des que me deu lugar a tenra idade,
E lume de razaõ nest' alma vive.
Naõ permittas, meu Deos, que a saudade
Sem ella a mi só da vida prive;
Que se muito s' alarga este desterro,
Por ella irei a ti, naõ pelo ferro.

Desata meu spirito saudoso
Do mortal nó em que s' está detendo
Primeiro, que tres vezes pressuroso
O Sol os doze signos vá correndo,
Espaço que tomei, meu doce Sposo,
Par' outro sposo meu ir entretendo,
Confiando de ti que neste meio
Acabes co' a vida o meu receio.

Ainda no amoroso, e justo rogo
A Virgem suspirando procedia,
Quando d' hum resplandor como de fogo
Divina voz ouvio, que lhe dizia:

Oh

Oh Virgem, que soubestes fazer jogo
Do que no mundo tem maior valia,
Sabe que da tornada, que fizeres
Aqui, se cumprirá tudo o que queres.

Tanto que tal resposta do Ceo teve,
Naõ pode esperar mais dia, nem hora;
Comprida lhe parece a noite breve,
Que muito se detem a nova Aurora:
Em descubrindo o Sol seu carro leve
Do porto de Colonia sahio fóra,
A Basilea em breve tempo toma,
Dahi a pé se partem para Roma.

Donde o Summo Pastor Ciriaco Sancto
As sahe a receber, e as acompanha
Com gozo spiritual, com grande espanto.
De ver em tal idade fé tamanha.
Naõ se póde dizer, nem cuidar quanto
S' alegra o Real sangue de Bretanha,
Aquelles sanctos Templos visitando
Daquelles, que tambem foi imitando.

Naquella mesma noute a pôs o dia
Que Roma ver as Virgens mereceo,
A quem de Pedro a barca entaõ regia
Revelou o que rege a terra, e o Ceo,
Que martyrio tambem receberia
Ond' Ursula co' as mais o recebeo;
O qual deixou o seu Pontificado
Desejoso de ser martyrizado.

Inda

Inda que todo o Clero soffre mal
Moverse por aquellas estrangeiras,
Movido da vontade divinal
O bom pastor se vai com as cordeiras.
Hum Arcebispo leva, hum Cardeal,
Tres Bispos deixaõ vagas tres cadeiras,
De Luca, Lavicana, de Ravena,
Mauricio me ficava já na pena.

Despois d' entrar no mar, donde sahiraõ
Com tam fermoso Sol, tantas estrellas,
As ancoras debaixo a cima tiraõ,
De cima para baixo soltaõ velas;
Indo já navegando, outras naos viraõ;
Que fazendo-se vem na volta dellas:
Conheceraõ-se logo as duas frotas,
Ambas d' hum Reino saõ, ambas devotas.

Alli (já Rey erguido de Inglaterra)
Vinha d' Ursula bella o bello esposo,
Que naõ queria já reinar na terra
Namorado do Ceo, e saudoso:
Do seu primeiro amor venceo a guerra
A força d' outro amor mais poderoso;
Amava em seu Deos já a esposa bella;
Polo poder achar, buscava a ella.

A mãi já convertida traz comsigo,
O pai feito Christaõ já falecera;
Por onde evitaria o gram castigo
A que, sendo Gentio, obrigado era.

Oh Divino amor, como aqui naõ digo
Maravilhas de ti! ah quem pudera?
Por meio d'hũa Virgem foste meio,
Por onde tanta gente a Christo veio.

Vinha mais nesta nova companhia
Florença, irmãa delRey, da mãi cuidado,
Florença, que em belleza florecia
Como flor em jardim bem cultivado.
Dous Bispos a Real frota trazia,
Hum Marcello, Clemente outro chamado,
O primeiro de Grecia o bago teve,
Do segundo o Bispado naõ se escreve.

Outra Virgem viuva alli mais vinha,
A qual sendo esposada em tenra idade
Antes das vodas ver viuvado tinha,
E prometteo a Deos sua castidade:
Esta do mesmo Rey era sobrinha,
Filha da Emperatriz da grã cidade,
Onde por culpa nossa, ou pouca dita,
Agora tem seu throno o fero Cita.

Estes, de quem relata a sua historia
Que deixaraõ por Deos altos estados,
Com outros de que faz menos memoria,
Foraõ divinamente amoestados
Que todos (para entrar todos na gloria)
Fossem ao virginal coro ajuntados,
Com quem na terra martyres seriaõ,
E no Ceo para sempre reinariaõ.

Seria

Seria estranho gosto que sentiraõ
Aquellas bem nacidas almas santas,
Quando juntas alli todas se viraõ
De partes tam remotas, e de tantas,
Sem estorvos, que de antes impediraõ,
As duas mais, que todas bellas plantas,
Alli se abraçaõ ambas sem ter pejo,
Ambas conformes já num só desejo.

Alli faria ElRey acatamento
A quem deixou de Pedro o alto governo,
E elle conforme a seu merecimento
Responderia com amor paterno:
Naõ faltaria em tal recebimento
Prazer exterior, prazer interno;
Inda que nos estados differentes,
Todos seriaõ huns em ser contentes.

O vento as brancas vellas naõ enchia,
Corria o frio Rheno entaõ mais quedo,
Antes para Colonia naõ corria
Por naõ levar as Virgens lá taõ cedo:
Parece que já claro conhecia,
Oh coro virginal sereno, e ledo,
Que lá vos esperava a triste morte.
Agora conta, oh musa, de que sorte

Aquelle, que na fórma de Serpente
Deixou os dous primeiros enganados,
Envejoso de ver que tanta gente
Se convertia á ley dos baptizados,

Entrou no coraçaõ, manhosamente,
De dous Gentios, Principes malvados,
Principes da Romaã cavalleria,
Por encurtar a fé que se estendia.

Os quais como souberaõ de certeza
Que por Colonia a Virgem se tornava
Com toda a juvenil casta belleza,
Que por amor do Ceo perigrinava:
Mandaraõ avisar com gram presteza
A hum parente seu, que se chamava
Julio, Capitaõ dos Unos feros,
Que todos para todos foraõ Neros.

Eis logo o fero Principe Gentio
Com gente innumeravel de seu mando
A praia vem tomar do mesmo rio,
Per onde as Virgens vinhaõ navegando:
Já descobrem a nao, já o navio
Aquelles, qu' estaõ de alto attalaiando:
A's armas corre logo o bruto povo,
Pollas tingir de novo em sangue novo.

Vindo a frota sorgir junto do muro,
Onde lhe parecia estar segura,
(Oh Virgens, que buscais lugar seguro,
Hi tendes o da vossa sepultura)
Entra com maõ armada o povo duro
Por meio da peregrina fermosura,
Começaõ de provar os aços fortes;
Eis tudo sangue, já, eis tudo mortes.

As

As Virgens alli nu offereciaõ
O delicado collo, o tenro peito.
Era, para caber quantas caiaõ,
A larga praia já lugar estreito:
Os ribeiros de sangue, que corriaõ,
Já tinhaõ outro mar vermelho feito:
Tu só, Cordula, á morte t' escondeste,
Mas despois a buscaste, e recebeste.

Alli o bom pastor em Deos constante
O fim da vida espera sem espanto:
Caio o Rey alli morto diante
Daquelles castos olhos, que amou tanto.
Espera, brando esposo, hum só instante;
Espera tua doce esposa, em tanto
Que outro amor outro golpe lhe prepara,
E juntos entrareis na patria chara.

Em que guerras crueis, em que cidade,
Entre que feras gentes desalmadas
Se naõ usou de amor, e piedade
Com donzellas fermosas desarmadas?
Como belleza tanta, e tal idade
Vos deixou arrancar vossas espadas?
Ah lobos carniceiros, tygres bravos,
Filhos de crueldade, da ira escravos.

De quantos animáes sostenta a terra
Já mais tam gram crueza foi usada;
Inda que tenhaõ huns com outros guerra,
Nunca do macho a femea he maltratada:

Anda

Anda a cerva co' cervo pela serra,
A vaca vai do touro acompanhada,
Do Leaõ naõ s' espanta a leonesa,
Vós sós quebrais as leys da natureza.

Poderáõ outros olhos, por ventura,
De lagrimas divinas escusarse,
Vendo cubertos já de nevoa escura
A luz de tantos olhos apagarse,
Vendo a vermelha rosa, e a neve pura
Em tam fermosas faces descorarse?
As tranças d' ouro vendo espedaçadas
Por debaixo dos pés andar pizadas?

No meio desta furia accesa, e brava
O tyranno cruel olhos ergueo
A Virgem animosa, qu' esforçava
As almas que juntara para o Ceo,
Assi envolta em sangue como andava
Da sua fermosura se venceo,
E com doces razões, qu' amor ensina,
Vencer a Sancta Virgem determina.

Finge que s' arrepende do passado,
Arrepende-se disso mui asinha,
A vida lhe offereçe, e seu estado,
Naõ vê, q̃ estado, e vida a perder vinha;
O seu amor lhe pede confiado;
O seu amor, que dado a seu Deos tinha,
O seu amor lhe pede; antes naõ seu,
Que já o dera todo a quem lho deu.

Usa de mil lisonjas, mil enganos,
Por conseguir o seu desejo bruto.
Logra a flor, dezia, dos teus annos,
Colhe da tua belleza doce fructo:
Naõ dês materia nova a novos damnos,
Naõ pagues inda á morte o seu tributo:
Olha, que tens em mi (naõ saõ cautellas)
Outro Reino, outro espòso, outras dõzellas,

Naõ faças mentirosa a natureza,
Que dá de amor em ti grande esperança:
Que se póde esperar dessa belleza,
Se piedade della naõ se alcança?
A tygres, & leões deixa a braveza,
A estes meus soldados a vingança;
Se por me ver cruel queres ser crua,
Já te vingas de mi em cousa tua.

Volve os teus olhos já com mais brandura,
Esses olhos d' amor doce morada:
Ah naõ faça em mi naõ tua fermosura
O que tégora fez a minha espada:
Se queres derribar minha ventura,
Que delles andar vejo pendurada,
Acabarei de crer que pouco tenho,
Pois, onde vim matar, a morrer venho.

Como do rogo meu naõ t' aproveitas
Quando teu mal a me rogar t' obriga?
Ou tu naõ olhas bem a quem engeitas,
Ou naõ entendes cousa que te diga:

Em

Em que cuidas, senhora, ou que sospeitas?
Mais proprio era chamarte dura imiga:
Mas naõ consente amor nome tam duro
Em parecer tam brando, e tam seguro.

Os raios dos teus olhos mais serenos
Enxuguem do teu rosto as puras rosas;
Os teus sospiros tristes soem menos
Nestas concavidades saudosas:
Naõ façaõ grande mal males piquenos;
Que naõ soffre esperanças vagarosas
Quem anda costumado em seus amores
A medir por seus gostos seus favores.

Que gosto podes ter de maltratarme,
Vendo-me do que fiz arrependido?
Attenta que mais ganhas com ganharme,
Do que neste destroço tens perdido:
Se queres insistir em desprezarme,
Naõ sei se sahirás bem do partido.
Naõ me declaro mais, porque naõ quero
Que o medo faça o que d' amor espero.

Ah nescio amador, deixa teu erro:
Naõ vês quam enganado, e cego andas?
Aquella, a que naõ vence o duro ferro;
Como a venceráõ palavras brandas?
Manda su' alma já deste desterro
Com essas, que a seu doce Esposo mandas;
Naõ a detenhas mais em vaõs amores,
Se dobrarlhe naõ queres suas dores.

Ven-

Vendo o cruel em fim qu' o que dizia
Tomava a bella Virgem por affronta,
E que, quanto elle mais s' offerecia,
Ella delle fazia menos conta:
Hum arco curvo, qu' em sua maõ trazia,
Hũa setta embebeo d' aguda ponta,
O peito lhe passou de banda a banda,
E assi rendeo ó spirito a Virgem branda.

Vaite spirito gentil desta baxeza,
Abre tuas azas já, tua luz derrama,
Voa com desusada ligeireza
Onde teu bem t' espera, onde te chama:
De lá verás do mundo a estreiteza;
Verás qu' engana mais a quem mais ama,
E lá do teu amor, cá suspirado,
O fructo colherás tam desejado.

Em paz te vai, oh alma pura, e bella,
Mais bella inda no sangue, que verteste:
Alegre te vai já gozar daquella
Fermosa Regiaõ, alta, e Celeste.
Coroada de gloria immortal nella
Com Christo reinarás, a quem te déste,
Com tantas, e tam bem nacidas almas,
Fermosura do Ceo, onze mil palmas.

EPI-

EPIGRAMMA

A SANTA CLARA.

FErmosa Virgem Clara, inda mais clara
Que a luz, ante quem foge a noite escura;
Virgem em tudo Sancta, em tudo rara,
Espelho de divina fermosura:
Teu nome, oh Virgem Clara, nos declara
Seres pura no corpo, e n' alma pura,
Em sangue clara, clara em vida, e morte,
Mais clara agora na celeste Corte.

Daquella claridade, oh Virgem branda,
Da qual no Ceo Empyreo estás vestida,
Mande, por teu amor, quem tudo manda,
Hum raio na minh' alma escurecida,
Para que possa ver qu' em trevas anda
Mettida nos enganos desta vida,
E volta dê ao Ceo allumiada,
Seguindo por ti Clara clara estrada.

A'S RELIQUIAS,
QUE
D. JOAM DE BORJA
TROUXE AO MOSTEIRO DE
S. Roque de Lisboa dos Padres da Companhia de JESUS.

SONETO.

Reliquias santas d'almas santas, dignas
Da gloria, que comvosco merecerão
Por ferro, e pelo fogo que soffrerão,
Por lagrimas, jejuns, e disciplinas,
Pois outras almas pias peregrinas
De peregrinas partes vos trouxerão;
Repousai nesta, em quanto vos esperão
As vossas nas cadeiras cristalinas:
Aqui vos criará o Tejo flores
D' ouro novas areas descobrindo,
Fresca verdura o bosque, o vale, e a serra;
Presumes mandará o Gange, e o Indo,
E cantará Lisboa altos louvores
A cujas sois no Ceo, e a vós na terra.

A'S MESMAS RELIQUIAS.

SONETO.

EL Cielo con la tierra ha contratado ;
Oh despojos sagrados bien venidos
Que fuessedes muriendo divididos
Entre los dòs, por tiempo limitado.
El las almas, que os diò, ha las llevado
A los premios de gloria merecidos,
Ya vòs dichosos miembros bien nacidos
Con vuestra madre tierra os ha dexado.
Ella como hasta aqui os ha tenido,
Por os dar maior de todo el suelo,
A nuestra Lusitania os embia:
Mas de crer es que vòs la aveis movido,
Por que thesoro, que se deve al Cielo,
Tal parte de la tierra merecia.

A'S MESMAS RELIQUIAS.

SONETO ITALIANO.

POi ch'il desio, che m'infiama il core,
Nó puo spregar si degne lodi, e tante
O venerande spoglie de le Sancte
Anime, a cui il Ciel à fatto honóre:
Che a pieno il mio stil, che langue, e more
Nel gran subgetto, vi celebre, e cante:
Pren-

Prendete voi da me, divine piante,
Il medesmo desir, il caldo amore.
Questo volette voi, questo vi dono,
Che degli vostri honori il sacro pondo
Cerca piu dotte rime, e piu pregiate.
In ciel vi cante, in ciel in lietto sono,
In terra questa (si famosa al mondo)
Ch'adesso voi, con voi piu honorate.

A D. JOAM DE BORJA,

QUE TROUXE AS RELIQUIAS.

SONETO.

OH venturosas manos, que cogistes
En tierra llena de sizania, y espinas,
Flores nò de là tierra, mas divinas,
Y a tan divino templo las truxistes.
No solo en cogerlas merecistes
D'entre yervas venenosas, y malinas,
Mas de fama, y loor os haze dinas
El saber las poner dò las posistes.
Que fructo cogereis de tales flores?
Que largo tiempo ya, q̃ estrecha suerte
Os puede consumir tan gran memoria?
En la vida tan llenas de loores
Sepultadas entr' ellas en la muerte
En la gloria gozando de su gloria.

A D. MARIA DE VILHENA
QUANDO SE METEO FREIRA.

ALma merecedora de mil palmas,
De mil louvores digna, de mil cãtos,
Hum doce amor das bem nacidas almas;
Alma, que só podéste romper quantos
Laços cá nos detem em prisaõ dura;
Alegria do Ceo, prazer dos Sanctos:
Alma bella, alma branda, casta, e pura,
Toda chea de amor, toda amorosa,
Vestida d'outra nova fermozura:
Ah que direi de ti, alma ditosa,
No mundo exemplo raro de belleza,
Agora fóra delle mais fermosa?
Ornada de hum saber, de hũa grandeza,
Que soube desprezar em tenra idade
O que no mundo mais se busca, e preza;
Moveo-te por ventura essa vontade
A vontade do pai? ou te moveo
A força da cruel necessidade?
Quem naõ verá ser isso amor do Ceo,
Amor daquelle Deos Crucificado,
Que para esposa sua te escolheo?
Ah soberano amor, bem empregado
Em quem o seu amor, por amor puro,
Antes do mundo ser, te tinha dado!
Deixaste, alma fermosa, o vale escuro
De lagrimas, e dóres sempre cheo;
Tomaste em bravo mar porto seguro.

Hum

Hum direito caminho, hum certo meo
Para fubir á patria foberana,
Onde fem dôr fe vive, e fem receo.
Das apparencias vãs da gloria humana
A cega vaidade defcobrifte,
Que nos leva a pós fi, que nos engana.
C'os olhos da razaõ della fugifte;
E d'outras coufas mais, com que parece
Que póde haver pezar na vida trifte.
Para ti outro Ceo já refplandece,
Outro Sol, outra Lua, outras eftrellas,
Outras flores a terra t' offerece.
D'outras com nova maõ novas capellas
De mais fuave cheiro dás agora
A teu fuave amor, Creador dellas.
Neffa quietaçaõ, onde Deos mora;
A elle fó te dá, pois te chamou,
A elle canta fó, por elle chora.
Com outra do teu nome, que lavou
Com lagrimas os pés de feu Senhor,
E com fuas tranças d' ouro os alimpou:
Com outra, a quem da vida o Redemptor,
Por quãto muito amou, perdoou muito,
Que nada nega Deos a muito amor:
Com outra, que colheo divino fruito,
Tam de verdade trifte, e arrependida,
Que nunca teve mais o rofto enxuito:
Com outra, que na lapa recolhida,
Na folidaõ da ferra cavernofa
Em amores do Ceo gaftou a vida:

Com

Com outra, que lá nelle gloriosa,
Da visaõ de seu Mestre naõ se parte,
De quem na terra foi tam saudosa.
Com esta tal Maria a milhor parte
Por Christo, com raro exemplo, escolheste
Que seu amor naõ saberá negarte,
Pois tu, alma ditosa, o teu lhe déste.

ECLOGA DEPLORATORIA

AO SENHOR

DOM DUARTE

No tempo do mal.

PRincipe soberano, naõ vos seja
Pesado o pouco meu merecimento;
Que se meu baixo verso se despeja,
De vós lhe nasce o seu atrevimento:
Pois naõ ha bom juizo, que naõ veja
Que sempre dar favor foi vosso intento
A quantos vaõ seguindo Apollo, e Marte,
Dos quais vos coube a vós a milhor parte.

Naõ tocarei com tudo no vedado,
Inda qu'esta verdade me segura
Que, para vós de mi serdes cantado,
Bem sei que me negou muito a ventura.
Alcido, e Mincio, em quãto o manso gado
Pascie a seu sabor pela verdura

Na ribeira do Lima, iſſo cantaraõ
Depois que tambem iſſo praticaraõ.

Correm os noſſos tempos de maneira,
(Antes no mal parece qu' eſtaõ quedos!)
Por mais que muda o Sol ſua carreira,
Tantos os males ſaõ, tantos os medos,
Que naõ ha vale cá, nem ha ribeira,
Por onde ſoem já cantares ledos,
Dos triſtes, ouvi eſſes, entre tanto
Dará o Ceo materia a melhor canto.

Alcid. Ha tanto tẽpo já, que naõ cantamos.
Naõ ſei que para mi, oh Mincio, tenha:
Parece que gram mal adivinhamos.
Minc. Inda tu queres, qu' outro mór nos venha?
Merecemolo nós; mas Deos nos guarde,
E ſua ira por ſeu amor detenha.
Naõ vês tu que tal fogo entre nós arde,
Qu' inda naõ pega bem na choça alhea,
Quãdo na ſua naõ ha quẽ mais aguarde?
Deſpois que ſe ateou na mór aldea,
Derramando-ſe foi por cada malha,
E hora aqui, hora acollá s' atea.
Se quem tudo governa naõ atalha
A mal tam ſem remedio, ah triſte terra!
Quẽ cuida q̃ te guarde em vaõ trabalha.
Os paſtores mais ricos pára a ſerra
Com ſeu fato, e cabana vaõ fugindo;
No mais ſeguro cada hum s' encerra,

Sem dó de quantos fica confumindo
  Naõ digo efta peçonha, a fome digo,
  Que della muito mais eftaõ caindo.
Quem ifto vendo eftá, Alcido amigo,
  Cômo queres que cante, e viva ledo?
  Naõ confente o temor prazer comfigo.
Alcido. Tudo quanto me dizes te côcedo,
  Porém, andando trifte, que aproveitas?
  Naõ havemos nós d'ir ou tarde, ou cedo:
Cada hum traga as fuas contas feitas
  Comfigo, co' vizinho, e c' eftranho,
  E fale o preto no branco ás direitas.
Aquelle, que juntou groffo rebanho,
  Mui largas terras, grandes colmeais,
  (Qu'o muito naõ s'ajunta com bõ ganho)
Torne a feu dono o feu, doalhe mais
  A perda da fua alma, que a fazenda,
  Que cá nos fica o gado, e os curraís.
De fifo, naõ de efcarneo fe arrependa
  De todo o mal paffado, e do prefente,
  E no por vir vigie, e ponha emenda.
Satisfazendo em tudo inteiramente,
  Tenha efperança em Deos, e baile, e
    cante,
  Que naõ dana a ninguem viver côtente.
Antes, fegundo diffe hum viandante,
  Paffando por aqui . . . hora qual dia?
  Foi quando cafou Gil com Violante:
Efte mal, que chamou Epidemia,
  Com nojos, e triftezas s' accrecenta,
  E foge de prazer, e de alegria.

Minc. Tu queres q̃ cantemos na tormẽta,
Como contaõ que fazem as sereas
Quando com maior furia o mar rebẽta?
Os ursos nos destroem as colmeas;
Os raposos, qu' á serra s' acolheraõ,
Decem já sem temor pelas aldeas.
Se vem famintos lobos por qu' esperaõ
Que venhaõ batalhar c'os touros fortes,
Que será quando sós tal cometteraõ?
Quanta perda de gado, quantas mortes
De rafeiros fiéis entaõ veremos?
Milhore o Ceo em tudo as nossas sortes.
Porém saõ horas já que nos mudemos
Daqui para o abrigo; lá d' espaço
Nestas, e n'outras cousas fallaremos.
Alcid. Em quanto as vacas vaõ seu passo
Matar a sede no corrente rio, (a passo
(Perdoa, se te nisto agravo faço)
A tanger, e cantar te desafio.
Naõ te pareça muito atrevimento;
Que tambem eu de meu saber confio.
Minc. Antes que tu me tenhas por isento,
Ou inda (o que he pior) por senforeiro,
Satisfarei cantando a teu intento.
Porém havemos de deixar primeiro,
Que o Sol nos deixe a nós, o triste cãto,
Que bẽ triste ha de ser por derradeiro.
Alcid. Nisso, e no mais te seguirei em quã-
Tua vontade for; podes cantar (to
Que de cantares tristes saõ m' espanto.
Hora escuta tu, e suppre ond' eu faltar.

Se chega, oh Rey do Ceo, humano rogo
A teus ouvidos, ouve nossos brados,
Apaga, por quem es, o vivo fogo,
Qu' accendem entre nós nossos pecca-
Faraõ os teus imigos de nós jogo, (dos:
Se nos virem de ti desemparados:
Que somos peccadores conhecemos;
Mas, inda que tais somos, em ti cremos.

Minc. Lembre-te que de nada nos fizeste,
E por teu proprio sangue nos remiste,
Quando á terra por nós do Ceo deceste,
Quando da terra á Cruz por nós subiste:
Destrue os ares maos desta má peste,
Como com tua morte destruiste
Os peccados do mũdo, e o Reino escuro,
Rompendo com teu pé seu forte muro.

Alcid. Oh Virgẽ, a quẽ tod' alma sospira,
De quem pede favor, e espera ajuda,
Abrandai do vosso Filho a justa ira,
Volva aos Infieis sua espada aguda,
Pois nunca a vosso rogo o rosto vira,
Pois nunca o vós chamais q̃ naõ acuda:
Por isso, Virgem, naõ vos descuideis,
Favoreceinos já, já que podeis.

Minc. Virgem toda fermosa, toda pura,
Volvei á Lusitania olhos benignos;
Olhai nossa miseria dessa altura,
E logo fugiráõ ares malinos

Que

ue se esta corrupçaõ mais tempo dura,
ẽ vos póde cãtar psalmos, quẽ hymnos?
uem visitar os vossos Templos sanctos
om novas flores, com sagrados cantos?

d. Oh tu q̃ por teu Deos foste affétado
Martyr, e juntamente Cavalleiro,
ue do final da Sancta Cruz armado
iste contra o tyranno ao terreiro,
fores lá no Ceo nosso advogado,
omo na terra cá es padroeiro,
guendo com teu braço estes maos ares
e novo te ergueremos mil altares.

c. Onde tuas imagens visitadas
e nós sempre seraõ com mil offertas,
e lirios, e de rosas coroadas,
d'ouro guarnecidas tuas settas
om mais quieto esprito veneradas
e gentes, que hora ves tam inquietas,
imeiro do gram Rey q̃ tem teu nome,
ra que o povo delle exemplo tome.

d. Pástores, q̃ morais no monte santo
or graça do Pastor dos bons pastores,
ue neste baixo valle amastes tanto
ue fostes de tal bem merecedores:
lcance vosso rogo, e nosso pranto
utros tempos mais saõs, ares melhores,
ogo fereis de nós mais visitados
os dias que vos somos obrigados.

Minc.

Minc. Valeinos em tamanho desemparo
Como cá entre nós vedes que vai:
Deixando a tenra mãi o filho charo,
Desemparando o filho o velho pai.
Oh de crueza grande exemplo raro!
Oh campos Lusitanos suspirai;
Abrivos de piedade, pedras duras,
E dai a tantos mortos sepulturas.
Alcid. Naõ posso mais cantar, q̃ me cortaraõ
Tanto essas palavras derradeiras,
Qu' as minhas na garganta se pegaraõ.
Mincio, a victoria he tua; naõ a queiras
Attribuir a quem tem já sabido
Qu' es mestre de cantigas estrangeiras:
E com isto por hora me despido,
Qu' o gado naõ espera, e já m' espera
O pé d'aquelle outeiro o nosso Alcido.
Minc. Eu me fora contigo, s' estivera
Algum pastor aqui da minh' aldea,
Qu' este gado co' seu me recolhera.
Mas porque a noite he grande, a Lua he chea,
Lá me tendes comvosco; aparelhai
Entre tanto bom fogo, e boa cea.
Alcid. Descansa, e fica embora.
Minc. Embora vai.

CAN-

CANÇAÕ
A' MORTE DE D. ANGELA.

ANgela, que dos Anjos rodeada
Da terra para o Ceo foste voando
Com tam ligeiras azas, qu' em partindo
Te viste logo entr' elles collocada
Nesses coros Celestes descansando
Dos trabalhos do mundo, e delle rindo:
Outros versos cuidei que fosse ordindo
Em teu louvor, outro mais doce canto;
Mas já, que naõ foi tal minhá ventura,
A tua sepultura
Banhada seja agora com meu pranto:
E se de lá se abaixaõ os serenos
Olhos immortaes já, podes ver quantas
Lagrimas os mortaes nossos derramaõ;
As magoadas vozes com que chamaõ
Em vaõ teu brando nome, que saõ tantas
Quantas naõ sei dizer: escuita ao menos:
Ah natureza quanto tens de menos!
Partio-se o teu thesouro, ficas pobre;
A melhor parte o Ceo, terra a outra cobre.

Formaste com destreza, e longo estudo
Hũa figura tal, que poucas vio
O Sol (mais para ver) em qualquer parte,
Com tanta perfeiçaõ, que tinha tudo
(Por dom do Ceo, ond' ella já sobio)

Quan-

Quando cá raramente se repartè;
Sendo, por cima d'isto a menos parte.
(De muitas, que louvar nella podia)
A sua fermosura; que foi tal,
Que logo deu sinal
Que o Ceo, e naõ a terra a merecia,
Em fim veio de lá, lá se tornou,
Tornou ao que esperava; com presteza
De nos deixar assi tu tens a culpa;
Tamanha perfeiçaõ; ao Ceo desculpa,
Levar o qu' era seu naõ foi crueza:
Mas ah que me dirás: cedo a levou,
Mui pobre, e triste asinha me deixou;
Verdade he, mas em que lei s' encerra
Que largo tempo estê hũ Anjo em terra.

Com tudo naõ sei olhos que te viraõ
Que possaõ verse enxutos, naõ te vendo,
Inda que de cá vissem teu bem certo,
Os prazeres da vida se partiraõ,
Oh Angela, contigo, aborrecendo
O mundo, que sem ti he hum deserto:
Ah esperanças vãs, oh fim incerto
Daquelle que vos crê, pois quanto espera.
Em largo tempo, em breve espaço perde.
Da vida, que tam verde
Cortada foi, quem recear podera
Que tam asinha lhe fosse a morte dura?
Dura comnosco foi, branda contigo,
Pois que por meio seu (oh felice alma)
Triunfas entre aquellas, que de palma

Victo-

Victoriosas já do duro imigo,
Coroou sua virtude, e vida pura,
Onde vestida de outra fermosura
Te mostras bella mais, quanto mais val
Sempiterna belleza, que mortal.

Podia o cuidar não ser defeso
Sobejo choro, triste sentimento
A que nos leva a dôr do que nos falta,
Se naõ que o mortal nosso grave pezo
Naõ deixa alçarse tanto o pensamento,
Que possa comprender cousa taõ alta;
Logo desta lembrança n'outra falta
Que lagrimas nos pede, e he causa dellas,
Alma, que d' esperanças nos enchias.
Deixaste-nos os dias
Tristes, sem Lua a noite, e sem estrellas,
As fontes sem correr, mudas as aves,
Das hervas, e das flores nús os prados,
De folha o bosque mais naõ se cobrío;
O Lima para trastornar se vio
Derramando queixumes magoados
Com voz já rouca, com accentos graves.
Alma, que no Ceo vives, naõ te agraves
De ser chorada cá, que a magoa esquiva
Tal força tem, que de razaõ nos priva.

Isto dizem chorando Minho, e Douro,
Isto o triste Lima diz chorando,
E o teu amado Vaz com dôr se esconde,
Rompe, com maõ de neve, os laços d'ouro
As

Ás ſuas brandas Ninfas ſoſpirando,
Em vaõ dizendo à quem lhe naõ reſponde:
Oh Angela, onde te foſte? Angela onde
Dós teus olhos ſe moſtrou a claridade?
Onde da voz ſuave o doce ſoa?
Se morte naõ perdoa
A virtude, a belleza, a tenra idade,
Onde irás eſperança, que naõ caias?
Ai teia começada, annos floridos
As maõs, que taõ aſinha vos cortaraõ,
A quantos fundamentos atalharaõ!
Em Cipreſtes eſcuros convertidos
Saõ já os verdes louros deſtas praias,
Sem ſombra, ſem verdura olmos, e faias;
E nós ſempre, ſem ti, triſtes ſeremos,
O Ceo te cantará, nós chorar t'emos.

Como ſobello Pó as piadoſas
Irmãs, agora em plantas convertidas
O morto irmaõ choraraõ longamente,
Aſſi as tuas triſtes, e queixoſas
Por ti derramaõ lagrimas vaãmente,
As quaes em ſi recolhe, amigamente,
Mondego, claro rio, cujas agoas,
Turvas, com tal miſtura, agora crecem,
E vagaroſas decem,
Ouvindo, com graõ magoa as ſuas mógoas,
Os brutos animais, as pedras duras
Chorando, póde ſer que abrandareis,
A ſurda morte naõ, ah irmãs triſtes,
Eſſa que vós chorais, que nunca viſtes,
Na

Na terra; cá no Ceo inda a verèis,
Com outros olhos, de chorar seguros.
E tu spirito puro, qu' entre puros
Spritos, lá repousas, em paz, e em gloria,
De nós, que te choramos, tem memoria.

Canção, em vivas lagrimas nascida,
Nellas banhada vai onde recolhe
O mar o Douro em si, que lá te mando:
Vai triste, e mal composta, ninguem t' olhe
Até seres de Antonio recebida;
A pedra buscarás, despois de lida,
Qu' os ossos cobre, qu' Angela regia;
Hi chora a noite triste, hi chora o dia.

EPITAFIO

A' SUA SEPULTURA.

OS olhos, ond' o casto amor ardia
Ledo de se ver nelles abrazado;
O rostro, onde com termo desusado
Vermelha rosa sobre neve abria;
O cabello, que enveja ao Sol fazia,
Porque fazia o seu menos dourado;
A branca maõ, o corpo bem formado,
Tudo se torna aqui em terra fria:
Perfeita fermosura em tenra idade
Como flor, que sem tempo foi colhida,
Aqui se fechou a morte, surda, e dura.

Como

Como naõ morre amor de piedade,
Naõ della, que passou a milhor vida,
De si, pois o deixou em noite escura?

AO ESTANDARTE
QUE LEVOU ELREY
na jornada de Africa, no qual hia Christo Crucificado.

SONETO.

Pois armarse por Christo naõ duvida
Sebastiaõ, graõ Rey de Portugal;
E o leva por guia: no final
De nossa Redempçaõ, de eterna vida,
Deixar naõ podes de te ver vencida,
Africa, a tal esforço, a insignia tal,
Inda que por Anteo, e Anibal
Fosses (como mãi sua) defendida.
Se naõ queres sintir, com novo damno,
A perda, qu' inda em ti Gartago chora
D'um aceita o governo, e d'outro a ley;
Que pois o valor nobre Lusitano
Foi sempre vencedor, que far' agora
Diante de tal Deos, e de tal Rey?

ELE-

ELEGIA I.

ESTANDO CATIVO.

EU que livre cantei ao som das agoas
Do saudoso, brando, e claro Lima
Hora gostos d'amor, outr'hora magoas,
Agora ao som do ferro que lastima
O descuberto pé, choro cativo
Onde choro nam val, nem amor s'esti-
Cuido, que me deixou a morte vivo, (ma.
Vendo, que naõ chegava seu tormento
A tormento tamanho, e tam esquivo:
Acabando co'a vida o sentimento
Ficarás escondido (oh dia triste)
Nas turvas agoas do esquecimento.
Oh Sol, como tua luz naõ encobriste
Quando do Real sangue Lusitano
As hervas, que secastes, humildes viste?
Qual Libico leaõ, qual tigre Hircano
Negará desusada piedade
A lastima tamanha, a tanto damno?
Naõ te valeo, oh Rey, a tenra idade,
Naõ te valeo esforço, nem destreza,
Naõ te valeo suprema magestade.
Das armas a provada fortaleza.
Poderosa naõ foi pera guardarte
Da maõ de fogo armada, e de crueza.
Conjurou contra ti o fero Marte,
Vendo que sua fama escureceias,
Se vencedor ficavas desta parte.

Aca-

Acabou juntamente com teus dias
Do Lusitano Reino a segurança
Que tu offender tanto pretendias.
Dos teus (na tua incerta confiança)
Qual se desenganou, senaõ do imigo
O pelouro mortal, o alfange, a lança?
Cobriaõ com teu gosto o teu perigo,
Estando teu perigo já tam claro,
A fim de naõ valer menos contigo.
Fosse quem quer que fosse, ah peito avaro!
A tua pretençaõ enviar desfeita
Bom fôra que a ti só custára caro.
Diante de Juiz, que naõ aceita
Ser nas palavras hum, outro no peito,
Darás, se já naõ déste, conta estreita.
Esquecido do justo, e saõ respeito,
Deixaste cometter á sorte leve
O proveito comum por teu proveito.
Do innocente Abel exclamar deve
O sangue em terra imiga derramado,
Contra quẽ lh'incurtou vida tam breve.
Se fôras com bom zelo aconselhado,
Naõ vieraõ com poucos buscar tantos,
Oh Rey por nosso mal tam esforçado!
Oh cego entendimento em vês de quantos
Trofeos nesta impresa promettestes,
Que vimos senaõ mortes, senaõ prantos?
Naõ só prodigamente enriqueceste,
Com despojos Reaes o pobre Mouro,
Más inda nossa fama escureceste.

Os

Os que pertendem palma, e os que louro
Na batalha cruel, fea, e sangrenta,
Com ferro se guarnecem, naõ com ouro.
A vista do que tanto nos contenta,
A perola, e a pedra reluzente
As forças dos imigos accrecenta.
A riqueza vencida em Oriente
Veio n'um dia só, por varia sorte,
A vencer cá a vencedora gente.
Cahio o fraco alli junto do forte,
Naõ houve d'alto a baixo differença,
A todos igualou a dura morte.
Logo como do Ceo teve licença,
Sem esperar mais termo natural,
Comprio a cada hum sua sentença.
Oh illustre valor de Portugal,
Quem podia cuidar perda tamanha?
A quem naõ abrangeo tamanho mal?
No grande campo, que outro Lucus banha,
O ar vos deixaõ só por cubertura,
Que naõ vos quiz cobrir a terra estra-
E ainda (por ser mór a desventura) (nha.
As feras, e as aves carniceiras
Vos deraõ em seus ventres sepultura.
Mas vós, espritos puros, nas cadeiras
Da gloria merecida, a que subistes,
Dávos pouco das honras derradeiras.
Naõ tendes que temer successos tristes,
A que vos obrigava a humana lei,
Estando na prizaõ de que sahistes.

Oh amigos, com quem m' aventurei,
Com que fui sem ventura aventureiro,
Sempre, pois vos perdi, triste serei.
Sendo no fero assalto companheiro,
A vós pos-vos no Ceo o fim da guerra,
A mim em miseravel cativeiro.
Bem vedes qual o passo nesta serra,
Inda que naõ he justo que vejais
Terra, que vos negou tam pouca terra;
Terra, que quanto nella choro mais,
Tanto mais com meu choro se endurece,
E menos move a dôr seus naturais.
Tudo, o que nella vejo, m' entristece,
Triste me deixa o Sol em transmontãdo,
Triste me torna a ver quãdo amanhece.
Sempre com humor triste estou banhando
O pé deste soberbo alto rochedo;
Que minha dôr está accrescentando.
Dôr tenho de o ver sempre estar quedo,
De ver correr as agoas tenho inveja,
Porque podem no mar entrar mais ce-
E porque minha dôr muito mor seja, (do.
A vista me detem daquella banda
Que tanto est' alma triste ver deseja.
Com sospiros, que lá contino manda,
N'outra parte abrandára bravas feras,
Aqui peitos humanos naõ abranda.
Ah desventura minha, se quiseras
Já desviar de mi tua crueldade,
Na terra, onde nasci, morte me deras.

Naõ

Naõ entre fera gente, em tal idade,
Que sem affronta minha m' obrigava
A viver em socego, e liberdade.
A patria, a quem devido louvor dava,
Por ti me foi contraria, e odiosa,
Tanto, que della já me desterrava.
Mas nunca deixará de ser fermosa
No meu attribulado pensamento
A ribeira do Lima saudosa.
Naõ causará em mi esquecimento,
Inda que tem virtude d' esquecer,
O seu brando, e suave movimento,
E se por dom do Ceo tornar a ver
A sua verde relva, e branca area,
Livre, (que ledo já naõ póde ser)
Da batalha cruel, da morte fea
Darei em triste carme larga copia,
Chorando com tal dôr a dôr alheia,
Como cativo choro a minha propia.

ELEGIA II.

Sobre hum alto rochedo em Berberia
O sem ventura Alcido se sentava
Quando o cruel senhor lho concedia.
Alli seu fraco corpo repousava,
O trabalho do seu cansado esprito
Naquelle vaõ repouso se dobrava.
Em sospiros envolto, choro, e grito
Soltava pelos ares estrangeiros
O mal, que na su' alma estava escrito.

A

A vista dos fructiferos outeiros,
Dos cristalinos lagos, e das fontes
Fazia dos seus olhos dous ribeiros.
Lembravaõ-lhe outros valles, outros mon-(tes
Outras agoas mais claras, outros rios,
Outros mais affastados Orizontes.
Lembravaõ-lhe outros bosques mais som-(brios
Verdes no frio inverno, e abrigados,
E quãdo o Sol mais arde, entaõ mais frios.
Lembravaõ-lhe outros mais floridos pra-
dos,
Outros ares mais leves, mais suaves,
A' vida humana mais accomodados.
Lembravaõ-lhe outras feras, outras aves,
Outras hervas, e flores, outras plantas,
E outros pensamentos menos graves.
Em fim que suas magoas eraõ tantas,
Quantas naquella parte as causas eraõ;
Que de muitas naõ posso dizer quantas.
Hum dia, que mais largo espaço deraõ,
Os vis trabalhos seus a seus queixumes,
Os ecos com som novo responderaõ.
Os asperos, incultos, altos cumes
Naõ de nocivas feras habitados,
Mas de gente de mais feros costumes,
E os valles inda a penas cultivados
Mostraraõ desusado sentimento,
Os accentos ouvindo desusados.
Se lá, onde amor leva o pensamento,
Tristes sospiros (disse) vos levasse
Algum mais amoroso, e brando vento.
Naõ

Naõ ſinto coraçaõ, que vos negaſſe
Amor, e ſaudade, e que comigo,
Inda que de tam longe, naõ choraſſe.
Mas deſte alpeſtre monte, duro imigo,
Onde ninguem de mi ſe move a magoa,
O vento naõ vos quer levar conſigo.
Pelas concavidades deſta fragoa
Sereis confuſamente repetidos
Em quanto a dôr tirar dos olhos agoa.
Quantos, longe daqui, tenho perdidos,
Foraõ, inda que triſtes, venturoſos,
Por ſerem, quando menos, entendidos?
Nos outros d' outros montes cavernoſos,
Em peitos, onde nunca entrou brandura,
Moveraõ mil effeitos amoroſos.
Ah vida no milhor menos ſegura
Quem podia cuidar quando cantava
De Sylvia a peregrina fermoſura;
Quando da priſaõ d' alma m' queixava,
Que já divina maõ, cá neſta parte
Eſtes peſados ferros me forjava!
Mas pouca rezaõ tenho de culparte,
Porque, ſendo de Febo, e de Cupido,
Hum, e outro deixei por ſeguir Marte.
Naõ choro, quanto a mi, verme perdido;
Choro, que vi perder em breve eſpaço
Hum Rey tam bellicoſo, e tam temido.
Na ventura lhe foi o Ceo eſcaço
Tanto, quanto em esforço liberal;
O que bem nos moſtrou ſeu forte braço.

Que nunca Scipiaõ, nunca Anibal
Fizeraõ nos imigos tal estrago:
Mas em fim contra mil hum só que val?
Vendo a morte, que dava justo pago
A quem chegarlhe perto naõ recea,
Invioulhe de longe o mortal trago.
Cahio na rubicunda, e ardente area
O Lusitano Rey, e a lingoa fria
Deu o final suspiro em terra alhea.
Vaite animoso esprito á companhia
D' outros, que por ti já no Ceo esperaõ,
Vaite á vida melhor, o melhor dia.
As asas, que da fama se estenderaõ,
Teu nome espalharaõ pelo universo,
Como teus pensamentos pretenderaõ.
Eu triste, e só nos montes, que converso,
Em quanto me durar a vida breve
A ti darei meu pranto, a ti meu verso.
E naõ alliviará o tempo leve
A pesada tristeza em que me vejo;
Que se póde ser mór, mór se te deve.
Ah triste rio Lima, ah triste Tejo!
Quem vos tivera dentro no meu peito
Para poder chorar quanto desejo.
Que, posto que me tem a magoa feito
De lagrimas amargas viva fonte,
Mais lagrimas me pede tal sogeito.
E tu, que só m' escuitas, duro monte,
Se brando esprito algum dentro em ti mora,
Em pallida converte a verde fonte.

Ai

Ai trifte Lufitania, trifte chora,
Que nunca para choro eterno, e trifte,
Tanta caufa tivefte, como agora.
Aquelle, que com lagrimas pedifte
Quando tam duramente a tenra vida
Do Principe feu pai cortada vifte;
Agora nefta fua defpedida
De lagrimas te quis deixar herdeira;
Ou inda a pior mal offerecida.
Mas o Ceo o permitta de maneira,
Que de teu rico fceptro foberano
Se conferve a potencia fempre inteira.
Ah jornada infelice, ah cego engano,
Deixar tam rica terra, ir a defterros
Por livrar d' hũ tyranno outro tyranno!
Ambos imigos noffos, e ambos perros,
Ambos defprezadores da Cruz fancta,
Ambos tinhaõ hũ culto, ambos mil erros.
Quem poem os olhos nifto naõ s' efpanta
De permittir o Ceo caftigo tanto
A defcuido tamanho, a culpa tanta.
Dia cheo de dôr, cheo d' efpanto,
Em quãto o Sol der luz, verdura os pra-
Celebrado feràs com trifte pranto. (dos,
Morreftes Cavalleiros esforçados,
Daquella multidaõ de bruta gente
Vencidos naõ, mas de vencer canfados.
Soarà voffa fama eternamente
Da calida Ethiopia ao Norte frio,
E donde o Sol nos nafce atè Ponente.

O mar naõ tomará corrente rio,
Que de choro naõ leve o vaſo cheo,
Sendo do Luſitano ſenhorio.
Detem-ſe em ſeu materno tenro ſeo
As flores, e as roſas encerradas
Com dôr de quanto mal ás Ninfas veo.
As quais ſaõ a Diana dedicadas,
E as que de Juno guardaõ os preceitos
De cá as vejo andar como paſmadas.
Ferem com branca maõ os tenros peitos
Deſcompoem ſuas tranças d' ouro fino,
Seus olhos em mil lagrimas desfeitos.
Rompem o Ceo ſereno, e criſtalino
Os ſoſpiros mortais, qu' a ſaudade
Arranca de ſu' alma de contino.
O filho, que perdeo na flor da idade,
A magoada mãi ſoſpira, e chama
Movendo tudo em vaõ a piedade.
Por ſeu amado pai magoas derrama
A innocente moça, em cuja vida
A ſua conſiſtia, e honra, e fama.
E tu do teu amor já deſunida,
Oh triſtiſſima eſpoſa, como, e quando
A ti meſmo ſerás reſtituida?
O teu eſpirito triſte vai voando
Apos do que ſe vai do eſpoſo charo,
Do corpo, que frio deixa, deſcuidando;
O Sol, que nunca foi de luz avaro,
Porque ſe vê de vós aborrecido,
Naõ amanhece já fermoſo, e claro.

O Tejo chora o seu valor perdido;
O doce cristal seu corrente, e puro
Em turvo, e amargoso convertido.
Ah vida, onde naõ ha gosto seguro,
Quem menos de ti foge, entende menos
Quam pouco claro tens, e quãto escuro.
Muito mais tempo duraõ nos amenos,
E solitarios valles tenras flores,
Do que duraõ em ti dias serenos.
Es fonte de miseria, mar de dôres;
Abismo de tristeza, e de cuidados;
A quem dás mais de ti, dás penas móres.
Mas sinto roucos já, sinto cansados
Os ecços de m' ouvir, e responder,
Com meus acentos tristes magoados.
E vejo (o que fará por me naõ ver)
Que vai traspôdo aquellas altas fragoas
O Sol para nas ondas s' esconder.
O que me força a dar já tregoa ás magoas,
Tornando a prisaõ dura antes que Febo
De todo apague sua luz nas agoas.
Forçado tornarei onde concebo
De novo novas queixas, novos gritos,
Onde com paõ de dôr lagrimas bebo.
Por isso, felicissimos espritos,
Em cuja vida, vida, e gosto tinha,
Vos deixo para mais altos escritos.
Mas porque naõ acabe tam asinha
Esta alegria triste sem ventura,
Mais sé ventura, e triste, por ser minha:

Primeiro que se cerre a noite escura
Escripta a deixarei, antes cortada
Com duro ferro nesta rocha dura. (da
Que pois naõ tem firmeza o tempo em na-
Morrẽdo em taõ cruel, e estranha terra
Da minha natural tam apartada,
Aqui póde trazer quem desta serra
A leve á Lusitania, vencedor
D' outra mais para nós felice guerra.
Onde com magoa tal, com tal amor
De tantos tristes olhos será lida
Que baste o renovar tamanha dôr,
Se já tamanha dôr for esquecida.

SEXTINA.

CAnsados tenho já com largo pranto
Estes, a q̃ vim ter, estranhos montes,
Depois daquelle triste, e mortal dia,
Em que com mortal dôr viraõ meus olhos
Por meo dos ardentes seccos campos
Correr de puro sangue grandes rios.

Primeiro faltará agoa nos rios,
E a dôr naõ será causa do pranto
Que tire da lembrança aquelles campos,
Onde de mortos vi fazerem montes,
Onde cerrou a morte tantos olhos
Para nunca ver mais a luz do dia.

Com dó do grande mal daquelle dia:
Tornaraõ para trás turvos os rios:
Efcondeo a manhan feus claros olhos,
Soaraõ pelo ar vozes de pranto;
Aballou o temor os altos montes,
E pallidos deixou os verdes campos.

Naõ nacem tantas hervas pelos campos,
Como magoas caufou aquelle dia:
Nos valles, nos outeiros, e nos montes
Abrio a commum dôr correntes rios
De trifte, lagrimofo, eterno pranto
Em tantos triftes peitos, triftes olhos.

Quando defcanfareis, cansados olhos,
Na vifta d' outros mais alegres campos?
Quando (para qu' abranda voffo pranto)
Nacerá para vós bem melhor dia?
Quando vereis o Lima, e outros rios
Defabafados, livres deftes montes?

O bravo mar em meo, os altos montes
Da ferra, onde primeiro abri os olhos,
Tantos bofques defertos, tantos rios
Me fazem imaginar que neftes campos,
Antes que para mim venha tal dia,
Confumirei a vida em trifte pranto.

Naceraõ os meus olhos para pranto,
Teftemunhas me faõ campos, e montes,
Dos rios, que derramo noite, e dia.

SO-

SONETO.

SObre hum corrente lago, na verdura
Estava o triste Alcido reclinado,
O pé com duro ferro magoado,
O espirito com magoa inda mais dura:
Envolve tuas agoas, fonte pura,
(Dizia com som já debilitado)
Já que me tem a dôr desfigurado,
Naõ veja mais em ti minha figura.
Crece com nova dôr minha tristeza,
Vendo q̃ teve em mi força tamanha,
Que póde muito mais que a natureza.
E teu puro licor, que estas cãs banha,
Mostra, por me ver triste, mór tristeza;
Tanto val hũ cativo em terra estranha!

SONETO.

OS meus alegres, venturosos dias
Passaraõ como raio brevemente,
Movem-s' ós tristes mais pesadamente
Apos das fugitivas alegrias.
Ah falsas pertenções, vans fantasias,
Que me podeis já dar, que me contête?
Já de meu triste peito o fogo ardente
O tempo o converteo em cinzas frias.
Nellas envolvo agora erros passados,
Que outro fructo naõ deu a mocidade
A quẽ vergonha, e dôr minh' alma deve.

Envolvo mais de todo a mais idade,
Desejos vaõs, vaõs choros, vaõs cuidados,
Para que tudo leve o vento leve.

A HUM SEU PINTASIRGO.

SONETO.

PEquenino cantor, grande em estima,
Que com alegre voz, varia armonia
Derramas sem cansar o mais do dia
Com gosto de quem t'ouve, serve, e anima:
Teus versos naturais, tua doce rima,
Que teu distinto a teu Creador guia,
Me fazem alembrar dos que soia
Doudamente cantar ao som do Lima.
Agora (o que de mim naõ imaginas)
Corrido estou da minha vaidade
Vendo quanto mais alto te levantas.
Mas folgo que me venças, pois m'ensinas;
E faz-me confessar esta verdade,
Ver, que o mundo cantei, ver que a Deos cantas.

ENDECHAS.

ALma minha, oh alma
De ti esquecida
Porque das á vida
De ti mesma a palma?

Essa

Ella te maltrata,
Tu tras ella corres:
Porque tanto morres
Pelo que te mata?

Quanto se deseja,
Quanto se procura,
Doulhe que se veja,
Que val, ou que dura?

Naõ sei donde vem
Desconcerto tal,
Trocar certo bem
Por mui certo mal.

Vaã opiniaõ,
Antes necessidade,
Seguir a vontade;
Fugir da razaõ.

Desordens ordena,
Desejos modera,
Olha que t' espera
O premio, ou a pena.

Naõ dês, alma triste,
Contigo a traves;
Cuida no que viste;
Cuida no que vês.

Vaõ, e vem os annos,
Trazem novo damno,
Sempre d' hum engano
Nacem mil enganos.

Andas rodeada
D' imigos mortaes,
Delles descuidada,
De ti muito mais.

Alma, em que te fias?
Sobre que descansas?
Nas asas dos dias
Voaõ esperanças.

Os contentamentos,
Que tarde vieraõ,
Nas penas dos ventos
Desappareceraõ.

Das magoas levaraõ
As asas comsigo;
Estas naõ voaraõ,
Ficaraõ comigo.

De vida, que foge,
O fugir segura
No breço inda hoje
Já na sepultura.

A morte faz guerra
A rico, e a pobre;
Todos somos terra,
Todos terra cobre.

Por mil vias himos
Apos mil enganos;
Quando nos sentimos
Naõ tem cura os danos.

Cuida, oh alma, cuida
Que será de ti:
Quem de si descuida
Que cuida de si?

Para teu aviso
Pinta na memoria
A morte, o juizo,
A pena, e gloria.

Poem olhos no Ceo,
Naõ canses d' olhar
Quem de lá desceo
Por te lá levar.

OUTRAS.

NEsta vida escaça
Todo bem se nega;
Quando a caso chega
Como raio passa.

Vaõ,

Vaõ, e vem os dias;
As noites tambem.
Se vaõ; nunca vem
Firmes alegrias.

Cansaõ-me lembranças
De cousas passadas;
Horas mal gastadas
Em vãs esperanças.

Lagrimas sem fruito,
Fruito de amor louco:
Valestesme pouco;
Custastesme muito.

D' espritos cativos
Me vi já cativo,
Entre mortos vivo,
E morto entr' vivos.

Posto em liberdade,
Me vi mais perdido,
Outra vez mettido
Nas maõs da vontade.

Se me naõ soccorre
Divino favor,
De mi o melhor
Grande risco corre.

OUTRAS.

GRandes efperanças
Tem grandes defvios,
E grandes defvios
Certas as mudanças.

Anda mui vefinha
A queda á fobida,
Os goftos da vida
Paffaõ mui afinha.

Nas torres mais altas
Mais combate o vento:
O fallar fem tento
Defcobre mil faltas.

Ninguem fe contenta
Da fua ventura:
Ond' irá fegura
A nao com tormenta?

O que fubio muito
Mais fubir defeja,
Sempre deu inveja
Amargofo fruito.

O cego intereffe
Desfaz amizades.
Nas profperidades
A fuberba crece.

O curſo dos annos
Deſcobre a verdade :
A neceſſidade
He meſtra d' enganos.

Quem cuida qu' engana
Acha-ſe enganado :
Neſcio confiado,
A ſi meſmo dana.

O ſoberbo pobre
He couſa de riſo :
Naõ he muito aviſo
Dar ouro por cobre.

Do que pouco tem,
Ninguem tem memoria :
Soberba, e vaã gloria
Naõ conjuntam bem.

ELEGIA

A' MORTE DO PRINCIPE

DOM JOAÕ.

SI la cauſa del lloro te laſtima
Debaxo deſſas aguas criſtalinas,
Llevanta tu cabeça, patrio Lima.

Dexa el musgoso lecho, a dò reclinas
En el ardiente estio el lado diestro,
Pára, si no reposas, y caminas.
Y llora de Lusitania el siniestro
Successo suio, y lloren Sol, y Luna
En la muerte del gran Principe nuestro.
Rompa tus blancas canas con la una
De tus manos, con l'otra hiera el pecho,
De ti no haias piedad ninguna.
No pagues al Oceáno su derecho
En liquido cristal, qual siempre hiziste,
Que no està del usado satisfecho.
No recibe en su vaso, dò saliste,
Las aguas claras, sino turbio lloro,
Despues del caso lastimoso, y triste.
Lagrimas lleva, que nò arenas d' oro,
El Tajo, dulce ya, amargo aòra;
Perdiò ya su sabòr, ya su tesoro.
Y llora el Duerò, què en mas aguas mora;
Llora Mondego, y el Neiba tu vezino
Com mas pequeño ser, menos no llorà.
Sus Nimphas dan al Cielo cristalino
Querellas con dolor, con poco tiento
Messando sus cabellos d' oro fino.
Muestra pues, dulce Lima, el sentimiento
Devido a tàn gran daño; nò te escondas,
Que parte tienes nel comum tormento.
Con blando murmurar no me respondas,
Sino con ronca voz triste, y llorosa,
Convertidas en lagrimas tus ondas.

Mar-

Marchite en tu ribera deleitosa
Las tiernas flores el invierno frio,
No se remire en ti lirio, ni rosa.
El Cielo negue al prado su rocio,
La primavera al bosque su verdura,
No sea verde mas, ni mas sombrio.
Aqui no canten aves con dulçura,
Sus cantos sean quexas, gritos sean;
Aqui la luz del Sol se muestre escura.
Aqui hermosas nimphas ya mas vean
Los versos, q̃ d'amor las plantas tienen,
Mas otros de dolor escriptos lean.
Los vientos tus arenas desordenen,
Y por el aire buelen con furor,
Aullidos de las fieras tristes suenen.
Salgan ya de tu seno sin temor
Los mudos peces a la seca orilla;
Y de bolver s' olviden con dolor.
Sin fin sea tu pena, y tu manzilla,
La mudança del tiempo nunca pueda
En differente especie convertilla.
Aquella leviana, instable rueda
De fortuna cruel, nuestra enemiga,
En nuestra desventura firme queda,
No puede ya, por mas que nos persiga,
Acrecentar mal nuevo a mal tamaño
Ni menos alliviar nuestra fatiga.
Tan miserable caso, tan gran daño
Dexarse de llorar no lo consiente
La razon que nos muestra el desengaño.

Por

Por lo qual, Lima, de tu clara fuente
Tristes, y eternas lagrimas derrama,
No dexes de sentir el mal que siente
Quien dessea a tu nobre immortal fama.

ELEGIA

A' MORTE DELREY

DOM JOAÕ III.

Pois naõ tenho palavras, com q̃ possa
Mostrar a minha dôr na dôr presente,
A que todos podemos chamar nossa;
Rasga-te peito triste, veja a gente
A magoa triste, q̃ minh' alma encobre,
No cõmum damno quanto damno sente.
Ah Lusitano Reino, antigo, e nobre,
Quem te verá, que naõ chore contigo,
Sendo taõ rico, ver-te já tam pobre!
Veo a morte cruel, levou comsigo
O grande Rey Joaõ, teu Rey, Rey sancto,
Teu piedoso pai, teu bom amigo.
Ah Musas, inspirai neste meu pranto
Tam magoado som, versos tam tristes,
Qu' o Sol se cubra d'um escuro manto.
Eu sempre vos chamei, sempre m'ouvistes;
Agora naõ m' ouvis, já vos mudastes,
A magoa vos levou, della fugistes.

S' ao vósso alto Parnaso vos tornastes,
De lá chorai comigo, ou só chorai,
Chorai tal dôr, q̃ tal nunca a chorastes,
Tantas lagrimas, Musas, derramai
Qu' a vossa clara fonte s' escureça,
As hervas com as flores arrancai.
Sequem-se vossas plantas, nunca creça
De novo novo Mirto, ou novo Louro,
De que fresca capella Febo teça.
Tejo, Mondego, Neiva, Lima, e Douro
De lagrimas ao mar tributo levem,
Naõ d'agoas claras,naõ de areas d'ouro.
Como pais piedosos sentir devem
A perda de seus filhos, que por certo
Naõ podia ser mór do que a recebem.
No povoado as gentes, no deserto
As feras mais crueis, as pedras duras
Chorem tamanho mal ao longe, ao perto.
Deixai, valles sombrios, as verduras,
E vós alegres campos herva, e flores,
As estrellas no Ceo mostrem-se escuras.
Perdei, lirios, e rosas, cheiro, e cores;
Envolvei vossas agoas, fontes claras,
Tudo seja tristeza, tudo dôres.
Mas, crua irmã das tres, se tu olharas
Que naõ tecestes lá tam rica tea,
Tam cedo os fios delles naõ cortaras.
Ah saia dos meus olhos viva vea
De pranto triste, do meu peito saiaõ
Tantos sospiros, qu' esta dôr se crea.

Qu'espritos ha tam fortes que naõ caiaõ
  A golpe tam cruel, qual receberaõ?
  Quais saõ os coraçoẽs, q̃ naõ desmaiaõ?
Agora se vê bem quam grandes eraõ
  Os nossos incubertos maleficios,
  Pois tamanho castigo mereceraõ.
Ingrato Reino, a quantos beneficios
  Do Ceo tens recebido, Reino triste,
  Deixa teus erros já, chora teus vicios.
Chora, misero Reino, pois caiste
  Por teus peccados de tamanha alteza,
  Em que tam pouco ha posto te viste.
Contigo chora tua graã tristeza
  O mundo todo, que tal perda traz
  Mui grande perda a toda a redondeza.
Onde achará emparo a santa paz,
  Pois o pilar, em que se sostentava,
  He já quebrado, já por terra jaz?
A direita justiça, que reinava,
  Oh gram Joam, em teu peito, ond'agora
  Irá buscar quem tanto a venerava?
Chora, misero Reino, triste chora,
  Chora; pois te levou sem resistencia
  Morte todo teu bem n'uma só hora.
A pura fortaleza, a graã clemencia,
  A mansidaõ, a liberalidade,
  E sobre tudo em tudo a graã prudẽcia.
Em tanta alteza tanta humildade
  Em qual alma se vio (alguem o diga)
  Ou nesta nossa, ou já na antiga idade.

Chora

Chora, misero Reino, que t' obriga
A chorar de contino á pena grave,
Com que quem tudo rege te castiga.
Terra, que te perdeo, ao Ceo s' aggrave,
Que, por te ver em si, Rey piedoso,
Da tua vida á morte deu a chave.
Lá com seu Creador o glorioso
Sprito teu já reina em paz, e gloria,
Os tristes somos nós; mas tu ditoso.
Deixaste de teus feitos a historia,
Do claro nome teu nome tam claro,
Que de ti nunca faltará memoria.
Nunca triunfará o tempo avaro
Da tua clara fama, porque seja
De quantos Reys houver exemplo raro.
O que na terra reina, o que deseja
Despois de sua morte ao Ceo subir,
Governe-se por ti, por ti se reja.
Oh quanto acertará o que seguir
O caminho por ti abalisado,
Sem embicar jámais, jámais cair!
Tu foste hum novo Sol ao mundo dado,
Resplandecente tanto em tantas partes,
Que tudo nos deixaste alumiado.
As boas letras digo, as boas artes,
A sanctissima Fé, de qu' eras muro,
Com a qual abraçado de cá partes.
Quantos milhares d'almas do escuro
Lago de perdiçaõ tornou á luz
Do teu ardente zelo o raio puro?

Quan-

Quantos adoraõ hoje a sancta Cruz
Que se por ti naõ fora, a perseguiraõ
Onde mais arde o Sol, onde mais luz?
Em qual parte do mundo naõ se viraõ
As tuas Reaes quinas levantadas,
Quais forças as tuas forças resistiraõ?
Digaõ-no tantas gentes conquistadas
Barbaras de naçaõ, de leis perversas,
Por ti vencidas, por ti doutrinadas.
Mouros, Turcos, Arabes, Indios, Persas;
Destes, e d'outros muitos triumphaste
De varias linguas, de regiões diversas,
Em fim tiveste tudo, e desprezaste
Tudo quanto tiveste, por te veres
Nesse descanso eterno, que cobraste.
Reino, que tal perdeste, naõ esperes
Ver mais contentamento: hum bem, que
alcanças,
Em magoas te deixou, foi-se aos prazeres.
Mas tu, morte cruel, que naõ detinhas
Inda algum tempo a tua vinda mais,
Porque razaõ tam apressada vinhas?
Crecera a tenra flor, que das Reaes
Plantas só nos ficou, entaõ vieras,
Naõ sentiramos tanto perdas taes.
Ah que se tu de cima naõ tiveras
A hora limitada, o tempo, e o ponto,
Nunca tam gram crueza cometteras.
Isto só darnos podes por desconto
Dos aggravos, que sempre nos fezeste,
Inda que tantos saõ, que naõ tem conto.

Quantos Principes claros, filhos deste
Bom Rey, que nos levaste, tinhas lá,
E quantos irmaõs seus, á terra deste?
De quem taes magoas vio quem ouvirá
O grande soffrimẽto aos grandes dános,
Que naõ diga no Ceo reinando está?
Vida chea de dôr, chea de enganos,
Que podes tu já dar, quando a tal Rey
Tãtos trabalhos déste em poucos annos?
Deixame, triste vida, e deixarei
D' importunar com pranto Ceo, e terra
Queixando-me da tua injusta lei.
Se em ti tudo he miseria, tudo guerra,
Qual he o coraçaõ, qu' em ti confia,
Que naõ vê quanto s' engana, e quanto
erra?
Ah vida trabalhosa, quem podia
Cuidar que tam asinha se mudasse
Em pena tam cruel tal alegria?
Certo quem bem em ti considerasse,
Por ditoso haveria o, que mais cedo
Por hũa justa morte te trocasse.
Naõ sei quem visse em ti hum dia ledo,
Que mil naõ visse tristes, porqu' em ti
O prazer foge, o mal sempre está quedo.
No milhor foge o teu prazer assi
Como delgada sombra, e leve vento:
Que póde senaõ dôr ficar daqui?
Naõ fica senaõ dôr, pena, e tormento,
Perda do tempo, perda d' esperanças,
Quando naõ val grande arrependimẽto.

Por

Por isso em ti naõ poem suas confianças
  O que tem de razaõ perfeito lume;
  Que vê qu' em ti naõ ha senaõ mudãças:
Ah qu' he tamanha a dôr, q̃ me consume,
  Que me leva a pôs si de mi alheo,
  De magoa em magoa, d'um noutro quei-
    xume.
Naõ sei dar fim a mal que naõ tem meo,
  Nem posso inda acabar de chorar tãtas
  Tristezas, de que tenho o esprito cheo.
Mas se tu triste Musa me levantas
  Com novas asas o meu baxo stylo,
  O triste caso, que chorando cantas
Ainda espero que farei ouvillo
  Com grande espanto, com inveja grãde
  D'um polo ao outro, do nosso Tejo ao Nilo.
Em tanto tam sobido no Ceo ande
  Meu triste pensamento, que do Ceo
  Algum favor divino se lhe mande.
Oh alma, que deixaste o mortal véo
  Na terra, que por ti foi bem regida;
  (Terra triste, que naõ te mereceo)
Alcança de quem deu a propria vida
  Por nos livrar do temeroso dano
  Da culpa mór primeiro comettida,
Que sempre este gram Reino Lusitano
  Em honra vá crecendo, gloria, e fama,
  Livre de todo mal, de todo engano.
Bem vês tu quantas lagrimas derrama
  Por ti, a quem amou com tal amor
  Na vida, que depois de morto t' ama.

E

E creça o novo Rey, doce penhor
De todo noſſo bem: crecereis novo
Em dôr erguido Rey, naſcido em dôr,
Alegre á tua viſta, oh triſte povo.

ELEGIA

A' MORTE DE D. JOAM filho de D. Fernando Viſconde de Villa-Nova de Cerveira.

AH triſte rio Lima, ah cruel rio,
Como te naõ ſecaſte quando viſte
Outro mais claro Lima morto, e frio!
Caminho pelo teu ſeo lh' abriſte,
Por ti levado foi á ſepultura,
E tu de pura dôr naõ te ſumiſte?
Aquella ſua nova fermoſura,
Aquelle eſprito ſeu de graça cheo,
Qu' enchia d'amor tudo, e de brandura,
Vendo qual por ti foi, ſoffres qual veo?
Ah crueza ſem fim! por derradeiro
Bem moſtras naõ ſer Lima, mas Letheo.
Já iſto adivinhava o que primeiro
Aſſi te nomeou; tu o fizeſte
Com tal eſquecimento verdadeiro.
Naõ olhas, triſte rio, que perdeſte
As mores eſperanças que tégora
Depois que entras no mar nunca tiveſte?

Onde

Onde quer que se vira a branca Aurora
  O teu nome no seu amanhecera,
  Se cortado da Parca em flor naõ fora.
Tam claro com suas obras te fizera,
  (Das quaes viamos já sinaes tam claros)
  Qu' inveja todo outro rio te tivera.
Mas nossos tempos de prazer avaros
  De tam gentil espirito asinha deraõ
  A' fria terra os seus despojos charos.
O muito, que nos logo prometteraõ
  Começando a tecer tam rica tea,
  Me fez sempre temer do que fezeraõ.
Já qu' entaõ naõ secou tua clara vea,
  Derrama, triste rio, outra de pranto
  Banhado o verde campo, e a brãca area.
Com lagrimas ao menos sahe tanto
  Fóra do teu limite, e antiga raia,
  Que seja á terra magoa, ao mar espanto.
Se tambem isto negas, nunca caia
  Do Ceo orvalho em ti, nẽ o mar te quei-(ra,
  Nem haja pranta verde em tua praia.
Ah ninfas, que morais nesta ribeira
  Mostrai o sentimento que se espera
  Em pena tam cruel, tam verdadeira.
A quem flores dareis na primavera?
  A quem frescas capellas de boninas?
  Já o tempo naõ he que d' antes era.
á naõ correm as agoas cristalinas,
  Já naõ cantaõ as musas, mas sospiraõ,
  As suas naturaes, e as peregrinas.

Os

Os olhos, que tamanha magoa viraõ,
  Quando seraõ enxutos? quando ledos?
  Quando naõ sentiráõ o que sentiraõ?
Naquelle dia as feras, os penedos
  De puro séntimento s' abrandaraõ,
  Esteveraõ com dôr os rios quedos.
Os carneiros de tristes naõ gostaraõ
  As verdes hervas, nem ás agoas frias,
  Anteas ao Ceo balando se queixaraõ.
Deraõ naquelle dia nas sombrias
  E solitarias selvas gritos tristes
  As aves que das noites fazem dias.
E vós, fermosas ninfas, vos cobristes
  De negro veo antam tam magoadas,
  Que nunca mais nẽ Sol, nem Lua vistes.
Porém naõ sois vós sós as que banhadas
  De lagrimas soltar queixumes vejo,
  Naõ sois vós, ninfas sós as desmaiadas.
Choraõ as do Mondego, e as do Tejo,
  As do Minho tambem, e as do Douro,
  Naõ he seu choro igual a seu desejo.
Hum sepulchro de palma, cedro, e louro
  Lh' erguei Ninfas aqui; e vós Nereas
  Ornai-o de Coral, perlas, e d' ouro.
Onde com as Naiades, e Napeas,
  Moradoras dos bosques, e das fontes,
  Deiteis lirios, e rosas ás maõs cheas.
E pera que nos valles, e nos montes
  Deste tam triste caso haja memoria
  Em quanto o Sol dourar os Orizontes;

Tu, Lima, escreve nelle em vez d' historia,
Aqui jaz quem vivendo accrescentara
A seu illustre sangue fama, e gloria.
Quem do barbaro imigo o derramara
Com bellicosa maõ, e ao duro Marte
O louro, e brando Febo ajuntara.
Deste levou o Ceo a melhor parte
Em tempo que tres lustros mal compria,
Sendo cruel á terra nesta parte.
Lisboa vio o seu primeiro dia,
Vianna o derradeiro com tal dôr,
Qu' a morte do que fez s' arrependia.
Perda das musas foi, perda d' amor,
Das armas, dos costumes, da nobreza,
Naõ sua; qu' alcansou vida melhor.
Pagou o que devia á natureza,
Chorado foi das fontes, e dos rios,
De quem as brancas ninfas com tristeza
Sepultaraõ aqui os ossos frios.

AO MESMO.

SONETO.

FErmoso moço, que no Ceo descanças,
Rindo dos que chorando cá deixaste!
Quam asinha nos deste, e nos levaste
De grandes cousas grandes esperanças!
Pois livre das miserias, e mudanças
Da vida, de que pouco te lograste,

A teu pai verdadeiro te tornaste
Deixando a este de cá tristes lembrãças.
Estende, oh bello moço, dessa altura
A piedosa maõ, enxuga o pranto
Em que se banha chorando tua morte.
Mostra-lhe a tua nova fermosura,
Para que te naõ chore, e dize-lhe quanto
Tens melhor vid'agora, e melhor sorte.

A O M E S M O.

SONETO.

Junto do rio Lima Dello estava
Lagrimas saudosas derramando,
A morte d'outro Lima alli chorando,
As agoas com seu choro accrescentava.
Partia o Sol de alli, alli tornava;
Hia a Lua crecendo, hia minguando;
O triste em sua dòr continuando,
Nunca d'hum triste estado se mudava.
Oh Lima em flor cortado, lhe dezia:
As lagrimas, que aqui taõ de vontade
Derramo nesta pedra dura, e fria.
Saõ menos (do Ceo vês esta verdade)
Inda que por ti choro noite, e dia,
Das que me pede a tua saudade.

SO-

SONETO.

LAgrimas minhas, que com larga vea
Correstes já por cousas escusadas,
Que vos tem no meu peito congeladas,
Quem agora nas justas as refrea?
Correi, lagrimas minhas; naõ se crea
De vós, q̃ do meu bem sois descuidadas;
Correi em modo, que deixeis lavadas
Feas nodoas, que tem minh' alma fea.
Doce fructo de vós, se em vós semeo,
Colher espero com favor Divino:
Por isso correi já, lagrimas minhas,
Correi com amargura de contino:
Lirios suaves colhem se no meo
D' hervas sẽ gosto, e rosas entr' espinhas.

DE PEDRO DE ANDRADE DE CAMINHA.

A's santas Reliquias, que se collocaraõ na Igreja de S. Roque.

SONETO.

SAntas Reliquias, que antes de criadas
Naõ só nós, e vós, mas na eternidade
No seio da Santissima Trindade
Para este santo fim fostes guardadas.

Ora cahidas, ora levantadas,
No escuro agora; agora em claridade
Já de Deos a esta sua gram cidade
Por escudo, e emparo, e favor dadas.
O mesmo Deos JESU, de quem virtude
Tendes e recebeis, e com tal gloria
Vos recebe em sua santa companhia,
Vos dê poder na vida, e na saude,
Na concordia, na paz, e na victoria,
No descanso, no amor, e na alegria.

DE GASPAR FREIRE

A's mesmas Reliquias.

SONETO.

DO mais humilde, baixo, e vil estado,
Do mais torpe, do mais aborrecido
Sobistes ao mais puro, alto, e subido
(Santos) com vosso sangue a troco dado.
Quer o Ceo, que o thesouro sublimado
De vossos ossos seja recolhido
Neste Reino de Deos mais escolhido,
Mais mimoso de todos, mais amado.
Ditoso, ah! quam ditoso Portugal
Com teres tal thesouro: e juntamente
Vós Martyres ditosos sois tambem;
Vemlhe a dita de vós, delle a vós vem,
Que Deos por vós o faz a elle contente,
Por elle a vós da gloria accidental.

DE LUIZ FRANCO
A's mesmas Reliquias.

SONETO.

SI el Verbo Eterno en todo aver criado
Es admirable en tierra, y firmamento,
Si glorioso fue en su nacimiento,
Si es Rey, si Sacerdote sin peccado:
Si constante en la muerte que ha gustado,
E si terrible en el segundo advento,
Quando vendrà con Angeles sin cuento
A ser Juez aquel, que fue juzgado:
Fue en sus Santos tambien maravilloso,
Que en su virtud obraron maravillas,
De la verdad testigos invencibles.
Y en salvar sus despojos poderoso,
Justo en dar a las almas altas sillas,
Y a los cuerpos haser incorruptibles.

AO DUQUE DE BRAGANÇA.

SONETO.

QUando no mór furor Marte movia,
Hora receo em nós, hora esperança,
A vinda do Grã-Duque de Bragança
Encheo toda Lisboa d' alegria.
Amanheceo com elle hum claro dia,
Converteo o temor em segurança,

E no imigo entrou desconfiança
De ver o que vaãmente pretendia.
A tal zelo da Fé, a tal presteza
No serviço da Regia Magestade
Sẽ nunca dar seu peito a vaõs temores;
A tam alta prudencia em tal idade,
Em fim a tal brandura em tal alteza
Quem lhe póde negar justos louvores?

A' MORTE DA SENHORA DONA MARIA, FILHA DO SENHOR D. JOAÕ Duque de Bragança.

SONETO.

AL Cielo quexas dá naturaleza,
Agora mas que nunca lastimada,
Suspira, y gime en lagrimas bañada
Con otras muestras de su grã tristeza.
Cómo suffriste, ò Cielo, tal crueza,
Gritando dize, q̃ la muerte airada (da
Tan presto, a mi despecho, haya quebra-
La estampa de virtud, y de belleza?
Mas yo a quien embìo mis querellas,
Si de tí como vida al duro assalto
Cortò con dura mano el tierno velo?
O', por no merecer el baxo suelo
Gozar mas largo tiempo bien tã alto,
O' por juntar mas una a tus estrellas.

A'

A' MESMA SENHORA.

SONETO.

COn funebre cipres, y negro velo,
Y palidas violas, qu' a manojos
Se buelven a quien las mira en abrojos,
Que tanto puede un alto desconsuelo:
Cubren las Nimphas, y el Señor de Delo
Con piedosa mano, humidos ojos
El marmol, qu' en si tiene tus despojos,
Alma Real dignissima del Cielo.
Al fin del triste officio en voz sonora
Dize llorando Apolo: O' alma bella,
No turben nuestras lagrimas tu gloria.
Allà te goza, nueva, y clara estrella,
Qu' el mundo triste, que perderte llora,
No perderà ya mas de ti memoria.

A' MORTE DE D. DIOGO DA SILVEIRA SENHOR DE SORTELHA.

SONETO.

COrtò la muerte con rigor temprano
Una planta gentil, que floracia
Junto del rico Tajo, y promettia
Suave fruto al Reino Lusitano:

Ante

Antes la trasplantò divina mano
Nel Celeste jardin, que merecia,
Onde segura està de nieve fria,
Y del calor ardiente del verano.
Pero las Nimphas, qu' a su sombra bella
Solian reposar, llenas d' espanto;
Al Cielo, esto no viendo, dã querella,
Y cobijada de funebre manto,
El marmol, q̃ nos cubre el mortal della
Bañan, y internecen con su llanto.

A' MESMA MORTE.

SONETO.

ALma felice, y rara, que del suelo
Bolaste en tu florida primavera
Al summo bien, dexando en la ribera
Del patrio Tajo tu terreno velo:
Si desta ausencia tuya el desconsuelo,
Que siento, y lloro, retratar pudiera,
Las fieras con dolor enterneciera,
Y quantas asperezas mira el Cielo.
Mas este grave mal de mi llorado
No suffre mas sino quo llore, y sienta
Esta para los tuyos triste suerte.
Que para ti (echando bien la cuenta)
Alegre fue, fue, pues en maior estadò
Agora bives sin temer la muerte.

ODA

ODA

AO CONDE DAS IDANHAS

ESTANDO FO'RA DA CORTE.

SEnhor, naõ m' atrevia
Inda que me lembrava
Que mal compria nisso o promettido,
Lendo o que mando via
Que muito lhe faltava
Para ser de quem muito entende lido,
E mais por esquecido
Me tinha já, vivendo
Tam longe dessa terra
Entr' hũa, e outra serra,
Per onde o brando Lima vai correndo
D' esquecimento cheo,
O Lima para mi sempre Letheo.

Furtado a pensamentos
Dos bons tempos passados,
Que fazem os presentes ser mais tristes,
Com novos sentimentos
A' vida accomodados,
Lede, senhor, os versos, que pedistes,
Se já com gosto ouvistes
Alguns dos meus pastores
Ao som da leda frauta,
A suas festas auta,

Cantar á fresca sombra os seus amores,
Entre cuidados posto,
Agora que menos ha, haja mais gosto.

Abranda o arco curvo
Armado de contino:
He justo dar o seu á natureza.
O rio hora vai turvo,
Outr' ora cristalino,
Naõ ha cousa na vida com firmeza.
Ditoso o que despreza
Os mandos, os thesouros
Dos mores Reys da terra,
E logra o valle, e a serra,
Ond' a musgosa fonte, olmos, e louros
Convidaõ Filomena
A renovar, cantando, sua pena.

Naõ ouve o som iroso
Alli do fero Marte
Que faz mudar a côr, o sangue esfria;
Nem vê o cobiçoso
Com quanta astucia, e arte
Ajunta (ás custas d' alma) cada dia:
Alli naõ desconfia,
Nem se queixa daquelles
Mimosos da fortuna;
Em nada os importuna,
Nem se vê com desprezo tratar delles:
Dorme seu sono cheo,
Naõ lho quebra seu mal, nem bem alheo.

Deixa

Deixa em vindo o dia
O ſeu inculto leito,
E torna á ſeu trabalho, deſcanſado,
Manda guiar, ou guia
O gado, ſatisfeito
Do nocturno repouſo, ao verde prado.
Ou com bicudo arado
A relva vai cortando
Com vagaroſa força
Dos bois, os quaes esforça
Com aguilhada, ou voz de quando em (quando
E dá á terra arada
Ou louro trigo, ou pallida cevada.

Por hum vaõ intereſſe
De mares inconſtantes
A vida naõ confia, em riſco d'alma,
Ri-ſe de quem padece
Por climas mui diſtantes,
Hora ao rigor do frio, hora ao da calma;
Juntando palma a palma
Fórma baſtante vaſo,
Se lhe o deſejo pede,
Que mate a ardente ſede
Na fonte, que na ſerra achou a caſo,
E faz de neve jogo
Defeſo hora do Sol, hora do fogo.

Oh hũa vez, oh duas,
Oh ditoſa mil vezes
Vida agreſte, ditoſo quem t' eſcolhe,

Aju-

Ajuda-se das Luas
Accomodando aos meses
Seu trabalho, do qual bom fructo colhe:
Alli ninguem lhe tolhe
Que falle livremente
Quanto a razaõ lhe manda:
Alli sem temor anda
Da peçonha da lingoa maldizente:
Alli naõ lisongea,
Nem de falsas lisonjas se recrea.

Em quanto a sésta passa
Que o pasto o gado engeita
Pollo repouso do lugar sombrio,
Com leve cana, ou naça
De moles juncos feita,
Os pexes vai pescar no fresco rio;
Despois no inverno frio
O bosque lhe dá lenha,
Dalhe, noite, e manhaã,
O gado leite, e laã,
De que se vista sempre, e se mantenha:
O mais tem por sobejo,
Se mais inda lhe pede o seu desejo.

Oh bemaventurado
Aquelle, a quem em sorte
Coube (se a bem entende) hũa tal vida!
O nojo, ou o cuidado
Naõ lh' anticipa a morte,
Que de si mesma vem tam de corrida:

Nem

Nem teme, nem duvida
Perder o que possue;
E se o perder, que perde?
Torna o campo a ser verde;
O tempo a dar os fructos que destrue;
De novo lança a fonte,
Que custa hũa choupana em valle, ou mõ-
(te.
Cantiga, deixa o Lima, busca o Tejo,
Pois lá t' espera quem
De mi, que te criei, lembrança tem.

CANTIGA ALHEA.

Pensamientos a do vais,
Catad que os despeñareis:
Pues ventura no teneis,
Para que os aventurais?

GLOSSA PROPRIA.

Mis pensamientos levianos
Sin consejo, y sin razon
Buelan por los aires vanos
Com alas de presuncion
Fabricadas por sus manos.

Razon con ansia, y desseo
De sanar su devaneo
Les dize: Ya que bolais
Y vuestro ser olvidais

Sin mi, qu' el engaño veo,
Pensamientos a dò vais?

A dò vais, locos, furiosos,
Ciegos tras vuestros engaños,
Por caminos peligrosos,
Dò teneis ciertos los daños,
Y los remedios dudosos.

Empresa vana es aquella,
Que vos mas vanos por ella,
Sin ponderar lo que hazeis,
por gran hazaña emprendeis:
Sino desistirdes della,
Catad que os despeñareis.

Cesse el loco fundamiento
De querer llegar al Cielo;
Queden los buelos al viento:
Ycaro hallò en el buelo
De su vida el perdimiento.

Y Faeton por su locura
Caiò de la misma altura,
A que vòs subir quereis;
Que menos subir podeis;
Nò os pongaes en ventura,
Pues ventura no teneis.

Bolved a mirar la cuenta
Mientras teneis aparejo

Vuestr







